

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Zilda Regina de Souza

**DESENVOLVIMENTO HUMANO: café e afeto nas construções
identitárias dos “Grupos de Mulheres” de São Francisco Xavier**

Taubaté- SP
2012

Zilda Regina de Souza

**DESENVOLVIMENTO HUMANO: café e afeto nas construções
identitárias dos “Grupos de Mulheres” de São Francisco Xavier**

Dissertação apresentada para obtenção do Título de
Mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade
de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano,
Políticas Sociais e Formação.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano,
Identidade e Formação.

Orientadores: Prof. Dr. Judas Tadeu de Campos e Profa.
Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon.

**Taubaté- SP
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Zilda Regina de

Desenvolvimento Humano: Café e afeto nas construções identitárias dos Grupos de Mulheres de São Francisco Xavier/ Zilda Regina de Souza. – Taubaté/SP: Universidade de Taubaté, 2012.
182 f. : il.

Orientador: Judas Tadeu de Campos, prof. Dr.

Co-Orientadora: Edna Maria Querido de Oliveira Chamon, prof^a. Dr^a

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação – Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2012. Referências: f. 169-176.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Grupos de Mulheres. 3. Relações Grupais. 4. Construção identitária. 5. São Francisco Xavier. 6. Interdisciplinaridade. I. Campos, Judas Tadeu de. II. Chamon, Edna Maria Querido de Oliveira. III. Universidade de Taubaté. IV. Título.

ZILDA REGINA DE SOUZA

**DESENVOLVIMENTO HUMANO: CAFÉ E AFETO NAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS
DOS “GRUPOS DE MULHERES” DE SÃO FRANCISCO XAVIER**

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em
Desenvolvimento Humano pela Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas
Sociais e Formação.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e
Formação

Orientadores: Prof. Dr. Judas Tadeu de Campos e Profa. Dra.
Edna Maria Querido de Oliveira Chamon.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Rosemary Roggero

Universidade Nove de Julho

Assinatura _____

Profª. Dra. Gladis Camarini

Universidade Estadual de Campinas

Assinatura _____

Profª. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profª. Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profª. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dr. Judas Tadeu de Campos

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me sustentou neste percurso.

Como este trabalho discute também trajetórias e subjetividade, sou grata pelo caminho que percorri, pelas pessoas que conheci e pelo que pude aprender nesta caminhada.

Às participantes do “Grupo de Mulheres” do Distrito de São Francisco Xavier do bairro dos Remédios, de Santa Bárbara, da Região Central, e às participantes da Associação de Lavras, em especial, às líderes que me “abriram as portas” para que eu pudesse adentrar o espaço grupal e iniciar esta pesquisa.

Aos moradores e trabalhadores do distrito pela receptividade e colaboração com o desenhar desta pesquisa. Em especial ao Sidnei, Ronaldo, Vaneide, Isabela e Mariinha.

À Ruchmann Consultores e a Rosemary Roggero, que cedeu preciosas literaturas para esta pesquisa.

À Beatriz Teixeira, pelas dicas e atenção.

À Fundação Hélio Augusto de Souza, instituição em que trabalho, pela bolsa de estudos que possibilitou a minha permanência no curso.

Aos membros do Conselho Visão do Futuro, pelos ensinamentos, presença, carinho e contribuição com minha curiosidade epistemológica.

Aos meus amigos e colegas de trabalho que, de forma direta ou indireta, contribuíram com esta realização. Agradeço especialmente ao meu amigo Ubiratan, por ter me apresentado o “Grupo de Mulheres” e, no dia a dia, por ter me ajudado nesta aventura de pesquisar.

À Luciana Jammel, parceira para todas as horas, que se dedicou à leitura, que me ajudou com suas considerações para uma redação mais assertiva.

À bibliotecária Ângela, pelas dicas e colaboração, e a João, pela prestatividade.

À Mônica Reno, pela atenção e paciência às minhas necessidades.

À Alik, Tânia, Cleide, Roseli, Gabriella e Luciana Souza, pela amizade, escuta e energia.

À Seuma, Arlete e Maria América, por acreditarem que a formação das pessoas exerce impacto positivo nas organizações.

À Rosane Ferreira Faria, que me estimulou, há anos, ao universo da pesquisa.

À Sônia Maria Oliveira, pelo incentivo e orientação no primeiro projeto de pesquisa.

Ao professor Johel e meu amigo Fernando, pelas preciosas correções.

Aos profissionais da Unitau que, cada um na sua função, me ajudaram neste processo, em especial Vendramini, Meire, Simone, Marli e Tais.

Aos meus orientadores, Prof. Dr. Judas Tadeu de Campos e Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon, pela dedicação a este meu caminhar. Com sabedoria, conduziram-me para esta

construção de conhecimento. Aprendo cotidianamente sobre o universo da pesquisa, e me encanto cada vez mais.

Aos professores do curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano, Cecília Pescatore, Elisa Brisola, Leonardo Barbagallo, Marluce, Marilza, Nena, Ana Reis, Angela Boccara, Marco Antônio Chamon, Paulo, Dora, Fátima e Roseli Albino, que, cada um na sua área, despertam-me reflexões sobre interdisciplinaridade e desenvolvimento humano.

Aos meus colegas de turma, por garantirem, durante esses anos, lembranças para toda a vida, em especial aos companheiros de viagem Valéria, Karla, Luigi e Mônica.

A minha mãe, irmãos, cunhados, sobrinhos, tios, primos e demais familiares, pelos ensinamentos, em especial a minha sobrinha Jéssica, pela inestimável contribuição na ampliação do meu entendimento, com seus apontamentos e considerações no início desta pesquisa. À Iracema, José, Érica, Célia e Gláucio, pela generosidade.

Ao meu marido, Rifat, pelo seu amor e apoio nesta minha trajetória.

Dedico esta pesquisa àqueles que contribuíram sobremaneira no meu desenvolvimento: minha mãe, Benedita, e meu pai, Francisco. Ele, numa manhã de domingo, despediu-se sem me abraçar, um dia depois de conhecer o projeto desta pesquisa.

“Todas as mudanças importantes na história começam nas mentes, nos sonhos e na consciência das pessoas. Daí nascem ações eficazes, e destas nascem novos pensamentos e novos níveis de consciência. Portanto, para mudar precisamos querer e definir um certo caminho e direção” (BOFF, p. 178, 2012).

RESUMO

O objetivo, nesta pesquisa, foi a identificação dos mecanismos que contribuíram para a construção identitária dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier, de São José dos Campos/SP, e a sua relação com as formas de transmissão dos saberes e fazeres de grupos que se constituíram em função da atividade de artesãs. A população compreende aproximadamente 50 mulheres; a amostra, 29. Os objetivos específicos visavam à descrição dos elementos constitutivos dos “Grupos de Mulheres”, seu contexto, a identificação das formas de interação que garantem a aprendizagem pelas participantes, a sustentabilidade do grupo e a categorização das formas de transmissão dos saberes e fazeres. Para tanto, optou-se pelo método dialético e pela pesquisa qualitativa. A revisão de literatura buscou a compreensão das relações sociais como meio de construções identitárias, cultura e artesanato, aspectos das questões de gênero e elementos das políticas sociais do município. Optou-se pela coleta de dados por meio de entrevistas individuais e coletivas, prioritariamente, e, após saturação, o tratamento foi feito por meio de Análise de Conteúdo. A ferramenta utilizada foi o *software* Alceste©. Obteve-se a caracterização de quatro grupos, e o “Grupo de Mulheres da Região Central” foi escolhido para um estudo aprofundado. Utilizou-se a história oral para aprofundar os dados. Dos resultados obtidos, destacam-se as categorias que emergiram: Desenvolvimento Humano; Identidade Comunitária; Grupos de Mulheres; Artesanato; Associação; Participação; Produção Coletiva; Origens do Grupo; Grupo Centro; Liderança; e, Trajetórias. Percebeu-se que a identidade é transitória, mas os valores culturais nelas contidos a mantêm com certa linearidade, a qual é afetada pela história, contextos e interlocutores, e assim sucessivamente, dialeticamente. A identidade comunitária tem características voltadas para a solidariedade e ajuda mútua. Os grupos transitaram de terapêutico para artesanal, e dois deles, para associação. Verificou-se a importância dos símbolos e das construções coletivas para a manutenção dos grupos, e a transmissão dos saberes artesanais feitos pela observação e repetição que repercute na construção de saberes objetivos e subjetivos, sendo os subjetivos os mais significativos para as mulheres e potencializadores do desenvolvimento humano. A geração de renda não foi propulsora da configuração grupal, e o artesanato compete no comércio com os artefatos industriais. O “Grupo de Mulheres da Região Central” desempenha um papel articulador importante junto aos demais, e a celebração grupal é permeada pelo significado do posicionamento feminino da mulher contemporânea, que almeja sua valorização. As relações grupais suscitam interlocuções intra e extra grupo que interferem significativamente nas trajetórias das mulheres pesquisadas e na vida comunitária. As relações também estão voltadas para a solidariedade e para a responsabilidade, devido ao entorno e ao prazer de viver no distrito, mesmo com as dificuldades de acesso e locomoção.

Palavras-chave: Identidade. Políticas sociais. Cultura. Gênero. Artesanato.

ABSTRACT

COFFEE AND AFFECTION IN THE CONSTRUCTION OF IDENTITY "GROUP OF WOMEN" OF SAINT FRANCIS XAVIER

The goal in this research was the identification of the mechanisms that contribute to the identity construction of the "Women's Groups" district of San Francisco Xavier in São José dos Campos / SP, and its relation to the forms of transmission of knowledge and actions groups that have formed due to the activity of artisans. The population comprises approximately 50 females and the sample 29. The specific objectives aimed at the description of the constitutive elements of "Women's Groups", its context, the identification of the forms of interaction that ensures learning by the participants, the sustainability of the group and categorize the forms of transmission of knowledge and practices. Therefore, we opted for the dialectical method and qualitative research. The literature review sought the understanding of social relations as a means of identity constructions, crafts and culture, aspects of gender and elements of the social policies of the municipality. We chose to collect data through individual interviews and group priority, and after saturation, the treatment was done through content analysis. The tool used was the Alceste © software. We obtained the characterization of four groups, and "Group of the Central Region" was chosen for a detailed study. We used oral history to develop the data. From the results, we highlight the categories that emerged: Human Development, Community Identity, Women's Groups; Crafts; Association; Participation; Production Collective; Origins Group, Group Centre, Leadership, and Trajectories. It was noticed that the identity is transient, but the cultural values they contain the right to maintain linearity, which is affected by history, contexts and interlocutors, and so, dialectically. The community identity has features geared towards solidarity and mutual aid. The groups moved to the therapeutic craft, and two of them to join. There was the importance of the symbols and collective constructions for the maintenance of groups, and the transmission of knowledge craft made by observation and repetition that affects the construction of objective and subjective knowledge, subjective being the most significant for women and boosters of development human. Income generation was not driving the group setting, crafts and compete in trade with industrial artifacts. The "Group of the Central Region" plays an important articulator together with the other, and group celebration is permeated by the meaning of the positioning of the feminine current woman who longs for his recovery. The group relations raise dialogues within and outside group that significantly interfere in the paths of women surveyed and community life. The relationships are also geared towards solidarity and responsibility, due to the surroundings and the pleasure of living in the district, even with the difficulties of access and mobility.

Keywords: Identity. Social policies. Culture. Gender. Craft.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Igreja Matriz	31
Figura 2 – Desenho Igreja Matriz	31
Figura 3 – Portal do distrito de São Francisco Xavier	32
Figura 4 – Muriqui retratado no primeiro livro bordado	33
Figura 5 – Frase do Painei.....	69
Figura 6 – Luminária de tecido sobreposto.....	74
Figura 7 – Fachada do Espaço Cultural Sebastião Batista de São Francisco Xavier	87
Figura 8 – Segundo livro bordado	88
Figura 9 – Mulher cortando tecido	91
Figura 10 – Escola Rural Bairro dos Remédios	92
Figura 11 – Desenho de prateleira com torrador de café, chaleira e bolinhos de chuva.....	96
Figura 12 – Escola Rural Santa Bárbara	99
Figura 13 – Síntese da Classe 1 (Todas as entrevistas) – Desenvolvimento Humano.....	111
Figura 14 – Painei Bordado – Identidade Comunitária.....	113
Figura 15 – Bandeira da Associação dos Moradores de Lavras.....	117
Figura 16 – Síntese da Classe 2 (Todas as entrevistas) – Identidade Comunitária.....	120
Figura 17 – Lançamento do segundo livro bordado).....	121
Figura 18 – Painei Bordado.....	122
Figura 19 – Mulher separando tecido para sobrepor aos quadradinhos.....	123
Figura 20 – Painei Bordado – Grupo.....	126
Figura 21 – Síntese da Classe 3 (Todas as entrevistas) – Grupos de Mulheres.....	128
Figura 22 – “Grupo de Mulheres” no primeiro livro bordado.....	132
Figura 23 – Mulher bordando – Grupo A	132
Figura 24 – Síntese da Classe 1 (Entrevistas Coletivas) - Artesanato.....	136
Figura 25 – Síntese da Classe 2 (Entrevistas Coletivas) – Associação.....	138
Figura 26 – Síntese da Classe 3 (Entrevistas Coletivas) – Participação.....	143
Figura 27 – Fachada da loja Luíza Lua.....	144
Figura 28 – Síntese da Classe 4 (Entrevistas Coletivas) – Produção Coletiva.....	146
Figura 29 – Frase do painei criada por membros do “Grupo de Mulheres”.....	147
Figura 30 – Síntese da Classe 5 (Entrevistas Coletivas) – Origens do Grupo.....	150
Figura 31 – Síntese da Classe 1 (Entrevistas Individuais) – Grupo Centro.....	156
Figura 32 – Síntese da Classe 2 (Entrevistas Individuais) – Liderança.....	158
Figura 33 – Síntese da Classe 3 (Entrevistas Individuais) - Trajetórias.....	161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA – Alcoólicos Anônimos
AL-NON – Associação de parentes e amigos de alcoólicos
ALCESTE© - *Software* que tratou o conteúdo das entrevistas individuais e coletivas
APA – Área de Proteção Ambiental
APAs – Áreas de Proteção Ambiental
AARTES – Associação de Artesãos do Bairro dos Remédios
ALavras – Associação de Moradores de Lavras
GRUPO A – Grupo de Mulheres da Região Central ou Grupo Centro
GRUPO B – Grupo de Mulheres do Bairro dos Remédios
GRUPO C – Associação de Moradores de Lavras
GRUPO D – Grupo de Mulheres de Santa Bárbara
MS – Movimentos Sociais
U.C.E.s – Unidades de Contextos Elementares

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier	84
Quadro 2 – Palavras para identificação das classes conforme qui quadrado – Todas as entrevistas	101
Quadro 3 – Palavras para identificação das classes conforme qui quadrado – Entrevistas Coletivas	129
Quadro 4 – Palavras para identificação das classes conforme qui quadrado – Entrevistas individuais	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Profissão – Todas as mulheres pesquisadas.....	85
Gráfico 2 – Mulheres de todos os grupos – Área de moradia.....	86
Gráfico 3 – Mulheres de todos os grupos – formação escolar.....	86
Gráfico 4 – Centro – Profissão.....	89
Gráfico 5 – Centro – Região de Moradia.....	90
Gráfico 6 – Centro – Formação Escolar.....	90
Gráfico 7 – Remédios – Profissão.....	93
Gráfico 8 – Remédios – Área de Moradia.....	94
Gráfico 9 – Remédios – Formação Escolar.....	94
Gráfico 10 – Lavras – Profissão.....	97
Gráfico 11 – Santa Bárbara – Profissão.....	99
Gráfico 12 – Santa Bárbara – Formação Escolar.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Problema.....	20
1.2 Objetivos.....	21
1.2.1 Objetivo geral	21
1.2.2 Objetivos específicos.....	21
1.3 Delimitação do Estudo	22
1.4 Relevância do Estudo	23
1.5 Organização do Trabalho.....	25
2 CULTURA E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS.....	27
2.1 Estudos preliminares.....	27
2.2 De onde falamos: Conhecendo o contexto	29
2.2.1 São Francisco Xavier, Área de Proteção Ambiental	32
2.2.2 Grupo de Mulheres: Da Política Pública à iniciativa Comunitária	34
2.3 Grupos, comunidades: Desenvolvimento Humano	41
2.4 Mulheres no Brasil, Percursos e Papéis.....	50
2.4.1 Mulheres, trabalho e produção artesanal	59
2.5 Cultura e Identidade.....	65
3 MÉTODO	75
3.1 Tipo da pesquisa	75
3.2 População e amostra	76
3.3 Cenários da pesquisa	76
3.4 Procedimento para coleta de dados	76
3.5 Análise dos dados	82
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	84
4.1 Caracterização da amostra	84
4.1.1 As mulheres que frequentam os “Grupos de Mulheres”	85
4.2 Grupos de Mulheres da Região Central.....	87
4.2.1 As mulheres do “Grupo Centro”	89
4.3 Grupos de Mulheres do bairro dos Remédios	91
4.3.1 As mulheres do “Grupo de Mulheres do Bairro dos Remédios”	93
4.4 Associação de moradores da comunidade de Lavras	95
4.4.1 As mulheres da Associação de Moradores de Lavras.....	97
4.5 “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara”	98
4.5.1 As mulheres do “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara”	99
4.6 Resultados de todas as entrevistas	100
4.6.1 Classe 1 (todas as entrevistas) – Desenvolvimento Humano	101
4.6.2 Classe 2 (todas as entrevistas) – Identidade Comunitária	111
4.6.3 Classe 3 (todas as entrevistas) – Grupos de Mulheres.....	120
4.7 Resultados de todas as entrevistas coletivas.....	128
4.7.1 Classe 1 (todas as entrevistas coletivas) - Artesanato	129
4.7.2 Classe 2 (todas as entrevistas coletivas) - Associação	136
4.7.3 Classe 3 (todas as entrevistas coletivas) – Participação	139
4.7.4 Classe 4 (todas as entrevistas coletivas) – Produção Coletiva	144
4.7.5 Classe 5 (todas as entrevistas coletivas) – Origens do Grupo	147
4.8 Resultados de todas as entrevistas individuais – Grupo Centro	150
4.8.1 Classe 1 (todas as entrevistas individuais) – Grupo Centro	152
4.8.2 Classe 2 (todas as entrevistas individuais) – Liderança	156

4.8.3 Classe 3 (todas as entrevistas individuais) – Trajetórias	159
4.9 Considerações finais	161
REFERÊNCIAS.....	169
APÊNDICE A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	177
APÊNDICE B ROTEIRO DE ENTREVISTA HISTÓRIA ORAL.....	179
ANEXO A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	180

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa direciona-se à identificação dos fatores que contribuíram para a construção identitária dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier, no município paulista de São José dos Campos/SP. Apesar de Hall (2005) definir o conceito identidade como complexo, pouco desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea para ser posto à prova, nesta busca, objetivou-se identificar, também, sua relação com as formas de transmissão dos saberes e fazeres artesanais.

Os grupos apresentam-se como espaços privilegiados para o desenvolvimento humano que ocorre por meio das socializações e inter-relações, como será possível observar na fundamentação teórica desta pesquisa.

As inúmeras práticas grupais que esta pesquisadora pôde observar empiricamente e durante sua trajetória profissional despertaram a “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996). Dentre as questões observadas nos grupos destacam-se os aprendizados relatados pelos seus integrantes, os sentimentos que afloravam e a satisfação dos participantes em pertencer a um determinado grupo, identificando-os com ideologias, causas, práticas, profissões e outras particularidades.

Tal curiosidade se materializa com o estudo dos grupos que foram criados após uma iniciativa terapêutica da Secretaria Municipal de Saúde, no ano de 1991, por meio de um equipamento de Saúde do distrito de São Francisco Xavier. Por razões pouco explícitas no decorrer dos anos o poder público deixou de prestar o referido serviço, mas os grupos não deixaram de existir. Conforme Teixeira (2004), essa iniciativa reunia os usuários do serviço e tinha como objetivo proporcionar reflexões sobre a saúde e a doença.

Verificou-se a transformação cultural gradativa quando da transição de grupo terapêutico misto para um “Grupo de Mulheres”. O grupo fora criado com finalidade terapêutica, e as necessidades emergentes no decorrer da sua existência culminaram na mudança da forma da participação. Os poucos homens que participavam deixaram de participar, e as mulheres continuaram e deram novo formato: mantiveram a tradição terapêutica, mas introduziram a produção artesanal como fio condutor. Nessa história grupal, ao longo dos 19 anos de existência, o posicionamento de seus membros frente às demandas do próprio grupo e da comunidade foi importante, por exemplo, na participação de seus membros no Conselho de Saúde, na criação de autonomia frente à indiferença do poder público e na criação de outros grupos, ou seja, apostaram em uma metodologia que deu certo.

Verificou-se que os grupos da Região Central e o de Santa Bárbara transformaram-se nos primeiros “Grupos de Mulheres”; o grupo dos Remédios, em 2008, transformou-se em uma Associação de Artesãos, mas continua sendo denominado “Grupo de Mulheres”; o grupo da região de Lavras foi absorvido por uma Associação de Moradores, portanto, identidades transformadas que foram se adaptando conforme a necessidade e interesse de seus membros. Essa transição e reorganização dos grupos confirmam o conceito de Hall (2005) em relação à identidade como transitória.

Freire (1979) aborda o conceito de sociedade em transição e destaca que não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada, ou seja, o futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Alerta que temos de saber o que fomos e o que somos para saber o que seremos.

Quanto à concepção histórica do sujeito e da sociedade, verifica-se, sua coerência com esta pesquisa, mesmo considerando que se trata de grupos, pois eles estão inseridos na sociedade e sua identidade também foi e é construída historicamente, num processo contínuo e dialético.

Os grupos apresentam algumas características comuns, dentre elas: uma agenda para encontro semanal, com exceção da comunidade de Lavras; a utilização de espaços públicos municipais para se reunirem; a adoção de um café comunitário; a forma de transmissão de saberes; a utilização de técnicas e tecnologias variadas para a produção artesanal; o reconhecimento, pelas participantes, do caráter terapêutico que o grupo exerce na vida delas. Tais aspectos configuram-se como o “retrato dos grupos”, e relacioná-los com os elementos da identidade das participantes como o local de moradia, suas ocupações, trajetórias de vida e escolarização possibilitou aproximações importantes do objeto.

A área de residência dessas mulheres, suas ocupações, trajetórias de vida, escolaridade foram identificadas, assim como sua relação com a construção identitária do grupo.

Além da caracterização das participantes, apresentam-se os resultados obtidos nesta busca pelo conhecimento como a história dos “Grupos de Mulheres”, suas características, forma de organização, transmissão de conhecimentos e a continuidade da atividade por mais de uma década em dois dos grupos pesquisados.

As categorias encontradas durante o processo de pesquisa foram: desenvolvimento humano, identidade comunitária, “Grupos de Mulheres”, artesanato, associação, participação, produção coletiva, origens do grupo, “Grupo Centro”, liderança e trajetórias. Tais categorias

se denominam classes e foram identificadas com a ajuda do software ALCESTE ©¹, que tratou o conteúdo das entrevistas².

As sínteses de todas as categorias encontradas foram ilustradas por meio de quadros e figuras com inspiração em Fonseca (2007).

Uma das preocupações de um pesquisador está na definição de uma base teórica que sustente suas descobertas. Nesta busca percebeu-se que um teórico apenas não daria conta da ousadia deste estudo. Sim, pois nele é possível identificar marcantes aspectos culturais, sociais, históricos e pedagógicos, assim como outros de outras ordens, que mereceriam atenção. Dessa forma, a interpretação dos dados da pesquisa foi feita considerando os diversos determinantes e, para tanto, houve uma escolha para fazê-la. Considerou-se, portanto a realidade recortada por inúmeros aspectos e com a utilização de saberes de várias disciplinas, direcionando-se a uma análise interdisciplinar do objeto.

Para Machado (2000), interdisciplinaridade é uma abordagem que, apesar dos obstáculos, tende à reconstrução da unidade perdida, da interação e da complementaridade nas ações, e busca uma intercomunicação efetiva envolvendo diferentes disciplinas por meio do enriquecimento das relações entre elas, simbolizada por teias ou rede.

Dessa forma, a busca pela compreensão interdisciplinar levou à identificação de teóricos que abordaram assuntos e realizaram estudos que inspiraram a interpretação das categorias que emergiram nesta pesquisa. Algumas polaridades marcaram substancialmente as análises: coletivo x individual, público x privado e objetivo x subjetivo.

O tema principal desta pesquisa é o desenvolvimento humano, que acontece nos múltiplos espaços de convivência, aprendizagens. Os contextos grupais são propícios para o desencadeamento de transformações e saberes significativos.

Para Lopes (1995), as relações cotidianas entre indivíduos ou grupos partilham significados que sustentam essas relações.

Pensar o desenvolvimento humano em um determinado grupo requer a análise contextual e, no caso do grupo estudado, observou-se que, com exceção da Associação de Moradores de Lavras, reconhecem-se como “Grupos de Mulheres”. Esse nome imprime nas

¹ Na metodologia constam as motivações da escolha do programa informatizado e sua utilidade nesta pesquisa.

² Foram tratadas em três etapas. Na primeira agregaram-se todas as entrevistas (coletivas e individuais), na segunda, apenas as coletivas e, na terceira etapa, apenas as individuais. A escolha por tratar os dados separadamente era para que se observassem ocorrências em cada uma delas. Posteriormente a obtenção desses dados, optou-se pela utilização da metodologia da história oral, foram coletadas mais duas entrevistas e os resultados incorporaram-se às categorias identificadas previamente.

suas identidades conceitos importantes, como questões ligadas ao gênero, principalmente considerando que o conceito de identidade refere-se “[...] a características do caráter de um indivíduo ou de um grupo relacionadas a quem eles são e ao que é significativo para eles. [...] Um marcador importante da identidade de um indivíduo é o seu nome” (GIDDENS, 2005, p. 568). O desenvolvimento humano ocorre dialeticamente, e compreender a identidade de gênero, por meio da constituição dos grupos pesquisados, em meio a transmissão de saberes e fazeres artesanais, foi preponderante.

Os aprendizados das mulheres pesquisadas ocorrem em duas instâncias, a objetiva e a subjetiva. A objetiva expressa pelo fazer artesanal potencializa a subjetiva, que culmina com o desenvolvimento humano, e a segunda é, sem dúvida, mais valorizada pelas participantes da pesquisa.

O artesanato está relacionado ao desenvolvimento humano dessas mulheres que associam o fazer artesanal às trocas de experiências, conhecimento e desenvolvimento de novas técnicas, a uma prática terapêutica, ao desenvolvimento de habilidades, à convivência, possibilidade de geração de renda, ao compromisso, e à alegria de fazer parte do grupo. O ritual do café comunitário rememora as características do distrito, que segundo Santos (2010), são voltadas para a solidariedade e ajuda mútua.

Elegeu-se o “Grupo de Mulheres da Região Central” para aprofundamento. A escolha teve como base o fato de tratar-se do grupo mais antigo, o que permitiria uma melhor compreensão da história e dos aspectos que contribuíram para sua sustentabilidade. Considerou-se também sua transformação de terapêutico para um grupo voltado para as práticas artesanais e também por exercer a função de articulador comunitário. Outro aspecto importante refere-se à composição do grupo, mulheres da área rural e também da área urbana, o que evidenciou a possibilidade da compreensão das questões ligadas ao campo e à região central.

Por sugestão da banca de qualificação, após a coleta das entrevistas individuais utilizou-se a metodologia de história oral para aprofundar os dados obtidos. Desta forma, quatro eixos nortearam as entrevistas que foram realizadas com duas das participantes: desenvolvimento humano, identidade comunitária, participação, e trajetórias.

Os dados obtidos nessas entrevistas foram incorporados aos obtidos na primeira fase. Não se identificaram novas categorias, mas, sem dúvida, o conteúdo contribuiu para o aprofundamento qualitativo dessa pesquisa, pois o acúmulo de experiências e as escolhas de uma vivência, de um grupo, de um fazer em detrimento de outro correspondem aos valores

que serão preservados ou negados e, por consequência, influenciam à construção identitária seja no âmbito individual ou coletivo e suas escolhas foram preponderantes.

Como já mencionado, este trabalho apresenta um destaque para as trajetórias. Esta pesquisa não só ampliou a compreensão do fenômeno estudado, mas, sobretudo o desenvolvimento humano desta pesquisadora foi identificado, sua trajetória foi marcada pelas trajetórias dessas mulheres, dos grupos.

A função terapêutica pode mascarar problemas sociais graves (COSTA, 1989), contudo, nos grupos, a transição de terapêutico para artesanal evidenciou a maturidade das participantes, assim como a transição de grupo para associação, pois consolidou seu caráter emancipador.

A revisão de literatura direcionou-se para a identificação de alguns valores culturais dessa comunidade: seus símbolos, seu contexto, a delimitação do distrito em Área de Proteção Ambiental (APA), a história da mulher brasileira, as questões de gênero, sobretudo a relacionada à mulher trabalhadora, a flexibilização do trabalho e do fazer artesanal, contextos grupais.

Utilizaram-se fotografias para ilustrar a pesquisa, as quais foram coletadas durante o processo. Vale ressaltar que em todas as fotografias foi preservada a identidade dos sujeitos.

No decorrer do texto é possível observar os apontamentos apresentados nesta introdução. Salienta-se que não se pretende, com esta pesquisa, esgotar as possibilidades de outras interpretações do fenômeno.

A seguir, descreve-se o problema, os objetivos, a delimitação e a relevância do estudo.

1.1 PROBLEMA

Um órgão público municipal da área da saúde que atende às demandas básicas iniciou uma ação terapêutica junto à comunidade da região central de São Francisco Xavier por volta do ano de 1991. Essa ação perdurou por cerca de três anos. Simultaneamente a essa formação grupal, mais dois grupos foram criados: um no bairro de Santa Bárbara e outro no bairro de Lavras.

Por razões pouco explícitas no decorrer dos anos, o poder público deixou de prestar o referido serviço, mas o grupo não deixou de existir. Conforme Teixeira (2004), essa iniciativa reunia os usuários do serviço e tinha como objetivo proporcionar reflexões sobre a saúde e a doença.

O primeiro grupo foi criado para atender às demandas da saúde, e era formado por homens e mulheres. Apesar de a ação, em certo momento, ter sido interrompida por aquele órgão público que estimulou sua criação, a comunidade manteve-se organizada e, gradativamente, apresentou uma nova configuração: começou a ser frequentado apenas por mulheres.

Além da manutenção dos grupos existentes, mais um grupo, o do bairro dos Remédios, foi criado e também recebeu, da Secretaria Municipal de Saúde, o apoio para sua implementação, por meio da unidade de saúde do distrito.

Atualmente existem três “Grupos de Mulheres” que transmitem e constroem seus saberes por meio da produção e venda de produtos artesanais. A função terapêutica deu lugar à produção de artesanatos de mulheres.

As perguntas que norteiam este estudo são: Qual foi o agente propulsor dessa construção identitária? Essa configuração se deve à localização dos grupos em uma área rural com características peculiares de interação social, de solidariedade, de questões de gênero e da divisão social do trabalho? Qual o papel da geração de renda nesse contexto?

A partir desses questionamentos é que esta pesquisa foi realizada.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar os aspectos que contribuíram para a construção identitária dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier e sua relação com as formas de transmissão dos saberes e fazeres artesanais.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever a história dos grupos, o cenário em que estão inseridos, suas atividades e artesanatos;
- b) Eleger um dos grupos descritos para aprofundamento da pesquisa e, a partir disso:
 - Identificar o perfil e a identidade do “Grupo de Mulheres” e as formas de organização;

- Identificar as formas de interação social que garantem a aprendizagem dos conceitos, a produção material e a sustentabilidade do grupo, inclusive a geração de renda;
- Identificar e descrever a forma de transmissão dos saberes e fazeres utilizados pelo “Grupo de Mulheres” na formação da identidade do grupo.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida no distrito de São Francisco Xavier, localizado na cidade de São José dos Campos/SP, junto às integrantes dos “Grupos de Mulheres” e de uma Associação de Moradores nomeados conforme sua localização:

- A - “Grupo de Mulheres da Região Central”;
- B - “Grupo de Mulheres do Bairro dos Remédios”;
- C – Associação de Moradores da Comunidade de Lavras;
- D - “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara”.

Cada um dos grupos se reúne em locais distintos da comunidade. Suas produções artesanais são planejadas e confeccionadas coletivamente, prioritariamente.

No desenvolvimento desta pesquisa, observou-se que nas produções artesanais cada grupo imprime uma característica própria, por exemplo, o grupo que se reúne na região central (A) utiliza uma técnica de trabalho com tecido de algodão colorido sobreposto ao tecido em tonalidade bege. É uma de suas marcas, conforme o relato de uma das participantes “E isso ficou assim quase que a marca registrada do grupo... que são quadradinhos pregados um a um e que fica realmente bonito. O pessoal faz muita coisa... jogo americano, centro de mesa [...]” (GRUPO A).

Em relação à comunidade de Lavras (C), identificou-se que os brinquedos “jogo da velha” e “cinco Marias”, jogos tradicionais produzidos coletivamente e artesanalmente pelas mulheres dessa comunidade, são, em sua maioria, a produção mais marcante das mulheres de Lavras, compondo sua identidade. Produzindo prioritariamente jogos tradicionais infantis, o grupo também resgata e valoriza a tradição do brincar.

O “Grupo de Mulheres” do bairro dos Remédios, apesar de ser assim conhecido, agora é legalmente constituído como uma Associação de Artesãos, e não possui uma produção específica que o caracterize.

O “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara” também não possui uma produção que o caracterize, mas existem preocupação e interesse das integrantes em desenvolver técnicas que

explorem os recursos da comunidade local, como certos vegetais para a produção de artesanatos, embora isso seja pouco explorado.

Além das produções artesanais, o conhecimento do contexto configurou-se como um elemento importante. Para tanto, além das observações, entrevistas e registros em diário de campo, buscaram-se informações em textos jornalísticos, site e blogs, visando à ampliação da compreensão sobre essa comunidade, isto é, o “Grupo de Mulheres”.

Durante este estudo, detectou-se que o distrito tem um símbolo que é o macaco miqui, um animal em extinção que habita a região. Tal animal é alvo de preservação por meio de legislações específicas, e os fragmentos de mata nativa na qual habita fazem parte do cenário local. Essa peculiaridade contribuiu para a percepção da população que vive no distrito, um povo que valoriza, respeita e preserva seu entorno. Essa identificação direcionou estudos exploratórios sobre o tema, por exemplo, os referentes às legislações protetoras.

A observação das atividades grupais contribuiu com reflexões e indagações sobre a mulher contemporânea e o reflexo da construção histórica sobre o lugar da mulher na sociedade, sobre os papéis socialmente aceitos, o trabalho feminino e as questões de gênero.

Finalmente, a descrição contextual e histórica dos grupos favoreceu o esclarecimento sobre a mulher do distrito. As vivências cotidianas que compõem a história de um povo, de um lugar, de um grupo, muitas vezes são negligenciadas nos seus registros históricos, mas ocupam um lugar nas narrativas e na memória dos cidadãos.

Hall (2005) evidencia que as culturas nacionais são compostas por instituições culturais, símbolos e representações e que, ao produzirem sentido sobre “a nação”, com que as pessoas se identificam, constroem identidades. Tais sentidos estão contidos nas histórias e memórias que conectam seu presente com seu passado e nas imagens que dela são construídas.

Partindo da memória incorporada pelas mulheres pesquisadas, o relatório desta pesquisa caracteriza o grupo e apresenta, dentre outros, dados sobre a transmissão de saberes, celebrações, contexto e produções artesanais.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O presente estudo mostra sua relevância em cinco aspectos, prioritariamente. O primeiro aspecto está ligado à contribuição do saber acadêmico à comunidade local. Estudos exploratórios sobre o distrito de São Francisco Xavier indicaram escassez de produções

científicas e literárias, o que nos direcionou para a apreensão de sua história e contexto, inclusive por meio de textos jornalísticos. Nesse aspecto, esta pesquisa agrega o conhecimento científico aos interesses e necessidades da comunidade. Devolver aos “Grupos de Mulheres” um conhecimento teórico acerca de sua construção histórica valoriza a comunidade e o seu fazer.

O segundo aspecto está relacionado ao conhecimento acadêmico no que se refere à compreensão do contexto grupal como importante para o desenvolvimento humano, pois os grupos podem favorecer o reconhecer-se como parte do processo de pertencimento e da construção de vínculos. A convivência grupal agrega valor para a vida pessoal, profissional e comunitária, a pertença, o conhecimento dos direitos sociais coletivos e construções identitárias, ou seja, a perpetuação ou mudança de culturas.

Os grupos são espaços privilegiados para o desenvolvimento humano, e o aprendizado adquirido em grupos, espaços comunitários, tem significado para seus membros. Aprender esses significados, estudá-los e divulgá-los traz para a academia produções de novos conhecimentos. Além dos aspectos culturais, a prática da educação não-formal pode ser definida “[...] como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos padrões do sistema formal de ensino” (BIANCONI; CARUSO, 2005, p. 20). A identificação e descrição da forma de transmissão dos saberes foram relevantes, neste estudo.

A convivência grupal permite que os sujeitos realizem identificações e, por consequência, a construção de identidade, como aconteceu com o “Grupo de Mulheres”, objeto deste estudo, que, inicialmente, era um grupo misto.

O terceiro aspecto que justifica a relevância deste estudo refere-se à construção identitária e, nesse caso, relacionada ao próprio fazer grupal.

Hall (2005) evidencia que a identidade pode ser singular ou contraditória e que contribui para a reconciliação ou mudança, dependendo das questões éticas e dos valores a ela vinculados, sobretudo quando se consideram os interesses de um determinado grupo, como das feministas, dos negros. A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado.

A identidade não é estática, portanto a preocupação desta pesquisadora com questões identitárias nos “Grupos de Mulheres” do distrito é perfeitamente compreensível, visto que aproximação a uma identidade pode significar o distanciamento de outras.

Outra questão está relacionada à identidade de gênero, pois o grupo é formado por mulheres, e as “[...] principais fontes de identidade incluem gênero, orientação sexual,

nacionalidade ou etnicidade e classe social” (GIDDENS, 2005, p. 43). Um lugar específico, seus símbolos – materiais ou imateriais - e seus aspectos mais subjetivos evidenciam o que determinadas pessoas ou grupos “escolhem” ou “repelem”, e constitui, num dado espaço e tempo, a representação de sua identidade.

Uma vez identificados os fatores constitutivos da construção identitária desses grupos, torna-se possível sua descrição, compreensão e análise. Torna-se possível também a realização de outros estudos de grupos que compartilham semelhanças ou diferenças.

O desenvolvimento humano está ligado aos relacionamentos que os sujeitos estabelecem com seu meio – pessoas, comunidades, territórios –, com os instrumentos e tecnologias socialmente produzidos, assim como com sua identidade. Identificar que o desenvolvimento das mulheres, sujeitos deste estudo, teve relação com o fazer artesanal foi importante para a compreensão dos fatores identitários implícitos nessa articulação. Este estudo, portanto, repercute na análise e construção de conhecimentos a respeito dessa vivência grupal.

O quarto aspecto está ligado aos fatores sociais e econômicos, pois conhecer um grupo que ao longo dos anos se volta para a economia solidária e que teve suas origens ligadas às reflexões sobre a saúde revela diversidade e transitoriedade dos valores da sociedade atual e das suas influências sobre os sujeitos.

O quinto e último aspecto que mereceu a atenção da pesquisadora e que indica a relevância do estudo está no âmbito pessoal e se relaciona à trajetória profissional, pois opta pela abordagem grupal em detrimento da individual, por considerar a efetividade, o alcance e a relevância dos processos grupais como desencadeadores, mantenedores e desenvolvedores de potenciais humanos. Os estudos dos processos grupais e da construção desta pesquisa agregam conhecimento teórico, metodológico e prático a esta pesquisadora e, por consequência, confere aprimoramento e refinamento à sua prática.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho está organizado da seguinte forma:

O Capítulo 2 é composto pela revisão da literatura, que explorou temáticas relevantes ao estudo. Apresentaram-se subsídios teóricos para reflexões sobre estudos preliminares de pesquisadores que estudaram objetos que apresentavam semelhança, por exemplo, aspectos culturais e transmissão de saberes. Os elementos constitutivos do contexto foram abordados

com ênfase no distrito, na constituição histórica e na Área de Proteção Ambiental (APA). Foi descrita, também, a trajetória dos “Grupos de Mulheres”, sua transição de uma política pública para a iniciativa comunitária. Abordaram-se aspectos ligados ao desenvolvimento humano por meio da convivência grupal e comunitária. A seção denominada “Mulheres do Brasil, percursos e papéis” analisa a influência que as brasileiras receberam na sua formação e que impactam em todas as áreas das suas vidas, por exemplo, no mercado de trabalho e no fazer artesanal. Por último, discutiu-se cultura e identidade.

No Capítulo 3 apresenta-se o método, que assim está organizado: tipo da pesquisa, população e amostra, cenários, procedimentos para coleta e análise dos dados.

Abordam-se, no Capítulo 4, os resultados e discussões. Dos resultados, descreveu-se a amostra com a caracterização de todos os grupos pesquisados e o perfil das mulheres. Nas discussões identificaram-se as categorias, já nomeadas e descritas na introdução.

O trabalho encerra-se com as considerações finais, as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

2 CULTURA E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

2.1 ESTUDOS PRELIMINARES

Meneses (2008) realizou uma pesquisa sobre cultura e identidade do povo Asurini, índios que moram na aldeia do Xingu no estado do Pará. Esse estudo identificou que a mulher é um agente fundamental na transmissão e manutenção desse povo, e nisto inclui a transmissão dos saberes e fazeres artesanais e as decisões da aldeia. Identificou também que o grafismo corporal é a mais expressiva marca identitária dos Asurinís. Seu estudo direcionou para a descrição do cenário onde vivem e para a apreensão do processo de socialização. Fundamentou-se em Tomasselo e Kruger (2000), para interpretar o modelo de aprendizagem do seu objeto de estudo que, em síntese, se divide em três modelos de aprendizagem. A primeira é aquela que acontece natural e informalmente, denominada aprendizagem esperada; a segunda, aquela que acontece orientada e que requer assistência com tarefas moderadamente complexas ou valorizadas, denominada aprendizagem orientada; e, a terceira, aquelas altamente complexas ou valorizadas que requerem insistência e instrução direta, denominada aprendizagem planejada.

Um dos teóricos que Meneses (2008) utilizou para fundamentar sua pesquisa, no que se refere à compreensão da cultura, foi Cucho (2002) também consultado nesta pesquisa. Outros que também contribuíram para a compreensão desse aspecto foram: Laraia (2004), Ortiz (2006) e Lopes (1995), sobretudo com a apresentação do conceito de cultura; Freyre (1987), sobre os aspectos da época da colonização do Brasil; Freire (1979), sobre a importância da história e da reflexão como constitutivos importantes para a cultura; Marconi e Presotto (2011), quanto aos conceitos sobre os valores e os símbolos; Lima (2005), quanto a suas reflexões sobre o artesanato frente ao mercado de trabalho; Sobottka (2009), Giddens (2005) e Hall (2005), quanto a aspectos da construção identitária dos sujeitos em relação ao meio em que vivem; e, Habermans (*apud* ALVES, 1997), sobre a identidade do “eu”.

Considerando construção identitária um elemento cultural que, por meio da socialização dos indivíduos e suas interações, se constitui historicamente, buscaram-se autores que tivessem estudado as comunidades e os grupos e, neste caso, escolhidos para a sustentação teórica em questão foram: Dubar (1997), com vasta produção sobre socialização; Bronfenbrenner (*apud* PRATI *et. al.*, 2007), que construiu sua teoria sobre o desenvolvimento

humano como algo que acontece no decorrer de toda a vida dos sujeitos e nas suas sucessivas interações; Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000), que compartilham das concepções de Bronfenbrenner (*apud* PRATI *et. al.*, 2007) e que consideram como fundamentais as percepções e segmentações das experiências.

No que tange a comunidade, Jovchelovitch (2008) aborda que é um espaço intermediário que oferece recursos simbólicos e materiais para a vivência dialética.

Os aspectos culturais, o ambiente comunitário, os grupos e a formação da identidade também foram estudados. Os autores Teixeira (2004), com sua pesquisa no grupo que precedeu os “Grupos de Mulheres”, e Campos (2002), com uma pesquisa em uma comunidade semelhante, evidenciaram algumas peculiaridades que deveriam ser consideradas, para compreensão, tanto das relações grupais, quanto das comunitárias. Alexandre (2002) e Jesuíno (2000) contribuem com reflexões sobre questões referentes à organização e normatização de grupos.

O objeto deste estudo se apresenta de forma multidimensional e, dessa forma, além dos aspectos grupais e comunitários abordados, os aspectos históricos que compuseram a revisão de literatura referem-se à cidade de São José dos Campos, ao distrito de São Francisco Xavier e aos grupos pesquisados. Conhecer o contexto em que os grupos estão inseridos permitiu apreender alguns determinantes e, para tanto, foram utilizadas informações oficiais do município e da memória das participantes dos grupos, que contaram suas histórias, visto que, neste caso, havia poucos relatos escritos.

Dos aspectos históricos e sociais destacam-se a posição da mulher na sociedade e, dentre os autores que sustentam esta revisão estão D’Incao (2004), Telles (2004), Souza-Lobo (1991), Hirata e Segnini (2007) e Del Priore (1993). Estas três últimas autoras apresentam construções sobre o tema que sustentaram com maior ênfase esta revisão de literatura. Tal fato motivou a escolha dessas autoras como teóricas de referência para sustentar a análise sobre os temas gênero e trabalho, visto que seus estudos sobre o assunto apontam para a distinção entre homens e mulheres sobretudo nas relações trabalhistas que afetam substancialmente a mulher na sua relação com a sociedade, colocando-a em uma situação historicamente vulnerável.

Conforme as categorias foram emergindo, assim como por sugestão da banca examinadora, quando da qualificação, outros autores foram consultados e utilizados para subsidiar os dados encontrados, dentre estes destacamos Costa (1989) que discute os aspectos históricos, políticos e sociais da prática terapêutica do período higienista no Brasil, Boff (2012) com contribuições sobre o desenvolvimento humano ligados à solidariedade e

sustentabilidade, Freire (1979) que destaca que as transformações e o desenvolvimento humano são precedidos pela reflexão e consciência crítica e Roggero (2010) que contribuiu com reflexões acerca do trabalho alienado no século XXI e da importância da subjetividade do trabalhador.

Dessa forma, com a escolha destes teóricos espera-se ter atribuído o sentido necessário aos dados obtidos com uma interpretação coerente. A próxima seção apresenta o distrito.

2.2 DE ONDE FALAMOS: CONHECENDO O CONTEXTO

A sede do município, São José dos Campos, localizada a 97 quilômetros da capital do estado de São Paulo, tem suas rodovias que o interligam ao Litoral Norte, ao Sul de Minas Gerais, à região metropolitana de São Paulo, ao estado do Rio de Janeiro, bem como a outras cidades da região. É um pólo tecnológico do vale do Paraíba e do Brasil, que sedia institutos científicos e unidades escolares, públicas e privadas, desde a pré-escola até a pós-graduação. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica são alguns dos exemplos (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2006).

A cidade de São José dos Campos, de um modo geral, avançou em tecnologia e qualidade de vida. No ano de 2000, ocupava a 11ª posição geral de desenvolvimento humano do Estado de São Paulo e a 32ª no Brasil, segundo estudo da Fundação João Pinheiro e do Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2006), enquanto o distrito de São Francisco Xavier mantinha suas características tradicionais.

São Francisco Xavier tornou-se parada para os tropeiros a partir de 1883, que abriram comércio entre São Paulo e Minas Gerais, após traçarem trilhas na Mantiqueira. As famílias que por ali passavam ficavam para as festas religiosas ou para se dedicar ao plantio (ANDRADE, 2001).

Para Santos (2011), tropeiro é o nome atribuído aos condutores de tropas entre a região produtora e os centros consumidores. As tropas conduzidas pelos tropeiros eram formadas por animais como bois, cavalos e mulas. O termo também designa o comerciante que comprava tropas de animais para revenda. Outro conceito empregado pelo autor é o de “tropeiro de bestas”, que usava os animais para transporte de gêneros para o comércio nas vilas por onde passava. Tinham um importante papel para a economia e a cultura, pois era o mais importante meio de transporte após o desaparecimento dos Bandeirantes, no século

XVIII. Além disso, os tropeiros disseminavam notícias, idéias e conhecimentos adquiridos por onde passavam.

O povoado originou-se do fato de ser passagem e pouso de tropeiros que vinham de Minas Gerais. A casa de Sebastião Batista, falecido em 2002, atualmente abriga o Rancho do Tropeiro, que foi construído para encontros com os tropeiros de passagem pelo distrito (MARREIRA, 2009).

A vila foi oficialmente criada em 16 de agosto de 1892, pela Lei Estadual nº 59 (SANTOS, 2010), na época com umas dezenas de casas de pau a pique, uma escola primária, uma botica e algumas fazendas. A população era atendida por curandeiros que agiam, tanto na vila quanto nas áreas vizinhas (RUSCHMANN, 2003), e o distrito foi criado em 1964, pela Lei Estadual 8092/64 (SANTOS, 2010).

Com características de cidades históricas e interioranas, São Francisco Xavier preserva sua memória nas narrativas do seu povo e na manutenção dos seus espaços, “[...] os bairros rurais que compõem o distrito. Esses bairros rurais apresentam em sua grande maioria características tradicionais da cultura caipira: casas dispersas, capela, costumes e organização social bem tradicional” (RUSCHMANN, 2003, p. 3).

Durante a Revolução de 1932, devido ao difícil acesso, a região foi usada como refúgio para os paulistas, mas não houve confronto na região (SANTOS, 2010), entretanto por esta razão “algumas pessoas abandonaram a região nessa época” (RUSCHMANN, 2003, p. 6).

Marcada pela presença dos mineiros, tropeirismo, festas religiosas, expressões culturais de solidariedade e companheirismo, atribuiu-se à terra valor sentimental, e não capital, ou seja, aos laços de memória com seu meio, à preservação da cultura dos antepassados, à ajuda mútua, à tradição religiosa e às festas que reúnem grande parte da comunidade (SANTOS, 2010).

Tais atributos contribuíram com debates sobre a ocupação do território. Um exemplo foi o posicionamento da comunidade quanto à possibilidade do tombamento da Igreja Matriz que, “[...] em esquema de mutirão e com a participação voluntária de toda a população, foi construída entre 1912 e 1914 [...] era inteiramente de taipa, menor que a atual, porém já dedicada a São Francisco Xavier” (RUSCHMANN, 2003, p. 5).

Diante da organização comunitária sobre a temática, uma comissão ligada à Câmara Municipal ficou de avaliar e discutir o projeto junto aos moradores. A Fundação Cultural Cassiano Ricardo, órgão ligado à Prefeitura Municipal de São José dos Campos/SP, considera-a um patrimônio a ser preservado com suas características originais. Em 2002, a Prefeitura apresentou um projeto ao legislativo, propondo seu tombamento, mas não foi aceito

pela comunidade, que o analisou como um impedimento para a autonomia em relação às obras na igreja (JORNAL VALEPARAIBANO, 2003), considerando que, quando da necessidade, é comum a comunidade se organizar e realizar as obras.



Figura 1 – Igreja Matriz
Fonte: SOUZA (2012)



Figura 2 – Desenho da Igreja Matriz
Fonte: GRUPO DE MULHERES DE SÃO FRANCISCO XAVIER [2009?]

Conforme Santos (2010), São Francisco Xavier foi excluído das Políticas públicas e das melhorias advindas com a tecnologia. Apresentou, de 1950 a 1960, uma redução de população, com uma taxa negativa de crescimento de 15,4%. Voltou a crescer apenas no período de 1980 a 1991, em 0,56%. A queda no crescimento se deu pelas condições migratórias, visto que os moradores de São Francisco Xavier, que viviam de uma economia baseada na subsistência ou na condição de arrendatários de terras, começaram a se retirar da região e a se deslocar para os grandes centros urbanos, em busca de melhores condições de vida.

Nessa fase de evasão migratória a economia predominante no distrito era baseada na agricultura e no gado leiteiro, que sucedeu o tropeirismo predominante até o final do século XIX. Na atualidade prevalece o turismo, sobretudo o ecológico, que se firmou no final do século XX (SANTOS, 2010), principalmente pela beleza natural e diversão que oferece. Conta com uma rede de pousadas, *camping* e restaurantes para atender os turistas.

A população de São Francisco Xavier em 2000, segundo os dados do IBGE, era de 2.876 habitantes, e o cadastro Industrial de São José dos Campos de 2001 apresentou o distrito com características de complementação de renda, com a produção voltada, quase na totalidade, a atividades artesanais (RUSCHMANN, 2003).

Durante suas festas, o distrito recebe inúmeras pessoas de outras cidades e regiões, que atravessam seu Portal (Figura 3) para as festividades oficiais do distrito, destacando-se as culturais e as religiosas.



Figura 3 – Portal do distrito de São Francisco Xavier/SP
Fonte: SOUZA (2011)

Os limites do distrito se fazem ao norte, com Camanducaia (MG) e Sapucaí Mirim (MG); ao sul, com a sua sede, São José dos Campos; a leste, com Monteiro Lobato/SP; e, a oeste, com Joanópolis e Piracaia/SP (SÃO FRANCISCO XAVIER, [s/d]).

Localizado a 720 metros de altitude e a uma distância de 54,8 quilômetros de São José dos Campos, preserva características de pequeno povoado; mantém suas tradições de artesanato típico e festas religiosas (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2008). Sua área total é de 322 Km², com remanescentes de Mata Atlântica e abundantes recursos hídricos que alimentam os mananciais do vale do Paraíba (TEIXEIRA, 2004), contribuindo com a sustentabilidade da região.

2.2.1 São Francisco Xavier, Área de Proteção Ambiental (APA)

Dos 1.099,60 km² do município de São José dos Campos, 61,04% é considerada Área de Proteção Ambiental (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2008).

Consideradas espaços de planejamento e gestão ambiental de ecossistemas de importância regional, as Áreas de Proteção Ambiental (APAs) necessitam de ordenamento territorial para utilização dos recursos naturais de forma sustentável, que sejam elaborados por meio de processos participativos da sociedade e que resultem na melhoria da qualidade de vida das comunidades locais (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, [s/d]).

Três legislações estabeleceram a região serrana de São Francisco Xavier como APA: o Decreto 87.561/82 (federal), a Lei nº 165, de dezembro de 1997 (municipal) e a Lei 11.262,

de 08 de novembro de 2002 (estadual) (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2008).

Planos de manejos são necessários para a utilização do território de forma a respeitar a área a ser preservada e os interesses da comunidade, para que a ocupação seja feita de forma sustentável. A sociedade civil organizada é convidada a participar do processo de construção e fiscalização desses planos, por meio de conselhos consultivos.

Apenas após a criação da terceira APA foi estabelecido um Plano de Manejo e, para tanto, contou com um Conselho Gestor composto por representantes de órgãos públicos e da sociedade civil, eleito em 17 de julho de 2004, com posse em 14 de agosto de 2005 (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2005).

Localizada na divisa entre os estados de São Paulo e Minas, a APA São Francisco Xavier, com 11.800 hectares, foi criada com o objetivo de proteger a vegetação e a fauna local, em especial o animal símbolo da região, o macaco muriqui, também chamado de mono carvoeiro (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2005).

A imagem do muriqui, desenhada de forma estilizada, configura-se, atualmente, como o símbolo da cidade. O “Grupo de Mulheres” utiliza esse símbolo em suas produções artesanais que são largamente utilizadas em artefatos, empresas e produtos locais, o que revela uma aceitação e adesão a esta proposta pela comunidade local, que convida o visitante a despertar seus sentidos para uma das suas missões.



Figura 4 – Muriqui retratado no primeiro livro bordado

Fonte: GRUPO DE MULHERES DE SÃO FRANCISCO XAVIER [2009?].

Nesta ilustração e nas demais que compõem o referido livro, além do muriqui, é possível visualizar outros aspectos que se relacionam ao ambiente, como as montanhas, as

árvores, animais domésticos, as relações sociais, ou seja, o patrimônio histórico e cultural deste povo que contribui com o desenvolvimento local de forma sustentável.

2.2.2 Grupo de Mulheres: do Serviço de Saúde à iniciativa Comunitária

O equipamento público de saúde é o único do distrito e oferece serviços de Unidade de Pronto Atendimento e de Unidade Básica de Saúde e, nesse espaço, em 1991, foram implantadas ginásticas e grupos de relaxamento com base nos princípios de *Tai Chi Chuan*, para usuários do serviço de saúde local. Tais práticas consideravam a subjetividade dos sujeitos e visavam contribuir, com o estímulo ao desenvolvimento de sua autonomia. Inicialmente destinada aos pacientes de ambos os sexos, foi, gradativamente, reduzindo-se ao público feminino, e culminou na criação dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier (TEIXEIRA, 2004).

Para tanto, os grupos eram formados de forma heterogênea:

Para os grupos são encaminhados os usuários através da equipe, ou aqueles que procuram voluntariamente. São indivíduos adultos, hipertensos, diabéticos, lombálgicos, obesos, reumáticos, com distúrbios funcionais e polialgias, deficientes físicos, pacientes da saúde mental ou com queixa de sofrimento psicológico (TEIXEIRA, 2004, p. 49).

Visando contribuir com reflexões acerca de sua vida, os participantes eram estimulados às reflexões e discussão de conceitos importantes para o desenvolvimento de sua saúde e autonomia:

[...] Surge nesse espaço a possibilidade de se discutir os paradigmas saúde-doença, normalidade/anormalidade, quem age nas condições de saúde de quem, procurando instrumentalizar as pessoas e a comunidade para uma ampliação de sua autonomia (TEIXEIRA, 2004, p. 50).

O grupo foi se apropriando do espaço comunitário e definindo sua identidade, contribuindo com o posicionamento frente às necessidades e na ocupação dos espaços públicos destinados à participação da população. Afinal, “[...] o destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação” (FREIRE, 1979, p. 38).

Quando os membros deste grupo se comunicam, se articulam e estabelecem ações, mesmo que não tenham um planejamento de longo prazo, mobilizaram-se para a construção da sua história como sujeitos, e não apenas receptores de um serviço público. Esta nova relação entre o serviço público e os usuários do serviço foi se configurando considerando,

sobretudo, que o trabalho terapêutico inicial era imbuído de uma metodologia emancipadora que a história confirmou.

Para Teixeira (2004), a possibilidade e identificações entre as participantes favoreceram a opção pelas intervenções grupais que repercutiu também na comunidade por meio da participação nas festividades religiosas, em feiras de artesanato para exposição e venda de suas produções, na participação no Conselho Gestor da Unidade de Saúde e em outras instâncias comunitárias. Houve estímulo à implementação do grupo de familiares de alcoólicos (Al-non) e de Alcoólicos Anônimos (AA) no distrito, interlocução feita com representantes de espaços públicos, viagens para fora do município, dentre outras ações.

Um espaço para falar sobre determinados assuntos contribuiu na socialização dos participantes e, nesta escuta x participação, ajuda a encontrar soluções para outras demandas:

Diante da diversidade das demandas trazidas pelos grupos, foi possível avaliar com os próprios participantes que a busca dessa autonomia é uma construção ao mesmo tempo individual e grupal; que são necessárias respostas não apenas técnicas, medicamentosas, mas também de auto-conhecimento, de reeducação individual e social, de intervenção em planos sociais e políticos (TEIXEIRA, 2004, p. 55).

Interessada em verificar a eficácia das práticas terapêuticas alternativas que valorizam o usuário enquanto sujeito social que embasa a intervenção da terapia ocupacional implementada no distrito, em sua dissertação de mestrado, Teixeira (2004) discute a desmedicalização de benzodiazepínicos³, em especial o Diazepan® de 5 e 10mg, a partir de uma análise da quantidade de medicamentos dispensados no equipamento público municipal de saúde do distrito de São Francisco Xavier em 1996, 1999 e 2002, ou seja, antes e após a implementação do trabalho terapêutico alternativo. Sugere que, pela abrangência da intervenção realizada no distrito, houve uma melhoria da condição de saúde para a população feminina e, por consequência, a redução do uso de psicotrópicos pelo grupo usuário do serviço alternativo.

Alguns medicamentos como os tranquilizantes e barbitúricos causam dependência. Brani (*apud* TEIXEIRA, 2004), em um estudo realizado entre lavradores, indica que tais medicações desviam a atenção dos aspectos sociais que geram e alimentam o sofrimento e que o consumo de medicamentos é um problema para a saúde pública, enquanto expressão social de hegemonia da mercadoria na sociedade moderna.

³ “Benzodiazepínicos são medicamentos psicotrópicos de prescrição restrita utilizados para crises agudas de ansiedade, insônia e convulsões” (NORDON, *et. al.*, 2009).

Para Freud (1974, *apud* ROGGERO, 2010) existem três fatores que causam sofrimento ao indivíduo: o corpo que se degenera, as ameaças do mundo externo e a relação com os outros homens. Para Costa (1989), o sofrimento psíquico pode ser causado em muitas ocasiões, pelas falhas morais, reais ou imaginárias do próprio sujeito em relação a si mesmo ou em relação aos seus pares.

Diante de dores oriundas de quaisquer fatores, uma mercadoria que anestesie dores mostra-se como uma alternativa sedutora para o não sofrimento, portanto a redução do uso de psicotrópicos pelos usuários do serviço terapêutico alternativo no distrito evidencia a importância da existência de espaços públicos e de políticas públicas que possibilitem diálogos com os usuários dos serviços, proporcionando-lhes o enfrentamento de suas dificuldades e necessidades de forma autônoma. Nesta situação específica, responsabilizaram-se pela sua saúde, obtendo a contrapartida do poder público por meio de suporte técnico e práticas comunitárias. Foi idealizado como uma alternativa terapêutica que visava à instrumentalização dos usuários do serviço de saúde para a busca de sua autonomia e, com o passar do tempo:

Os grupos tornaram-se cada vez mais autônomos, ficando para a equipe da saúde, hoje reforçada pelos agentes comunitários, o suporte para algumas ações específicas, a implantação de novos grupos ou a inserção de novas participantes, particularmente, as mais vulneráveis (TEIXEIRA, 2004, p. 57).

Embora os grupos contassem com a participação masculina, as mulheres eram a maioria e, para Oliveira (2000), citado por Teixeira (2004), uma das explicações é que as mulheres utilizam mais os serviços de saúde, pois se responsabilizam pela anticoncepção, concepção, gravidez, parto, cuidado com os filhos e membros da família.

Existe uma diferença conceitual entre prevenção e promoção da saúde. Na prevenção os projetos estruturam-se mediante divulgação de informação científica e de recomendações normativas de mudanças de hábitos, enquanto a promoção implica mudanças profundas na forma de articular e utilizar o conhecimento na formulação e operacionalização das práticas de saúde (CZERESNIA, 2003). Nas últimas décadas, a saúde pública tem direcionado suas práticas na área da promoção. O discurso da ‘nova saúde pública’ originou-se nas sociedades capitalistas e neoliberais e está ligado à ideia de autonomia dos sujeitos e dos grupos sociais (LUPTON, 1995; PETERSEN, 1997 *apud* CZERESNIA, 2003). Além disso, as perspectivas progressistas ressaltam as políticas direcionadas à saúde pública com tendências intersetoriais, alcançando uma perspectiva global, visando à qualidade de vida das populações. Independentemente das diferentes perspectivas filosóficas, teóricas e políticas, surgem

dificuldades na operacionalização dos projetos em promoção da saúde e, na maioria das vezes, não se distinguindo claramente das estratégias de promoção das práticas preventivas tradicionais (CZERESNIA, 2003).

Esta dificuldade na operacionalização de projetos ligados à saúde pública não é exclusividade de São Francisco Xavier, mas certamente impactou a vida de muitas mulheres do distrito.

Para compreensão da atual configuração na área da saúde, recorremos a Costa (1989), que discute a política higienista adotada pelos médicos no Brasil no século XIX, introduzida após a tentativa, sem sucesso, de regramento da população e do território por meio da pedagogia jesuítica, seguida da força militar com caráter repressivo. Essa intervenção extrapolou os limites individuais e alterou o perfil sanitário da família e sua feição social, uma vez que tais regramentos estavam inseridos na lógica da despolitização do cotidiano e inscrevendo-o nas micropreocupações em torno do corpo, do sexo e do intimismo psicológico, escondendo uma grave miopia política, assim como as relações familiares tornaram-se uma réplica das relações entre classes sociais.

“A ordem médica vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria” (COSTA, 1989, p. 48).

A política higienista adotada no século XIX apresenta os resquícios de seu efeito maléfico, como a introdução de um comportamento reprimido e disciplinado às custas de uma crescente tendência de autoculpabilização de um sujeito forçado a exercer um poder tirânico sobre si mesmo, ensinado a reagir com extrema intolerância às menores falhas morais, reais ou imaginárias, suas ou de seus pares (COSTA, 1989).

“Pela regulação os indivíduos são adaptados à ordem do poder, não apenas pela abolição das condutas inaceitáveis, mas, sobretudo, pela produção de novas características corporais, sentimentais e sociais” (COSTA, 1989, p. 50).

Castel (1977), citado por Costa (1989), realizou um estudo sobre o controle da loucura e discute que o louco, com sua conduta, rompe com o contrato social e é considerado irresponsável por suas atitudes. Sua punição infringiria os princípios do liberalismo, contudo, como transgressor, não poderia ficar impune. Por intermédio da tutela psiquiátrica, a loucura é penalizada sem que o humanismo seja ferido.

As famílias projetadas pelos higienistas deveriam deixar-se manipular, acreditando-se respeitadas, abandonariam antigos privilégios em troca de benefícios, auto-regular-se-iam e

cada um de seus membros se tornaria agente de saúde individual e estatal, e elas deveriam sentir-se recompensadas, e não punidas, pela intervenção do Estado (COSTA, 1989).

Ou seja, poderiam ser interditados, internados, controlados de alguma forma para evitar maiores constrangimentos aos membros da sociedade. O controle das pessoas foi gradativamente introduzido por essa lógica de disciplinamento do corpo e das mentes. Com o entendimento histórico e temporal que o século XXI confere, é possível, assim como Costa (1989), analisar que, apesar dos genuínos interesses dos médicos, possivelmente muitos foram manipulados por um sistema que almejava o controle da população.

Mas afinal, o que é saúde? Scliar (2007) discute o conceito de saúde e conclui que está ligado a inúmeros fatores que variam de acordo com o contexto:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças. Aquilo que é considerado doença varia muito (SCLIAR, 2007, p. 30).

O conceito de saúde foi-se construindo ao longo dos anos e marcado por questões, períodos e determinantes. Como a visão mítica, religiosa e romântica. A introdução da visão racional à medicina possibilitou o desenvolvimento de inúmeros estudos. Como o da epidemiologia e o da estatística. A estatística teve como pioneiro o médico Willian Farr (1807-1883) que, no *Annual Reports*, estudo desenvolvido na Inglaterra, chamou a atenção para as desigualdades entre os distritos “sadios” e “não sadios”, que inspirou outros estudos semelhantes em outras localidades e que culminou na introdução de medidas para a saúde pública que foram se aprimorando ao longo dos anos (SCLIAR, 2007).

Essa influência que a saúde recebeu da estatística culminou na adoção de medidas para a saúde pública, o que pressupõe uma diretriz para a prática profissional com base nas necessidades coletivas, como a erradicação de uma doença, por exemplo.

Scliar (2007) aborda que a erradicação de uma doença, a varíola, em 1977, fez com que os países, por meio da Organização Mundial da Saúde, pensassem o assunto como “[...] responsabilidade governamental na provisão da saúde e a importância da participação de pessoas e comunidades no planejamento e implementação dos cuidados à saúde” (SCLIAR, 2007, p. 38). Dessa forma, saúde, independentemente do conceito local e temporal, é um compromisso de todos e pressupõe o direito à vida.

Ainda em relação ao conceito, a Organização Mundial de Saúde aborda que “Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de

enfermidade” e reflete a aspiração dos movimentos sociais do pós-guerra: o fim do colonialismo, a ascensão do socialismo, portanto saúde deveria expressar o direito a uma vida plena, sem privações (SCLIAR, 2007).

Dessa forma, Scliar (2007) destaca que os cuidados primários de saúde têm conotação política e deveriam incluir uma integração com os demais setores e contar com ações voltadas para “[...] educação em saúde, nutrição adequada, saneamento básico, cuidados materno-infantis, planejamento familiar, imunizações, prevenção e controle de doenças endêmicas e de outros frequentes agravos à saúde, provisão de medicamentos essenciais” (SCLIAR, 2007, p. 39).

Esta concepção tem relação com a equidade, pois a necessidade de saneamento básico pode ser emergencial para uma comunidade e dispensável para outra, assim como a prevenção de acidentes pode ser essencial em determinada cidade e irrelevante para outra. Pensar saúde requer uma análise crítica.

Scliar (2007) questiona como criar uma política de saúde pública sem critérios sociais e sem juízos de valor. À existência desses questionamentos a não definição do conceito de saúde pela Constituição de 1988, que em seu artigo 196 coloca-a como direito:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi definido em 1990. Complementava a Constituição de 1988 e regulamentava as ações e serviços de saúde em todo o território Nacional. O seu artigo 2º, detalha que “[...] a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício” (BRASIL, 1990).

Compreende-se que o conceito de saúde é irrelevante para o SUS, mas saúde é um direito fundamental. Se, por um lado, as ações higienistas mascararam os problemas entre as classes sociais e disciplinaram corpo e mente, por outro lado a possibilidade de usufruir de saúde na atualidade compromete todos os cidadãos para ações e intervenções de prevenção e de promoção. As políticas públicas mostram-se como elementares para que a saúde seja uma realidade para todos os povos, pois, do contrário, as ações pontuais ou paliativas podem mascarar também o verdadeiro problema e deixar para depois reflexões e intervenções essenciais.

O grupo desvinculou-se da área da saúde e transformou-se em um “Grupo de Mulheres” artesãs. Com a saída do poder público que discutia e intervinha nas questões de

saúde, as mulheres remodelaram o grupo. Essa nova configuração grupal gradativamente assumida apenas pelas mulheres constituiu-se socialmente no chamado “Grupo de Mulheres”. Evidencia a constituição de uma Identidade Social e refere-se também “[...] às características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros” (GIDDENS, 2005, p.44). Nesse caso, os “outros” são muitos indivíduos tanto dos “Grupos de Mulheres” quanto da comunidade. Nesse caso foi denominado “Grupo de Mulheres”, e não recebeu qualquer outro nome, evidenciando-se assim suas características.

Observou-se a transformação do grupo que, segundo Freire (1979), pode ser atribuída ao desenvolvimento da consciência crítica que permite ao ser humano transformar a realidade respondendo aos desafios do mundo temporalizando os espaços geográficos e fazendo história pela sua própria atividade criadora.

Apesar de o grupo em questão ser composto por um número pequeno de pessoas, essa transformação só pôde ser percebida por se tratar de um movimento social de pequenas e limitadas proporções territoriais. Gohn (1997) estudou e descreveu as teorias dos movimentos sociais e sua inserção nos diversos períodos da história e, em relação ao que se observou na década de 1990, período em que o “Grupo de Mulheres” foi constituído, descreve que:

A tendência predominante nos anos 90, na análise dos movimentos sociais, tem sido unir abordagens elaboradas a partir de teorias macrosociais a teorias que priorizam aspectos micro da vida cotidiana, por meio de conceitos que fazem mediações sem excluir uma ou outra das abordagens. Sabemos que a divisão entre teorias da ação (micro) e teorias estruturais (macro) marcou a produção e o debate teórico nos últimos vinte e cinco anos. A micro e a macroteoria, vistas de forma isolada, são tidas como insatisfatórias porque seus conteúdos básicos, ação e estrutura, precisam ser articulados. Argumenta-se que se necessita de uma teoria que busque a síntese e não de uma que insista na polêmica. Isto se faria por meio de uma teorização em âmbito mais geral, sem referência a problemas empíricos particulares, ou a domínios específicos. Da mesma forma que não se fala mais da análise das estruturas desconsiderando-se o papel das conjunturas, a tendência é articular diferentes disciplinas: economia, política, sociologia, antropologia, psicologia, psicanálise, filosofia e comunicações. Diferentes olhares, diferentes ângulos de apreensão dos fatos da realidade: esta é uma necessidade imperiosa, numa era na qual tudo desfaz rapidamente, tudo fica obsoleto em frações de tempo muito menores que nossa capacidade de memorização. Talvez o paradigma que postulamos para ser desenvolvido na América Latina venha realizar a fusão de vários procedimentos metodológicos, pois está se construindo a partir da fusão das várias correntes teóricas existentes sobre os movimentos sociais, pensadas para analisar fenômenos que estão ocorrendo no Terceiro Mundo (GOHN, 1997, p. 337).

A autora reforça a importância de os movimentos sociais (MS) serem analisados de forma interdisciplinar, para que se busque uma síntese, e não polêmicas teóricas. Como se trata de um movimento de gênero, considera-se que o gênero feminino contribuiu com essa

configuração e, por consequência, com sua constituição identitária. As mulheres de São Francisco Xavier encontraram na vivência grupal possibilidades de identificações e aproximações que contribuíram na formação e posterior transformação dos grupos. Foram realizadas adaptações gradativas e contínuas conforme as percepções e vivências das participantes.

Vale ressaltar que, muito embora os movimentos sociais não tenham sido objetos de estudo nesta pesquisa, serviram de base para o agrupamento das mulheres. Assim, optou-se por discutir o desenvolvimento humano a partir de grupos. Em seguida, discutem-se grupos, comunidade e desenvolvimento humano.

2.3 GRUPOS, COMUNIDADES: DESENVOLVIMENTO HUMANO

Nesta seção são abordados aspectos referentes à socialização, à interação social, às relações grupais e comunitárias, considerando suas importâncias para a constituição identitária e para o desenvolvimento humano dos sujeitos.

O ser humano, desde o seu nascimento, necessita de cuidados para sua sobrevivência e, por meio da convivência, socializa-se e desenvolve-se. A convivência, grupal ou comunitária, constitui-se elemento contributivo à construção identitária, pois é um processo gradativo e contínuo que acontece mediante aproximações e distanciamentos de objetos, pessoas, comunidades, organizações:

[...] as abordagens culturais e funcionais da socialização acentuam uma característica essencial da formação dos indivíduos: esta constitui uma incorporação dos modos de ser (de sentir, de pensar e de agir) de um grupo, da sua visão do mundo e da sua relação com o futuro [...] (DUBAR, 1997, p. 64).

A socialização, mesmo que no âmbito micro das relações grupais, impacta nas interações e articula-se nas relações com ambientes macros, pois o indivíduo, ou sujeito, relaciona-se com tudo que faz parte do seu contexto. Nessas relações são incorporadas novas formas de ser, agir e pensar, contínua e dialeticamente.

Para Giddens (2005), a socialização está na origem da individualidade e da liberdade. No decorrer da socialização cada um desenvolve um sentido de identidade e capacidade para o pensamento e ações independentes, ou seja, as interações, desde o nascimento até a morte, condicionam as personalidades, os valores sustentados e os comportamentos assumidos.

O desenvolvimento humano ocorre desde a infância, persiste ao longo da vida e acontece nos diversos contextos dos sujeitos (família, comunidade, dentre outros). Esses contextos alteram-se qualitativamente, ao longo do tempo, contribuem no desenvolvimento integral do indivíduo, por meio de suas relações (BRONFENBRENNER, 2005, *apud* PRATI, *et. al.*, 2007). Freire (1979) defende que o desenvolvimento humano, que ele denomina de humanização, refere-se a capacidade de reflexão sobre a realidade e o contexto do indivíduo por meio das suas inter-relações.

Segundo Rego (2011), as principais idéias de Vygotsky referem-se: a) ao indivíduo/sociedade - as características humanas resultam da interação dialética do homem em seu meio sociocultural – transforma seu meio para atender a suas necessidades básicas e transforma-se a si mesmo; b) às funções psicológicas e especificamente humanas, que se originam nas relações do indivíduo e em seu contexto cultural e social - a cultura é parte constitutiva da natureza humana; c) ao cérebro, que é visto como órgão principal da atividade mental - a base biológica do funcionamento psicológico é um produto de longa evolução que cada membro da espécie traz consigo ao nascer; d) à mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo – essa mediação é construída historicamente por instrumentos técnicos e sistemas de signos, e a linguagem tem destaque no processo de pensamentos; e) aos processos psicológicos complexos, que se diferenciam dos mecanismos mais elementares e não podem, portanto, ser reduzidos à cadeia de reflexos - assim, para abordar a consciência humana, é importante estudar as mudanças que ocorrem no desenvolvimento mental a partir do contexto social.

Nesse aspecto, o desenvolvimento humano ocorre envolvendo o ser biológico, psicológico, social, contextual e cultural.

As relações que promovem o desenvolvimento humano não são, portanto, vazias de sentido, mas carregadas de intencionalidade que exigem do ser humano o ato de reflexão, para que sejam introjetadas e incorporadas ao cotidiano e para que de fato transformem vidas por meio do desenvolvimento de áreas e saberes práticos, cognitivos, relacionais, comunitários, científicos ou de qualquer outra ordem.

As interações são permeadas por ações, emoções, motivações e significações dos participantes. Já o desenvolvimento acontece por meio dos conflitos, das crises e das contradições e é parte integrante e fundamental nas relações humanas (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000).

Para Dubar (1997), por meio da socialização o indivíduo incorpora modos de ser, pensar e agir. Giddens (2005) destaca que essa socialização confere identidade e capacidade

para o pensamento e ações independentes, ou seja, suas interações. Bronfenbrenner (*apud* PRATI *et. al.* 2007) defende que o desenvolvimento humano acontece nos diversos contextos ao longo do tempo e por meio das suas relações. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) indicam que a existência dos conflitos, crises e contradições nas interações dos sujeitos são fundamentais nas relações humanas. Independentemente da terminologia, todos esses autores concordam com algo em comum: as interações são indispensáveis para o desenvolvimento humano.

Tais relações podem ser contínuas e mutuamente transformadas, reestruturadas e canalizadas pelas características físicas, sociais e temporais do contexto em que as interações ocorrem. Assim, o processo de desenvolvimento decorre da dinâmica da segmentação e unificação das experiências, das percepções do tempo presente e das perspectivas futuras de acordo com as necessidades de cada pessoa (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000).

Para Freire (1979), o ser humano é capaz de relacionar-se, de sair de si, de projetar-se nos outros e de identificar existências distintas de si mesmo nessas relações, que são reflexivas, conseqüentes, transcendentais e temporais – tem capacidade de criar sua história, diferentemente dos demais animais.

Boff (2012) alerta que o conceito de desenvolvimento centrado apenas no ser humano, como se não existisse comunidade de vida (fauna, flora e outros organismos vivos), considerando-o acima ou fora da natureza, pode ser contraditório e equivocado, pois se centra no crescimento material industrialista/capitalista/consumista.

O desenvolvimento humano, para ser pleno, deve considerar o ambiente, suas diversas formas de vida e as múltiplas relações que o ser humano nele estabelece, ou seja, aspectos individuais e coletivos, materiais e subjetivos, culturais, históricos e ecológicos. Os espaços grupais são privilegiados para potencializar o desenvolvimento humano.

As relações acontecem entre as pessoas e, numa participação grupal, elas interagem e criam mecanismos que podem repercutir na vida social e comunitária, no fortalecimento dos vínculos sociais. As relações grupais podem ainda auxiliar na resolução de conflitos do cotidiano e até mesmo, numa esfera mais ampla, na propositura de políticas públicas, ou seja, a convivência grupal é a expressão da vida em sociedade. “Quando existe um grupo de pessoas reunidas para se socializar, uma ordem social é desenvolvida para aquele grupo particular de indivíduos” (HYMES, 1997; GOFFMAN, 1981, *apud*, MATTOS, 2001).

Enfim, espaços grupais configuram-se como desencadeantes no processo de construção da identidade, contribuindo para o desenvolvimento humano, pois os diversos

atores sociais analisam e adotam, em grupo, atitudes e valores conforme suas expectativas e as dos seus pares. Nas interações sociais, as pessoas se percebem e visualizam idéias sobre o que se espera delas, desenvolvem valores, crenças e atitudes e escolhem condutas que terão significados para o que o grupo deseja transmitir (MEAD, 1938; SCHÜTZ, 1932; WEBER, 1921; WOODS, 1992, *apud* MATTOS, 2001).

A constituição da identidade ocorre a partir da participação do indivíduo nas relações sociais, mas não apenas de forma coercitiva, como nos demais processos culturais (ROGGERO, 2010), ou seja, a coerção perceptível também no processo de socialização pode ser dispensável nas relações sociais. Abordaremos dois espaços importantes nos quais essas interações acontecem: as comunidades e os grupos.

As comunidades configuram-se como espaços privilegiados para a interação grupal e, sendo “[...] um espaço intermediário que nos oferece os recursos simbólicos e materiais para a vivência dialética entre o sujeito singular e o mundo social” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 127), a convivência propicia reflexões e o sujeito se articula com o ambiente e com todas as oportunidades que este oferece para o seu desenvolvimento por meio das ressignificações, mudança ou perpetuação de ideias, valores, atitudes e escolhas.

A convivência comunitária, objeto de estudo das diversas áreas do saber, converge para a coesão da vida social como um elemento que contribui com a produção de saberes:

Saberes comuns, senso comum, saber popular, *habitus*, o pensar costumeiro, representações coletivas, todos estes termos caracterizam referenciais filosóficos, psicológicos e sociológicos que lidaram com o problema do que sustenta a coesão da vida social (DURKHEIM, 1898/1996, 1905/1963; SCHUTZ, 1944, 1967b; HEIDER, 1958; GADAMER, 1975; BOURDIEU, 1994 *apud* JOVCHELOVITCH, 2008, p. 138).

Esta coesão social imprime aos grupos, pessoas ou comunidades suas características e forma de conduzir suas vidas. Segundo Cuche (2002), *habitus* refere-se à incorporação da memória coletiva, o que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social.

Diferentes comunidades contribuem com a formação dos sujeitos e a construção identitária, nessas relações. Inúmeras são as aprendizagens vivenciadas por meio da interação humana. A criação de vínculo, o pertencimento, a cooperação e o desenvolvimento de laços de solidariedade, além de competências teóricas e práticas para lidar com o cotidiano são observados nos espaços comunitários e são desenvolvidos a partir das relações comunicativas (JOVCHELOVITCH, 2008).

Criar vínculo, pertencer, cooperar, ser alvo de solidariedade e construir conhecimentos não é imediato, é processo. No espaço comunitário, relações que contribuem para o alcance dessas habilidades podem ser alcançadas, pois:

No coração da comunidade está, portanto, a construção de espaços intersubjetivos que configuram não apenas a identidade do Eu, mas também um conjunto de relações intercoordenadas que produzem um conjunto de fenômenos como a comunicação e o diálogo, as identidades sociais, a memória social, a vida pública e, ligado a todos estes os saberes sociais (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 127).

No caso dos “Grupos de Mulheres” que se firmaram na comunidade de São Francisco Xavier, além de oferecerem às mulheres que os frequentam um fértil espaço para a socialização, reflexão, aprendizado e convivência, impactam junto à comunidade, que os reconhece como instância formadora, representativa e formal, em que a comunidade também se conecta por identificação, solidariedade e reconhecimento.

As comunidades têm suas fronteiras, que podem ser simbólicas ou materiais, geográficas, linguísticas, físicas, administrativas, religiosas, étnicas, e são processos que constituem identidades culturais. Sua definição é um ato político. A formação das fronteiras é sempre produto de relações entre comunidades diversas. Seus membros produzem atividades simbólicas e recursos por meio da percepção e da significação das diversas fronteiras que podem ser definidas ou impostas, negociadas pelo diálogo e empréstimos culturais, mantidas pelo totalitarismo e isolamento (JOVCHELOVITCH, 2008).

Dentre os aspectos que esta autora aborda, a distinção de uma comunidade de outra, ou mesmo entre onde uma começa e outra termina, não está apenas no limite territorial. Dessa forma as comunidades podem ser formadas por pessoas de diversos territórios geográficos, mas, de certa forma, suas similaridades as fazem pertencer a um determinado grupo, como o religioso, por exemplo, e, ainda neste caso, uma pessoa que pertence a uma religião o faz espontaneamente ou sob pressão de seus pares, familiares ou território. Sobre os empréstimos culturais, compreendemos aqueles que se inspiram em outras comunidades. Para ilustrar, citamos o povo brasileiro: constitui-se de inúmeras comunidades que foram inspiradas pela diversidade do povo que o colonizou e dos migrantes.

Campos (2002) realizou um estudo com uma comunidade da região do vale do Paraíba, no município de São Luis do Paraitinga, cujas características se assemelham às dos moradores do distrito de São Francisco Xavier, no que tange ao distanciamento geográfico dos centros urbanos, ao número de habitantes no território, à prevalência do turismo e de atividades agro-pecuárias, à manutenção de tradições e conservação do seu patrimônio

histórico, cultural e social. Nesse estudo, observou as relações solidárias e comunitárias como um fator importante para a preservação e transmissão de valores culturais. Identificou também a convivência social e comunitária como importante para a memória coletiva.

A comunidade de São Francisco Xavier possui uma fronteira geográfica que caracteriza o distrito como uma comunidade rural, turística e mantenedora de suas tradições. Nessa comunidade, os “Grupos de Mulheres” imprimem sua identidade, valores e crenças por meio da interação grupal e interlocução comunitária.

As comunidades, espaços de convivência grupais, ou simplesmente grupos, podem apresentar características generalizantes e peculiaridades que devem ser observadas por meio de uma análise rigorosa, o que se buscou nesta pesquisa. Isso porque, nesse caso, grupos formados apenas por mulheres constituem uma identificação que já define uma de suas fronteiras, e essa diferenciação do gênero já aponta algumas categorias explicativas importantes para desvendar o problema desta pesquisa.

A socialização propicia a aproximação e o distanciamento de certos valores ou condutas, assim como o desenvolvimento humano. Se por um lado a socialização interfere positivamente, por outro lado pode acarretar imposição intransigente para a adoção de papéis socialmente aceitos:

Os papéis sociais não envolvem negociação ou criatividade – são antes prescritivos ao controlar e direcionar o comportamento de um indivíduo. Por meio da socialização, os indivíduos internalizam os papéis sociais e aprendem como desempenhá-los (GIDDENS, 2005, p. 43).

A civilização, com seus valores e papéis socialmente aceitos em suas diversas comunidades, é resultado de um processo histórico de gradativa opção e negação, um processo dialético que o ser humano constrói para sua manutenção, pois nem sempre suas construções são aceitas por todos os membros, sendo questionadas e revistas. Aí está o movimento que interfere de forma definitiva na vida das pessoas.

Os papéis esperados socialmente por determinados grupos fazem referências aos valores, crenças e origens. Como o objeto de estudo refere-se a um grupo composto por mulheres, esta especificidade já revela a importância do reconhecimento do gênero como uma categoria a ser explorada no universo grupal.

Para Jesuino (2000), os processos de interações grupais traduzem-se na eficácia da ação coletiva conforme o interesse do grupo em atingir os objetivos para os quais foram constituídos, e as articulações possíveis são complexas pelas atitudes e motivações dos seus membros, pela emergência de fatores latentes ao processo de interação e influência social.

O tema abordado confirma a necessidade do aprofundamento do conhecimento dos aspectos relacionados à interação social que interferem significativamente no cotidiano das pessoas, nas suas relações interpessoais, grupais ou institucionais, e que influenciam a vida das mulheres de São Francisco Xavier.

Neste caso, iniciou como grupo terapêutico formado, inicialmente, por usuários do serviço de saúde, independentemente do diagnóstico, idade ou gênero, pois a idéia, na época, era valorizar a cidadania que estava centrada na diversidade e também na similaridade, visto que utilizavam os mesmos equipamentos sociais (TEIXEIRA, 2004). Mesmo com a indiferença do poder público, houve a continuidade dos grupos por iniciativa da comunidade local, como discutido nos resultados deste estudo, o que culminou na gradativa e definitiva participação feminina.

Neste caso foram muitas as mudanças: a transição de um tipo de grupo para outro, configurando-se em um grupo feminino, a indiferença do poder público e a autonomia do grupo, o desejo das participantes em produzir concretamente objetos significativos e, por último, o afastamento de algumas pessoas, neste caso, visivelmente dos homens. Acrescentem-se as identificações gradativas das mulheres com a nova proposta e a aproximação e aceitação de estarem juntas, motivadas por questões, tanto objetivas quanto subjetivas.

A organização política e seus organismos, como governos e suas diretrizes, afetam fortemente o curso de desenvolvimento que a sociedade experimenta (GIDDENS, 2005). A indiferença do Poder Público, expressa pelo não investimento em ações de promoção e prevenção na área da saúde, mostra-se como um fator estrutural e ideológico com raízes nas diretrizes a que o executivo opta por aderir, no seu governo. Assim, apesar da gradativa mudança do grupo, teoricamente o poder público contribui com a transformação do grupo terapêutico, que tinha como ideal melhorar a qualidade de vida dos usuários. Seus objetivos foram em partes atingidos, mas não teve foco na realidade social das pessoas envolvidas nesse processo, pois

O problema maior que se coloca àqueles que por questão de viabilidade histórica não têm outro caminho que o da mudança gradual das partes, com a qual pretendem alcançar a mudança da totalidade, consiste em: ao mudar uma das dimensões da estrutura, as respostas a esta mudança não tardam. São respostas de caráter estrutural e respostas de caráter ideológico. De um lado, são as demais dimensões da realidade que, ao se conservarem como estão, criam obstáculos ao processo de transformação da dimensão sobre a qual está incidindo ação transformadora; de outro lado, são as forças contrárias à mudança que tendem a se fortalecer diante da ameaça concreta da mudança de uma das dimensões em transformação (FREIRE, 1979, p. 53).

Dessa forma, por meio do poder público trabalhadores da área da saúde iniciaram uma ação terapêutica na região central e, posteriormente, implementaram-na em um bairro da área rural, Santa Bárbara. Com base em Freire (1979), podemos concluir que tais ações são enquadradas na mudança gradual das partes. Em primeiro lugar, no próprio serviço público, visto que esta não era uma prática usual naquele serviço, e em segundo lugar, no próprio distrito, junto àquela população. Com o objetivo de emancipar e desmedicalizar, suas metas eram audaciosas. A ação transformadora teve seus benefícios e sucessos e, certamente, deparou-se com os obstáculos do processo de transformação, mas que ao final, embora não como planejado, tiveram alguns êxitos.

Em um processo grupal, as normas podem se alterar para a criação de novas ou para revisão das antigas. Essas alterações podem originar-se de conflitos. O sistema de punição pode ser mais ou menos rígido, dependendo do grau de controle que o grupo quer manter sobre o comportamento de seus membros, e a solidariedade pode estabelecer-se como um fator importante para sua manutenção. O desenvolvimento do grupo proporciona aos seus integrantes condições de evolução e de crescimento pessoal (ALEXANDRE, 2002).

Parece contraditório, mas os grupos, em algumas circunstâncias, exercem poder coercitivo sobre seus membros. No entanto, mesmo assim contribuem para seu desenvolvimento e para o desenvolvimento dos seus membros. Desde os tempos mais remotos, é assim que ocorre o processo de socialização e integração das pessoas com seu meio. No caso do “Grupo de Mulheres”, novas normas foram sendo estabelecidas e, aos que ficaram, novas interações se estabeleceram, e isso aconteceu gradativamente. De certa forma, homogenizou-se no gênero e se diferenciou na sua natureza, deixando de ser, formalmente, um grupo terapêutico. Para Jesuíno (2000), a composição do grupo e seu grau de homogeneidade ou heterogeneidade referem-se às características demográficas, sociológicas ou psicológicas, que exercem influências no processo de interação e no desempenho do grupo.

Uma vez se tornando um grupo, embora não mais vinculado à Secretaria da Saúde, institucionalizou-se, formalizou-se.

Alexandre (2002) define que instituição é o conjunto de normas que regem a padronização de um determinado hábito na sociedade e que garante a sua reprodução como, por exemplo, o casamento, a família, a equipe de trabalho, a faculdade, a religião. Classifica as instituições como o primeiro nível de realidade social. O segundo refere-se às organizações, e o terceiro, aos grupos.

Como toda instituição exerce controle sobre a vida das pessoas, interferindo nas interações entre seus membros, contribui com a socialização e com o desenvolvimento humano.

Ainda conforme Alexandre (2002), o nível institucional é o da norma e das regras estabelecidas que, embora estejam mais presentes nas nossas vidas, são quase imperceptíveis. E cita como exemplo as normas de comportamento que conferem o conhecimento da roupa que a pessoa deve vestir para cada ocasião sem necessitar de uma análise ou reflexão, salvo em ocasiões especiais, isso para não ficar inadequado em um lugar cerimonioso. Representa uma forma de dominação implícita para os grupos, que sofrem essa dominação diferente do controle organizacional, que se apresenta de forma mais clara, como o controle do horário de entrada e saída do trabalho.

Isso implica também reconhecimento das normas de funcionamento dos grupos em questão. Cada um se reúne em determinados dias, em determinados horários, em determinados locais, com objetivos específicos e comportamentos socialmente esperados. São regras essenciais e objetivas que garantem sua manutenção, assim como há outras, subjetivas, conhecidas e captadas apenas por aqueles que vivenciam o processo grupal. As regras objetivas compreendem também as produções artesanais: um dos objetivos do grupo é agregar as participantes nos encontros semanais. O interesse por estar junto e se relacionar também se configura como um fator importante para a eficácia do grupo.

Para Jesuíno (2000), os processos de interações grupais traduzem-se na eficácia da ação coletiva, conforme o interesse do grupo em atingir os objetivos para o qual foi constituído, e as articulações possíveis são complexas pelas atitudes e motivações dos seus membros, pela emergência de fatores latentes ao processo de interação e influência social.

A transição de grupo terapêutico misto para “Grupo de Mulheres”, como já mencionado, ocorreu de forma gradativa e motivada pelas atitudes e interesse dos participantes, assim como modificações em dois dos grupos, o do Bairro dos Remédios, que se transformou em uma Associação de Artesãos, e o do Bairro de Lavras, que foi absorvido pela Associação de moradores de Lavras, precedido por ações comunitárias. Tais aspectos revelam que houve uma mobilidade grupal para alcance de novos interesses que foram surgindo no decorrer da sua existência. Um dos fatores importantes a ser mencionado refere-se ao grupo do bairro dos Remédios que, mesmo tendo se transformando em Associação de Artesãos, em 2008, seus frequentadores são mulheres, e continua sendo conhecido como “Grupo de Mulheres”, o que evidencia aspectos identitários.

“Participar de um grupo significa partilhar representações, crenças, informações, pontos de vista, emoções, aprender a desempenhar *papéis* de filho, estudante, profissional [...]” (ALEXANDRE, 2002, p. 212, grifo do autor).

O papel social confere e impõe aos sujeitos determinadas condições de interação com seu meio. Para Giddens (2007), em toda sociedade os indivíduos desempenham uma série de papéis sociais diferentes, de acordo com a diversidade de contextos e de suas atividades. O termo foi inspirado no teatro, em referência aos papéis desempenhados pelos atores em uma produção teatral, o que confere às pessoas o *status* de pertencer.

Se voltarmos às origens do conceito de papel social como uma representação, podemos pensar que nas interações da socialização os sujeitos devem sempre estar vigilantes para que suas ações correspondam àquelas esperadas socialmente pelos seus pares, grupo, família ou comunidade, como um papel ensaiado que não admite falhas ou esquecimentos.

Dessa forma, pertencer a um dos “Grupos de Mulheres” de São Francisco Xavier requer habilidades para compreensão do contexto e desempenho dos papéis de forma adequada e aceitável pelas demais. A assimilação de conhecimentos, habilidades e comportamentos confere a essas mulheres o seu pertencimento, o desejo de pertencer ou também de não fazer parte.

Com base nessa revisão preliminar sobre as relações sociais e convivência grupal no processo de socialização e da construção identitária, constatou-se que a configuração grupal, além dos aprendizados objetivos, do artesanato ou das regras, favorece sua continuidade e sustentabilidade, por meio dos papéis desempenhados pelos seus membros. Solidariedade, cumplicidade, amizade e afeto, e o desenvolvimento de habilidades, valores e competências. À primeira vista, imperceptíveis, já estão assimiladas e incorporadas, e se “impregnam” nos sujeitos num processo contínuo de significados e de resignificação.

A seguir serão abordados aspectos relacionados à trajetória histórica da mulher brasileira, com ênfase nos seus papéis e no modo como se relaciona com fatores culturais.

2.4 MULHERES NO BRASIL, PERCURSOS E PAPÉIS

Como o objeto de estudo desta pesquisa são os “Grupos de Mulheres” de São Francisco Xavier, nesta seção aborda-se um histórico das mulheres no Brasil, em um contexto que contribui para sua identidade atual.

Antes, faz-se necessário atentar ao processo de exclusão da mulher no espaço público, na história da Europa. Segundo Del Priore (1993), na Grécia Antiga as mulheres eram condenadas à morte, caso fossem vistas assistindo aos Jogos Olímpicos; na Idade Média, eram condenadas à fogueira, por pensarem diferente, ou eram acusadas de feitiçaria, por tentarem curar algum filho ou parente. No século XVI, o discurso médico normativo sobre o funcionamento do corpo feminino asseverava “cientificamente” a função natural da mulher para a procriação, o que sustentava também o discurso religioso da época. A punição da mulher era, portanto, socialmente construída e aceita nos diferentes grupos sociais.

A história da mulher europeia influenciou a história da mulher brasileira, pois, com a colonização do Brasil pelos portugueses, os valores e costumes desse povo se sobrepuseram aos valores dos nativos. Na época do Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XVIII, a condição feminina era resultado do caráter explorador da empresa portuguesa no Brasil, e o modelo escravista de exportação marcava as relações de gênero (DEL PRIORE, 1993).

A mulher brasileira recebeu influência de outros povos também, como o árabe, no período colonial. Como destacado por Costa (1989), enquanto o homem se ocupava do espaço externo, inclusive para o ócio, à mulher era reservado o espaço doméstico:

Havia a segregação moura das mulheres e elas nunca aparecendo a ninguém e sempre espreitando pelas frestas das portas e pelas treliças das rótulas, organizavam na intimidade das dependências internas da morada a subsistência da família, conservando hábitos, transmitindo ensinamentos, mantendo tradições, usos e costumes, e perpetuando o artesanato delicado dos bordados, das rendas, dos tecidos, dos trançados, dos doces, bolos, biscoitos, dos remédios, mezinhas, xaropes e emplastos (COSTA, 1989, p. 82).

O artesanato que os “Grupos de Mulheres” sujeitos desta pesquisa utilizam como estratégias de geração de renda, num espaço que acreditam terapêutico, que as liberta do sofrimento psíquico por meio de aprendizados e da relação com o outro, difere da condição colonial, pois sequer sua presença era consentida. “O convívio familiar não devia nem podia ordenar-se de forma a privilegiar a escuta, atenção e realização de desejos e aspirações particulares” (COSTA, 1989, p. 95). Relegadas a sondarem pelas portas e treliças, hoje, no espaço grupal, as mulheres conversam sobre o que desejam ou o que se permitem. O espaço doméstico se ampliou, para a mulher moderna, como discutido nesta seção, contudo percebem-se ainda os resquícios da segregação, pois o grupo pesquisado é formado apenas por mulheres.

As mulheres das classes mais abastadas comandavam suas casas sentadas, costume português herdado da cultura árabe, pois trabalhavam e repousavam, postura que se adequava

à casa colonial que, pela sua dimensão e funcionamento, exigia uma mobilização física exaustiva. Portanto, havia muitas pessoas a serviço da família, e suas casas eram simples, pobres de mobiliários e decoração.

Mesmo tendo superado os valores dos nativos, Freyre (1987) destaca que as índias contribuíram na formação do Brasil, sobretudo na influência que exerceram sobre os alimentos que compõem a culinária, na utilização de remédios caseiros, na adoção de banhos diários, nas tradições ligadas ao desenvolvimento da criança e nas produções e utilização de coisas necessárias à vida e ao conforto comum, inclusive trabalhos regulares de arte.

No período imperial, a cidade brasileira não possuía uma forma específica para ordenação e ocupação do território. A população e as casas não tinham limites definidos. Parte da elite, composta por integrantes da administração portuguesa imperial, tentava uma adaptação aos moldes das cidades européias (D'INCAO, 2004). Como exemplo, a limpeza pela qual a cidade do Rio de Janeiro passou para a chegada da Corte portuguesa, incluindo a demolição de muitos prédios (EDMUNDO, 1951, *apud* D'INCAO, 2004).

Os ideais europeus imprimiram suas marcas na formação do Brasil e nos seus cidadãos. Os espaços urbanos foram então organizados, assim como foram adotados regras e valores que se perpetuam até o Século XXI. Às mulheres, ficou reservado o papel doméstico, de mãe e de cuidadora.

Vivendo na cidade ou no sertão, as regras sociais colocavam à mulher numa condição submissa.

No sertão nordestino do século XIX, a mulher não era considerada cidadã política, mesmo aquela instruída, da elite, pois estava restrita à esfera do espaço privado. A esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural a ela não se destinava (FALCI, 2004).

As mulheres do sertão, de classe mais abastada, ocupavam-se das “prendas domésticas” e da função de ser mãe. As provenientes da elite empobrecida, viúvas ou menos afortunadas, ajudavam no sustento da numerosa prole. Para tanto, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo. Tais atividades não eram muito valorizadas socialmente, sendo alvo de maledicência, tanto por homens, quanto por mulheres, diante da decadência econômica ou incapacidade do homem da casa, motivo que levava outras pessoas conhecidas a venderem seus produtos, por não quererem aparecer. As mulheres pobres eram costureiras, rendeiras, lavadeiras, fiandeiras ou roceiras que faziam trabalhos considerados masculinos. As escravas ocupavam-se da roça, principalmente, mas desenvolviam também trabalhos como tecelãs, fiandeiras, rendeiras, engomadeiras e qualquer outro serviço doméstico (FALCI, 2004).

Nos papéis socialmente construídos do homem e da mulher, historicamente, nas inúmeras sociedades, há predominância de atribuição ao homem do papel de provedor, para sustento da casa e dos filhos. Quando esse papel era executado pela mulher, socialmente havia pouca aceitação, como observado no relato de Falci (2004).

O casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social, e as mulheres casadas ganhavam a função de contribuir para o projeto familiar de mobilidade social (MASSANI, 1989, *apud* D'INCAO). Já as mulheres das classes baixas poderiam escolher sua união com base no amor, pois não comprometeriam as pressões de interesses políticos e econômicos (D'INCAO, 2004).

Para a garantia de um casamento por aliança política e econômica, até mesmo entre desconhecidos, havia uma vigilância sobre a mulher (D'INCAO, 2004). Esse controle, nesse aspecto, era tanto interno quanto externo:

[...] não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D'INCAO, 2004, p. 228).

Para as mulheres de famílias mais abastadas que moravam distantes das cidades, o período de festividades religiosas era um momento também para a ostentação de suas posses, o que não era tão valorado na área rural:

Famílias ricas tinham uma casa na cidade só para passar a Semana Santa e os festejos de fim de ano. Numa fazenda, no interior do sertão, o luxo em jóias, roupas, mobiliários ou quadros, não era considerado valor (FALCI, 2004, p. 247).

As mulheres ricas do sertão nordestino tinham o costume de se vestir com certa simplicidade, em comparação às mulheres da elite que viviam no litoral, que não usavam jóias em seu dia a dia e que, ao vestirem-se, não tinham a intenção de revelar as formas do corpo ou insinuar seios ou pernas, não usavam verniz nas unhas, usavam botinas de cano curto de couro e presilhas de ouro ou marfim nos cabelos (FALCI, 2004).

A simplicidade da mulher do campo permanece até os dias de hoje, quando se aposta mais na funcionalidade dos objetos e adereços do que na sua beleza e ostentação. Mesmo assim, sua riqueza era perceptível, pois

A dimensão da fortuna dessas famílias também poderia, de certa forma, ser medida pela sofisticação dos bordados a crivo, em branco, em matiz de rendas-renascença, dos trabalhos em filé e em crochê que enfeitavam as varandas das redes ou compunham inúmeros bicos das antigas combinações ou que enfeitavam as camisolas de dormir e peças de vestuário, das cortinas e colchas de crochê (em especial a do dia do casamento) (FALCI, 2004, p. 248).

As escravas do sertão nordestino eram provenientes de variadas etnias e regiões, o que as diferenciava fisicamente. Por vezes, tinham resquícios dos costumes africanos, como marcas feitas no rosto ou no peito, forma de identificação da etnia ou para o embelezamento. Usavam uma ou duas saias de algodão e uma blusa larga sobreposta, assemelhando-se a uma bata, e não usavam adornos de couro, como as escravas baianas (FALCI, 2004).

A constituição da nossa sociedade atualmente sofre influência dessa mulher subserviente que foi privada de sua pátria, de sua liberdade, de seus filhos, de seus amores, de seus direitos elementares e que, para sobreviver, teve que se submeter ao trabalho degradante e escravo, uma relação de poder e dominação que certamente influencia a sociedade brasileira até os dias atuais. Sua condição era equivalente à de um objeto, um bem negociável na sociedade capitalista.

Quando da morte do seu dono, a escrava deveria servir aos herdeiros, ficando de tempo em tempo com o herdeiro que solicitasse seus serviços (FALCI, 2004), ou seja, era relegada à escravidão para a vida toda.

Visando ao regramento do uso do território, o espaço urbano foi reordenado por influência da Corte e permeado por condutas higienistas, ocorrendo um desprestígio dos hábitos tradicionais, e as pessoas foram obrigadas a mudar de residência. Mudaram também suas formas de diversões, de raízes populares e grupais, e, em contrapartida, houve uma valorização de novos costumes, como a definição dos limites do convívio e a valorização da intimidade, com a privatização da família (D'INCAO, 2004). As relações mais comunitárias passaram então pelo desprestígio, para dar lugar a uma valorização do convívio familiar.

As mulheres da elite idealizavam relações amorosas e perspectivas de casamento influenciadas pelas histórias de heroínas românticas e sofredoras. Dedicavam-se às novelas românticas e sentimentais, aos bordados, receitas de doces e confidências entre as amigas (D'INCAO, 2004).

As mulheres da elite eram aquelas que detinham o poder de ter acesso a produtos e serviços numa época em que o consumo era um privilégio. Liam romances e exerciam o poder de influenciar aquelas com as quais conviviam.

Com a proclamação da independência, evidenciou-se a necessidade de se construir um país sem o caráter colonial, ao menos no discurso, dando-se importância à educação, para modernização a nação. Havia escolas, na sua maioria para meninos. Os professores deveriam ser pessoas de moral inatacável. As classes de meninos eram separadas da classe das meninas, e a essas divisões se acrescentavam as divisões religiosas. Os negros não tinham acesso à

escola, apenas algumas iniciativas isoladas no final do século XIX propunham a aceitação de crianças negras (LOURO, 2004).

A independência é proclamada e a incoerência também. Como um país, que inicia seu processo de construção livre das amarras de seu dominador, propõe educação de uma forma tão parcial, sem reconhecer seus filhos? Os resultados dessa recente história foram avassaladores. As mulheres para quem foi negada a oportunidade de acesso ao ensino formal, no passado, hoje despontam com destaque no mercado de trabalho e no meio acadêmico. Como um resgate dessa dívida, a lei de cota para negros acessarem o ensino superior no Brasil foi criada no século XIX e causou reboliço, tendo na mídia um espaço fecundo para os posicionamentos a favor ou contra, afinal até hoje dizer quem tem direito ou não a um bem ou serviço tem a ver com quem tem o poder e quem tem os meios para exercê-lo.

Nas últimas décadas do século XIX, a necessidade de educação para a mulher está vinculada à higienização da família, modernização da sociedade e construção da cidadania dos jovens, que estava atrelada à desconstrução da ideia do trabalho escravo para a construção do país. Na virada do século XX, mulheres e homens reuniam-se em prolongadas palestras que tratavam, entre outros temas, da educação e da participação feminina no movimento operário e na sociedade (LOURO, 2004).

O novo papel feminino é endossado pelos meios médicos, educativos e da imprensa, que visavam educar a mulher para seu papel de guardiã do lar e da família. Dentre as ideias, destacam-se a importância da mãe cuidar dos filhos e não deixá-los sob a influência de amas, negras ou “estranhos”. Que as mulheres se ocupassem, ao máximo, dos afazeres domésticos, adotassem regras castas no encontro sexual com o marido, vigiassem a castidade das filhas, constituíssem uma descendência saudável, pois o sucesso da família passava a depender também da mulher (D’INCAO, 2004).

O domínio sobre a mulher e seu corpo foi e é exercido por todo o grupo social sem o menor pudor. Educar um filho, como se fosse uma tarefa fácil, era e continua sendo sua atribuição e deve ser feita com exímio capricho.

O espaço doméstico limitado ao lar, à roça, à igreja é ampliado em função do exercício do magistério, mas isso não foi “do dia para a noite”, tampouco sem conflitos.

Alvo de discussões, disputas e polêmicas, a gradativa e definitiva inserção da mulher no magistério ampliou seu espaço, até então restrito ao lar e à igreja. Esta função não subverteria a função feminina fundamental e poderia ampliá-la ou sublimá-la (LOURO, 2004).

A mulher, continua dedicando-se ao magistério, e também deve a ele seu caráter emancipador, pois da escola projetou-se para outros espaços e pouco a pouco foi conquistando sua independência.

Dentre as transformações que afetaram a sociedade brasileira durante o século XIX, destacam-se a consolidação do capitalismo, uma vida urbana com alternativas de convivência social, a ascensão da burguesia e de seus ideais, o nascimento de uma nova mulher marcada pela valorização da intimidade e da maternidade (D'INCAO, 2004).

A mulher, que era controlada, no período Colonial e Imperial, continuou sendo controlada no século XX. O que o Bassanezi (2004) sugere é que tal controle, com o consentimento da sociedade, inclusive das mulheres, se aperfeiçoa e ganha requinte.

Nos anos 1950, pós Segunda Guerra Mundial, no Brasil houve a ascensão da classe média e uma expectativa quanto ao crescimento urbano e à industrialização. Esse fato possibilitou o acesso à informação, ao lazer e ao consumo. Além disso, mudaram as práticas sociais, do namoro à intimidade, mas a distinção entre os papéis femininos e masculinos continuou (BASSANEZI, 2004).

A referida autora analisou as publicações de revistas impressas entre 1950 e 1961 e concluiu que o conteúdo traz evidência da vocação prioritária à maternidade e à vida doméstica como características da feminilidade. Detectou, ainda, que havia uma valorização do casamento, mesmo diante de uma traição do marido. A distinção entre *moças de famílias*, com a possibilidade de um casamento-modelo e uma vida de rainha do lar, e as *moças levianas*, que se permitiam intimidades físicas com os homens, era corrente. Havia preocupação social para o autocontrole das moças, *dando-se ao respeito*, tanto que os conservadores criticavam o cinema americano e certas obras literárias, devido às suas *más influências*. A virgindade era tida como um selo de garantia de honra e pureza feminina, e as não-vingens mantinham sua condição em segredo. Não casar era visto como fracassar socialmente, e as mulheres com mais de 20 anos de idade sem perspectiva de um casamento corriam o risco de ser vistas como *encalhadas*, e as com 25 anos, como *solteironas* e fontes de constrangimentos. Os comportamentos femininos eram submetidos às regras, “como para um encontro amoroso”. O namoro era a etapa preparatória para o casamento, portanto as moças não deveriam *perder tempo* com namoros que não as conduzissem ao matrimônio. A escolha matrimonial cabia aos enamorados. As informações sobre sexualidade humana eram permeadas por segredos. As ousadas, isto é, fugir do padrão, por exemplo, fumar, ler coisas proibidas, explorar a sensualidade por meio das roupas e penteados, investir no futuro profissional, contestar, abrir

mão da virgindade e do casamento, eram motivos de estigmatização (BASSANEZI, 2004, grifo da autora).

As publicações das revistas expressam a ideologia predominante na época em que foram veiculadas e retratam que a dominação tão sutil da mulher têm consequências que podem ser observadas até os dias atuais. Por exemplo, pensar que a mulher de fato deve obediência aos homens e que sua rebeldia é digna de punições; além da violência simbólica, a violência física, sobretudo de seus parceiros, fez e faz inúmeras vítimas.

Depois de casada, a mulher deveria continuar a se comportar de acordo com as regras sociais. “A mulher casada deveria ter o marido e filhos como centro das suas preocupações” (BASSANEZI, 2004, p. 627).

Reforçava-se a idéia de *felicidade conjugal*, e para obtê-la era necessário um bom desempenho nas *prendas domésticas*, uma *boa reputação*, abdicar do comportamento de moça solteira, não sair com amigos. Não ser muito vaidosa e vestir-se com sobriedade para não causar o ciúme do marido, não chamar a atenção de outros homens, ser econômica e não discutir com o marido por questões de dinheiro eram normas para a vida conjugal. A companheira perfeita era aquela que procurava agradar o marido e evitava discordar de suas opiniões. Qualquer forma de protesto feminino era desestimulada. A hegemonia desse ideal de felicidade aconteceu entre contradições e conflitos (BASSANEZI, 2004, grifo da autora).

Como conceber que um ser humano, neste caso uma mulher, tenha que abdicar de seus desejos, gostos e amizades para agradar outra pessoa? Ela então não está sendo ela, mas representando um papel com direito a ensaio, uma verdadeira dissimulação que é aceita por todos por um bem maior – o não conflito. Ora, até Gandhi, um homem indiano conhecido por ser um pacificador, admitia que para conquistar a paz, o conflito poderia ser um caminho.

Quando não cumpria as regras sociais, a mulher era alvo de reprovação. Um exemplo eram aquelas mulheres que não abortavam seus filhos e assumiam uma gravidez fora do casamento. Ser mãe solteira era motivo de reprovação social, e para minimizar seu grave erro era necessário viver respeitavelmente em função do filho (BASSANEZI, 2004).

A revolução da mulher teve seu início no fim do século XIX e desenvolveu-se plenamente após a Segunda Guerra Mundial. Com a pátria em perigo, os espaços foram se abrindo às mulheres que, com desenvoltura, ocuparam-se dos trabalhos nas fábricas, nos escritórios, nas universidades. Elas eram rápidas no aprendizado e, estimuladas pela competição, assumiam os mais sofisticados ofícios, apesar do preconceito e da desconfiança (TELLES, 2004).

Para Souza-Lobo (1991), as mulheres e a sociedade mudaram. Ocupando os espaços públicos, as mulheres adquiriram uma nova identidade, descobriram-se como sujeitos de suas próprias vidas e capazes de intervir nos seus próprios destinos.

O feminismo questionou a distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e o “público”. Contribuiu com discussões sobre a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças. Enfatizou como uma questão política e social a forma como as mulheres eram formadas e produzidas como sujeitos generificados. Politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas. De um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, chegou à contribuição no que se refere à expansão para a inclusão da *formação* das identidades sexuais de gênero. Substituiu a questão da diferença sexual pela identidade única dos homens e mulheres (HALL, 2005, grifo do autor). Ou seja, admitiu-se uma identidade única para homens e mulheres, superando-se a identidade sexual de gêneros.

Dessa forma, as mulheres, antes resignadas ao espaço doméstico para o cuidado com a família, agora questionam o modo como a sociedade é organizada, de forma generificada com papéis distintos para o feminino e o masculino. Criam oportunidades e lançam-se para a expansão desse território por meio da gradativa ocupação de postos de trabalhos antes apenas masculinos e, por consequência, posicionam-se como cidadãs com direitos.

Contudo, é importante considerar que isso é uma história recente. DeSouza e Baldwin (2000) descrevem a construção social dos papéis sexuais utilizando-se de autores que destacam a mulher atrelada ao modelo de “Maria” como arquétipo que influencia a mulher brasileira desde a colonização. Em suas conclusões, indicam a necessidade de avançar para além desse modelo, descobrindo novos arquétipos para a mulher brasileira do futuro.

Com o posicionamento feminino frente às questões que lhe foram impostas e socialmente construídas, as mulheres ampliaram seus espaços e possibilidades, embora isso não signifique o fim da sua condição de diferença social e histórica em relação aos homens.

Reconhece-se que a mulher de São Francisco Xavier ampliou o espaço privado para o público e que também teve que se posicionar para a ampliação desse espaço. Esta mulher também recebe influência dos aspectos macrodeterminantes, como os da cultura européia, quanto à responsabilidade pelo zelo e sucesso da família. Recebeu influência também da mulher indígena, e Freyre (1987) ilustra bem esse fato, quando aborda sua importância para a formação do povo brasileiro. Observa que, ainda que numa sociedade primitiva, destacaram-se os cuidados domésticos com a prole e com a comunidade, tanto para seu sustento alimentar

quanto para os cuidados físicos, na confecção de objetos utilitários. Essas habilidades foram utilizadas pelos colonizadores, para alcançarem seus objetivos.

Ao recorrer a autores que estudaram a história da mulher e das implicações das relações de gênero, a intenção foi trazer para a discussão elementos que ajudassem na compreensão do seu lugar na atualidade, sobretudo aquelas que são objetos deste estudo.

2.4.1 Mulheres, trabalho e produção artesanal

Abordaremos esse assunto considerando que as mulheres estudadas se reúnem também com a função de geração de renda e, para tanto, nos produtos artesanais que desenvolvem está intrínseco o trabalho e a transmissão de cultura.

Inúmeras organizações, como as empresas, por exemplo, fazem parte da vida dos sujeitos influenciando sua cultura, valores e comportamentos e, para compreender e ilustrar a dimensão atribuída às organizações, serão abordadas, aqui, algumas definições.

No dicionário sociológico, a definição de organização corresponde a “conjuntos humanos ordenados e hierarquizados em ordem a assegurar a cooperação e a coordenação dos seus membros para determinadas finalidades” (BOUDON *et. al.*, 1990, p. 182). Toda organização está inserida em um espaço cultural e social que dela recebe influência e que determina como será administrada. São instrumentos criados para outros fins, e dependem das pessoas para atingi-los.

Por meio das interações entre as pessoas são definidos seus propósitos, o que explica o quanto as ideias sobre tarefas, metas, propósitos e objetivos se tornaram conceitos organizacionais tão fundamentais (MORGAN, 1996, *apud* PIRES; MACEDO, 2006). As organizações são construídas ao longo do tempo, incorporando novos atores e novos conhecimentos organizacionais, cuja compreensão não é tarefa fácil (JUNQUEIRA, 2004). O dicionário de sociologia conceitua Organização Social como um:

[...] conjunto das modalidades de organização de um grupo social e dos tipos de relações que existem no interior e entre diversos domínios de toda a sociedade (tanto ao nível do parentesco como da organização económica e política) (BOUDON *et. al.*, 1990, p. 182).

Constituídas historicamente por meio das relações e das necessidades dos indivíduos em seu contexto, expressam as características de um determinado povo, grupo ou comunidade, de acordo com sua realidade cultural. Uma organização estabelecida reconhece e

reforça determinadas crenças, valores, conhecimentos e comportamentos, em detrimento de outros. Os valores organizacionais são definidos como:

[...] princípios ou crenças, organizados hierarquicamente, relativos a estados de existência ou a modelos de comportamentos desejáveis que orientam a vida da empresa e estão ao serviço de interesses individuais, coletivos ou mistos (TAMAYO; MENDES e PAZ, 2001).

Como abordado, nas suas inter-relações o ser humano se desenvolve, idealiza e, diante dos seus objetivos, cria estratégias para sua concretização. Tais estratégias podem ser expressas pela formação de instituições e organizações específicas, inclusive para geração de renda para manutenção dos idealizadores ou colaboradores, principalmente por meio do trabalho, condição que permite a transformação do seu meio.

Nessas relações, homens e mulheres colocam-se no lugar produtivo, e esse lugar é historicamente construído. Sobottka (2009) analisa a idéia de trabalho como forma central de alocar a riqueza produzida socialmente e como eixo estruturador das relações na sociedade moderna.

O trabalho pode contribuir para a emancipação dos sujeitos ou para sua estagnação, pois:

O trabalho e as preocupações ligadas a ele ocupam grande parte da vida, envolvendo, por um lado, o período de adestramento que acaba confundindo com o próprio cotidiano do adulto e, por outro, representa sua inserção obrigatória nas relações econômicas e sociais (ROGGERO, 2010, p. 66).

O adestramento a que se refere a autora supracitada remete à construção do conhecimento de uma forma alienante, com possibilidades de massacre da subjetividade dos sujeitos, pois aprenderão e apreenderão conhecimentos e técnicas que serão utilizadas no contexto produtivo, ligadas intimamente a sua possibilidade de subsistência ou não, no mercado capitalista.

Homens e mulheres estão inseridos no processo produtivo. Para Bueno (2006), associar a questão de gênero à mulher relaciona-se a sua posição histórica e cultural, que revela a existência dos universos masculinos e femininos numa relação de co-dependência. Trata-se de algo subjetivo, e não apenas de uma identidade sexual, pois não é apenas a diferenciação entre os corpos que demarca as relações sociais.

Divisão sexual do trabalho, expressão utilizada primeiramente por etnólogos, para designar uma repartição “complementar” das tarefas entre homens e mulheres, foi adotada pelas antropólogas feministas com um novo conteúdo que, conforme Mathieu (1991a) e Tabet (1998), citados por Kergoat (2009), designa uma relação de poder entre homens e mulheres. A

expressão adquiriu conceito analítico nas disciplinas, como a história e a sociologia (KERGOAT, 2009).

Ou seja, trata-se de um conceito relacional e dialético. Dessa forma, as relações de gênero expressam a forma como essa produção acontece, principalmente se observada sob seus aspectos históricos e culturais, visto que, na atualidade, a mulher se coloca nessa produção de forma diferenciada daquela de cem anos atrás.

Nessa relação dialética, homens e mulheres ocuparam historicamente posições distintas em dado tempo e espaço, ou seja, conforme o contexto e a cultura.

A relação de poder existente colocou a mulher trabalhadora em uma condição de subalternidade. A forma como se configura atualmente essa divisão é resultado de uma construção histórica com elementos culturais determinantes.

Hirata e Segnini (2007) destacam que, no Brasil, dados estatísticos do período de 1990-2002, analisados por Bruschini e Lombardi, confirmam a intensificação de dois movimentos opostos. De um lado, verificou-se a crescente participação das mulheres no ensino médio e superior. No mercado de trabalho, acesso a profissões de prestígio, a cargos de diretoria no setor formal da economia. Por outro lado, verificou-se que a situação subordinada e mais precária das mulheres e das trabalhadoras não foi superada, por exemplo, o da responsabilidade doméstica e familiar avaliada pelo elevado número de horas que se dedicam aos afazeres domésticos. O acesso de mães de filhos pequenos ao mercado de trabalho esbarra na segregação em setores e ocupações tradicionalmente femininas. Há proporção considerável de trabalhadoras em atividades precárias, como o emprego doméstico sem carteira, trabalho não remunerado, trabalho para o autoconsumo e consumo familiar. O desemprego feminino reflete que as desigualdades se intensificam muito mais, quando analisadas pela dimensão racial, ou seja, há uma condição ainda mais precária entre as mulheres negras.

É esta mulher do século XXI que convive com a competitividade no mercado de trabalho e que contribui com o seu crescimento e na ocupação de posições de prestígio. No entanto, isso não a distancia das desigualdades, o que determina também sua inserção no mercado produtivo informal como uma estratégia de sobrevivência.

Hirata e Segnini (2007) discutem que a flexibilidade surgiu no começo dos anos 1980, referindo-se às mudanças na organização do trabalho e na produção, e, posteriormente, na flexibilidade do emprego. Para as autoras, o termo flexibilidade tem uma conotação ideológica e mascara a precariedade do trabalho, pois é um conceito de múltiplas explicações que remete à questão da flexibilização das relações do trabalho. O trabalho domiciliar, à distância ou em empresas terceirizadas concorrem para o desenvolvimento da produção

“flexível”, e explora ainda mais a mão de obra do trabalhador, considerando a divisão sexual do trabalho como pré-condição para a realização dessa flexibilidade.

A flexibilização do trabalho pode ser caracterizada como um trabalho precário, e essa configuração para as mulheres é condição ainda mais grave.

A característica da divisão sexual do trabalho decorre das relações sociais de gênero historicamente adaptadas a cada sociedade, que destinam prioritariamente aos homens a esfera produtiva de funções de forte valor social agregado, e às mulheres, a esfera reprodutiva. Seus princípios organizadores são o da separação que reconhece a existência de trabalhos de homens e outros de mulheres, e o princípio da hierarquização, que considera que o trabalho de homem “vale” mais do que o da mulher (KERGOAT, 2009).

Se, por um lado, o trabalho oferece condições para os indivíduos acessarem bens e serviços essenciais para sua existência, além de conferir posição social e uma identidade própria, por outro lado a distinção de gênero e a precarização das relações trabalhistas induzem os indivíduos a encontrarem alternativas para a geração de renda por meio de uma produção coletiva cooperativista ou a ela assemelhada. Iniciamos esta discussão, pois se faz importante compreender se a geração de renda dos “Grupos de Mulheres” está mais vinculada às artes por meio do artesanato ou a uma alternativa de geração de renda visando à inserção dessas mulheres no mercado produtivo, em face das características do trabalho flexível.

Dessa forma, é importante também uma reflexão sobre os trabalhos artesanais, e isso implica pensar no passado, nas suas origens, pois somente com a industrialização e o avanço tecnológico eles foram colocados em segundo plano, frente às produções industriais, pela rapidez com as quais são fabricadas e pelo custo final que chegam ao consumidor. A produção artesanal caracteriza-se como uma produção que é controlada desde sua idealização até o produto final, ou seja, idealização, planejamento, construção e acabamento.

Sennett (1999) destaca que a tecnologia proporciona um fazer controlado, por exemplo, a quantidade de matéria-prima e duração dos processos para se fabricar um pão. Dificilmente o trabalhador errará, mas tal produção automatiza também os sujeitos. Alguma situação inesperada, como a quebra de uma máquina, condiciona os trabalhadores a uma resignação, ao passo que a produção artesanal pelos “padeiros” permite que, além de se reconhecerem pela identidade profissional, pensem e reajam ao inesperado de forma criativa, pois sabem que todo o processo produtivo depende deles. Não se trata apenas de apertar painéis e botões de forma mecânica.

Freire (1979) discute o conceito de sociedade fechada que se organiza de forma rígida e autoritária, que se caracteriza pela conservação do *status* ou privilégio e em que há uma

dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual, sendo o primeiro degradante, e o segundo, digno. Justifica sua ideia com o exemplo de que um pai intelectual não gostaria que seu filho fosse um mecânico, se pudesse ser um médico, mesmo que tivesse vocação para ser um mecânico.

Ora, se a sociedade brasileira mostra-se conservadora e rígida à mobilidade social, ocupações como a de um artesão, sendo este um trabalho manual, é alvo de preconceitos e relegado às classes menos favorecidas economicamente, sobretudo por não terem acesso democrático aos meios que possibilitam a formação acadêmica. Outra situação que merece destaque é o trabalho e a formação alienada que muitas vezes se apresenta com características emancipadoras. Roggero (2010), em um estudo realizado com arquitetos, discute com muita propriedade este aspecto, e destaca que:

Adorno denuncia a falsidade presente na formação que é oferecida numa estrutura de dominação que aprisiona o indivíduo na alienação imposta pelo trabalho e tanto Adorno quanto Marcuse e Benjamim reconhecem a subordinação da arte à lógica da cultura afirmativa e o quanto esse fato mantém a ilusão da liberdade. Simultânea e contraditoriamente, os autores encontram, na própria negação, o caráter emancipado e emancipador da arte, o que não poderia ser encontrado na formação ou no trabalho. Quanto mais negada, mais a arte denunciaria a impossibilidade da subjetividade livre sob a dominação imposta pelo capital (ROGGERO, 2010, p. 38-39).

Obviamente, um artesão nem sempre é ou será um artista, mas esta citação clarifica e demarca a categoria que apresentamos, visto que está no limiar entre o trabalho e a arte. Integra o trabalho manual, distanciando-se, em tese, do trabalho alienado, pois sua criação precede a reflexão e o domínio da produção. Em alguns casos, confere a autonomia necessária à emancipação do trabalhador, observando-se que “[...] a arte não é libertadora por si só” (ROGGERO, 2010, p. 47).

O artesanato situa-se entre a arte, e esta não é apenas a totalidade dos seus momentos técnicos. O que menos aliena a arte é que nela tudo passa pelo espírito e é humanizado sem violência, e na sua realidade extinguem-se as intenções do sujeito (ADORNO, 1970, *apud* ROGGERO, 2010).

As intenções do sujeito são “diluídas” no objeto final e o seu processo difere da produção industrial, que aliena o trabalhador.

Roggero (2010) discute que o ser humano, ao longo da história, tentou em vão se libertar do aprisionamento de sua subjetividade por meio do trabalho alienado e das estratégias do capital. A autora supõe que, com o surgimento de novas formas de dominação social, novas formas de resistência também são criadas, e aproximam o homem da possibilidade de libertação. Adverte que, apesar de hoje a arte estar contaminada pela lógica

do capital, sendo histórica e refletindo o indivíduo de seu tempo, seu caráter autônomo pode se converter de fagulha libertadora a fogo liberador da subjetividade.

Se o trabalhador artesanal é dotado de força criativa e inovadora, como se poderá pensar que ele é livre, senão pela sua vontade e desejo de criar?

Em relação aos artesãos, é necessário considerar a identidade do grupo, pois a profissão se revela como instrumento de legitimidade e também como elemento de distinção e reconhecimento mútuo (ZARCA, 1983, *apud* BOUDON *et. al.*, 1990).

O dicionário sociológico agrega na definição a palavra artesão e artesanato, que estão atreladas a questões jurídicas e administrativas. Trata-se de um trabalhador manual, formado no trabalho por aprendizagem direta, exercendo-o sozinho ou com a ajuda da sua família e de alguns companheiros. Até a Revolução Industrial, o termo "artesão" aplicava-se ao operário, sem referência a uma profissão. No século XIX, assinalava um estatuto (o de "patrão") que o distinguia da massa dos assalariados e o aproximava do lojista. (BOUDON *et. al.*, 1990).

Conforme descrito por Falci (2004), a mulher artesã esteve presente no Brasil entretendo-se com os afazeres artesanais diante da espera de um marido ou quando este não tinha condições de sustentar a família. Nesse caso, eram as mãos habilidosas na fabricação de gêneros alimentícios ou de trabalhos em crochê e outras técnicas que garantiam o sustento da família. Nessa época, aquelas que faziam artesanato para vender sentiam-se envergonhadas e, para tanto, recebiam a ajuda de outras pessoas de sua relação para a comercialização dos produtos.

Com influência das européias e das indígenas, a mulher brasileira de hoje continua produzindo artesanato e, sobretudo de forma criativa, se reinventa e traz para si as responsabilidades pela sua família, pela sua prole.

Esta discussão é importante para a compreensão da mulher na sociedade atual, principalmente em um local com características rurais e tradicionais que favorecem a prevalência de funções distintivas de gênero (CAMPOS, 2002), neste caso, incluem-se as relações de trabalho e do fazer artesanal.

Outro aspecto relevante desta revisão para a presente pesquisa refere-se à mulher que trabalha. No caso das mulheres de São Francisco Xavier, a produção artesanal carrega um duplo sentido: o de produzir algo e o de se relacionar. Ambos convergem para o desenvolvimento humano, pois se supõe não ser um trabalho alienante. Pensar nesta ação como um meio de geração de renda seria apenas negar esta duplicidade. No entanto, há que se pensar nesta mulher que, inserida na cadeia produtiva, é responsável por produzir algo. Nesse caso, se nos distanciarmos da produção, sem pensá-la como artesanal, perceberemos que seu

trabalho, assim como o da maioria das mulheres, também é flexível, do ponto de vista abordado por Hirata e Segnini (2007), ou seja, vitimiza-as, se pensarmos pelo aspecto das condições desse trabalho, que ocorre sem a proteção da legislação, por exemplo. Dessa forma, nosso enfoque será no fazer artesanal, e não nas relações de trabalho, considerando que no trabalho que desenvolvem o objetivo principal não é a geração de renda.

O artesanato é uma forma de produção primitiva, se comparada à industrial, mais holística, uma vez que o processo é controlado desde sua idealização até sua finalização. Portanto, o artesanato insere-se no mercado competindo com os produtos industriais. Se, por um lado, seus produtores podem se reconhecer como parte do processo e seu produto como um agente transformador de si mesmos, nos “Grupos de Mulheres” essa produção pode estar vinculada ao fazer terapêutico ou ao trabalho flexibilizado. No entanto, nas narrativas das mulheres identificou-se que o que agrega mesmo nesse fazer é o desejo de estarem juntas e de pertencerem ao grupo. Estar junto, para os sujeitos deste estudo, remete às questões da sua própria existência.

Compreende-se que se trata de algo cultural que culminou na formação da identidade das participantes. Na sequência deste relato de pesquisa, destacam-se os aspectos ligados à cultura e à identidade.

2.5 CULTURA E IDENTIDADE

Discutiremos aspectos relacionados à cultura, considerando sua relevância na construção identitária dos sujeitos - individuais ou coletivos, visto que a cultura abarca todas as discussões desta pesquisa. Na cultura inserem-se as comunidades, os grupos, os aspectos da distinção de gênero, o fazer artesanal, a transmissão de saberes, as inter-relações, enfim, por meio dela o ser humano se relaciona com seu meio, se socializa e se desenvolve.

Laraia (2004) afirma que a primeira definição de cultura foi feita por Edward Tylor, no livro *Primitive Culture*, sob o ponto de vista antropológico, e que o autor a concebia como um fenômeno natural, com causas e regularidades que permitiam estudos objetivos e análises passíveis de formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. Para Freire (1979), cultura é tudo o que é criado pelo homem.

Retomando as maneiras com as quais a identidade nacional e a cultura brasileira foram consideradas por teóricos como Freyre e Pinto, o antropólogo Ortiz (2006) preocupou-se em compreender como a questão cultural se configura atualmente de forma tão distinta em

relação ao passado, e compreendê-lo se faz necessário para entender o presente, sobretudo com o desenvolvimento do capitalismo, a partir dos anos 1960.

O desenvolvimento do capitalismo interferiu na economia global, pois, conforme Giddens (2005), é um sistema econômico sustentado na livre iniciativa e na concorrência econômica, ou seja, baseado no câmbio de mercado, cujo capital refere-se a qualquer bem (dinheiro, propriedade e máquinas) utilizado para a produção de *commodities* para a venda ou investimento em um mercado visando algum lucro. Praticamente todas as sociedades industriais de hoje têm uma orientação capitalista.

O Brasil foi um país industrial e capitalista no século XX e, sobretudo na década de 1960, quando houve a implantação de inúmeras indústrias, o que repercutiu na vida das pessoas, trazendo novos eventos históricos à cultura de seu povo.

Segundo Hall (2005) a narrativa de uma cultura nacional pode ser detectada por cinco elementos principais.

O primeiro, a narrativa da nação contada e recontada nas histórias e literaturas nacionais que fornecem imagens, cenários, eventos históricos, símbolos, rituais que representam as experiências e dão sentido à nação.

O segundo elemento refere-se àqueles que permanecem imutáveis, apesar da história.

O terceiro, a *invenção da tradição* que, conforme Hobsbawn e Ranger (1983 *apud* HALL, 2005, grifo dos autores), busca inculcar valores e normas aos comportamentos por meio das repetições.

O quarto elemento é o *mito fundacional*, uma história que localiza a origem da nação.

E o quinto elemento simbólico é baseado na idéia de um povo ou *folk* puro, original.

Ortiz (2006) relaciona memória coletiva e memória nacional. Ele define a memória nacional como aquilo que é nosso, um prolongamento da memória coletiva popular. Utilizou o exemplo do candomblé e seus rituais com práticas religiosas que permitem a encarnação da memória coletiva africana por meio de seus cultos e da transmissão oral do conhecimento. Seus papéis estão vinculados a grupos determinados. A revivificação é um mecanismo de conservação, enquanto a dispersão é um mecanismo de esquecimento. A memória coletiva existe enquanto vivência que se manifesta no cotidiano das pessoas. No caso das expressões folclóricas, a ressalva está na pluralidade e em sua manutenção, pois acontece a partir da repetição – celebrações sucessivas. O problema do esquecimento está relacionado às dificuldades de se manter a coesão do grupo.

Para Lopes (1995, p. 23), a “[...] cultura se apresenta como conjunto de transformações, apropriações e interpretações que o homem realiza junto à natureza”, ou seja, nas suas relações com o ambiente em que vive e com as pessoas que o cercam.

Marconi e Presotto (2001) descrevem que o indivíduo, nas suas inter-relações, é capaz de se transformar em agente de mudança cultural de forma dinâmica e inovadora. Incorpora, por meio da endoculturação, que é o “[...] processo que estrutura o condicionamento da conduta, dando estabilidade à cultura” (HERSKOVITS, *apud* MARCONI; PRESOTTO, 2001, p. 66), características próprias do grupo em que vive. “O indivíduo não é visto como um simples receptor e portador de cultura, mas como um agente de mudança cultural, desempenhando papel dinâmico e inovador” (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p. 29) e, “[...] ao mesmo tempo, e contraditoriamente, a cultura é o lugar onde se produz a alienação e onde se dá o embate do sujeito consigo mesmo pela sua libertação” (ROGGERO, 2010, p. 159).

Nesta última citação, a autora remete cultura a um lugar e o faz metaforicamente, para expressar as diversas e históricas intervenções do ser humano na natureza, sendo de extrema importância pensar esses “lugares” como possibilitadores de liberdade ou alienação. De que adianta o ser humano evoluir científica, tecnológica e moralmente, se não consegue se libertar?

Manter uma determinada cultura em detrimento de outra, interpretá-la, transformá-la ou se apropriar dela é um processo gradativo que só ocorre quando faz sentido para o indivíduo ou para o grupo a que pertence.

A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora, em geral, traços de outras culturas quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida (HOLANDA, 1995).

O ajuste a que se refere o autor está ligado às pressões e inter-relações que os processos culturais promovem, por exemplo, a transição de um grupo misto para um grupo composto apenas por mulheres. Essa mudança foi possível e necessária, pois as mulheres ajustaram aquela realidade aos seus “quadros de vida”.

Esses conceitos são importantes para compreender como uma sociedade se organiza, reconhece e reforça determinados elementos culturais em detrimento de outros, e reforça ou nega determinadas identidades, seja nos aspectos subjetivos, históricos, sociais ou objetivos e materiais, como em alguns dos seus símbolos.

Marconi e Presotto (2001) observam que os componentes culturais são os conhecimentos, as crenças, os valores, as normas e os símbolos. Destacam que os

conhecimentos são transmitidos de geração em geração e que podem ser práticos, garantir a sobrevivência e agregar aspectos referentes à organização social.

A crença “[...] é a aceitação verdadeira de uma proposição comprovada ou não cientificamente. Consiste em uma atitude mental do indivíduo, que serve de base à ação voluntária. Embora intelectual, possui conotação emocional” (MARCONI; PRESOTTO, 2001).

A crença pode mascarar a razão, contribuir com o engano e ser maléfica a um grupo social, mas pode também ser propulsora de desenvolvimento, pois mobiliza pessoas em torno de algo.

Marconi e Presotto (2001) destacam que o valor incentiva e orienta o comportamento humano e que sua importância pode ser reconhecida por meio da pesquisa social ou psicológica. Os valores expressam situações e objetos considerados bons, desejáveis, apropriados, atribuídos pelos membros da sociedade, e as normas são regras que contribuem para a organização da sociedade referente ao pensar, sentir e agir em dadas situações. Os símbolos, realidades físicas e sensoriais, que possibilitam ao ser humano a transmissão dos seus conhecimentos acumulados nas gerações, representam coisas concretas ou abstratas e a eles são atribuídos significados específicos. São de fundamental importância na arte.

A arte em cerâmica esteve presente em comunidades primitivas e, no Brasil, a mulher já ocupava uma posição reconhecida nessa tradição do fazer artesanal, pois Hartt (*apud* FREYRE, 1987) salienta que a arte cerâmica entre os indígenas no Brasil se desenvolveu pelas mãos da mulher, sendo uma arte tardia, precedida pelos trançados impermeabilizados, como vasilhames para condicionar líquidos. Contudo, os trançados eram uma arte mais dos homens do que das mulheres.

Por meio do artesanato, as mulheres do distrito transmitem saberes, expressam-se, geram renda e interagem. Ao mesmo tempo em que produzem materiais concretos, também produzem aspectos subjetivos por meio da construção da identidade social e grupal. Desse modo, “[...] quando os símbolos são estabelecidos entre pessoas preparadas para saber a forma e o sentido que eles têm na tradição cultural, esses indivíduos participam de entendimentos comuns” (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p. 51).

Neste aspecto, o artesanato, componente cultural de uma sociedade, um dos símbolos predominantes nos “Grupos de Mulheres”, é produto do fazer humano. Pode ser feito por meio da utilização de algum maquinário, contudo submetido à vontade do seu criador, que basicamente o faz usando as mãos, com liberdade para definir o ritmo de produção, a forma que pretende dar ao objeto, pois é produto de seu saber e de sua cultura. Conforme Lima

(2005), o artesanato é alvo de muitos discursos, daqueles que preconizam a conservação do objeto nas condições em que foi produzido, por entenderem que ele é testemunho do passado a ser preservado, ou que preconizam sua adequação para atender às necessidades do mercado, como o *design*, por exemplo.

As produções artesanais inserem-se no mercado produtivo e de consumo, mas o que o diferencia é que “[...] a condição de expressar flagrantemente uma identidade cultural dá a essa classe de objetos uma tremenda vantagem quando colocada frente a frente com outras categorias na disputa pelo mercado” (LIMA, 2005, p. 2).

Se o artesanato pode expressar a identidade de um grupo, de um povo, de um país, ele não é o único componente de uma construção identitária diante da complexidade que o termo identidade carrega.

Cuche (2002) defende ser difícil delimitar identidade pelo caráter multidimensional e dinâmico que lhe confere complexidade, mas também flexibilidade, ou seja, presta-se a reformulações e até manipulações, e utiliza o conceito de “estratégia de identidade”, sendo neste caso a identidade um meio para atingir um objetivo. Em função da avaliação da situação, o indivíduo utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica, e as estratégias devem levar em conta a situação social, a relação de forças entre os grupos e as manobras dos outros grupos. Observe o conteúdo identitário da frase da Figura 5. Concebida individualmente num processo coletivo:



Figura 5– Frase do painel
Fonte: (SOUZA, 2012)

Para Devereux (*apud* CUCHE, 2002, p. 197), “[...] identidade é sempre resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou indivíduo afirma de si mesmo”.

Conceituar identidade não é uma tarefa fácil. Para elucidar melhor, recorremos a Hall (2005), que apresenta três concepções:

A primeira delas, do sujeito do Iluminismo, baseada num indivíduo centrado num núcleo interior, cujo centro essencial do eu é a identidade da pessoa.

A segunda, do sujeito sociológico, que reconhece a complexidade do mundo moderno cujo núcleo autônomo do sujeito não é autossuficiente, e seu “eu real” é modificado num diálogo contínuo como os mundos culturais “exteriores” e com as identidades que esses mundos oferecem. Esta identidade preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo privado. Os significados e valores tanto são projetados pelos sujeitos quanto são internalizados por eles. Essa identidade contribui para alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que são ocupados no mundo social e cultural.

Já a terceira concepção de identidade é a do sujeito pós-moderno, que se caracteriza pela inexistência de uma identidade fixa, essencial ou permanente. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. A identidade unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Com a multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural há um confronto de possibilidades de identidades com as quais o sujeito pode se identificar pelo menos temporariamente.

Um conceito abordado por Giddens (2005) é o de Identidade social, que posiciona o indivíduo em relação a outras pessoas com o mesmo atributo e que indica, em um sentido básico, quem é a pessoa. São exemplos de identidades sociais o estudante, a mãe, o asiático, portanto, um indivíduo pode ter múltiplas identidades sociais. Com uma dimensão coletiva, as identidades sociais, quando compartilhadas e baseadas em objetivos comuns, de valores ou de experiências, podem formar uma base importante para movimentos sociais, como os feministas e os ambientalistas, por exemplo.

Uma questão que se relaciona com a identidade social é o *status* das pessoas no contexto em que estão inseridas, que lhe garantem usufruir benefícios, regalias, ou mesmo serem marginalizadas.

Nesse aspecto, o *status*, conceito sociológico que define uma honra ou prestígio social conferido a um indivíduo ou a um grupo específico, pode ser positivo ou negativo. Há uma subdivisão entre os *status*. Um deles é o atribuído a fatores biológicos como raça, sexo ou idade; o outro é o conquistado, que se refere ao esforço individual, como a conquista de um diploma; e, por último, o mestre, que tem prioridade sobre outros indicadores de posição social e que determina a posição geral de uma pessoa na sociedade (GIDDENS, 2005).

As mulheres dos “Grupos de Mulheres” usufruem de *status* por simplesmente fazer parte do grupo, pois a comunidade o aceita e o reconhece como importante meio de divulgação do distrito, admira as suas produções e apoia suas iniciativas comunitárias.

Outros teóricos contribuíram com reflexões sobre questões de como os sujeitos se inserem na sociedade e como suas identidades são construídas, transitando, desde a universalidade e unidade, a processos inconscientes, linguagem, controle e movimentos sociais que se opuseram ao capitalismo, sobretudo os feministas, como explicitado adiante.

Hall (2005) descreve cinco grandes avanços na teoria social que contribuíram para o descentramento do sujeito cartesiano. O primeiro, relacionado à teoria de Marx interpretada por outros autores como Louis Althusser, que postulam que há uma essência universal do homem, atribuída a um sujeito singular e real. O segundo, relacionado à teoria psicanalítica de Freud, em que a identidade não é algo acabado, mas formado por meio de processos inconscientes, ao longo do tempo, portanto não inato. O terceiro está associado ao linguista Ferdinand de Saussure, que defende que falar uma língua significa ativar nossos sistemas culturais. O significado das palavras surge nas relações de similaridade e diferença das palavras, e é instável, pois procura seu fechamento, sua identidade. O quarto, baseado no historiador Michael Foucault, destaca outro tipo de poder, o “poder disciplinar”, que se preocupa com a regulação, a vigilância. É o governo do ser humano ou de populações, do indivíduo e do corpo. Maiores serão o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia. O quinto e último descentramento abordado pelo autor é o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica, quanto como um movimento social. O feminismo é parte dos “novos movimentos sociais” que emergiram com outros movimentos na modernidade tardia. Na década de 1960, opondo-se à política liberal capitalista do Ocidente e à “estalinista”, do Oriente, afirma as dimensões “subjetivas” e “objetivas” da política e contribui para o nascimento da *política de identidade*, ou seja, uma identidade para cada movimento (HALL, 2005, grifo do autor). Sobottka (2009) destaca que Hegel, em sua obra “Princípios de filosofia do direito”, discute como a sociedade moderna que se torna individualizada pode encontrar novos fundamentos para se estruturar e novos critérios para que as pessoas possam construir sua identidade e o trabalho, o lugar social desses dois processos.

Alves (1997) destaca que, para Habermas, o indivíduo se torna pessoa quando supera uma identidade vinculada ao desempenho de papéis para uma identidade do Eu, a partir de comportamento reflexivo que torna possível compreender e distinguir autonomia de heteronomia, normas particulares e universais, individualidade e Eu em geral.

Uma determinada cultura, um lugar, um grupo determinado com os quais os sujeitos se identificam, mesmo temporariamente, conforme definido por Hall (2005), evidenciam que a identidade dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier e de seus membros foi marcada pela construção histórica e que representa hoje o retrato do seu tempo, portanto, mutável.

Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal ‘começo-meio-fim’ (HALL, 2005, p. 70).

Mesmo que seja temporária, sua configuração apresenta elementos para análise, que podemos chamar de contemporaneidade. Para isso, é importante o desvendar da sua construção histórica e os elementos de sustentabilidade, pois as “[...] identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes” (HALL, 2005, p. 73).

Os elementos contemporâneos evidentemente são marcantes para o estudo em questão, e a transitoriedade, que marca os dias atuais, tem nas suas raízes muitos determinantes. Freire (1979) destaca que para se estudar a mudança é necessário estudar também a estabilidade, ambas criações do homem que inevitavelmente se contradizem.

Esta afirmação nos remete à importância que o processo histórico exerce sobre as comunidades, neste caso os grupos pesquisados, e que compreende o movimento dialético, essencial para esse entendimento.

A importância das identidades locais, regionais e comunitárias, atribuída por Hall (2005), tem base nas configurações do mundo atual, com suas fronteiras abertas pela globalização e com rápida comunicação. Há uma tendência à generalização e, nesses espaços, peculiaridades culturais podem ser mantidas ou extintas, pois ficam enfraquecidas, devido às inúmeras influências que recebem. O autor observa que identificá-las como “fechadas” é uma fantasia ocidental sobre alteridade, uma “fantasia colonial”.

Globalização é um termo utilizado pelos sociólogos que designa os processos que intensificam as relações e a interdependência sociais globais. É criada pela convergência de fatores políticos, sociais, culturais e econômicos (GIDDENS, 2005).

Quando se estuda cultura e identidade, os aspectos globais são importantes para essa compreensão, pois as produções concretas, como o artesanato, ora apresentado, é uma figura simbólica que materializa a construção cultural do grupo com as influências do seu contexto,

mas não exprime, de modo algum, sua totalidade. Apenas observado e analisado no contexto, terá o sentido verdadeiro que o próprio grupo lhe atribui. Essa construção (Figura 6), por exemplo, foi resultado de um aprendizado de uma das participantes do “Grupo Centro”, que socializou as demais num processo longo de apreensão do objeto, incluindo estranhamento.

A sobreposição dos aspectos globais pode influenciar culturas primitivas, enfraquecê-las, modificá-las, contudo é importante destacar que, para não incorrerem nesta “fantasia colonial”, dedicamo-nos à observação e compreensão dos “Grupos de Mulheres” de São Francisco Xavier, do significado de estarem juntas, das produções características, do contexto, da história dos grupos. Identificamos uma produção característica de um artesanato produzido pelas mulheres da região central.

Nesta técnica, o tecido cru é transformado numa base onde são costurados tecidos estampados a ele sobrepostos, mas antes são retiradas as tramas, uma a uma, onde se evidencia uma fenda, um tecido vazado. Os tecidos quadradinhos são costurados semelhantemente a um pesponto transversal. Os tecidos coloridos são cortados previamente no tamanho aproximado de quatro centímetros em cada lado. O resultado final revela um trabalho minucioso. Esteticamente, ao mesmo tempo em que é delicado, apresenta-se um tanto quanto rústico e, sobretudo, alegre. Transforma-se em base para inúmeras peças funcionais ou decorativas, como luminárias e caminhos de mesa, dada a sua versatilidade e beleza. As mulheres do grupo se orgulham muito deste trabalho, principalmente por não encontrarem artesanato semelhante pelas feiras por onde andam e expõem suas produções.

No início houve certa resistência nesse aprendizado, pois nem todas tinham habilidades para medir o tecido e retirar os fios, mas atualmente várias participantes do grupo são capazes de produzir integralmente e de socializar o aprendizado, se necessário. Isso porque conhecem o processo desde o planejamento, retirada dos fios, costura dos tecidos sobrepostos e acabamento final. O tecido pronto transforma-se em matéria prima para a confecção de luminárias, como a da Figura 6, de toalhas de mesa e outros objetos.

Esse fazer pode implicar também divisão da produção motivada por habilidades e gostos, por exemplo, as que têm mais habilidades para a retirada dos fios ficam somente com esta função. Apesar deste relato parecer representar uma cadeia produtiva, na prática o que percebemos são pessoas ajudando as outras nas suas dificuldades, aleatoriamente. Há uma sistematização dessa produção, mas isso não foi tão representativo quanto vê-las com tecido e tesouras nas mãos e decidindo questões práticas.



Figura 6 – Luminária de tecido sobreposto
Fonte: SOUZA (2011)

Encerramos a revisão de literatura compreendendo que a escolha por este caminho de modo algum esgota outras possibilidades para a fundamentação do objeto em questão. Na próxima sessão trataremos sobre o método que orientou a pesquisa e o detalhamento de como foi realizada: população, amostra, coleta e análise dos dados.

3 MÉTODO

O método que orientou esta pesquisa está alicerçado na dialética, visto que considera a dinâmica entre sujeito e objeto, valoriza a contradição entre o fato observado e a atividade criadora do observador (CHIZZOTTI, 1998), e propicia a interpretação totalizante da realidade que considera o contexto social, político e econômico (DIEHL; TATIM, 2004).

O contexto, portanto, é um espaço privilegiado para compreender a realidade estudada, pois possibilita, por meio da visão crítica, captar e analisar os fenômenos individuais e locais, correlacionando-os a uma esfera mais ampla, e sua complexidade está justamente na compreensão do todo e das partes.

Descrever uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, podendo esta ser um grupo, considerando suas relações internas, constitui o objetivo do estudo. Suas principais vantagens são os estímulos às novas descobertas, com ênfase na totalidade e na simplicidade dos procedimentos. Uma de suas limitações está na generalização dos dados obtidos (DIEHL; TATIM, 2004), o que não implica comprometimento desta pesquisa, visto que o grupo, por si só, é a expressão da diversidade.

3.1 TIPO DA PESQUISA

A forma de abordagem do problema estudado é qualitativa. Silva e Menezes (2005) destacam que essa abordagem considera a existência de uma relação dinâmica entre a subjetividade do sujeito e o mundo objetivo, e que a interpretação e atribuição de significados aos fenômenos são elementares.

A opção pela pesquisa qualitativa foi feita pela destacada diferenciação na tratativa dos dados obtidos, considerando a complexidade do fenômeno a ser pesquisado e a importância que a pesquisadora atribui ao significado das diversas interações das pessoas com seu meio.

A pesquisa qualitativa não obedece a um padrão paradigmático, e pode ter diferentes possibilidades para sua execução. Sua sistematização pode ser feita com a mais adequada estratégia para a solução do problema (CHIZZOTTI, 1998).

A natureza da pesquisa é exploratória, descritiva e documental, desenvolvida em interação com os membros do “Grupo de Mulheres”.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população estudada é constituída de mulheres residentes no distrito de Francisco Xavier. A amostra desta pesquisa foi composta por 29 mulheres: 08 integrantes do “Grupo de Mulheres do Bairro dos Remédios”, 13 do “Grupo de Mulheres da Região Central”, 05 do “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara” e 03 da “Associação de moradores de Lavras”.

Como se trata de grupos rotativos, com exceção da comunidade de Lavras, estima-se que a população total seja de 50 membros.

3.3 CENÁRIOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida no distrito de São Francisco Xavier, onde as mulheres se reúnem.

Cenário A – Região central – Grupo de Mulheres da Região Central ou Grupo Centro;

Cenário B – Bairro dos Remédios – Grupo de Mulheres do Bairro dos Remédios;

Cenário C – Bairro das Lavras – Associação de Moradores de Lavras (ALavras);

Cenário D – Bairro Santa Bárbara – Grupo de Mulheres da comunidade Santa Bárbara.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados em campo foram: Caderno de Campo; Entrevistas Individuais e Coletivas (APÊNDICE A); Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), Máquina Fotográfica; Gravador de voz (MP4); Roteiro de História Oral (APÊNDICE B).

O Caderno de Campo contribuiu para sistematização de informações essenciais e para o registro das datas da coleta de dados em campo, horas dedicadas a tais atividades, anotação do nome do grupo visitado, o registro do nome e número das participantes em cada encontro, telefones para contatos futuros, no caso de uma eventual necessidade, e demais anotações sobre informações e impressões a respeito do objeto da pesquisa, além das considerações dos orientadores acadêmicos, quando das orientações.

Coletou-se um total de doze entrevistas: duas com a utilização da metodologia de história oral, com as mulheres do “Grupo Centro”; cinco individuais, também com as mulheres do “Grupo Centro”; cinco coletivas, uma delas com o “Grupo dos Remédios”, uma com o “Grupo Santa Bárbara”, uma com a Associação de Lavras e duas com o “Grupo Centro”. No “Grupo Centro” foram aplicadas duas, visto que a segunda era a continuidade da primeira, pois na ocasião as participantes foram expressivas e, diante disso, não foi possível fazer todas as perguntas do roteiro em apenas uma entrevista.

Para Chamon (2006), a entrevista adapta-se aos estudos em profundidade de uma pequena amostra e busca a complexidade e a riqueza de relatos individualizados. Esse instrumento exige atenção particular a fatores ligados ao entrevistado e ao entrevistador, de acordo com o objeto de pesquisa.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, visando conhecer profundamente o objeto por meio de um roteiro previamente estabelecido, pois, conforme Pádua (2000), na entrevista semiestruturada o pesquisador realiza uma organização preliminar do tema a ser estudado; Contudo, esse tipo de entrevista permite que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que vão surgindo, baseados no tema principal.

A Entrevista Semiestruturada Individual (APÊNDICE A) abordou assuntos relacionados à história da participação no grupo, aprendizados e papéis desempenhados, significados dessa participação para si, para sua família e comunidade, as questões de gênero, as formas de transmissão de conhecimentos, suas origens e vida escolar pregressa.

A Entrevista Semiestruturada Coletiva (APÊNDICE A) tratou das expectativas das participantes em relação ao grupo, à forma da transmissão do saber artesanal, à competitividade dos produtos artesanais no mercado consumidor, aos aspectos motivadores e desmotivadores da participação no grupo e aos aspectos comunitários e políticos.

O Roteiro de Entrevista de História Oral (APÊNDICE B) foi construído com base nos dados obtidos na primeira fase da pesquisa, após a aplicação das entrevistas individuais e coletivas. É composto por nove perguntas e quatro eixos norteadores: Desenvolvimento Humano, Identidade Comunitária, Participação e Trajetórias. Esses eixos referem-se às categorias encontradas em todas as fases das análises dos dados pelo programa ALCESTE©. A entrevista foi realizada com duas participantes do Grupo Centro, intencionalmente, considerando os seguintes critérios:

- a) O conteúdo das duas entrevistas individuais dessas mulheres evidenciaram aspectos relevantes quanto à formação de pessoas, o que está intrínseco nos grupos;

- b) Apresentaram muita desenvoltura, coesão e precisão nos relatos;
- c) Uma das participantes é assídua e frequente o grupo há muitos anos, quase desde sua criação e exerce função de articuladora e mobilizadora;
- d) Uma das participantes frequenta o grupo esporadicamente e compreende que o grupo está mais para as ações coletivas que individuais.

A escolha da ampliação da coleta de dados pela metodologia da história oral ocorreu no Exame de Qualificação, por sugestão de uma examinadora, ampliou-se a coleta de dados para o estudo temático, por meio das histórias de vida de duas participantes do “Grupo de Mulheres da Região Central” tendo em vista o aprofundamento dos dados obtidos, pois:

A biografia trata do particular mergulhado no todo social, possibilitando que se recolha, simultânea e dialeticamente, aspectos da individualidade e da identidade, que se conflitam e se complementam na constituição do homem contemporâneo (ROGGERO, 2010, p. 63).

Para Freitas (2002), “História Oral não é sinônimo de história de vida” (FREITAS, 2002, p. 19). Por esse motivo, não se pretende, com a introdução dessa metodologia, estudar a vida das participantes, mas utilizar aspectos de sua história de vida que espontaneamente contemplem os eixos temáticos estabelecidos pela pesquisadora, com base nos resultados preliminares obtidos. Dessa forma, o objetivo foi estimular seus relatos sobre as temáticas já identificadas na primeira fase da pesquisa, pois “[...] com a história oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico” (FREITAS, 2002, p. 21-22).

Para Meihy (2005), história oral “[...] é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato” (MEIHY, 2005, p. 17).

A oralidade representa um instrumento primário de comunicação. A história oral brasileira é mais eclética, e o contexto histórico e social, com uma pluralidade de culturas orais, lhe confere uma dimensão interdisciplinar (PORTELLI, *apud* FREITAS, 2002).

Considerando que as histórias das participantes dos “Grupos de Mulheres” estão intrinsecamente ligadas à história dos próprios grupos, seu conhecimento favoreceu melhor compreensão e aprofundamento dos dados obtidos.

A máquina fotográfica utilizada denomina-se *Finepix Z35*, da marca *Fujifilm*®. As fotografias foram captadas em resolução de 8 *mega pixels*. O registro de imagens foi feito para observação dos elementos que constituem o objetivo desta pesquisa e para ilustração da

dissertação. Buscou-se a captação de imagens representativas, porém que não identificassem os sujeitos, garantindo assim o caráter sigiloso da pesquisa.

O gravador de voz utilizado era da marca *Philips*®, modelo MP4, com capacidade para oito *gigabytes* (GB). Esse instrumento possibilitou a coleta de dados das entrevistas de forma tranquila, considerando sua capacidade de memória e de alcance para captação do áudio, e considerando também a duração da bateria.

A coleta de dados iniciou-se somente após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNITAU, sob o número 514/10, conforme legislação 196/1996 (BRASIL, 1996), que regulamenta a realização de pesquisas com seres humanos.

O processo de investigação do objeto de estudo aconteceu desde a escolha do tema da pesquisa, em julho de 2010, por meio de pesquisa exploratória sobre os grupos, a Associação de Moradores de Lavras, e sobre o distrito.

O período de coleta de dados aconteceu de fevereiro de 2011 a abril de 2012, num total de quinze dias, e percorreram-se 1.700 quilômetros, para sua realização. Dedicaram-se sessenta e duas horas para a coleta de dados em campo, das quais, vinte oito no trajeto e trinta e seis com as participantes da pesquisa, o que gerou seis horas e cinquenta minutos de gravação em áudio.

O primeiro contato estabelecido foi com uma participante do “Grupo de Mulheres da Região Central”, via telefone, mas o primeiro contato pessoal foi com as participantes do “Grupo de Mulheres dos Remédios”, posteriormente com as mulheres da comunidade de ALavras e, por último, com o “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara”.

O primeiro contato com as participantes do “Grupo de Mulheres dos Remédios”, realizado após agendamento, por telefone, com uma de suas participantes, que apresentou a pesquisadora às demais. A recepção aconteceu no momento em que aprendiam a confecção de produtos artesanais, cestaria em jornal. Curiosos e desconfiados olhares foram dirigidos à pesquisadora. Talvez essa impressão tenha sido ampliada pela própria expectativa da pesquisadora, por ter sido o primeiro dia de pesquisa, e o desconhecimento, naturalmente, já determinava uma tensão. Assim, a pesquisadora participou de mais uma reunião do grupo e, apenas na terceira visita usou o recurso para a captação de voz para uma Entrevista Coletiva (APÊNDICE A). Na ocasião as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), para formalização do consentimento para participação nesta pesquisa.

O primeiro contato com o “Grupo de Mulheres da Região Central” foi realizado em um dia de festividade, no mês de março, na comemoração do “Dia Internacional da Mulher”,

após contato com uma de suas líderes, e obteve-se excelente receptividade. Não foi possível a coleta de depoimentos nessa data, devido à falta de tempo das participantes e da pesquisadora, no entanto, elas mostraram-se prontas para participar da pesquisa, com seus depoimentos.

Com o “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara”, o primeiro contato foi muito amistoso e, logo no primeiro dia, usou-se o gravador de voz para coletar a Entrevista Coletiva (APÊNDICE A). Em virtude da receptividade, a atividade de gravação foi aceita prontamente pelo grupo. Nesse mesmo dia, elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A).

Com a comunidade de Lavras o contato também foi tranquilo. Aconteceu também durante a festividade em comemoração ao “Dia Internacional da Mulher” organizado pelo “Grupo de Mulheres da Região Central”, que reuniu mulheres de toda a comunidade do distrito. Na ocasião, foi agendada uma Entrevista Coletiva (APÊNDICE A) com uma das líderes da Associação dos Moradores de Lavras (ALavras) que desenvolve um trabalho na referida comunidade. A data foi postergada e, no dia da entrevista, foi feita mediante gravação de voz e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO A).

Predominantemente, nos primeiros contatos com as mulheres não se utilizou o gravador de voz ou a máquina fotográfica, visto que se percebeu que elas não ficaram à vontade. Isso porque as mulheres não conheciam a pesquisadora e porque era necessário conquistar a confiança delas, para colher futuros depoimentos com a utilização desses recursos.

Antes da realização das Entrevistas, as mulheres eram orientadas sobre os objetivos da pesquisa, de forma que a coleta de dados fosse feita apenas após o conhecimento e autorização por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A). Observou-se que havia uma rotatividade entre as participantes, portanto em todos os contatos, detectou-se a participação de novos membros durante a coleta de dados. Assim, nas reuniões as razões da pesquisa eram explicitadas e ratificava-se a liberdade para a permissão ou recusa da participação. Dessa forma, as mulheres que participaram da coleta de dados assinavam o termo de consentimento e, nas datas subsequentes, se houvesse novas participantes, era oferecido a elas o termo para a assinatura.

Houve apenas uma recusa de participação, de uma mulher do “Grupo de Mulheres da Região Central”. Como a coleta de dados era por meio da Entrevista Coletiva, ela permaneceu no ambiente e não demonstrou nenhuma objeção quanto a nossa coleta de dados com as demais e quanto à utilização do gravador de voz. Durante a entrevista e diante das

considerações das participantes, essa mulher externou algumas opiniões. Não interrompemos a gravação, mas suas considerações foram suprimidas, garantindo assim seu desejo de recusa.

Uma dificuldade encontrada foi que duas entrevistas precisaram ser refeitas, visto que o gravador, apesar de ter sido manipulado, não ligou. Isso gerou um retrabalho, foi uma situação contornável, sobretudo pela compreensão por parte da entrevistada.

Buscou-se, por meio das observações e registros das atividades dos respectivos grupos, contato com membros do grupo e com outros moradores do distrito, para identificar o grupo que melhor respondesse às questões do problema da pesquisa, para realização de um estudo mais aprofundado. Dessa forma, a Entrevista Individual (APÊNDICE A) foi aplicada apenas junto às participantes do “Grupo de Mulheres da Região Central”, com o objetivo de melhor apreensão do objeto, considerando que nos objetivos da pesquisa previa-se, após estudos preliminares, a escolha de um dos grupos pesquisados, para aprofundamento. Assim, o “Grupo de Mulheres da Região Central” foi escolhido considerando que melhor contribuiria com a explicação do objeto, pelos seguintes motivos: trata-se do grupo mais antigo; manteve-se com sua constituição não formal; recebe mulheres da região central e rural; articula-se com os demais grupos do distrito.

As dez entrevistas, sendo cinco individuais e cinco coletivas, num total de cinco horas e trinta minutos de gravação em áudio, foram transferidas para o programa informatizado *Windows Media Player*, com o objetivo de garantir o armazenamento de forma segura. O conteúdo das entrevistas foi transcrito e gravado em formato de texto no programa informatizado *Microsoft Office Word 2007*. As imagens coletadas foram transferidas para o programa informatizado Galeria de fotos *Windows*. As imagens, os áudios e os textos serão armazenados por um período de cinco anos.

As imagens coletadas em espaços públicos, como no lançamento do segundo livro bordado e na feira de artesanato em São José dos Campos, foram do espaço físico, dos bordados, dos transeuntes e dos sujeitos da pesquisa; contudo, aquelas que identificassem os sujeitos da pesquisa e que contivessem imagens de outras pessoas não foram utilizadas neste relatório, com o objetivo de garantir o sigilo.

Os dados do perfil das entrevistadas foram construídos gradativamente, por meio das informações obtidas nas visitas aos grupos. Elaborou-se um quadro com as informações que seriam coletadas: nome, região de moradia, grau de instrução, profissão, estado civil e se tinham filhos ou não. Esses dados eram preenchidos na medida em que a pesquisadora conhecia as mulheres e se aproximava de suas particularidades. Esse preenchimento era informatizado no programa *Microsoft Office Word 2007* após a visita aos grupos e, devido à não conclusão da

coleta dessas informações durante a pesquisa, alguns dados foram obtidos por meio de contato telefônico com os sujeitos. Todas que receberam o telefonema mostraram-se receptivas, colaborando com as informações prestadas. Não foi possível contatar algumas mulheres, mas isso não prejudicou a elaboração do perfil das entrevistadas.

O fim da coleta de dados foi definido pelo princípio da saturação que, descrito por Fontanella, Ricas e Turano (2008) como uma ferramenta empregada em relatórios de investigação qualitativa para estabelecer ou fechar o tamanho final da amostra em estudo, interrompe a captação de novos componentes.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos na investigação em campo e em pesquisas em literatura científica para a fundamentação teórica, em sites e blogs sobre os grupos e o distrito foram organizados e descritos neste relatório, e as discussões e resultados podem ser apreciados no próximo capítulo.

Os relatórios dos dados obtidos foram organizados gradativamente, ou seja, à medida que os dados eram coletados e transcritos, eles eram analisados por meio de leitura flutuante, buscando identificar os aspectos mais relevantes. Quando da obtenção de dez entrevistas, preparou-se o texto para ser analisado de maneira informatizada por meio da Análise de Conteúdo pelo *software* ALCESTE©.

Conforme Chamon (2007), o *software* ALCESTE© (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de TExte*) foi desenvolvido na Universidade de Toulouse II, França, por Max Reinert (1990). Esse *software* permite a análise do texto por meio de ocorrências simultâneas que, partindo da distribuição do vocabulário do texto, são construídos “mundos lexicais”, ou seja, uma análise lexical contextual que identifica classes e subclasses. O conjunto de palavras que estão próximas entre si e que ocorrem em várias partes do texto indica um “tema” ou uma “classe de discurso” denominada unidades de contexto elementares (U.C.E.) (CHAMON; CHAMON, 2007, grifo dos autores).

Conforme Camargo (2005), o programa ALCESTE© analisa o conteúdo em quatro etapas. A primeira agrupa as ocorrências de acordo com as raízes, transformando-as em uma forma mais reduzida, e calcula sua frequência. A segunda etapa realiza o cálculo das matrizes de dados e a classificação das U.C.E.s a partir do cruzamento dessas matrizes, que fornece as similaridades e diferenças entre as classes e realiza o teste do qui-quadrado. Na terceira etapa,

o programa realiza a definição e descrição das classes e a análise fatorial de correspondência entre as classes. A quarta etapa realiza os cálculos para definir as U.C.E.s mais característicos de cada classe.

O motivo da escolha deste método baseou-se após consulta a Moraes (1999), que explica que a Análise de Conteúdo tem um significado especial para as investigações sociais. Representa uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias que se renova em funções dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Sua matéria-prima pode-se constituir de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não verbal, como entrevistas, fotografias, filmes, relatos que necessitam ser processados para facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência.

Neste relatório os depoimentos das participantes das entrevistas individuais foram identificados por um pseudônimo que faz analogia com os sujeitos da pesquisa, pois foram denominadas pedras preciosas e assemelhados. Essa referência reporta-se às jóias. Elas existem. A elas são atribuídos valores de riqueza e sentimentais e devem ser cuidadas, mas para serem encontradas há necessidade de empenho e dedicação.

Os depoimentos das entrevistas coletivas foram identificados apenas com o nome do respectivo grupo, com o objetivo de identificação apenas dos aspectos coletivos de cada grupo, neste caso a participação individual era diluída em detrimento da grupal.

A identificação das classes identificadas pelo *software* ALCESTE© enriqueceu as possibilidades de interpretação.

Dessa forma, além da análise de conteúdo, a metodologia de história oral foi utilizada para ampliar a compreensão dos dados obtidos, promovendo assim uma análise mais aprofundada.

Meihy (2005) justifica ainda que em todos os quadrantes da vida individual ou coletiva despontam investidas que se completam com registros de experiências familiares, institucionais, de pessoas comuns ou ilustres, e a apreensão de fatos corriqueiros ou notáveis evidencia que a noção de vida social apreendida pela história oral é relevante em sua plenitude. A história decorre da vontade de registrar, guardar e propor análises fundadas em um conceito de conhecimento da vida, continuamente.

Adotaram-se tais metodologias visando responder aos objetivos desta pesquisa. Essa metodologia foi escolhida em função do conhecimento dos componentes do universo e ou da amostra, para sua melhor aplicabilidade e confiabilidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

O trabalho de campo possibilitou realizar uma breve caracterização dos grupos e a observação de algumas semelhanças e diferenças entre eles, conforme Quadro 1:

	Caracterização	Localização	Organização
GRUPO A Região Central	Formado em 1994, atualmente tem cerca de 12 membros. Foi o primeiro grupo a ser formado. A liderança é a mesma desde a criação e é reconhecida pelo grupo.	Um equipamento público (Fundação Cultural) no Centro.	Informal. Reúnem-se semanalmente, todas às terças-feiras
GRUPO B Bairro dos Remédios	Existe formalmente desde 2008 e é composto por 20 mulheres. A liderança é rotativa conforme estatuto	Um equipamento público (uma escola rural desativada). Cerca de 5 quilômetros do centro do distrito	Associação de Artes Reúnem-se semanalmente, todas as segundas-feiras
GRUPO C Bairro de Lavras	O grupo foi formado e extinto e as mulheres migraram para Associação de Moradores criada em 2005. A liderança da Associação é rotativa, conforme estatuto.	Um equipamento público (uma escola rural desativada). Cerca de 12 quilômetros do centro do distrito	Associação de Moradores Reúnem-se mobilizadas para alguma ação específica.
GRUPO D Santa Bárbara	Formado por cerca de 07 mulheres. A liderança é dividida entre duas mulheres.	Um equipamento público (uma escola rural desativada). Cerca de 7 quilômetros do centro do distrito.	Informal Reúnem-se semanalmente, todas às quartas-feiras

Quadro 1 – Caracterização dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier.
Fonte: Grupos de Mulheres de São Francisco Xavier

Dentre as características comuns dos grupos preliminarmente estudados, observa-se que sua formação acontece de forma voluntária, ou seja, para participar de qualquer um dos grupos é necessário primeiro o desejo de estar e pertencer ao grupo. Não há exigência quanto à idade, número de participantes ou produtividade.

Quando se reúnem, cada participante leva algum quitute para um café comunitário.

Os grupos reúnem-se no período da tarde, em espaços públicos.

Para a confecção dos objetos artesanais a compra de material é feita em um volume maior, no atacado, de modo que todas as participantes tenham acesso ao material para realizar a produção. Suas produções são duplicadas, uma para si e a outra para o grupo, o que contribui com sua sustentabilidade. Dessa forma, geram renda e criam um fundo financeiro “proveniente da venda das peças, que é revertido na compra de novos materiais” (GRUPO DE MULHERES DE SÃO FRANCISCO XAVIER, [2009?]).

4.1.1 As mulheres que frequentam os “Grupos de Mulheres”

Dentre as 29 mulheres entrevistadas, participantes de um dos três grupos e da Associação dos Moradores de Lavras, verificou-se que predominam as atividades domésticas, e suas ocupações se diversificam. É possível observar, no Gráfico 1, a forma como se denominam profissionalmente:

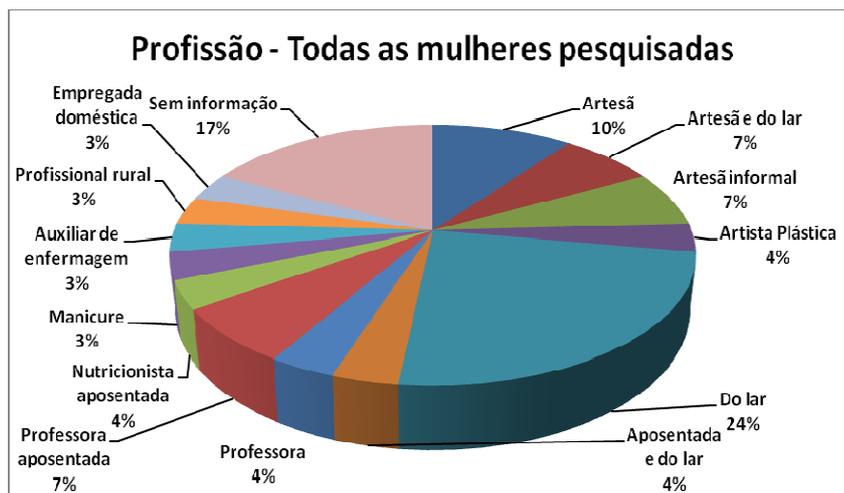


Gráfico 1 – Profissão – Todas as mulheres pesquisadas

É importante ressaltar que 24% se nomearam artesãs, isto é, incorporam a identidade profissional do ofício a que se dedicam.

Em relação à área onde residem, 19 delas, o que representa 66% das pesquisadas, residem em área rural. Isso evidencia aspectos da própria formação do grupo, visto que apenas um dos grupos se localiza na região central. Observe-se o Gráfico 2:

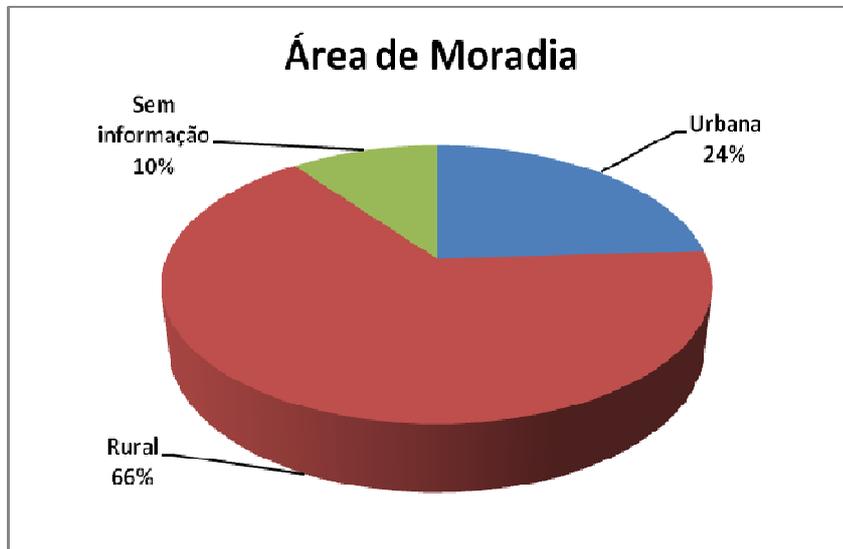


Gráfico 2 – Mulheres de todos os grupos – Área de moradia

Identificou-se que 12 mulheres, um percentual de 41% das entrevistadas, têm sua formação escolar no ensino fundamental (concluído e incompleto) e outras 12 (41%) concluíram o ensino médio, técnico ou superior, conforme se observa no Gráfico 3:

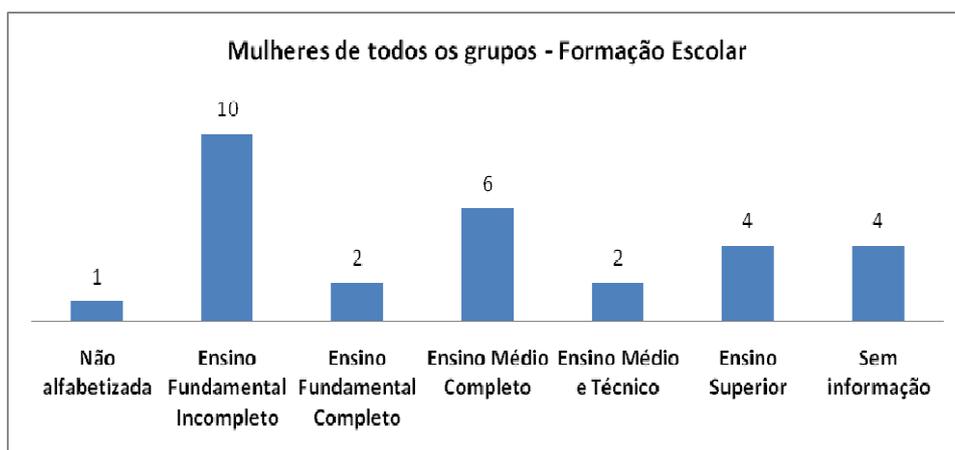


Gráfico 3 – Mulheres de todos os grupos – Formação Escolar

Buscou-se, nesta breve descrição da caracterização geral dos grupos e do perfil das mulheres que os frequentam, contribuir com elementos para melhor entendimento dos demais dados obtidos e organizados nesta dissertação. A seguir, a descrição genérica de cada grupo e do perfil das mulheres que os frequentam.

4.2 GRUPO DE MULHERES DA REGIÃO CENTRAL

Liderado atualmente por uma de suas participantes, seu objetivo inicial era o de desenvolver atividades terapêuticas, como o *Tai Chi Chuan*. Foi o primeiro grupo formado e localizado na região central, por isso desenvolve um papel de articulador com os demais. Essa articulação acontece por meio da atuação de alguns dos seus membros nos demais grupos ou mesmo na realização de festividades, que contam com participação das participantes dos demais grupos.

O grupo reúne-se todas as terças-feiras, no período da tarde, em um equipamento público denominado Espaço Cultural “Sebastião Batista”, ligado à Fundação Cultural Cassiano Ricardo, de São José dos Campos. Trata-se de um espaço que, na história do distrito, teria sido utilizado por inúmeros órgãos, dentre eles, o velório do distrito e a Fundação Hélio Augusto de Souza (FUNDHAS). É nesse espaço (Figura 7), com o significado do transitório, reutilizável, multiuso, comunitário e cultural, localizado em uma região estratégica, no centro, que o grupo se reúne e que, mediante inúmeras iniciativas, se articula com os demais grupos.



Figura 7 – Fachada do Espaço Cultural Sebastião Batista de São Francisco Xavier
Fonte: SOUZA (2011).

Dentre as articulações, uma que se destaca é a comemoração do dia 08 de março, Dia Internacional da Mulher, que recebe mulheres de todo o distrito e de todos os grupos.

O mês de março tem um significado especial para o grupo, pois são realizadas inúmeras atividades:

Organizamos palestras, danças, músicas, filmes, passeios, “pamonhadas”, etc. Nesse mês as mulheres também fazem um passeio de dois dias para a praia, para tirarem férias do fogão (GRUPO DE MULHERES DE SÃO FRANCISCO XAVIER, [2009?]).

O espaço doméstico dessas mulheres é marcado pelo compromisso com os afazeres da casa, e isso é extenuante, pois é um trabalho do qual não se tiram férias. De domingo a domingo os afazeres domésticos as consomem. A possibilidade de lazer e confraternização que o grupo oferece são atrativos irrecusáveis. Conforme Kergoat (2009), essa situação revela os aspectos destrutivos da divisão sexual do trabalho, com maior reconhecimento do trabalho masculino, em detrimento do feminino.

Além das atividades artesanais, por meio da interação o grupo “vai vivendo e enriquecendo com essa troca de conhecimento e experiências” (GRUPO DE MULHERES DE SÃO FRANCISCO XAVIER, [2009?]).

Presenciamos dois dias de festividade, o primeiro, em comemoração ao Dia 08 de Março, e o segundo, para o lançamento do segundo livro bordado. Do primeiro, participaram cerca de trinta pessoas, com a presença de homens, sendo um fotógrafo, representante da Fundação Cultural e outro, um filho de uma das participantes. No segundo dia estiveram presentes mais de cinquenta pessoas, dentre elas a comunidade interna, externa e jornalistas.



Figura 8 – Segundo livro bordado
Fonte: SOUZA (2011).

A Figura 8 ilustra o livro bordado, resultado de muito trabalho e dedicação de inúmeras mulheres dos grupos, no decorrer do processo de elaboração e no lançamento, que aconteceu na Biblioteca Comunitária do distrito, um momento único de celebração entre elas e a comunidade. Trata-se de um grupo que, nas festividades, articula-se com os demais, mobilizando mulheres de todos os grupos.

4.2.1 As mulheres do Grupo Centro

Deste grupo foram pesquisadas 13 mulheres com média de idade de 52,2 anos; a mais nova integrante tem 33 anos, e a mais idosa, 74 anos. Em relação a filhos e ao estado civil, não há informação de uma das entrevistadas, mas detectou-se que, conforme informações obtidas, apenas uma das pesquisadas não tem filhos. A maioria, dez mulheres (77%), é casada ou tem uma união estável; das três outras, uma é viúva, uma é solteira e uma é divorciada.

Um elemento importante que se verificou nos dados apresentados é que as mulheres deste grupo, mesmo com suas ocupações predominantemente domésticas, reconhecem o fazer artesanal como já incorporado à sua identidade. É interessante constatar que 31% dessas mulheres se dizem somente artesãs, isto é, assumem a identidade que dá razão à existência do grupo. Observe-se o Gráfico 4:

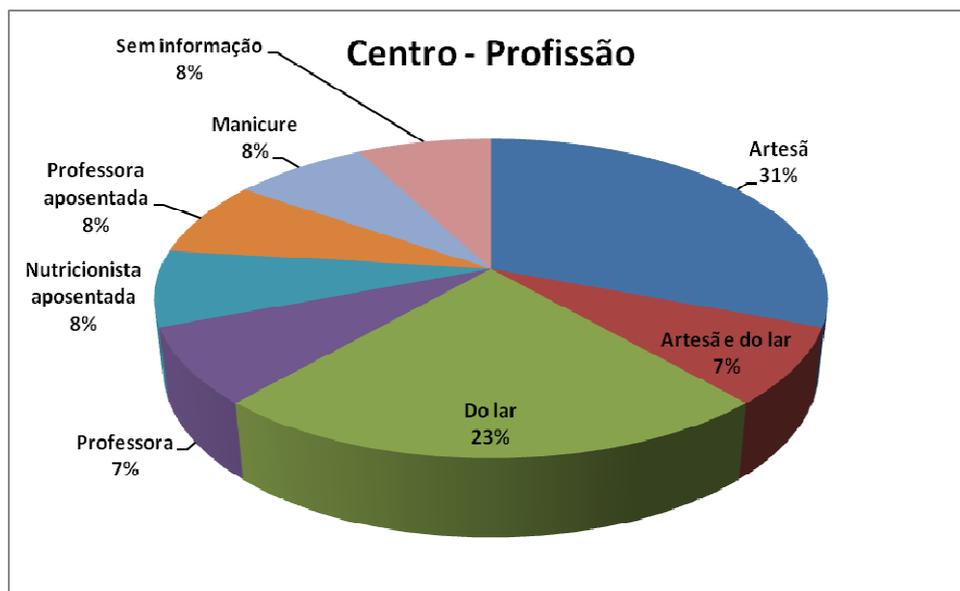


Gráfico 4 – Centro - Profissão

Falci (2004) destacou que, no século XIX, o espaço feminino era limitado ao espaço privado, e as mulheres dedicavam-se ao artesanato, embora não fosse uma prática valorizada

socialmente. As escravas e as mulheres pobres, além do artesanato, faziam trabalhos considerados masculinos.

O tempo passou e as mulheres foram ocupando novos espaços. Esse deslocamento histórico atribuiu a elas uma nova identidade, mulheres habilidosas que se destacam pela capacidade de se adaptar a novos paradigmas.

Das treze mulheres que participaram da pesquisa, sete residem em área urbana, e seis, em área rural (sítios ou chácaras). Há, portanto, um equilíbrio entre as que residem em área urbana e rural. Observe-se o Gráfico 5:

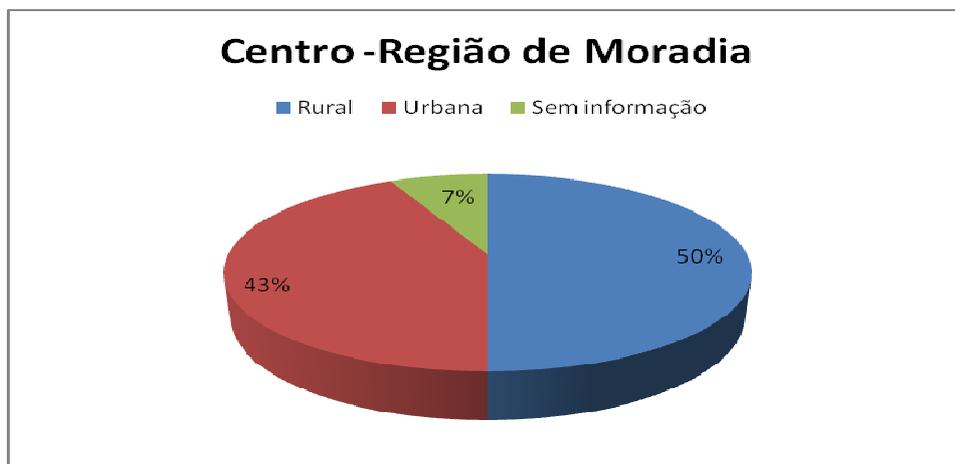


Gráfico 5 - Centro - Região de Moradia

Residir distante do grupo não caracteriza um fator de impedimento para a frequência, pois há esforço e disciplina para essa participação.

A escolarização das mulheres deste grupo é diversificada: há uma pessoa que não é alfabetizada; cinco acessaram o ensino fundamental; três, o ensino médio; duas, o ensino médio e o técnico; e, duas, o ensino superior:

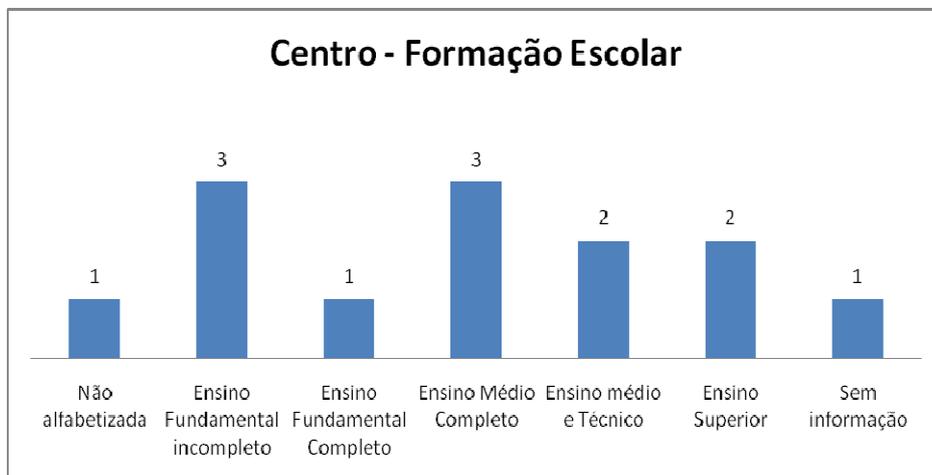


Gráfico 6 – Centro – Formação Escolar

Nota-se que o “Grupo Centro” é composto por mulheres que têm diversidade de idade, o que pressupõe interação entre diferentes faixas etárias. O tipo de artesanato feito pelo grupo também é diversificado, embora haja um tipo que revela a identidade do grupo: o tecido cru sobreposto de tecido colorido é a base para inúmeras peças.



Figura 9 – Mulher cortando tecido
Fonte: SOUZA (2011).

No próximo subitem, descreve-se o “Grupo de Mulheres dos Remédios” e o perfil sociodemográfico das mulheres que o frequentam.

4.3 GRUPO DE MULHERES DO BAIRRO DOS REMÉDIOS

Criado em data que as participantes não souberam precisar, é reconhecido por elas e pela comunidade como “Grupo de Mulheres dos Remédios”. Dessa constituição, e com o tempo, o grupo transformou-se, conforme Magalhães (2008), em uma Associação dos Artesãos (AARTES), em 23 de Junho de 2008, com 20 integrantes. O objetivo é promover a geração de renda e trabalho, profissionalização e melhoria na qualidade dos produtos dos artesãos do distrito, assim como obter parcerias e apoio para os trabalhos desenvolvidos.

Segundo Magalhães (2008), a iniciativa conta com o apoio da prefeitura de São José dos Campos, por meio do Programa de Apoio aos Produtores Rurais, coordenado por Amélia Oikawa. Dentre os trabalhos produzidos pelo grupo, colchas de fuxico, caminhos-de-mesa, tapetes e minicortinas.

Reúnem-se no bairro dos Remédios, em uma escola rural desativada, cujo acesso é pela Estrada Municipal Monteiro Lobato - São Francisco Xavier, por meio de uma estrada de terra (com aproximadamente 100 metros).

A escola em que o grupo se reúne tem instalações precárias e rústicas. Há um gramado à frente com uma passarela de cimento. A entrada principal fica de frente a uma pequena cozinha, com uma porta na lateral esquerda para o salão onde as mulheres se reúnem. O salão tem cerca de 60 metros quadrados, e ali estão dispostos materiais de uso do grupo. Ao centro, uma mesa retangular com cerca de três metros de comprimento com cadeiras em volta, onde as mulheres se sentam de modo circular para a produção dos artesanatos. Dispostos no mesmo ambiente, armários, uma máquina de costura e dois teares. Na Figura 10, a Escola Rural do bairro dos Remédios, local onde as mulheres se reúnem:



Figura 10– Escola Rural Bairro dos Remédios
Fonte: SOUZA (2012)

Observa-se, conforme previsto no Estatuto da Associação, que, no dia 21 de março de 2011, houve a posse da nova diretoria. A participação neste grupo requer uma contribuição mensal no valor de R\$ 5,00 (cinco reais), para as despesas com manutenção, compra de materiais, equipamentos, e para alguma eventual necessidade.

A associação é constituída por uma presidente e uma vice-presidente, uma tesoureira, uma secretária e um conselho fiscal composto de seis pessoas.

O patrimônio financeiro da associação compreende um fundo em dinheiro, a matéria-prima para a produção de artesanatos, algumas peças prontas e os dois teares que foram

comprados com o dinheiro da manutenção, o que é motivo de orgulho para as participantes. Apesar de ter-se transformado em uma associação, ainda é conhecida como “Grupo de Mulheres dos Remédios”.

4.3.1 As mulheres do “Grupo de Mulheres do Bairro dos Remédios”

Das oito mulheres pesquisadas, há informações referentes ao perfil de apenas cinco. Dentre elas, detectou-se que a média da idade é de 55 anos. A mais nova integrante tem 37 anos, e a mais idosa, 67 anos. Detectou-se que todas têm filhos. Em relação ao estado civil, três são casadas, uma é solteira e uma é viúva.

Duas delas reconhecem-se como profissionais do lar, uma como auxiliar de enfermagem, uma como aposentada e do lar e uma como professora aposentada, observe:

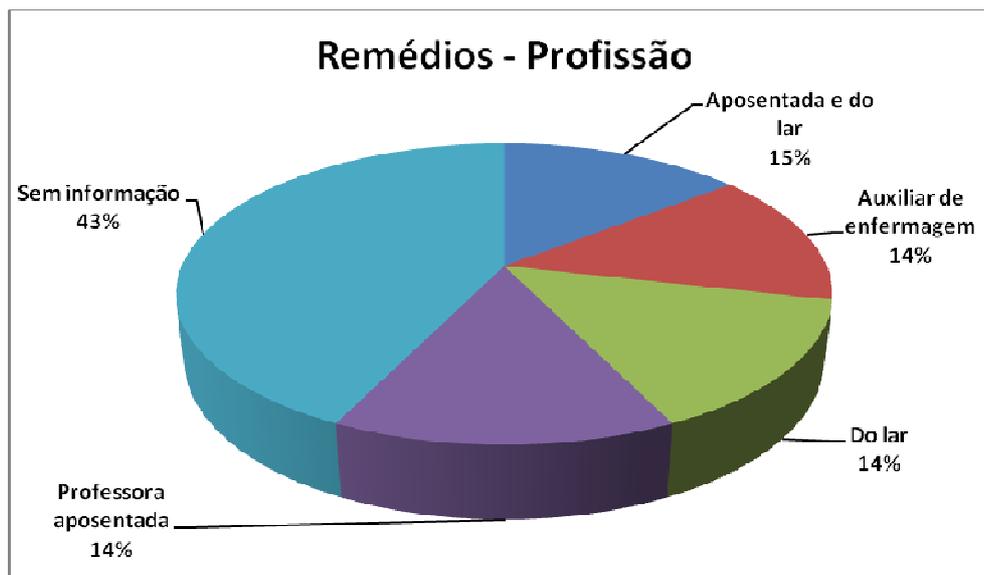


Gráfico 7 – Remédios - Profissão

Apesar de este “Grupo de Mulheres”, em 2008, ter se institucionalizado por meio da criação de uma associação de artesãos, essa identidade não foi incorporada. Isso porque ainda se denominam como “Grupo de Mulheres”, reconhecendo a importância dessa identidade e não reconhecendo a nova identidade que há três anos admitiram, quando se denominaram “Associação de Artesãos”, para se institucionalizarem.

Em relação à região de moradia, quatro das participantes, 50%, residem em área rural:

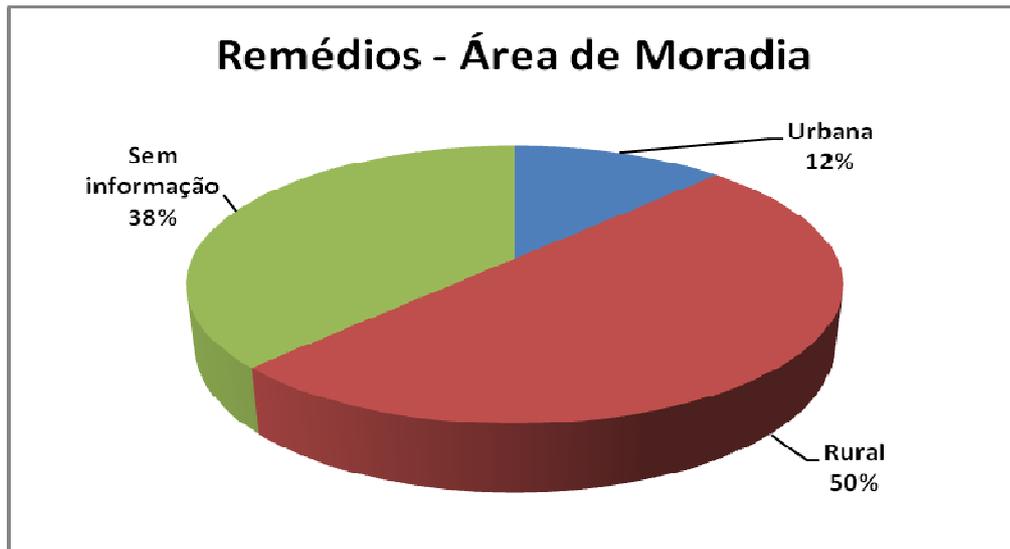


Gráfico 8 – Remédios – Área de moradia

Detectou-se neste grupo que sua localização espacial, na comunidade rural e nas proximidades das residências das participantes, favorece a interação grupal, a convivência e o desenvolvimento comunitário.

Quanto à formação escolar, três mulheres, o que corresponde a 37,5%, têm ensino fundamental incompleto; uma, 12,5%, tem o ensino médio; uma, 12,5%, se formou no ensino superior; e, em relação a três delas, 37,5%, não houve como identificar esses aspectos formativos. Observe-se o Gráfico 9:

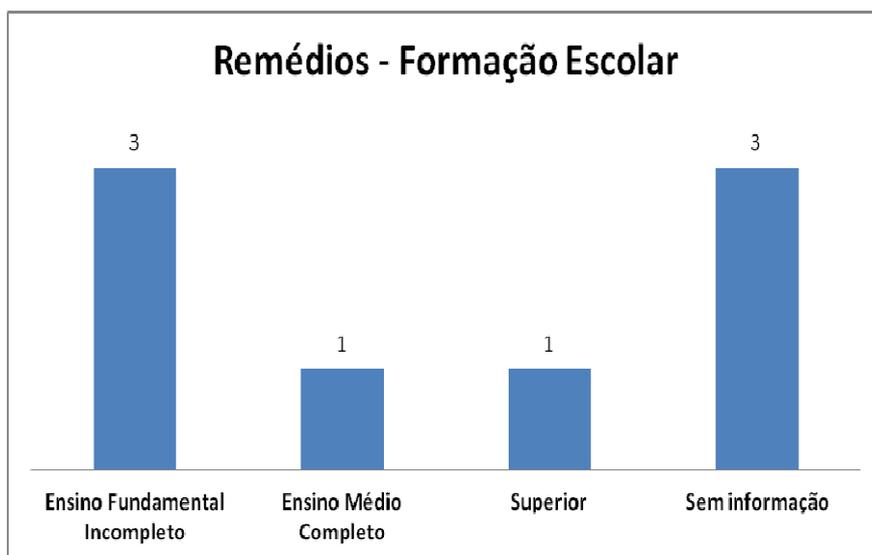


Gráfico 9 – Remédios – Formação Escolar

Em seguida, será descrita a “Associação de Moradores de Lavras” e o perfil sociodemográfico das mulheres que dela fazem parte.

4.4 ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE DE LAVRAS

Identificou-se que não há constituição de um “Grupo de Mulheres” na comunidade de Lavras, pois ele se desfez e os membros presentes não souberam informar a data da sua dissolução.

O grupo foi formado em data que não houve como precisar. A iniciativa contou com profissionais da área da saúde que desenvolveram atividades junto às mulheres e também à comunidade, com ações de cuidados com a saúde, como medição de pressão arterial. Posteriormente, em 2004, uma instituição não governamental de São Paulo desenvolveu atividades junto à comunidade de Lavras, que culminaram com a criação de uma Associação de Moradores.

A história do “Grupo de Mulheres” da comunidade de Lavras mistura-se com a história da Associação dos Moradores de Lavras (ALavras), que é composta tanto por mulheres quanto por homens. Conta com quarenta e três associados, embora haja colaboração e participação de um número bem maior de pessoas, segundo uma de suas participantes.

A profissional da Secretaria da Saúde que desenvolvia o trabalho com o “Grupo de Mulheres” parou de atender a comunidade de Lavras em data que os membros pesquisados não precisaram. Em 2005, uma das idealizadoras da Associação desenvolvia ações voltadas para a revitalização da comunidade e atividades artesanais junto ao “Grupo de Mulheres”. O “Grupo de Mulheres de Lavras” ainda existia em 2005.

A escola rural desativada, onde o grupo se reunia e a Associação de Moradores desenvolve seus trabalhos, está localizada a 12 quilômetros do centro do distrito, e nove quilômetros do caminho são em terra batida.

A comunidade de Lavras é composta por cerca de 50 moradores, e identificou-se que há dificuldade em se fixar no local, visto que a principal fonte de renda se dá por meio das atividades rurais. Não há oportunidades de trabalho em outras áreas, tanto para os adultos quanto para os mais jovens, e o acesso aos serviços públicos ou ao comércio é dificultado pela distância e pela falta de transporte público que atenda à região. O único transporte público que existe no distrito é destinado ao atendimento da comunidade escolar, que se desloca diariamente de diversas áreas rurais até o centro, para frequentar as aulas.

A comunidade aceita e aprova a Associação dos Moradores, principalmente devido às conquistas obtidas e à melhoria na qualidade de vida. Das conquistas da Associação destacam-se o início de um trabalho comunitário para identificação das necessidades,

paralelamente à sensibilização sobre a utilização do espaço em que vivem, com atenção para a preservação do meio ambiente. Essas ações repercutiram em: revitalização da antiga escola rural, instalação do primeiro telefone público, conquista de um computador, criação de uma biblioteca, alfabetização de adultos, participação em programas do governo federal, realização de festas típicas, pela comunidade, o que atrai pessoas de fora da região. A implementação da comunicação dos assuntos da associação por meio de um blog foi uma das atividades, além da realização de projetos como o da instalação de 25 fossas sépticas, em parceria com uma fundação da qual não recordavam o nome, e propostas de melhorias para o espaço que sedia a Associação (a antiga escola rural). Houve ainda a conquista de um assento no Conselho Gestor da APA (Área de Proteção Ambiental), o fórum de discussão mais importante de São Francisco Xavier, de acordo com uma das entrevistadas.

Na Figura 11 uma ilustração desenhada na parede da escola rural utilizada na primeira ação da revitalização da comunidade ilustra a compreensão dos símbolos daquela comunidade pelos agentes da ação comunitária.



Figura 11 – Desenho de prateleira com torrador de café, bule e bolinho de chuva
Fonte: (SOUZA, 2011)

Conforme relato das moradoras da região, o bairro de Lavras tem esse nome porque diziam que lá havia ouro “[...] havia também tribos indígenas. Foram encontradas uma cunha de pedra de quase 1 metro e uma mão de pilão” (RUSCHMANN, 2003 p. 6).

As mulheres da comunidade de Lavras fazem seus artesanatos em suas próprias casas, e suas produções são vendidas no comércio em São Francisco Xavier. A matéria-prima é comprada, preparada (cortada, separada, etc.) e distribuída entre elas, visto que, diferentemente dos demais grupos, elas se reúnem esporadicamente, apenas quando há uma necessidade específica. Toda produção é rigorosamente controlada, pois cada artefato produzido reverte em renda para as mulheres. Visando identificar o artesanato ideal, realizou-se uma pesquisa, por uma das líderes. Essa identificação teve como objetivo não gerar concorrência com os demais “Grupos de Mulheres”. Após essa pesquisa, iniciaram, prioritariamente, a produção dos jogos “da velha” e “cinco marias”, embora experimentem outras alternativas de produção, mas sempre com a mesma idéia: não gerar concorrência com os “Grupos de Mulheres” e ter um produto próprio.

4.4.1 As mulheres da Associação de Moradores de Lavras (ALavras)

Das três mulheres pesquisadas, detectou-se que todas têm filhos e residem em área rural. Duas são solteiras e uma é casada. A escolarização varia entre ensino fundamental e superior, sendo que uma delas tem formação superior, uma o ensino médio e a outra o ensino fundamental. Quanto à profissão, duas das entrevistadas se dedicam ao artesanato e às artes:



Gráfico 10 – Lavras - Profissão

Outra característica das mulheres desta comunidade é a dedicação ao trabalho doméstico e rural e, diferentemente dos grupos, produzem seus artesanatos apenas nas suas

próprias casas e utilizam o espaço da associação para trabalhar com a máquina de costura, conforme suas necessidades.

Em seguida, será descrito o “Grupo de Mulheres” de Santa Bárbara e o perfil sociodemográfico das mulheres que o frequentam.

4.5 GRUPO DE MULHERES DE SANTA BÁRBARA

Localizado em área rural a cerca de quatro quilômetros da Estrada de Santa Bárbara. O acesso é pela Estrada Municipal Monteiro Lobato – São Francisco Xavier que fica a seis quilômetros do distrito.

As participantes não conseguiram precisar a data da criação do grupo, mas informaram a existência dele há mais de 17 anos, portanto provavelmente criado em 1994. Iniciou suas atividades por iniciativa da Secretaria de Saúde em uma instalação da igreja católica Santa Bárbara e, posteriormente, transferido para o local atual, uma escola rural desativada.

A escola possui suas instalações preservadas e com uma identificação na porta de entrada com o nome do grupo. A placa de identificação fora confeccionada, conforme informação das participantes, pela Prefeitura. Algumas das participantes do grupo ou familiares já estudaram nesta escola, reconhecem-na e sentem-se pertencentes ao lugar. Relataram que, em certa ocasião, a escola foi utilizada por duas famílias que moraram ali por um período de tempo, devido a um empréstimo realizado pela Prefeitura. Mesmo assim, o grupo não deixou o lugar, perfazendo cerca de quinze anos de atividade no local.

Para terem acesso ao espaço, uma das componentes do grupo fica com a chave e, após utilização, fecha o local; apesar de ser um equipamento público é cuidado pelos munícipes, contrariando o que é praticado atualmente.

Na ocasião da coleta de dados, percebeu-se a falta de energia elétrica, que perdura há alguns meses, condicionando a organização espacial das mulheres próximas à janela para terem acesso à luz natural para a produção artesanal.

Apesar da existência deste grupo no território rural, como as casas da comunidade são localizadas distantes umas das outras, existe dificuldade da participação das mulheres do entorno no grupo, pois muitas delas deslocam quilômetros de distância para chegar à escola. Sem transporte público ou veículo particular, a participação no grupo é reduzida àquelas que moram próximo, que possuem meios de locomoção ou que fazem uma caminhada até chegar ao local da reunião.



Figura 12 – Escola Rural de Santa Bárbara
Fonte: (SOUZA, 2012).

4.5.1 As mulheres do “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara”

Todas as mulheres deste grupo residem em área rural. Das cinco mulheres pesquisadas, quatro são casadas, uma é viúva e apenas uma não tem filhos. A média da idade das mulheres é de 53 anos. A mais nova integrante tem 38 anos, e a mais idosa, 70 anos.

Apesar de o grupo estar dentro da comunidade, algumas dessas mulheres percorrem longos trajetos até chegar ao local da reunião. Ocupam dos afazeres domésticos, do artesanato, e algumas realizam trabalhos esporádicos em sítios de veraneio da região.

A profissão da maioria está ligada ao fazer doméstico, pois quatro delas, o que corresponde a 80% das pesquisadas deste grupo, dedicam-se a essas atividades. Observe-se o gráfico 11:

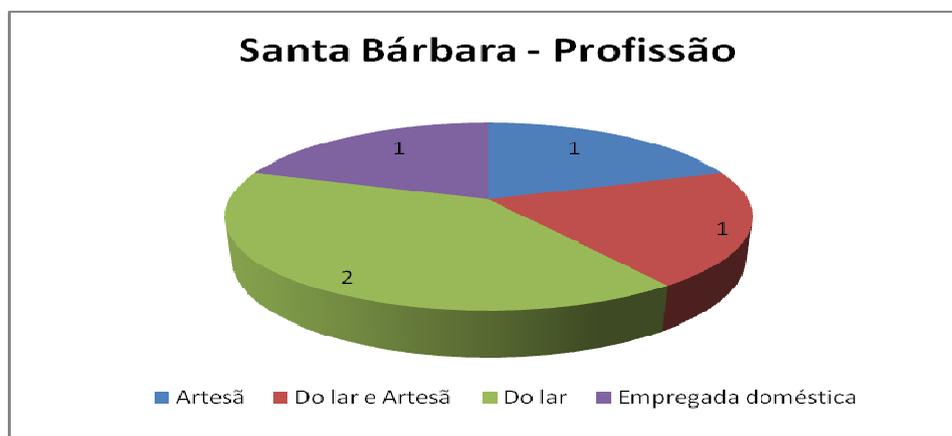


Gráfico 11 - Santa Bárbara - Profissão

Em relação à formação escolar, quatro não concluíram o ensino fundamental e apenas uma concluiu o ensino médio:

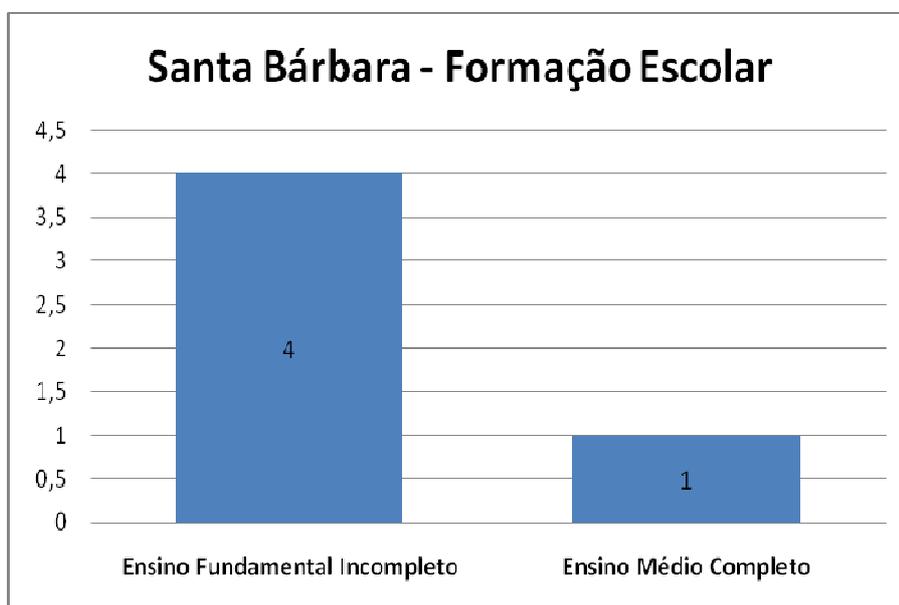


Gráfico 12 – Santa Bárbara – Formação Escolar

A seguir, apresentamos as discussões dos dados obtidos na pesquisa com os “Grupos de Mulheres” de São Francisco Xavier.

4.6 RESULTADOS DE TODAS AS ENTREVISTAS

O conteúdo das dez entrevistas foi dividido em três classes. A classe 1 identificou 23,69% das UCEs; a classe 2, 17,73% das UCEs; a classe 3, 40,42%; e, 18,16% foram eliminadas, ou seja, não se encaixaram em nenhuma das classes.

As classes identificadas foram: Desenvolvimento Humano; Identidade Comunitária; e Grupo de Mulheres.

No Quadro 2 é possível visualizar as classes e as palavras com maior qui quadrado identificadas:

Classe 1 (23,69%)	Classe 2 (17,73%)	Classe 3 (40,42%)
Desenvolvimento Humano	Identidade comunitária	Grupo de Mulheres
Rubi ¹ *Indivíduo Diz+ Dig+ Você Vó Sej+ Filosof+ Algo Aprendi+ Human+ Particip+ Ou Grande Educ+ Traduç+ Vida+ Form+ Momento	Daqui Escol+ São Francisco Xavier Mor+ *Lavras Vim Estud+ Em Morador+ Roça Projeto Public Par+ São José dos Campos Ano+ Bairro+	*Centro *Grup+ Don+ Gente Nos Ver+ Veio Vend+ Mari+ Exemplo Compr+ Tear+ As Café+ Companheir+ Faz+ A E Duas Lembr+
* Variável próxima, mas não determina a classe ¹ Nomes fictícios, para preservar os dados sigilosos da pesquisa		

Quadro 2: Palavras para identificação das classes conforme qui quadrado – Todas as entrevistas

4.6.1 Classe 1 (todas as entrevistas) - Desenvolvimento Humano

A classe 1 foi denominada de desenvolvimento humano, pois suas unidades de contextos elementares evidenciaram aspectos referentes à socialização, formação e transmissão de saberes, inerentes ao desenvolvimento do ser humano. Em relação a esses aspectos há uma preocupação com a forma como o saber é transmitido, sendo o fazer manual valorizado em detrimento de outras linguagens, pois este, segundo esta classe, figura-se como universal, uma vez que basta olhar para verificar que o sujeito está integrado no aprendizado, diferente do que aconteceria em uma palestra, por exemplo:

Artesanias, vem do espanhol, de artesanato. Por que isso? Porque isso une as pessoas. Tudo que faz com as mãos e em grupo [...] há uma intimidade maior do que ficar falando, conversando, conversando, conversando, conversando. Não. Está todo mundo participando de algo em construção. Então o “Grupo de Mulheres”, eu vejo isso, é muito mais construção quando você senta faz coisas que você aprendeu da outra [...] há uma construção e isso implica em uma sociabilidade muito maior do que você sentar e dizer ‘vamos conversar’. É porque é uma questão de linguagem, cada um entende

de acordo com o seu embasamento. Qual é tua cultura? Qual é a tua formação? Qual é tua criação? Então eu posso estar falando algo para ti que você não está entendendo do meu jeito em absoluto! Porque não parte de um princípio comum. Há uma divergência muito grande de princípios. Então, você não vai entender minha linguagem nunca! Ainda por isso a música, o trabalho manual, aquilo que você vê [...] De boca fechada tem muito mais, é muito mais marcante do que você falar. É muito mais entendível. Então isso eu acho mais importante no “Grupo de Mulheres”. Elas estão construindo e chega com o trabalho pronto que alguém ensinou no grupo e aí participam dessa construção juntos... ‘olha você podia ter feito assim’ ‘ficou ótimo!’ ‘puxa, como que você fez?’ ‘Entendeu?’. Aí estamos falando da mesma linguagem (RUBI).

No trecho acima fica evidente que a linguagem ou a metodologia utilizada pelo grupo privilegia o fazer manual em detrimento de palestras ou outras formas de transmissão de saberes. É bem aceita e seu alcance é mais efetivo e, além disso, une as pessoas. Valorizam o processo mais do que o produto final e, nesta valorização, o conhecimento é acessado de uma forma tranquila, quase lúdica. Outra participante também compreende esta questão de forma semelhante, quando verbaliza: “porque se cada semana a gente tivesse uma palestra aqui ia encher o saco, não é? A gente ia embora, não é mesmo?” (GRUPO A).

Neste aspecto, o trabalho manual e a habilidade para aprender e ensinar estão implícitos no gostar de fazer e na própria diversidade: cada um ensina mais o que gosta de ensinar, assim como o que gosta de fazer. Nesse ato, cada um está na sua unidade e interagindo com os demais.

O artesanato aparece nos “Grupos de Mulheres” como um instrumento e, por meio dele, elas têm liberdade para conversar sobre diversos assuntos e, nesses diálogos, refletir sobre seu cotidiano e transformá-lo, como muito bem discutido por Freire (1979). Tais encontros dialógicos são recursos para o desenvolvimento de saberes, tanto para os indivíduos quanto para sua comunidade (JOVCHELOVITCH, 2008).

Em relação ao aprendizado, evidenciou-se preocupação com a formação dos filhos, com os exemplos que são assimilados e internalizados pelas crianças que, na vida adulta, expressam de forma a surpreender aqueles que ensinaram. Em outras palavras, os adultos ensinavam enquanto faziam outras coisas, algo simultâneo, sem ter a dimensão de que, de fato, estavam ensinando e agregando valores aos seus: “chega um momento na sua vida que [...] você duvida que você conseguiu fazer alguma coisa (em relação aos filhos), chega um momento que você acha que fez tudo errado. Só o tempo vai te dizer se você fez certo” (RUBI).

Como esta questão ficou marcante na primeira fase da pesquisa, ousamos um pouco na entrevista que utilizava a metodologia da história oral e perguntamos a duas das entrevistadas

como a mulher poderia romper com a histórica dominação, considerando que à mulher é atribuída a responsabilidade formadora, tanto dos homens quanto das mulheres. Esta pergunta foi feita sobretudo pela contradição posta: se possui o “poder” de formar pessoas, como explicar sua submissão, o não reconhecimento de sua força produtiva em relação à do homem, enfim, uma curiosidade epistemológica. As respostas revelaram que a mulher deve persistir na formação de uma sociedade mais equânime, mas para conquistar isso ela deve ponderar, pois de submissa passou ao extremo oposto e tornou-se dominadora. Óbvio que são estereótipos, mas que revelam a mulher moderna, aquela que almeja romper com a submissão:

Então ela não deixa de ter sua culpa. Nada é cem por cento. Ela não deixa de ter sua culpa na formação de homens machistas e nem de mulheres feministas. Não existe hoje uma harmonia entre homem e mulher. Há uma competição entre o homem e a mulher. Então, essa que foi a educadora, que foi a sustentadora agora passa a ser a competidora. E antes os espaços que eram do homem agora não são mais do homem - é de quem chegar primeiro. Então, isso há uma revanche. Um revanchismo sempre há [...] e eu não vejo essa questão no homem somente. Vejo essa questão nela mesma [...] é ela que vai ter que encontrar o seu lugar. Ela vai ter que ratificar isso não como uma linguagem masculina, não com a vulgaridade masculina, não com palavras, agressões que a gente vê normalmente os homens fazendo, então ela passou desse ser submisso, humilde para uma pessoa agressiva, dominadora, com uma linguagem horrorosa, porque as mulheres, você olha e fica impressionada como a linguagem dela ficou feia. Como desce o nível, ela não se ergueu ela abaixou, em questão de nível, ela se equiparou ao homem no que ele tem de negativo e não no que ele tem de positivo. É por isso que eu estou falando que ela vai ter que se ajustar. Ela mesma vai ter que conseguir chegar a esse ponto de harmonia com ela, porque ela também saiu de um perfil ou uma, algo já definido, que a mulher é assim, assado e aquilo outro, algo que ela não sabe o que que é (RUBI).

Os anos passam, o planeta modifica-se e os estereótipos continuam existindo. A mulher transita de um extremo ao outro e o ponto de equilíbrio detectado por uma das entrevistadas deve ser um objetivo a ser atingido para que a mulher consiga, no seu espaço, verdadeiramente, ser uma pessoa completa e plena, desenvolvida. Para tanto, é necessário persistência, sobretudo quando da violação dos seus direitos. “Eu acho que tem que insistir, ser perseverante, você vê alguma coisa contra uma mulher, não vai dizer ‘não tenho nada que ver com isso’ ‘não, eu tenho a ver!’ Seja uma mulher contra outra ou seja um homem contra uma mulher” (PÉROLA).

Esses ensinamentos contribuem na construção de uma visão crítica e reflexiva dos sujeitos, colaborando para que, diante de um dilema, se posicionem de forma coerente. Não apenas como um expectador, mas como um sujeito num processo dialético e dialógico. Essa preocupação por ensinar os seus estende-se a uma preocupação com a formação dos demais indivíduos, considerando que, num futuro próximo, as crianças atuais assumirão

responsabilidades na governabilidade de suas vidas e da sua comunidade, do seu local de trabalho, enfim, uma preocupação com a falta de formação adequada aos indivíduos. Considera-se que essa formação começa em casa e com o exemplo dos adultos:

[...] no teu comportamento diário você está educando constantemente, você não se dá conta, mas quando você diz não e você mantém aquele não a criança vai entender o porquê do não ou o porquê do sim. Se você fica nesse vai e volta é não é sim a criança não vai saber limites e nunca vai conseguir se adaptar a vida vai estar sempre invadindo ou sendo invadido (o espaço do outro) (RUBI).

Fazendo uma analogia com a formação dos filhos ora descrita, a convivência grupal confere aos sujeitos a mesma assimilação, conhecimento, crescimento, mesmo sem se dar conta disso. Quando os resultados são percebidos, constata-se que houve desenvolvimento de habilidades, incorporação de valores e atitudes aceitas por um determinado grupo. É o processo de socialização secundária e desenvolvimento humano.

Identificou-se, nesta classe, que, além da possibilidade de aprendizados objetivos, o grupo configurou um espaço para o estabelecimento de parcerias, de amizades, de cumplicidades e de desenvolvimento da autonomia, da disciplina e do sentimento de pertencimento.

O prazer em estar no grupo foi evidenciado pelo desejo de que seus familiares, sobretudo os mais jovens, também participem, e para que isso aconteça há uma cobrança, uma exigência nas suas respectivas famílias para que as gerações futuras perpetuem e “cristalizem” essa participação para que o grupo nunca se acabe: “as mais jovens vêm, aprendem um pouquinho e vão embora... Difícil elas virem mesmo... Nosso pessoal são pessoas de mais idade mesmo” (PÉROLA). O incentivo revela o receio de que as mais jovens não perpetuem a existência do grupo: “[...] será que as pessoas mais jovens que vêm pensarão o que a gente está pensando hoje? Esse vínculo que a gente tem vai continuar? Porque hoje a gente tem um vínculo” (GRUPO D). Quando essa participante fala da preocupação com o pensamento das mais jovens, revela preocupação com o efêmero e lembra a transitoriedade da identidade, abordada por Hall (2005).

Ensinando, compartilhando saberes, acolhendo, celebrando. É assim que as mulheres são atraídas para o grupo e podem estender o espaço privado de suas casas para um espaço comunitário, com pessoas que dividem perspectivas, conflitos e anseios semelhantes ou divergentes. E há um retorno à história da ocupação do território coletivo, que fora relegado pela valorização da intimidade com a privatização da família (D’INCÃO, 2004).

O grupo é aberto à participação voluntária de seus membros, mas o que se observa é maior fidelidade das mulheres mais idosas em relação às mais jovens e preocupação com o futuro do grupo.

Quando tratadas todas as entrevistas pelo *software* ALCESTE©, os aspectos ligados ao desenvolvimento humano foram os mais relevantes e, neste caso, ocorre por meio do aprendizado objetivo, do artesanato, motivação pela qual as mulheres se reúnem.

Para Giddens (2005), nenhuma teoria com base em um fator isolado pode explicar a diversidade do desenvolvimento social humano desde os primórdios até os sistemas sociais complexos de hoje. No entanto, o autor destaca que três fatores influenciam a mudança social: o meio físico, a organização política e os fatores culturais.

O fazer manual, inerente à cultura, uma linguagem universal, confere aos seus praticantes o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, além da possibilidade de geração de renda e, por consequência, a melhoria na qualidade de vida.

Tomassello e Kruger (2000) destacam que a aprendizagem cultural humana acontece, pois permite que as pessoas aprendam com o outro e também por meio do outro, e isso acontece por imitação, por instrução ou por colaboração.

Olha lá é assim, é uma pessoa sabe, de vez em quando tem professor, mas é mais uma ensinando a outra. Eu sei uma coisa e eu ensino para outra amiga. Aquela amiga sabe uma coisa, ensina para mim. Sempre é assim, é um trocar de saber. Sabe? O que eu sei eu ensino para a outra e o que a outra sabe, ela ensina para mim (ÁGUA MARINHA).

Tanto no conteúdo da entrevista quanto nas observações do fazer artesanal das mulheres, durante seus encontros, verificaram-se todas as formas de aprendizagem dos referidos autores, tanto para ensinar quanto para aprender. Uma participante é enfática ao sinalizar que o aprendizado ocorre de forma horizontal, pois “ninguém aqui é professor, ninguém é aluno, a gente troca” (GRUPO A).

Em relação à imitação, utilizam suas percepções, principalmente a visual; quando da instrução que é feita por meio da oralidade e demonstração. A colaboração foi identificada quando das construções coletivas e, neste caso, além dos sentidos, o diálogo é fundamental, indo contra os princípios da era da globalização e da forma de transmissão de saberes no mercado de trabalho formal, em que “[...] a oralidade, forma secular de transmissão de saberes não-especializados, está sendo suplantada pelo saber codificado da escrita e dos sinais dos computadores (GOHN, 1997, p. 299).

A transmissão de saberes objetivos nos “Grupos de Mulheres” favorece a transmissão de saberes subjetivos, por exemplo, habilidades para a convivência grupal, respeito à

diversidade, valorização da amizade, possibilidade de compartilhar anseios e conflitos que são vivenciados durante seus encontros semanais e nas relações “extra” grupos:

Olha, eu aprendi com as mulheres lá do grupo. Algumas coisas eu já aprendi na minha infância então assim eu acho que o grupo me ensinou muita coisa, muita coisa. A gente convivendo com as pessoas você aprende a respeitar mais as pessoas a respeitar a opinião das pessoas. Então eu acho que isso foi muito bom (TOPÁZIO).

Respeitar a opinião do outro pode significar despir-se de suas próprias convicções para recriar novas concepções dialeticamente. Além disso, na fala desta entrevistada fica evidente que seu desenvolvimento, que ocorre desde a infância, foi potencializado na interação grupal.

Em relação ao desenvolvimento humano, Jovchelovitch (2008) recorre aos teóricos Piaget, Vygotsky e Luria, para explicar as mudanças e aspectos estimulantes. Conforme a autora, Piaget identifica dois tipos de relações sociais: a coerção social e a cooperação. A primeira, predominante nas sociedades onde a autoridade, o prestígio e a hierarquia governam as relações, e a segunda, em sociedades que favorecem a individuação e a argumentação, que esta produz a lógica. Para Vygotsky, os processos culturais e sociais podem explicar variações no comportamento e no pensamento. Luria, em seus estudos, descobriu que as mudanças em processos socioculturais mudam a estrutura e o conteúdo do pensamento.

Em relação às mulheres deste estudo, os referidos pensadores contribuem com a análise de aspectos do seu desenvolvimento humano, como a individuação, embora esta seja desencadeada em um ambiente coletivo, no “Grupo de Mulheres”. A cooperação é passível de ser observada nas suas produções artesanais, que são planejadas em conjunto. Convivem, aprendem, ensinam, enfim, relacionam-se. Nessas relações, desenvolvem capacidades argumentativas e, por consequência, modificam seus pensamentos e comportamentos.

O grupo possui características semelhantes ao distrito, ligadas à cooperação, conforme apresentado por Santos (2010). “As relações sociais correspondem ao motor que movimenta a evolução individual, num processo permanente de construção e reconstrução” (ROGGERO, 2010, p. 14). Em um processo grupal, a evolução individual de cada participante repercutirá, consequentemente, na evolução de todos os participantes continuamente, dialeticamente.

Uma mulher que integra o “Grupo de Mulheres” pensa como uma mulher que a ele pertence, com suas perspectivas em relação ao grupo, seus anseios, desejos e motivações. Esta mesma mulher é aquela que está no contexto macro, com suas múltiplas determinações que, ao mesmo tempo em que possibilitam sua emancipação, contribuem com sua submissão – novamente uma contradição e a necessidade de encontrar um ponto entre um extremo e outro.

Os aprendizados adquiridos, sejam objetivos ou subjetivos, já estão internalizados ou em via de se internalizar e fazem parte do seu cotidiano. É com eles que se inter-relaciona com seu meio, um ser modificado que sofreu interferências e que também produzirá interferências no seu meio, mas com novos aprendizados, novos conteúdos, novos significados.

Considerando que o ambiente favorece o processo de socialização, formação e transmissão de saberes, pertencer ao grupo e submeter-se a sua cultura e às relações sociais dela advindas também contribui com as variações no comportamento e no pensamento e, neste caso, os aprendizados subjetivos, como a amizade, a cumplicidade, a disciplina. O sentimento de pertencimento só faz sentido para essas mulheres, que um dia permitiram-se pertencer a um grupo que interferiu substancialmente em suas vidas, como afirma Freire (1977):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-se. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz Cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando-se, criando, que não permite a imobilidade [...] (FREIRE, 1977, p. 43).

A mobilidade que Freire (1977) destaca refere-se a um processo dialético, e as mulheres, ao se colocarem no processo grupal e nas relações a ele inerentes, não só mudam suas próprias vidas, como também mudam suas vidas no contexto cultural a que pertencem. Uma pessoa que interfere na sua realidade, ao mesmo tempo em que desafia, responde ao desafio e se transforma.

Temos, então, um sujeito consciente e autônomo que nos obriga a recorrer ao processo histórico muito bem trabalhado por Costa (1989), em seu livro *Ordem Médica e Norma Familiar*, em que contextualiza o período colonial brasileiro como marcado pela intromissão da esfera pública na esfera privada, sendo esta intromissão alicerçada nos interesses pelas riquezas socialmente produzidas. Essa modificação gradativa afeta também as mulheres, sobretudo as das classes mais abastadas, que antes, resignadas à esfera doméstica e a poucas saídas de casa, como para a participação em festas religiosas, com a aristocracia, são agora compelidas a colaborar com a manutenção da riqueza familiar por meio da organização de recepções como saraus e reuniões, em que as alianças e a disputa pelo poder ganhavam um novo cenário. Nessa nova configuração, a possibilidade de demonstrar habilidades por meio do jogo social, a exemplo da sedução de um futuro cônjuge, confere às mulheres um novo

status. A forma como as mulheres se comportavam, recebiam ou se insinuavam influenciava, às vezes, o bom encaminhamento da carreira política ou econômica do homem. Por muito tempo exploradas por pais, maridos, tios, irmãos, entre outros, as mulheres souberam aproveitar a crise de poder do patriarca colonial e tirar vantagens familiares. Em troca, passaram a reivindicar cuidados nunca tidos antes. A mulher “nervosa”, “clorótica”, “histérica” tem seu destino médico estreitamente ligado a saraus, bailes, danças, reuniões, recepções. O corpo nervoso da mulher, entre outros significados, traduziu o desequilíbrio de forças que se instaurou na família de elite do século XIX. Tanto o nervosismo quanto o mundanismo formaram polos de um circuito que permitiu a entrada do médico na família, reforçando o poder da esposa com relação ao marido e das filhas com relação aos pais. Tais modificações resultaram numa sensível fragmentação da solidariedade familiar que mantinha sua coesão por meio da extroversão psicológica dos indivíduos e de sua introversão social. A família passou a viver o impasse criado pela urbanização. Sua alternativa era modificar seus hábitos para acompanhar as novas regras da competição social e econômica ou persistiria atada ao seu modo usual de viver, correndo o perigo de debilitar-se ou morrer economicamente. A medicina higiênica atuou contendo os excessos individuais, dando novas significações aos vínculos entre homens, mulheres, adultos e crianças, ou seja, formulou uma ética compatível com a sobrevivência econômica e a solidez do núcleo familiar “burguês”.

Quando encontra a possibilidade de ter suas necessidades atendidas e sua importância reconhecida na família e na sociedade e está ligada ao poder e ao dinheiro, imediatamente ao médico é atribuída a função de contenção dessa mulher. O poder do médico foi crescendo sobre o grupo familiar e sobre a sociedade, e os valores que regulavam o comportamento feminino também foram construídos historicamente.

Em Brani (*apud* TEIXEIRA, 2004), a atual configuração da área da saúde nos mostra uma estrutura – tanto nas políticas públicas quanto nos setores privados – com uma ideologia medicamentosa, pois ao sofrimento “previsível” temos o remédio, uma mercadoria, herança capitalista, que tem a função de “curar as mazelas sociais”. Na verdade, ela apenas mascara e deixa para depois uma conversa necessária, os aspectos macro determinantes. A dependência medicamentosa continua controlando os sujeitos que não se “encaixam” nos interesses do mercado e desviando o foco do real problema da sociedade capitalista – a distribuição desigual da riqueza socialmente produzida.

Uma das entrevistadas destaca que, com a industrialização, o ser humano vai se distanciando da natureza. Diante da indagação desta pesquisadora sobre o trabalho alienado, que não reconhece os sujeitos, mas apenas possibilidades de lucro, nem que para isso essas

peças sejam vistas apenas como peças de uma engrenagem, a entrevistada vai mais longe, e diz que, pior do que serem consideradas peças de engrenagens é as pessoas serem reduzidas a peças de artefatos, neste caso, de robô, e suas consequências são nefastas para sua saúde:

As pessoas começam a ser depressivas, estressadas, começam a fazer barbárie porque não está inserida em nada. Eu não acredito que o ser humano ao estar inserido na pecinha de um robô ele esteja feliz. Nada em excesso! (RUBI).

O desenvolvimento humano considerado nesta classe teve suas origens em uma prática terapêutica que se iniciou em São Francisco Xavier e que tinha como objetivo contribuir com o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, muito bem descrito por Teixeira (2004), que nos coloca frente à história: um movimento dialético, pois “devolver” aos sujeitos a responsabilidade pela sua saúde é reparar a subtração da subjetividade feita pela droga que anestesia, pelo trabalho que aliena, pela coisificação dos sujeitos, ou seja, devolver sua autonomia, se é que alguém ou alguma instituição tem de fato esse poder. Como se trata de um movimento dialético, os sujeitos são os únicos que podem se movimentar para esta conquista, que só é possível, como nos aponta Freire (1979), com a consciência, a reflexão e a intervenção na realidade, e isso pôde ser observado na transição do “Grupo de Mulheres”.

As mulheres que permaneceram no grupo fizeram essa travessia, mas os demais pacientes que não permaneceram possivelmente tiveram também seu direito à saúde violado pelo poder público que, ao descontinuar com o serviço terapêutico, também escolheu a diretriz que melhor exprimia as inspirações das pessoas que detinham o poder de decidir. Souza (2006), que estudou conceitualmente as políticas públicas, identificou que mesmo as concepções mais minimalistas reconhecem que elas têm o papel de solucionar problemas e que podem deixar de lado suas possibilidades de cooperação entre governos e outras instituições e grupos sociais.

O que ficou evidente é que a iniciativa da criação de um grupo terapêutico junto aos pacientes da área da saúde foi idealizada pelos profissionais que trabalhavam na unidade de saúde e, de forma criativa, investiram em metodologias emancipatórias. Sua interrupção foi descrita pelos participantes como algo que aconteceu sem explicações aos interessados. O Sistema Único de Saúde, em seu artigo, 196 aborda que:

Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem a redução do risco de doença e outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1990).

Dessa forma, é possível observar a contradição: mesmo prevista na legislação, a garantia à saúde da população passa pelo crivo político, ou seja, pelas escolhas, tendo em

vista os interesses e valores daqueles que estão à frente dos poderes decisórios. No que você acredita? No medicamento ou na autonomia? É assim que as vidas das pessoas são “decididas”. É possível acreditar que a população não é de todo manipulada, em relação à saúde, quando ela também assume o controle e participa dos espaços onde se discutem suas diretrizes, mas este é um processo lento e também passa pelo crivo político: Como você pensa a saúde?

As mulheres cuidam da saúde uma das outras: “a gente acaba comentando tanto sobre saúde [...] sobre saúde é falar sobre alimentação, principalmente na hora que a gente faz aquele lanche” (TOPÁZIO). Assim, a saúde volta-se ao indivíduo, não como uma diretriz de uma política, mas como uma intervenção individual, responsabilidade dele.

A categoria desenvolvimento humano apareceu, nesta pesquisa, na análise de todas as entrevistas, e isso indica que a prática dessas mulheres iniciou-se ligada à saúde. Mesmo com o distanciamento histórico desse início, o caráter terapêutico continuou, mas agora ligado à produção artesanal. Falar de mulheres inseridas em um grupo terapêutico desperta-nos para o olhar contextual e, conforme Teixeira (2004), até os dias de hoje a mulher é a principal responsável pela saúde da família. Trata-se de uma construção histórica que nos revela o poder da mulher sobre os demais, aquele poder formativo discutido no início desta categoria. Quando esta mulher devolve também aos seus familiares o poder de cuidar de si, não se trata de egoísmo, mas de desenvolvimento da subjetividade. Ela terá mais tempo para cuidar melhor de si, se os outros também se cuidarem. A mulher teria algo a menos ocupando sua mente, e não se sentiria tão sobrecarregada com os cuidados inerentes à casa e à família, como foi possível identificar nesta pesquisa. Mesmo que essa sobrecarga seja encarada pelas pesquisadas como natural e administrada com desenvoltura, trata-se de resquícios do papel culturalmente atribuído às mulheres.

Uma escolha difícil, em se tratando do estereótipo da mulher cuidadora da família (BASSANEZI, 2004), mas, se ela conseguir fazer essa travessia, terá que se adaptar e achar seu equilíbrio (RUBI), ou mesmo se deparar com um novo paradigma. Mas isso não é exclusivo das componentes dos “Grupos de Mulheres”, mas da mulher contemporânea.

O desenvolvimento humano dessas mulheres acontece, portanto, pela expressão manifesta nas suas atitudes. Uma dessas atitudes é o desejo de fazer parte, de aprender, de estar no grupo, pois sem ele seria impossível verificar essa transformação. Para se desenvolver, há um querer primeiro e, nesse caso, o fazer artesanal influencia os demais aprendizados, transmissão de saberes, ou seja, socialização, desenvolvimento humano, pois:

O ser humano se descobre um ser utópico e um projeto infinito, habitado por um sem-número de potencialidades. Criar as condições para que elas possam vir à tona e sejam implementadas, eis o propósito do desenvolvimento humano (BOFF, 2012, p. 136).

Sendo assim, não há limites – uma conquista leva a outra e a outra, assim como os diferentes contextos possibilitam essa transformação. Tais transformações acompanham o ser humano na sua evolução. A autonomia e o pertencimento são imprescindíveis e resultam do desejo de aprender, e os aprendizados, por meio da transmissão de saberes, são inerentes à socialização.

Observe-se a representação gráfica desta classe:

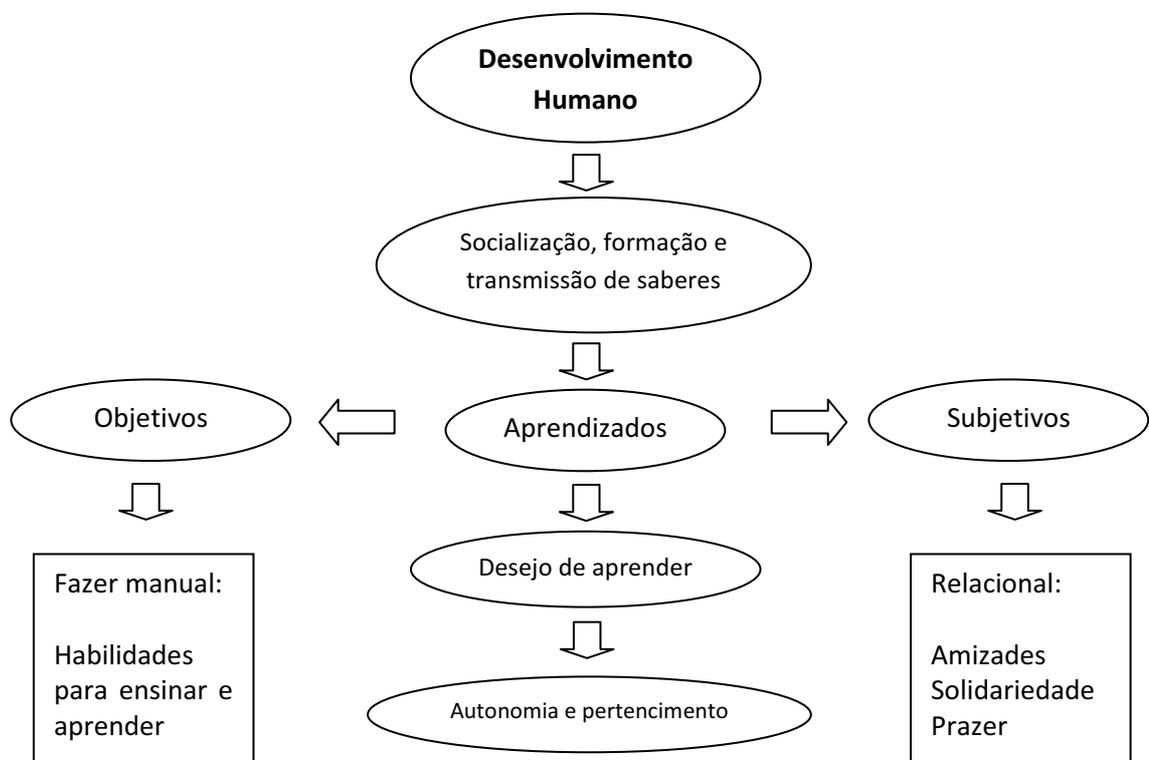


Figura 13: Síntese da Classe 1 (todas as entrevistas) – Desenvolvimento Humano

4.6.2 Classe 2 – (todas as entrevistas) - Identidade Comunitária

Classificada como Identidade Comunitária, a classe dois apresentou unidades de contextos elementares que evidenciaram aspectos referentes ao significado de morar e pertencer a São Francisco Xavier, e à influência do lugar nas mudanças de costumes e de vida que perpassam as entrevistadas ao longo da sua trajetória de vida e da história com o distrito.

Uma das entrevistadas apresenta-nos sua trajetória permeada pela participação coletiva em movimentos da sociedade civil, organizada numa época em que a ditadura militar predominava no país. Tal aprendizado imprimiu à sua identidade a preocupação com o bem estar coletivo:

Eu nasci lá na Vila Nova Conceição em São Paulo, aí descobri a JOC – Movimento da Juventude Operária Católica, e na JOC já tínhamos esta preocupação em participar de lutar por um mundo melhor... (PÉROLA).

Há mulheres que nasceram e viveram em São Francisco Xavier, porém há outras que vieram de “fora” (regiões e cidades). A formação do distrito foi gradativa e com a chegada de pessoas de fora, sobretudo dos tropeiros, que desempenharam um papel importante econômico e cultural (SANTOS, 2010). Este espaço transitório hoje continua recebendo pessoas de outros municípios e de outras regiões, que ali se integram. No “Grupo de Mulheres” não é diferente e, por meio da relação grupal e do fazer artesanal, elas interagem:

Eu moro em São Francisco há uns dez anos... Eu vim do litoral, então eu não tenho, como a maioria delas, um vínculo familiar, claro... Eu fazia um trabalho totalmente diferente lá no litoral... Então quando eu cheguei aqui eu sentia falta dessa coisa manual, dessa terapia ocupacional e também da relação humana, essa relação social que se cria entre eu e esse conhecer pessoas novas, histórias novas. Para mim, que era absolutamente nova, foi uma forma de eu me relacionar socialmente... Uma vez vindo de “fora”, morando “fora”... Elas (referindo-se as demais) se conhecem desde criança... Então era essa forma de ter uma relação social e saber que elas têm dois filhos, saber que ela um marido e dois filhos (aponta as colegas) e aprender com elas também. Porque elas foram me ensinando essas coisinhas que eu não sabia (mostra a toalha com apliques de borboletas azuis em um tecido branco que estava sendo fixada uma a uma com linha e agulha enquanto falava) (GRUPO D).

Além de explicitar os aspectos da formação do grupo ligado ao caráter terapêutico, especificamente à terapia ocupacional, esta participante evidencia a importância do grupo para pessoas que desejam se relacionar com outros, sobretudo por revelarem não possuir vínculos afetivos com outras pessoas do distrito, pois são de outra cidade.

Hall (2005) descreve formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais. Exemplifica por meio de pessoas que possuem fortes vínculos com sua tradição ou lugares de origem, mas sem a ilusão do retorno ao passado. Assim, negociam com as novas culturas em que vivem sem serem assimiladas por elas, mas sem perder completamente sua identidade.

Esta concepção de identidade que Hall (2005) apresenta combina com a concepção sobre as trajetórias de uma das entrevistadas, pois ela reforça a idéia da compreensão de si, quem você é, quais são seus desejos e suas histórias nos inúmeros espaços em que os seres

humanos se inter-relacionam. Essa compreensão confere às pessoas maior facilidade para se encontrarem, e esse encontro consigo significa felicidade:

A trajetória eu acho que é única para tudo na vida. É mais fácil! Quando você é uma coisa em casa, é outra no trabalho, é outra com os amigos, é outra com quem não conhece, você não sabe quem você é e fica muito difícil de você se encontrar. Aí a pergunta: “Qual é sua trajetória?” O que você quer? (RUBI).

Quando a entrevistada se coloca dessa forma, respondendo às perguntas, problematizando com indagações, relembra esta pesquisadora as questões ligadas à identidade comunitária. Pela lógica, compreende-se que ela não está dizendo que as pessoas são inflexíveis a ponto de não reconhecerem que em cada espaço de convivência o ser humano se colocará de uma forma; o que ela traz de significativo é algo que é muito forte também para a formação desta pesquisadora. Aprendizado adquirido com uma professora que dizia “temos que ter coerência: nossa prática tem que ter coerência com o nosso discurso”. Quando esta coerência encontra os sujeitos, as contradições são mínimas. Obviamente haverá conflitos – internos e externos –, mas outro aprendizado com outra professora é resumido na seguinte expressão: “se você não sabe aonde chegar qualquer caminho serve”⁴ e para tanto necessita do outro, pois “ninguém vive fora da rede de relações que sustenta o universo no qual cada um está imerso” (BOFF, 2012, p. 157).

O autoconhecimento e a compreensão dos caminhos percorridos ajudam nesse encontro consigo mesmo e lançam entendimento sobre o viver em comunidade. Observe-se a Figura 14, que demonstra o impacto que a identidade comunitária confere a uma das participantes:

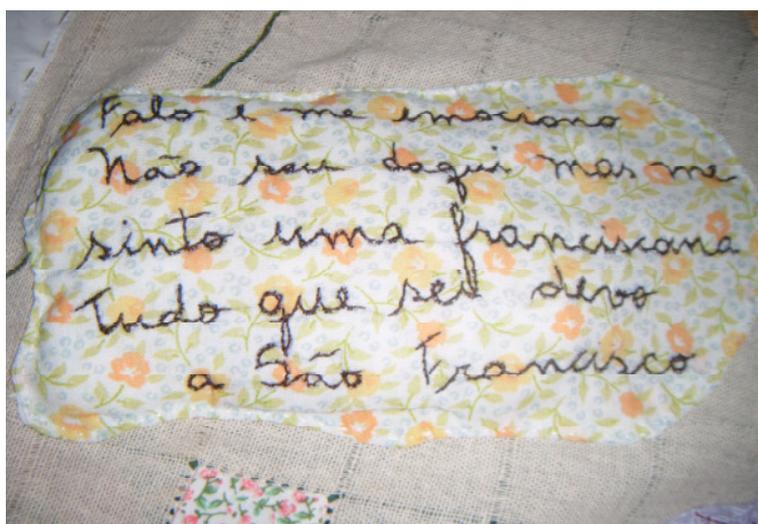


Figura 14 – Painel Bordado – Identidade Comunitária
Fonte: SOUZA (2011)

⁴ Aprendizado que exige maturidade e conhecimento dos objetivos de vida. Essa indagação também foi abordada no filme “Alice no País das Maravilhas”.

Esta participante do “Grupo de Mulheres” reporta-se ao distrito como uma comunidade acolhedora, que possibilitou aprendizados para sua vida. Pensar sobre isso lhe confere emoções e identificações ligadas à comunidade.

Para Santos (1997), as identificações são temporárias e as identidades culturais não são rígidas nem imutáveis; são identificações em curso.

Na revisão de literatura, encontrou-se que Jovchelovitch (2008) deixa claro que as comunidades são espaços privilegiados para os diferentes aprendizados. Verificou-se que a identidade comunitária identificada nesta categoria é marcada pela solidariedade e cooperação, intensificadas pelo sentimento de pertencimento que repercute em iniciativas sociais para melhoria do território – isso independe do fato de ter nascido ou de apenas residir em São Francisco Xavier.

Como parte da população pesquisada e também do distrito de um modo geral reside em área rural, o deslocamento e a comunicação acontecem por meio de carros particulares, bicicletas e a pé. “Doze quilômetros do centro, não tem transporte público, não pega celular em lugar nenhum” (GRUPO C). A inexistência de transporte público coletivo que circule internamente dificulta o acesso aos recursos e serviços essenciais, e até para a participação no grupo:

É longe demais para as pessoas se reunirem [...] Nós não temos um transporte coletivo aqui em Santa Bárbara. Nenhum. Nem ônibus, nada... Essas mulheres ficavam todas em casa. Se você não dirige, como é que elas chegam aqui? Se ela mora a quatro quilômetros não chega aqui, não chega. Não vem! (GRUPO D).

O único transporte coletivo oferecido à população é o escolar, visto que as escolas rurais foram desativadas e a comunidade rural, para estudar, tem que se deslocar à região central. Dificuldades relacionadas ao viver neste local contribuem para ações alternativas da população, incentivadas por uma instituição do município de São Paulo, de resgate e valorização comunitária. Isso culminou na criação de uma Associação de Moradores de Lavras (ALavras), que absorveu um dos “Grupos de Mulheres”, o grupo da comunidade de Lavras. Conforme relato anterior, esta questão foi identificada junto às mulheres do Grupo de Santa Bárbara e Comunidade de Lavras, mas observou-se tratar-se de uma questão que afeta os demais moradores do Distrito.

O inadequado acesso aos recursos e serviços resigna homens, mulheres, crianças e idosos ao espaço rural e doméstico, por falta de meios de comunicação e de transportes públicos coletivos. As entrevistadas afirmam e são enfáticas em dizer que gostam de morar no distrito e que essas dificuldades são contornadas com ações paliativas adotadas no cotidiano;

não se transformou em política pública, mas também não lhes subtrai a alegria de viver no distrito.

Apesar dos avanços em telecomunicações, a comunidade de Lavras teve acesso à telefonia apenas no século XXI, com a implantação de um telefone público que foi conquistado pela iniciativa da Associação de Moradores de Lavras. Sem transporte e sem comunicação, a comunidade tinha inúmeras dificuldades. Tanto é que, quando um grupo de São Paulo, em parceria com uma moradora do distrito, desenvolveu uma ação comunitária, houve grande aceitação, que repercutiu na criação da Associação de Moradores de Lavras (ALavras), que tem atuado frente às necessidades desta comunidade:

A gente vinha pra cá todo o final de semana, o grupo de São Paulo todo. Eu vinha pra cá durante a semana também que eu comecei a desenvolver um trabalho com o “Grupo de Mulheres” também. Durante a semana se reunia aqui. Fazia várias bandeirinhas, não é, Ametista? Bandeirinhas daqui de Lavras, dos moradores (mostra na parede) que foi feito durante esse processo. São várias outras, tínhamos umas quatro a cinco bandeirinhas e quando o projeto acabou a gente fez... Acabou com uma festa, a gente fez uma festa juntou *Jazz, Rock in rol, Catira, Viola, fogo* e “churrascão” que fez aí na frente, forró e, depois da festa, num encontro seguinte, foi até o senhor Ônix falou “ah que legal, vocês trouxeram o progresso para cá” e a gente falou: “Não. A gente trouxe um momento de diversão. Progresso seria a comunidade se unir e criar uma associação...” e aí a gente começou a fazer reuniões com os moradores para fomentar a idéia de criar uma associação de moradores aqui (GRUPO C).

Esta citação vai ao encontro do que Jovchelovitch (2008) discute sobre a capacidade de dialogar, de se comunicar, de escutar, que repercute no pertencimento, na cooperação e nos laços de solidariedade – elementos necessários para a constituição identitária das comunidades. Além disso, “[...] a forma de organização mais adequada à natureza social dos seres humanos e à própria lógica do universo, pois se baseia na cooperação, na solidariedade e na inclusão de todos, também dos mais vulneráveis” (BOFF, 2012, p.126).

Essa configuração associativa, elementar na atualidade do distrito, foi construída por meio do diálogo entre os moradores e pessoas externas que os ouviram e consideram suas necessidades; e foi acelerada, essa configuração, pela ausência ou indiferença do poder público em relação às necessidades daquela comunidade. Revelam-se, então, pessoas que se movimentam para a conquista de seus objetivos de forma criativa e solidária. Há a preocupação, de uma das líderes da referida associação, de que todas as ações sejam feitas coletivamente, tendo em vista agregar um número maior de participantes, nem que isso demore mais, pois somente assim se sentirão parte do processo. São elementos necessários ao pertencimento.

O resgate dos significados comunitários, como os as festas juninas e as pamonhadas, os elementos que foram pintados na parede (moedores de café, bolinhos de chuva), os vídeos sobre o tropeirismo, além de possibilitarem um resgate da cultura local, devolvem aos moradores o orgulho da tradição caipira. Cultura predominante nos seus bairros conforme abordada por Ruschmann (2003).

Além da atuação na comunidade, a ALavras tem conquistado novos espaços com abrangência significativa, não apenas para o bairro e o entorno, como também para o Distrito, na propositura de políticas públicas, apesar de o Conselho do qual participam ser apenas Consultivo:

A associação de Lavras, hoje em dia, faz parte do Conselho Gestor da APA de São Francisco Xavier, que é, na minha opinião, e na opinião de várias pessoas, o fórum mais importante que tem aqui em São Francisco. Deliberam as coisas mais profundas e organizativas aqui em São Francisco e a ALavras está na segunda gestão do Conselho Gestor (GRUPO C).

Esse espaço de diálogo entre a comunidade e o poder público não foi aceito de imediato pela comunidade, pois a comunicação era falha e geradora de inúmeras dúvidas. Uma das participantes relatou que no início foi desagradável e em clima de terrorismo. Era comum ouvir “agora você não vai poder mais criar galinha, nem cavalo, nem gado, nem nada e não tinha nada disso. A APA, pelo contrário, é uma coisa boa para São Francisco. Hoje isso está superado, graças a Deus, mas foi doloroso” (PÉROLA). Discutir políticas públicas permite à comunidade de São Francisco Xavier a possibilidade de ter seus direitos atendidos, por exemplo, o direito de ir e vir, que acaba sendo violado pela inexistência de transporte público, sobretudo para a comunidade da área rural, que sofre ainda mais, com essa situação.

Além de compor uma associação que interfere na vida comunitária, os moradores ocuparam outros espaços comunitários e se abriram para essa participação.

Nesta categoria, ficou evidente que o desenvolvimento comunitário em São Francisco é muito forte e que está ligado à solidariedade. Em relação a esse aspecto, Boff (2012) destaca que “[...] o grau de humanidade de um grupo humano se avalia pelo nível de solidariedade, de cooperação e de compaixão que cultiva face aos coiguais necessitados” (BOFF, 2012, p. 20). É perceptível solidariedade, por exemplo, numa carona da região rural para o centro, para a realização das festas, assim como em ações mais assertivas, como na propositura de projetos de alcance coletivo, em instâncias deliberativas, por meio de uma associação de moradores.

Na Figura 15, a bandeira da Associação de Moradores de Lavras, confeccionada quando da iniciativa das ações comunitárias por membros da comunidade local e de São Paulo.



Figura 15 – Bandeira da Associação dos Moradores de Lavras
Fonte: SOUZA (2011)

O fato de iniciativas como esta contribuir significativamente com a população não exime o poder público de suas responsabilidades. É nítida a expectativa das pesquisadas em serem valorizadas e terem suas necessidades elementares atendidas pelo poder público.

Os discursos desta classe colocaram o distrito como um lugar que recebe muitas pessoas de fora, inclusive os que já eram do distrito e retornam com a aposentadoria. Isso é importante para seus moradores, no que se refere ao viver, constituir família, trabalhar, estudar, morar com dignidade, enfim, a história de vida ligada ao local.

A utilização de jornais locais na revisão de literatura e dos relatos das participantes possibilitou identificar que algumas das festas promovidas no distrito pelo poder público e que atraem muitos turistas não integram os moradores como eles gostariam, muito pelo contrário, sentem-se invadidos nos seus espaços e maltratados pelos organizadores e visitantes. Às vezes, são festas que não dialogam com a comunidade nos seus objetivos e metodologias. Apesar disso, muitas delas são vitrines que evidenciam para os visitantes as características do Distrito e suas produções. Mesmo com algumas incongruências, as mulheres participam e interagem nesses espaços com muita habilidade.

A alegria em pertencer a esta comunidade fica evidente quanto ao interesse em continuar vivendo na roça ou mesmo cuidando deste espaço que revela seus aprendizados: “um dia ou dois na semana a gente vai para a roça cuidar dos bezerrinhos lá, continua do mesmo jeito. Eu sinto como sou da roça mesmo. Moro na cidadinha, mas sinto aquela pessoa

de roça, simples, de roça, gosto de coisa simples. A minha casa é tudo coisa simples [...]” (ÁGUA MARINHA).

Além disso, outra preocupação é a de educar os filhos na comunidade. Desejam que o distrito se desenvolva de maneira sustentável e que traga orgulho e auto-estima para a comunidade.

Os discursos desta classe colocaram em questão a ocupação do território para resolução de questões objetivas para a manutenção do grupo, ou seja, a garantia da existência de um espaço físico público para se reunirem. Nesse aspecto, a articulação e o apoio do poder público foram fundamentais para o Grupo de Santa Bárbara que, após algumas articulações, conseguiu a garantia do espaço e pôde continuar se reunindo nas instalações da escola pública rural de Santa Bárbara.

Costa (1989) aborda em seu estudo que o monopólio das famílias rurais sobre o governo das municipalidades é uma afirmação consensual entre os historiadores. A elite econômica organizou seu poder jurídico-político sobre a cidade fundamentada na legislação portuguesa, o que contribuiu para discriminação dos indivíduos, por exemplo, quanto ao direito à participação política.

A ocupação do território recebeu influências da colonização portuguesa. No período agrícola, os produtores rurais, detentores do poder econômico, exerciam forte influência no território urbano. Atualmente o atendimento às necessidades e interesses coletivos continuam sendo opções políticas e submetem-se aos interesses hegemônicos, neste caso do urbano sobre o rural.

Esta categoria revelou que a tecnologia de ponta que prevalece na cidade de São José dos Campos, a capital da aviação, chegou de forma tímida ao distrito. Dois exemplos marcantes foram a instalação de telefonia pública em um dos bairros apenas no século XXI e a inexistência de transporte coletivo. Tais fatos confirmam o que Santos (2010) observou, que o distrito foi excluído das políticas públicas e das melhorias advindas da tecnologia.

Boff (2012) alerta que o processo capitalista/industrial/mercantil trouxe inúmeros benefícios à humanidade, como: prolongamento da vida, melhoria de condições e de qualidade de vida, contato com culturas diferentes, diminuição das distâncias, comodidades como a geladeira, o automóvel, o avião, a luz elétrica, a televisão e a Internet. No entanto, tudo isso leva a crer que essas virtualidades estão esgotadas e que esse progresso é dilacerador dos laços sociais e destruidor das bases que sustentam a vida, pois muitos recursos desse planeta não são renováveis e um planeta finito não suporta um projeto infinito.

Pensar a identidade comunitária do distrito só é possível se pensarmos nos seus macro determinantes, como a intervenção estatal quando da criação das Áreas de Proteção Ambiental. Foram três, uma federal (1982), uma municipal (1997) e uma estadual (2002), mas somente a última, a estadual, conseguiu implantar a metodologia necessária para essa proteção, por meio da criação dos Planos de Manejos e dos Conselhos Gestores. Teoricamente, se essas legislações foram criadas, certamente era porque a área estava ameaçada. Ficou evidente que existe a percepção dos moradores sobre a necessidade de preservação do distrito, e isso requer análise sobre sua intervenção neste território, visto que um pequeno produtor rural cuida da terra para que ela lhe traga benefícios, mas sua interferência é mínima. Não é o que acontece quando muitos produtores e interesses especulativos que visam o lucro exploram os recursos naturais e prejudicam a fauna e a flora de forma desordenada. O Estado intervém, mas não consegue apenas pela força da lei sua proteção. Portanto, o sentimento de pertencimento torna-se fundamental para que, de fato, o ambiente e suas formas de vida sejam protegidos. Isso caracteriza a identidade comunitária, não só das mulheres pesquisadas, mas de todos os moradores do distrito. Fica evidente que a interlocução que realizam em seus contextos são fundamentais para que essa identidade seja dialeticamente transformada.

Para se alcançar uma sociedade sustentável, Boff (2012) defende o equilíbrio entre os eixos estruturadores da convivência social: o eixo econômico, que garante a estrutura material para a vida; o eixo político, que define o tipo de organização que os cidadãos desejam, as formas de exercício e distribuição do poder; e, o eixo ético, que são os valores e princípios que informam as práticas e dão sentido coletivo à vida social.

Não é possível dizer que os eixos descritos por Boff (2012) sejam encontrados na comunidade em questão, pois muitos dos desejos das pesquisadas em relação à comunidade não são visualizados na prática, mas o fato de poderem falar sobre isso pode ser um caminho para garantia da existência deles.

Dessa forma, a identidade comunitária, um retrato do tempo atual, modifica-se e se transforma dialeticamente, e no distrito não se difere dos demais territórios, pois é influenciada pelos determinantes hegemônicos e pelos seus diversos interlocutores. Portanto, a configuração atual é um retrato deste tempo.

Observe-se, na Figura 16, a representação gráfica desta classe:

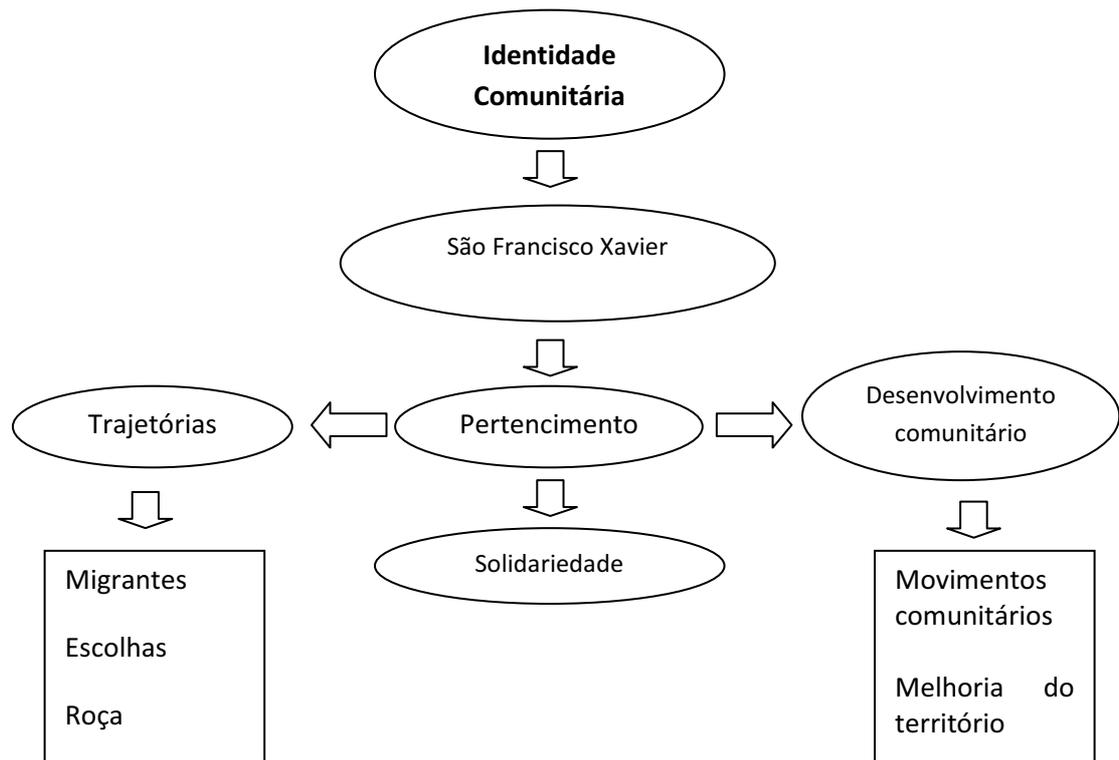


Figura 16: Síntese da Classe 2 (todas as entrevistas) – Identidade Comunitária

4.6.3 Classe 3 – (todas as entrevistas) - Grupos de Mulheres

Nesta classe, os discursos voltaram-se aos “Grupos de Mulheres” e ao fazer artesanal. Um dos aspectos presentes foi sobre a importância das produções coletivas voluntárias que são materiais que não têm valor para a venda, mas que expressam os valores das mulheres. São eles: os livros e o painel bordado. O primeiro livro produzido, por volta do ano de 2009, abordou aspectos referentes ao lugar, São Francisco Xavier. O segundo livro, de 2011, trouxe uma poesia do Sr. José Teodoro, ex-tropeiro, um homem centenário que viveu no distrito. O painel bordado, uma construção iniciada em 2011 e concluída em 2012, retrata as memórias das mulheres do grupo. Além dessas produções, outras, como uma colcha de fuxico, mobilizou muitas mulheres do distrito. O segundo livro foi lançado em 28 de maio de 2011, durante o dia do Festival da Mantiqueira, e a opinião das participantes fez toda a diferença para a finalização dessa construção:

[...] vocês decidem como vamos fazer...Vamos fazer outro livro... Como vamos fazer? Trança ou vamos bordar? (PÉROLA).



Figura 17 – Lançamento do segundo livro bordado
Fonte: SOUZA (2011)

Além da importância atribuída aos livros bordados, as exposições externas destacam-se como outra forma de divulgação do grupo e do distrito. A valorização do trabalho artesanal dos grupos vem da simples apreciação ou da compra de seus produtos por terceiros. Elas sabem que a compra é feita apenas por aqueles que apreciam o artesanato. Há destaque para suas produções que se transformam em presentes: “Ela ganhou de presente a toalhinha, se encantou e queria saber de onde veio a toalhinha” (PÉROLA).

Outra construção coletiva observada foi o painel apresentado na festividade de 8 de março de 2012. Trata-se de um painel construído a partir da interferência de uma pessoa externa ao grupo que realizou uma vivência, visto que ela “trabalha com memória” (PÉROLA) e retratou as mulheres do próprio grupo. A ideia inicial era construir contar a história do grupo em um terceiro livro bordado, mas o que ocorreu foi a construção do referido painel:

Tinha uma vontade, pelo menos de uma pessoa do grupo, que é a Topázio, que queria contar a história do grupo, isso que eu lembro e, uma vontade que veio de fora de uma pessoa que queria fazer um trabalho, uma moça de São Paulo, [...], queria fazer um trabalho com o grupo e esse trabalho tinha por nome Identidade, aí a gente juntou as duas coisas e resolveu fazer um painel que contivesse a identidade do grupo que pudesse falar das pessoas, da história do grupo, que eu lembro é isso e aí a ideia foi registrar essa identidade do grupo, história do grupo, foi uma coisa bem livre, espontânea num painel porque o que caracteriza o grupo é o trabalho manual então, que a gente fizesse um painel que registrasse frases, os sonhos, as frases, as histórias que aparecesse. É isso (GRUPO A).

Trata-se de um painel com frases criadas e bordadas pelas mulheres em figuras como nuvens e pipas. Todas as frases que figuraram no painel foram nele aplicadas, e sua

construção fazia referência ao artesanato típico do “Grupo de Mulheres”. A identidade do grupo foi retratada no painel e nele é possível observar relatos sobre o “Grupo de Mulheres”, aos aprendizados, às histórias de vida ligadas às famílias e ao distrito, elementos discutidos nas categorias desta pesquisa.



Figura 18 – Painel Bordado
Fonte: SOUZA (2011)

Tanto o painel quanto os livros conferem orgulho às participantes, quanto à concepção da ideia e à produção. Tais produções mostraram-se elementares para a coesão do grupo no que se refere às lembranças sobre seus objetivos e a capacidade de produzirem algo material que, ao mesmo tempo, é carregado de simbologia. Giddens (2005) destaca que a socialização possibilita interações que condicionam personalidades, valores e comportamentos. As mulheres, ao assumirem essa condição de participantes, e com motivação para construir algo representativo, evidenciam a influência que o pertencer ao grupo exerce em suas vidas.

As produções coletivas são expostas ao público por ocasião do Dia Internacional da Mulher. As mulheres evidenciam que essa escolha política reforça ano a ano os interesses e os objetivos que almejam alcançar.

A variedade de artesanato produzida pelo grupo relaciona-se com a individualidade das participantes, pois umas gostam mais de bordar, outras de fazer crochê, outras de “fuxicar”, ou seja, suas habilidades e desejos compartilhados com a coletividade, quando seguem uma tendência, por exemplo: “tear de preguinho, então, quer dizer, de repente a gente volta a fazer uma coisa que faz muito tempo que a gente não fez mais [...] vagonite, tinha uma época que a gente fazia” (GRUPO A).

“Fuxicar”, uma palavra com duplo sentido: o fuxico material artesanal e o fuxico subjetivo que se refere a conversar: “Aqui umas têm mais habilidade no crochê, outras no bordado, outras nesses quadradinhos, quando umas têm dúvidas de um biquinho no pano de prato, pergunta, a outra explica, ajuda e assim nós vamos” (GRUPO A).

Isto é visto de forma irreverente pelas mulheres, que incentivam aquelas que têm dificuldade para produzir algo artesanal, para que venham ao grupo para fazer o outro tipo de fuxico. Essa irreverência evidencia a acolhida e o quanto é saudável participar de uma conversa. Conversar, para elas, é tão importante quanto estar no grupo e produzir artesanatos.

A estética do artesanato, expressa pelo belo, também encontra na diversidade uma unidade no “Grupo de Mulheres da Região Central”. Uma marca, um símbolo que expressa uma construção coletiva e individual ao mesmo tempo: o artesanato em tecido bege sobreposto de quadradinhos de tecidos coloridos (observe-se a Figura 6) previamente desfiados, que se transforma em inúmeros objetos. Individual, pois podem ser elaborados individualmente. Coletivamente, pois em dado momento cada uma das participantes pode produzir determinada fase, e outras, cuidarem de outras fases, mas sobretudo por ser a imagem representativa do grupo. Desconhecem outros grupos ou pessoas de outras cidades que o façam desta maneira.

As produções, portanto, vão desde os interesses individuais, expressos pelo desejo de produzir determinado artesanato, até as influências externas que recebem, pois de tempo em tempo algo tem mais aceitação externamente, é mais vendável. E essa flexibilidade em produzir coisas diversificadas também tem relação com as habilidades adquiridas em produzir variados objetos.



Figura 19 – Mulher separando tecido para sobrepor aos quadradinhos
Fonte: SOUZA (2011)

As participantes percebem o grupo como uma possibilidade de economia solidária. Uma das participantes foi indagada, certa vez, por uma pessoa externa ao grupo, sobre a possibilidade da criação de uma cooperativa. Ela foi enfática ao dizer: “o “Grupo de Mulheres” já passou por essa experiência e não precisa disso! O Grupo de Mulheres precisa ser ouvido, elas precisam se sentir amadas, respeitadas” (RUBI). Percebe-se que a questão divide opiniões, visto que esta participante é do “Grupo Centro”, grupo que continua com seu formato original, ao passo que, a título de comparação, o “Grupo de Mulheres” do bairro dos Remédios se institucionalizou, transformou-se em uma associação de artes. Portanto, de acordo com os interesses das participantes e das influências que recebe, vai se adaptando, se transformando dialeticamente.

Com exceção do “Grupo de Mulheres dos Remédios”, não precisam de capital inicial e, mesmo assim, existe a possibilidade de geração de renda, embora esse retorno seja simbólico, pois nenhuma das participantes, apesar de se denominarem artesãs, afirmou que vive apenas do fazer artesanal. Mais que o retorno financeiro, esta categoria evidenciou o artesanato com possibilidade para a superação de situações adversas, como a depressão. Isso foi verificado em três dos grupos pesquisados, como é possível observar nos seguintes relatos: “É gostoso e é uma terapia...” (GRUPO B); “então a coisa passa mais pela terapia [...]” (GRUPO D); “[...] algumas mulheres que usavam muito Diazepam®, deixaram de usar porque têm uma vida mais alegre, mais envolvida [...]” (GRUPO A); “eu sinto falta, na segunda-feira eu já deixo, adianto tudo na segunda-feira, eu deixo minhas coisas prontas porque duas horas já é hábito, o dia que a gente não vem sente falta” (GRUPO B).

O caráter terapêutico está incutido na identidade do grupo e as participantes se sentem valorizadas como “mulher”, pelo grupo e no grupo:

Quando eu entrei aqui, eu tinha acabado de sair de uma depressão ou, talvez, até estivesse em depressão e não sabia, mas eu achava que eu já não estava fazendo mais tratamento assim com a doutora de cabeça não. Então para mim foi bom. Sabe assim, nesse sentido de voltar, assim, a relacionar com as pessoas, para mim foi ótimo, nesse sentido sabe. A gente, assim, espera toda a segunda-feira, fala “segunda-feira tem aquela obrigação que a gente sabe que é da gente, de estar aqui”, sabe que outras vão vir também... Eu gosto de participar do nosso grupo aqui (GRUPO B).

Quando provocamos a memória, a força da lembrança ou da sua evocação depende do tipo de experiência e dos aspectos mais significativos. Todos os eventos sofrem uma espécie de distorção [...] (ROGGERO, 2010). É possível observar que os aprendizados subjetivos e o impacto que a convivência exerce sobre a saúde e sobre a qualidade de vida das participantes são preponderantes e valorizados, embora até seja possível que elas nem se dêem conta do

quanto. Como em seus relatos isso ficar muito forte, percebe-se que, nesse aspecto, são essas as experiências mais significativas. Não é possível verificar se há ou não distorções, mas é fato a importância que atribuem aspecto terapêutico do grupo.

Nesse caso, observa-se a relevância do grupo quanto ao cuidado com a saúde das participantes, aspectos ligados à origem do grupo. Essas mulheres encontraram no espaço grupal o cuidado com sua subjetividade que esperavam encontrar em suas próprias residências. A compensação que o grupo proporciona viabiliza e neutraliza essa falta.

No período imperial, a dimensão da fortuna das famílias era medida pelo artesanato que era ostentado pela casa. Quando da impossibilidade de o homem desempenhar seu papel de provedor, as mulheres produziam artesanatos e vendiam de forma escusa, pela vergonha que isso causava. Nessa época, as escravas também se ocupavam do trabalho artesanal (FALCI, 2004).

O tempo passou e o artesanato se popularizou, não é mais exclusividade de mulheres abastadas ou de trabalhadoras escravas. Não há vergonha alguma em produzir e comercializar esses produtos, muito pelo contrário, há satisfação e orgulho perceptível, nas mulheres pesquisadas.

No período colonial, o sucesso da família dependia de como as mulheres se comportavam, por isso eram incentivadas a cuidar da casa. As condutas higienistas favoreceram o desprestígio dos hábitos tradicionais e valorizaram a intimidade e a privatização da família (D'INCÃO, 2004). Somente com o magistério as mulheres ampliaram seu espaço, que era restrito ao lar e à igreja (LOURO, 2004).

A mulher foi ocupando seu espaço no mercado de trabalho e, apesar de atualmente ocupar posições de destaque, 34% das mulheres pesquisadas ocupam-se exclusivamente de atividades domésticas, e 24%, de atividades artesanais que podem, com exclusividade ou não, ser desenvolvidas no ambiente doméstico, e nas atividades grupais. Portanto, 58% das mulheres pesquisadas ocupam-se de atividades domésticas ou estão a elas ligadas. Para melhor compreensão, observe-se o Gráfico 1. Quanto à região de moradia, 66% residem em área rural, conforme Gráfico 2.

Trazer esses elementos históricos e do perfil sociodemográfico dessas mulheres foi importante para a compreensão de que, apesar do passar do tempo, a realidade predominante no período imperial, no que se refere à restrição dessa mulher ao ambiente doméstico, é muito presente no século XXI, junto às mulheres que fazem parte dos “Grupos de Mulheres”. Obviamente, mudanças significativas impactaram a vida dessas mulheres, mas em suas falas,

quando revelam que aguardam ansiosas o dia da reunião, é perceptível sua importância quanto à sua projeção no espaço público, ampliando assim o restrito espaço doméstico.

A despolitização do cotidiano e a introdução da preocupação com o corpo trazida pela lógica higienista, no século XIX, esconderam a grave miopia política que transformou as relações sociais em uma réplica das relações entre as classes sociais para formar cidadãos individualizados e colocados à disposição da pátria (COSTA, 1989).

Quando o serviço de saúde propõe uma intervenção em que os sujeitos pensem sobre suas vidas e ampliem sua autonomia em relação a sua saúde (TEIXEIRA, 2004), fica claro que esse movimento reconhece os fatores macro determinantes da não saúde e que evidencia um movimento contrário ao movimento higienista do século XIX, que ainda impregna inúmeras práticas terapêuticas. Quando o serviço é interrompido, de certa forma a inércia também se mostra como uma escolha política do poder público em não intervir, de forma a desenvolver a autonomia para optar pela lógica da medicalização.

Independentemente disso, as mulheres que permaneceram sentem-se acolhidas, nutrem o desejo de estar juntas e esperam ansiosas o dia de novamente se encontrarem. O ritual do encontro é regado por **café e afeto**. Manifestam preocupações umas com as outras e sentem a ausência daquelas que eventualmente faltam, daquelas que deixaram o grupo por razões de trabalho, e recordam saudosas, sobretudo, daquelas que perderam definitivamente para a morte.

Com a expressão “Eu fui caçada por esse grupo maravilhoso” (Figura 20), a mulher sinaliza que estar no grupo não foi escolha sua e que, independentemente disso, permaneceu e ainda o acha maravilhoso:

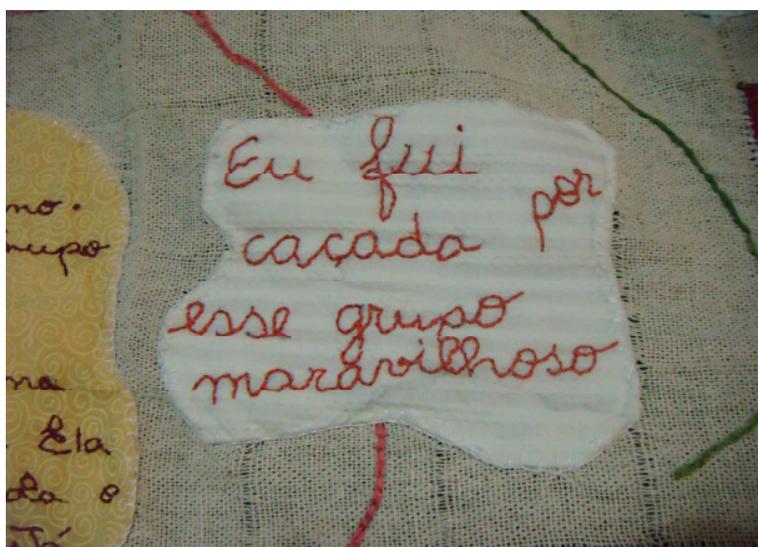


Figura 20 – Painel bordado - Grupo
Fonte: SOUZA (2012)

Essa questão remonta à formação do grupo que, conforme Teixeira (2004), foi feito pelo serviço de saúde e iniciou-se com pacientes homens e mulheres usuários do serviço. Isso não quer dizer que este caso específico tenha ocorrido dessa forma, mas revela também que as participantes do grupo motivam outras pessoas a participarem, e as caçam! No entanto, para permanecer no grupo é necessário algo individual: o desejo.

No grupo, discutem-se inúmeros assuntos, e nesta classe, um dos assuntos que vieram à tona foi o cuidado com a saúde. Falar sobre a perda de suas companheiras reacende o debate, e as mais jovens são assertivas ao dizer que a morte não está associada à velhice, mas ao não cuidado consigo. Dessa forma, colocam-na como democrática. Velhice pode estar associada à morte, mas é possível que as pessoas idosas tenham uma vida saudável, se se cuidarem.

Giddens (2005) aborda que o envelhecimento é um fenômeno relacionado ao gênero, pois as mulheres tendem a viver mais que os homens. Trata-se de um processo que apresenta novas possibilidades e desafios desconhecidos e que não é experienciado uniformemente, pois depende do acesso aos recursos e auxílios. Com o aumento da expectativa de vida e os avanços da medicina e da nutrição, os idosos têm melhor qualidade de vida, podem viajar, perseguir novos conhecimentos ou desenvolver habilidades, apesar de a aposentadoria possibilitar uma queda do padrão de vida.

Em relação às mulheres de São Francisco, o fenômeno do envelhecimento é vivido de forma diferenciada. Algumas já se aposentaram e se sentem acolhidas e produtivas, mas há que se destacar que a dificuldade de acesso aos recursos essenciais é delicado, nessa fase. O “Grupo de Mulheres” contribui com a valorização da mulher idosa. No espaço grupal, ela é reconhecida em suas habilidades e encontra a possibilidade de superar suas dificuldades ou limitações.

“Em uma sociedade que valoriza muito a juventude, a vitalidade e atratividade física, as pessoas mais velhas tendem a se tornar invisíveis” (GIDDENS, 2005, p.146).

Quando alguém se torna “invisível” ou assim é percebido pela sua família, sociedade ou pelo poder público, sua vida certamente será mais difícil. A visibilidade da mulher idosa é, portanto, necessária e urgente, sobretudo no Distrito, e isso implica ações, recursos, serviços e políticas inerentes a esse segmento.

Para Costa (1989), a desvalorização do idoso em relação ao jovem também foi adotada no período higienista. Essa desvalorização foi associada à transmissão de doenças pelos idosos, à fragilidade de sua saúde, atribuindo-se-lhe improdutividade em diversas áreas.

A valorização que os idosos tinham foi substituída pela crescente desvalorização. O espaço grupal, em que as mulheres concorrem para sua valorização, com certeza também acolherá reflexões sobre a valorização da pessoa idosa.

Na Figura 21, a representação gráfica desta classe:

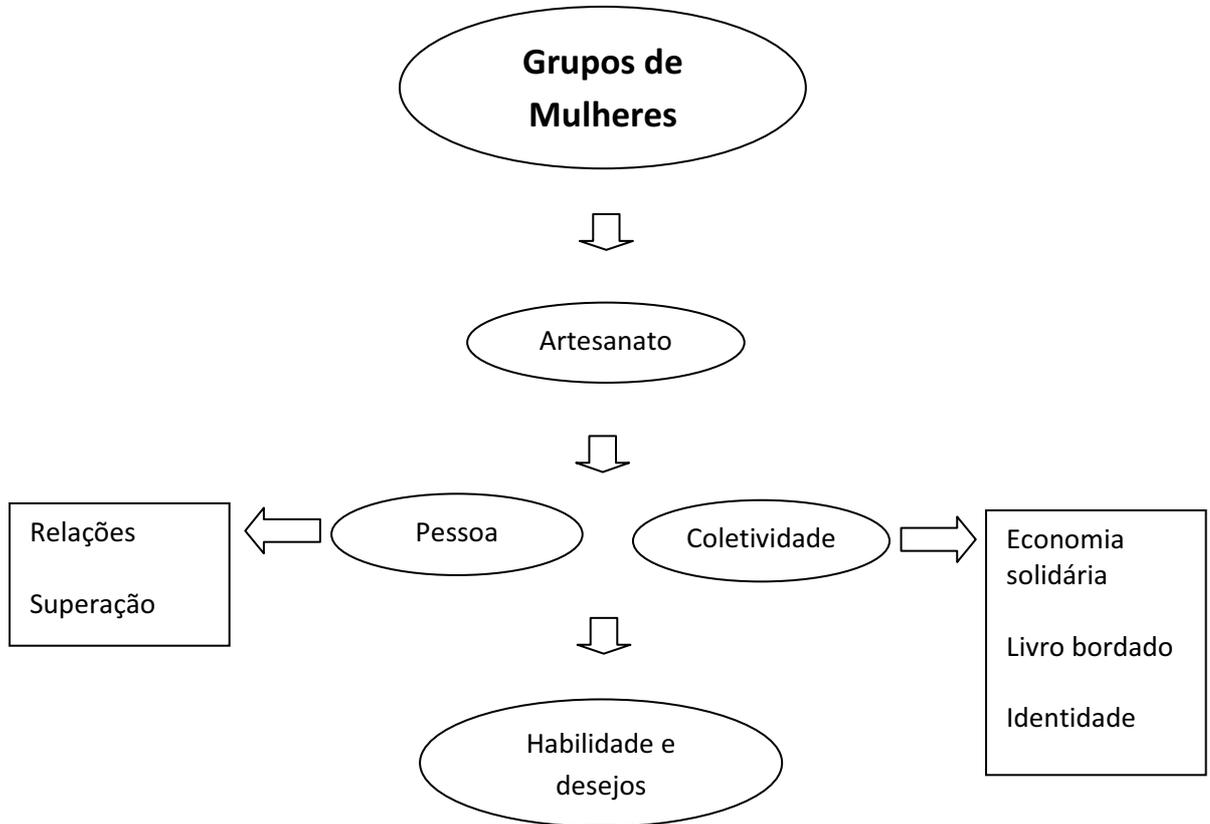


Figura 21 - Síntese da Classe 3 (todas as entrevistas) – Grupo de Mulheres

4.7 RESULTADOS DE TODAS AS ENTREVISTAS COLETIVAS

O conteúdo das entrevistas coletivas foi subdividido em cinco classes. A classe 1 identificou 30,25% das UCEs; a classe, 2, 11,72% das UCEs; a classe 3, 5,18%; a classe 4, 5,45%; a classe 5, 21,80%; e, 25,61% foram eliminadas, ou seja não se encaixaram em nenhuma das classes.

A seguir é possível visualizar as classes e as palavras com maior qui quadrado identificadas no Quadro 3:

Classe 1 (30,25%)	Classe 2 (11,72%)	Classe 3 (5,18%)	Classe 4 (5,45%)	Classe 5 (21,80%)
Artesanato	Associação	Participação	Produção Coletiva	Origens do Grupo
*Centro Bord+ Ganh+ Exemplo Isso Nos O que Quadrado+ Vida Ágata ¹ Pano+ Terapia Viu Conviv+ Frase+ Fiz+ O Por Ped+ Troc+	*Lavras Daqui Projeto Associac+ Região ALavras Guirra S. F. Xavier Conselho Gestor Morador+ Dos Consegu+ Bairro+ Comunidade Important+ Várias São Ao Foss+ Cri+ Públic+	Rom+ Desculp+ Pedr+ Ele Vou Pouquinho Pud Querida Os Pass+ Escol+ Estud+ Quiser+ Toda Esta Filho+ Família+ Ia A-noite Bar+ Mail Domingo Sem	Joguinho+ Concorr+ Produto+ Nossos Obra Cust+ *Lavras Santa Cruz Mao+ Tanto Feito+ Costur+ Cort+ novembro Consegu+ Gente Ia	Don+ Ano+ Turmalina ¹ Exist+ Santa Bárbara Tenh+ Eu Quase Grupo+ Brilhante ¹ Longe Diamante ¹ Venh+ Sodalita ¹ Esper+ Pérola ¹ Precis+ Conhe+ Há
* Variável próxima, mas não determina a classe				
¹ Nomes fictícios para preservar os dados sigilosos da pesquisa				

Quadro 3: Palavras para identificação das classes conforme qui quadrado – Entrevistas Coletivas

4.7.1 Classe 1 (Todas as entrevistas coletivas) - Artesanato

Nesta classe, como é possível observar no Quadro 3, a variável Centro está próxima da categoria Artesanato, embora não a determine. Esta variável está para todos os grupos, pois o “Grupo de Mulheres da Região Central” foi o primeiro a existir e a inspirar os demais.

Nesta classe, ficou evidente que os grupos, com exceção da comunidade de Lavras, apresentam características específicas para a produção artesanal voltada para a diversidade de produtos e de técnicas, inclusive com o uso de tecnologias como o tear de pedal e o tear manual, a prática da reciclagem e a criação de artesanatos com os recursos do local, como técnicas com flores de eucalipto. Dentre suas técnicas usuais estão o bordado, o fuxico, o tear e o crochê, que não estão em ordem hierárquica, visto que uma das características é a sazonalidade, que pode ou não estar relacionada ao modismo, ou seja, cada época elas

produzem algo de acordo com o desejo e o planejamento das pessoas ou de seus membros. Nessa variação da técnica, evidenciou-se também que, por vezes, o desejo de variar está na possibilidade de experimentar outra coisa também devido ao cansaço da repetição: “[...] A Malaquita, ela não faz mais, por isso que eu nem queria falar que ela faz [...] ela cansou e não quer mais fazer, mas ela faz umas florzinhas de pano na flor do eucalipto [...]” (GRUPO C).

Esta variedade nas produções técnicas contribui com as mulheres no desenvolvimento de suas habilidades; só não irá aprender uma técnica nova quem não tiver este desejo. Este aprendizado, por algumas das entrevistadas foi acumulado desde a infância e aprimorado no grupo: “Olha, eu desde criança, com meus doze, treze anos, minha mãe já me ensinava uns bordadinhos lá. Agora mais algumas coisas eu aprendi no grupo [...] ponto cruz eu aprendi no grupo” (ÁGUA MARINHA).

Na pesquisa realizada por Meneses (2008), o fazer artesanal aparece de uma forma marcante e decisiva na construção identitária dos indígenas Assurini, assim como a importância da participação da mulher. Verificaram-se similaridades com os “Grupos de Mulheres” no que se refere ao fazer artesanal, à transmissão de saberes e ao papel da mulher nessa transmissão. Nos “Grupos de Mulheres”, identificaram-se os três tipos de aprendizagens descritas por Meneses (2008). A primeira delas, a esperada, acontece informalmente e aparece quando da apreensão da cultura e valores dos grupos, pois para pertencer a um desses grupos é necessário que se integre e aceite suas normas e forma de organização. Portanto, espera-se que as novas integrantes e as participantes dos grupos compartilhem das suas regras, por exemplo, o horário de frequentar o grupo ou a adesão à forma do planejamento grupal. A aprendizagem orientada acontece nas reuniões grupais, por meio da oralidade e da demonstração, para melhoria de algum conhecimento pré-existente, por exemplo, um tipo de bordado específico. A aprendizagem planejada foi percebida quando da transmissão de uma nova técnica artesanal ou na utilização de alguma tecnologia, como o uso do tear, visto que, além da orientação verbal e da demonstração, como se trata de um conhecimento novo para as integrantes, há que se ter disciplina e treino para sua realização com perfeição.

Além do aprendizado e do desenvolvimento de técnicas, existe também o planejamento de produções coletivas, como a confecção de uma colcha de fuxico. Uma produção desta exige do grupo uma sinergia para aceitar as opiniões diversas, e disciplina, pois neste caso outras pessoas dependem da sua produção.

O artesanato, expressão simbólica dos “Grupos de Mulheres”, revela-se como um elemento concreto que se introduz no distrito e nas feiras Há, pois, interação com a comunidade local, que reconhece o artesanato como produto local: “[...] todo meio de

representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais” (HALL, 2005, p. 70). Dessa forma, as produções artesanais assumem dimensões espaciais e temporais, pois é impossível pensar em tais produções sem conectá-las com o contexto.

Eu faço as coisas para o grupo e também faço as coisas na minha casa para mim mesma, compro os materiais e faço, ponho nas lojinhas para vender. Ali já dá um “troquinho” para a gente. E continua assim: faço para o grupo e para mim também, na minha casa (ÁGUA MARINHA).

Como foi possível observar nos relatos, o artesanato para essas mulheres não é uma fonte de renda, muito pelo contrário, elas associam o valor financeiro a “troquinho”, “dinheirinho”, no diminutivo, pois até mesmo uma pessoa que trabalha na área da limpeza, um trabalho pouco valorizado financeiramente, tem possibilidades de ganhos mais significativos:

As pessoas não podem viver, não dá para viver do artesanato, não é? O artesanato pode ajudar você a ganhar um dinheirinho, mas não para viver dele e as pessoas fazem faxina, mas porque o objetivo do grupo não era só viver do artesanato que a gente sabe que é difícil, o artesanato do meu ponto de vista, não é Água Marinha, Opala, é um meio da gente estar juntas (GRUPO A).

O que elas reforçam é a possibilidade da convivência e de outros ganhos, não os materiais. As mulheres incorporam o artesanato ao seu cotidiano e, por meio dele, viajam para expor seus produtos em feiras em outras localidades, o que repercute no reconhecimento externo e na divulgação do próprio distrito. Neste caso citamos o exemplo do livro bordado, resultado do trabalho das mulheres do “Grupo de Mulheres da Região Central”, que foi exposto em feiras e que representa para este grupo atualmente, o seu “cartão de visita”. Observe-se a Figura 22.

As mulheres valorizam a variedade das técnicas e a beleza das produções uma das outras. Essa valorização se expressa nos elogios e no desejo de incorporar novos aprendizados que observam em meio à vivência grupal. Admitem que só quem gosta muito mesmo valoriza, do contrário, “às vezes, não é capaz de valorizar. Então, quem gosta sabe valorizar. Agora quem não aprecia artesanato, acha que é muito caro. Não sabe valorizar o trabalho” (GRUPO A), que compete com os demais produtos nesta sociedade de consumo.

Outras variáveis importantes desta classe foi que as mulheres associam o fazer artesanal à troca de experiências, a uma prática terapêutica e ao desenvolvimento de habilidades, e que fazer parte do grupo é importante para elas. A proposta de produzir algo

artesanal acaba por ser o fio condutor de novas aprendizagens. Jesuíno (2000) evidencia que as interações grupais potencializam ações coletivas e a conquista dos objetivos propostos.



Figura 22 – “Grupo de Mulheres” no primeiro livro bordado
Fonte: GRUPO DE MULHERES DE SÃO FRANCISCO XAVIER [2009?].

Neste espaço também conversam sobre inúmeros assuntos que fazem parte do seu cotidiano e do cotidiano do grupo. Percebe-se que fazem uma distinção de gênero para o fazer artesanal e que associam as práticas mais delicadas, como aquelas que exigem precisão com a utilização de agulhas e linhas, com habilidades femininas.



Figura 23 – Mulher bordando – Grupo A
Fonte: Fonte: SOUZA (2011)

Admitem que os homens também tenham habilidades para produções artesanais, mas neste caso associam aos homens os artesanatos menos delicados, como técnicas que utilizam bambu, por exemplo:

Acho que por ser assim de artesanato, de bordado, de agulha, linha assim, a mulher que tem mais habilidades para essas coisas, não é? Porque tem artesanato que os homens fazem, mas aqui teve artesanato de bambu aí era mais homens, tinha mulher também, mas tinha mais homens (GRUPO A).

Em relação a atribuição e reconhecimento de habilidades ao universo feminino é possível que estejam ligadas à construção histórica da divisão social do trabalho. Giddens (2005) discute a questão da distribuição das tarefas domésticas pelos membros de um núcleo familiar, e há divergências até mesmo entre as feministas, visto que umas as vêem como ligadas ao patriarcado e outras como resultado do capitalismo industrial que, com a produção capitalista distinguiu bem mais a esfera doméstica da esfera do trabalho, cristalizando as “esferas masculinas” as “esferas femininas” e as relações de poder.

No ambiente doméstico ou no trabalho formal, as mulheres ocupam-se de tarefas socialmente construídas e aceitas, e confirmam seu lugar na história como as responsáveis por práticas que exigem habilidades motoras delicadas, reforçando e contribuindo também com os aspectos dessa distinção, o que não é diferente nos sujeitos desta pesquisa:

O corpo dela é mais frágil do que o do homem em questão de força. Não em questão de energia, mas sim de força muscular. Levantar um botijão, levantar um caminhão, ou seja, ela não é disso, então não adianta ela ir por esse lado. Ela tem outra força, ela tem um outro poder e ela tem que se apalpar disso e nisso ela cresce, quando ela dá valor ao que ela tem de forte, de valoroso e não ir realmente para a revanche com o homem, ela vai perder (RUBI).

A entrevistada tem claro que a distinção posta é uma questão de força bruta apenas, que confere ao homem uma vantagem, mas que de forma alguma diminui a mulher nos seus demais atributos. Além dessa divisão social do trabalho, há que se considerar também que o trabalho artesanal é pouco valorizado e que a indústria compete de forma desigual com os artesãos e às vezes exploram essa mão de obra:

Hoje a gente tem maquininha de fazer fuxico, maquininha de fazer ponto cruz, mas eu ainda acho que aqui em São Francisco, as pessoas que vem ali na lojinha, querem o trabalho manual [...] então isso dá alegria para a gente. A gente sabe que muita gente valoriza. Tem algumas pessoas que exploram. A gente sabe de gente que é famoso aí, eu não lembro o nome e nem ia falar também agora, mas que o trabalho dele é famoso. Ele tem umas bolsinhas, [...] Fuxico pretinho com perolinha branca [...]. Custava mais de setenta reais uma bolsinha dessas lá. Feito por esse cara. Esse cara que nunca pegou numa agulha! Ele vai em Minas e paga uma miséria para o pessoal e vende. É famoso o artesanato dele. Infelizmente tem essas coisas! O pessoal que vai ao nordeste exploram as rendeiras, pagam pouco e depois trazem e põe

nome, mas eu acho que é uma questão de questionar a sociedade de consumo. A gente sabe que hoje dá para a gente viver muito melhor com menos coisas e viver mais tempo, não é? [...]. Então eu acho que a gente tem que enfrentar esse capitalismo mesmo com unhas e dentes (PÉROLA).

As mulheres acreditam superar os homens na técnica artesanal, que é trabalhosa e requintada. Seu produto compete com as produções individuais que se utilizam de modernas técnicas e maquinários para superar este fazer milenar. No mercado consumidor, a valorização do artesanato é percebida, assim como a ousadia dos “atravessadores”. Desde sempre existem os que burlam o sistema para levar alguma vantagem sobre o outro e obter lucro, e identificá-los na pesquisa não foi surpresa, mas indigna testemunhar a subtração do trabalhador. Poder-se-ia pensar que subtraem também sua subjetividade, como discutida por Roggero (2010).

Esta entrevistada admite que “viver de artesanato ninguém vive. Só os atravessadores vivem” (PÉROLA). Isso revela a consciência da exploração, mas que de forma alguma desanima ou desestimula a prática do grupo.

Uma das entrevistadas alerta para a necessidade de não se perder o contato com a natureza e do quanto o ser humano se afasta dela. Aponta a importância de conhecer o processo todo, sobretudo as matérias-primas dos alimentos, pois do contrário o que é importante se conhecer não ficará mais acessível:

Então, o ser humano se apoiou tanto na tecnologia que ele esqueceu de trabalhar elementos. Você sabe o que se planta em uma estação e na outra e quando se colhe uma planta. Entendeu? Nós perdemos muito o contato. Com a tecnologia, então, hoje, se der uma pane no mundo, nós vamos para a caverna e o pior ainda, a gente não sabe nem o que comer. Vai ter que olhar os pássaros, os animais comendo as sementes ou as raízes para também comer, porque se não tiver no supermercado o que é você não sabe o que que é. Você não reconhece uma planta pela folha o que está embaixo. Você não sabe se é uma batata, se ela é um inhame, se ela é...você não sabe o que que ela é. É mais ou menos: “De onde vem o leite? Da caixinha.” Então, em um determinado momento e aí você vê o artesanato que não morre, ele meio que diminuiu, meio não, bastante, mas sempre tem aqueles que continuam nutrindo. E quando você diz: Olha, você pega então o artesanato e aí você vê uma roupa feita à mão e uma roupa industrializada, a roupa à mão é mais cara. Então, ou seja, tudo isso limita muito também o crescimento do artesanato. Porque ele está mais caro, ou seja, leva dias para fazer uma coisa, a máquina leva meia hora (RUBI).

Como surge um artesão? Pela necessidade? O processo civilizatório e as necessidades da humanidade direcionam para a criação de práticas e instrumentos para que as suas vidas sejam mais confortáveis ou menos adversas, quando das dificuldades e, para uma das participantes, a necessidade faz um artesão. Ela apresenta um exemplo:

Não sei se você sabe como nasceu o *patchwork*. Nasceu lá nos Estados Unidos quando tinha guerra – norte x sul. As mulheres do sul não tinham acesso às fazendas, os tecidos que vinham do norte. Elas começaram a cortar a parte de baixo da saia porque estragava aqui na barriga (mostra a barriga). A parte de baixo não estragava. Então começaram a emendar e a fazer o *patchwork*. Quer dizer, a necessidade faz o artesão (PÉROLA).

Trata-se de uma técnica muito antiga. Para Lopes (2008), durante o regime militar brasileiro (1964-1984) novas técnicas de *patchwork* foram trazidas por norte-americanos e difundiram-se em Minas e Goiás, principalmente. Apesar de ser muito utilizada nos Estados Unidos, sua origem é desconhecida, entretanto confirma o que Freire (1979) defende sobre a interferência histórica do ser humano em seu meio de forma criativa. O que mobiliza as mulheres a produzir artesanato? Quais são suas motivações?

Outra questão que apareceu nesta classe foi que a ruptura com o poder público aconteceu sem acordo algum com os membros do grupo, e que nessa ruptura as participantes perceberam que “[...] nós tínhamos que andar com nossas próprias pernas” (GRUPO A). Nessa nova configuração aconteceu o desenvolvimento da autonomia do grupo.

A vivência das mulheres no grupo fez com que aprendessem e reaprendessem coisas objetivas e subjetivas a respeito de suas vidas e de seus contextos. Para Machado (2000), nenhum conhecimento deve justificar-se como um fim em si mesmo; deve estar a serviço da inteligência, ou seja, dos projetos das pessoas, pois afinal a interpretação e o significado sempre são feitos por uma pessoa norteada por seus valores e escolhas políticas.

Evidenciou-se que a interação grupal atribuiu significado a questões de ordem prática; como sujeitos coletivos e criativos, buscaram novas formas de se reinventar. Machado (2000) de modo algum defende o estabelecimento de uma subordinação do conhecimento a uma aplicabilidade prática, mas reconhece a sua ideia subjacente, a construção da cidadania – uma articulação permanente e consistente entre projetos individuais e coletivos.

Dessa forma, o “Grupo de Mulheres” deixa de ser uma organização pública estatal e revela-se como um espaço público tendo a sociedade civil como mantenedora.

O artesanato, prática que se transforma em produto objetivo comercializável, revela-se elemento importantíssimo para os grupos estudados. É por meio dele que as mulheres incorporam os aprendizados subjetivos, como a disciplina, a autonomia, a solidariedade, a confiança, o cultivo às amizades.

Esta mulher que clama por valorização, como já discutido, mostra-se reveladora e preponderante nesta categoria também, e reforça que nos grupos estudados a questão é contemplada com muita ênfase.

Agora, se a autonomia, objetivo inicial desta configuração grupal, é alcançada por meio do artesanato, ela ocorreu pelo seu caráter coletivo.

Nesta pesquisa, o artesanato apresenta-se como um instrumento possibilitador de transformações. Apesar de sua relevância, evidenciou-se que os aprendizados subjetivos que o grupo possibilita aos seus membros é o mais relevante.

A variedade das técnicas evidenciou não ser relevante para as mulheres, mas sua variedade conversa com o contexto e as possibilidades que cada uma oferece naquele momento às artesãs.

Observe-se a síntese desta classe:

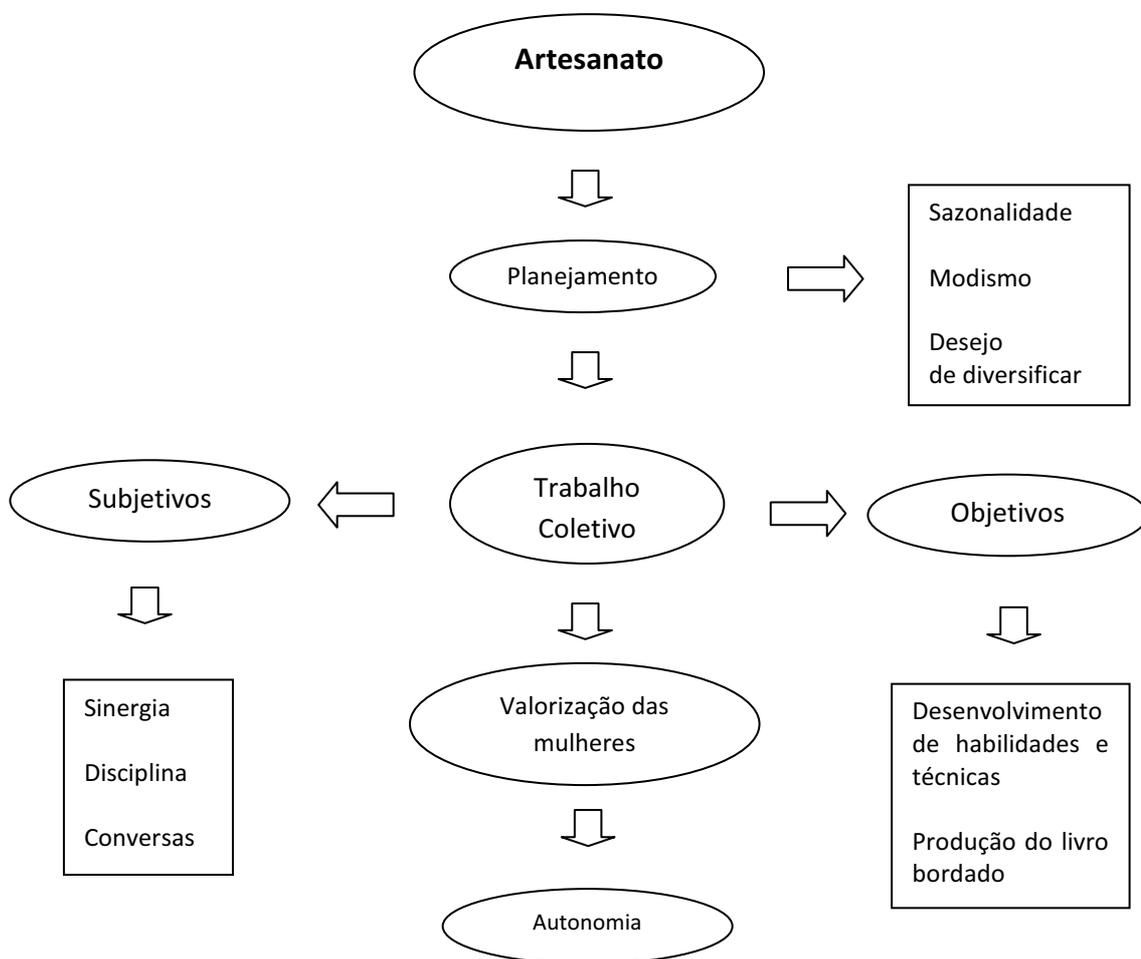


Figura 24: Síntese da Classe 1 - (Entrevistas Coletivas) - Artesanato

4.7.2 Classe 2 (Todas as entrevistas coletivas) - Associação

Nesta classe, como é possível observar no Quadro 3, a variável Lavras está próxima da categoria Associação, mas não a determina. Denominamos Associação, pois representa a

transformação do “Grupo de Mulheres” da comunidade de Lavras que foi absorvida por esta Associação e pelo “Grupo de Mulheres” do bairro dos Remédios, que se transformou em uma Associação de Artes.

Segundo o Sebrae ([s/d]), as associações são entidades de direito privado. Seus fins podem ser alterados pelos associados, seu patrimônio é constituído pela contribuição dos associados, por doações, subvenções e outras, e seus associados deliberam livremente. Para melhor compreensão, segue a íntegra de sua definição:

Associação, em um sentido amplo, é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades jurídicas com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para seus associados. Formalmente, qualquer que seja o tipo de associação ou seu objetivo podemos dizer que associação é uma forma jurídica de legalizar a união das pessoas em torno de seus interesses e que sua constituição permite a construção de condições maiores e melhores do que as que os indivíduos teriam isoladamente para a realização dos seus objetivos. A associação então, é a forma mais básica para se organizar juridicamente um grupo de pessoas para a realização de objetivos comuns (SEBRAE, [s/d]).

Segundo o Sebrae ([s/d]), sete princípios norteiam uma associação: Adesão voluntária e livre; Gestão democrática pelos sócios; Participação econômica dos sócios; Autonomia e independência; Educação, formação e informação; Interação; e, Interesse pela comunidade.

A ALavras, nos seus trabalhos comunitários, imprime forte caráter político, no sentido de trabalhar para uma interferência nas decisões políticas do distrito e da formação comunitária de seus membros como cidadãos responsáveis pelo cuidado com o ambiente e como agentes transformadores de seu espaço. Essa delimitação da ALavras acontece desde o início de sua formação, pois, devido à ausência do poder público, aparece como uma alternativa desta comunidade para desenvolver sua vocação turística, na preservação ao meio ambiente e no desejo de pertencer ao local, mesmo diante das adversidades e limitações de uma comunidade rural:

A ALavras foi criada com o objetivo claro de organizar a comunidade e desenvolver social e economicamente a região. Ajudar a gerar renda para as pessoas não ter que sair daqui [...] a gente tem planos de fazer um *camping* aqui [...] e desenvolver a região de Lavras como um ponto turístico de São Francisco Xavier (GRUPO C).

[...] Conseguir fazer com que as pessoas tenham vontade e conseguir morar aqui. Não adianta só vontade, tem que ser possível morar num lugar [...] 12 quilômetros do centro. Não tem transporte público. Não pega celular em lugar nenhum (GRUPO C).

Além da comunidade de Lavras, a Associação abrange a região vizinha, como Santa Cruz, Guirra, e há cerca de 200 pessoas envolvidas nas suas ações. Existem parcerias com o

setor privado e com o poder público, para desenvolvimento de ações e projetos. É perceptível o reconhecimento da associação como uma instância importante para a comunidade, e suas conquistas são celebradas com muito orgulho:

[...] A associação de Lavras, hoje em dia, faz parte do Conselho Gestor da APA de São Francisco Xavier, que é, em minha opinião, e na opinião de várias pessoas, o fórum mais importante que tem aqui em São Francisco Xavier [...] A Ametista foi a suplente na primeira gestão [...] (GRUPO C).

O “Grupo de Mulheres dos Remédios” caminhou para a institucionalização por decisão e trabalho das participantes, e voltou-se para as artes e a geração de renda, e o “Grupo de Mulheres de Lavras”, para uma ação externa ligada ao desenvolvimento comunitário que o absorveu. A rotatividade da comunidade de Lavras e a ausência do poder público contribuíram para sua mudança.

Essas realidades confirmam a transitoriedade da identidade, que é muito bem descrita por Hall (2005).

Observe-se a síntese desta classe:

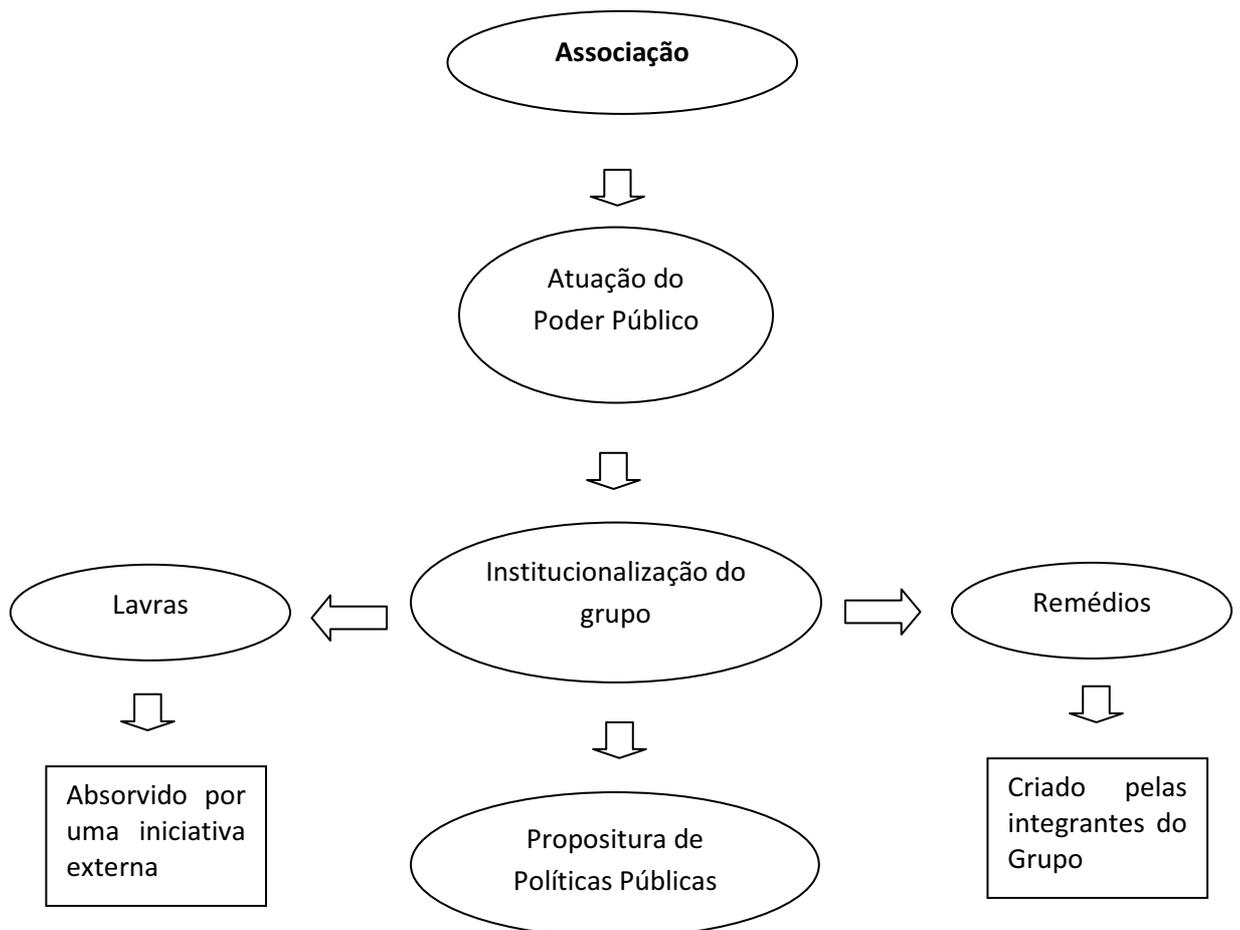


Figura 25: Síntese da Classe 2 (Entrevistas Coletivas) - Associação

4.7.3 Classe 3 (Todas as entrevistas coletivas) – Participação

Nesta classe, como é possível observar no Quadro 3, a variável Lavras está próxima da categoria participação, embora não a determine. Um dos aspectos marcantes foi a importância do planejamento e da realização de atividades complementares que reforçam e contribuem para a convivência, como os passeios que acontecem pelo menos uma vez ao ano, como as idas à praia, e outros que acontecem conforme o interesse do grupo em se reunir para passear. E nesses encontros, conforme Jovchelovitch (2008), que a possibilidade de aprendizados é fato:

Argumento que diferentes formas de saber coexistem, fecundando-se mutuamente e sofrendo transformações produtivas a partir de encontros dialógicos. Estes constituem um recurso, de fato, um patrimônio, para sujeitos individuais, para comunidades e para o processo de desenvolvimento de todos os saberes (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 27).

Neste caso, trata-se de um patrimônio difícil de ser mensurado. Os encontros dialógicos, defendidos também por Freire (1979), atribuem significado para o sujeito individual e coletivo, aproximando os envolvidos da possibilidade de novos e importantes saberes.

As mulheres saem para expor seus artesanatos em feiras e em outros eventos, e essas idas e vindas repercutem em participação:

Teve uma exposição de bordados no SESC Pinheiros de livros bordados e painéis [...] (após o evento) um monte de gente pediu para a gente mandar pelo correio o livro impresso e a moça que organizou essa exposição veio aqui em São Francisco no Festival da Mantiqueira (GRUPO A).

No caso dos passeios, percebeu-se que existe um acordo entre as participantes quanto à possibilidade da participação dos homens, dos maridos, dos filhos e de pessoas que, muitas vezes, não estão relacionadas ao grupo diretamente, como parentes e amigos: “[...] pode levar seu marido, pode levar os maridos” (PÉROLA). Torna-se um espaço para reunir e celebrar: “[...] outra vez nós fizemos um passeio que era aqui mesmo com o pessoal da Prefeitura, [...] e foram quatro gerações” (GRUPO A).

Quando do planejamento dos passeios, verificou-se a preocupação com a acessibilidade de todos os interessados. Por esse motivo, buscam-se alternativas para baixar o custo final dos passeios: “[...] perguntei lá se tem um albergue, uma escola que a gente pudesse ficar, ficaria mais barato [...] mas quem quiser ir, vai dando o nome [...]” (PÉROLA),

ou seja, quem quiser ir fale primeiro do interesse em ir e depois o lado financeiro é resolvido. Fato é que tais passeios agregam à vida dessas mulheres:

Nossa, eu acho que elas fazem uma viagem para a praia que as pessoas elas mesmas adoram. Eu nunca fui, mas quando falam dessa viagem, falam com a maior alegria que contagia de estar lá. Houve mulheres que não tiveram outra oportunidade de ver o mar que não essa e eu acho que ver o mar é uma maravilha mesmo, então fico feliz que tenha acontecido isso, embora eu nunca tenha ido com elas (GRUPO A).

Proporcionar lazer e cultura traz felicidade, não só as participantes, como também aos amigos e familiares.

Ver o mar, para essas mulheres, um trajeto de aproximadamente 150 quilômetros, relativamente perto, só foi possível pela participação nos eventos dos “Grupos de Mulheres”. Ir à praia, deslocar-se, pode não estar associado apenas a viajar, mas a sair do seu lugar, romper paradigmas, liberar-se, o que é facilitado, se feito no coletivo.

As mulheres relatam que há um estranhamento de alguns homens pela existência de um “Grupo de Mulheres”. Quando os homens perguntam por que há grupo para mulheres e não há grupo para homens, elas são enfáticas, e uma delas chegou a responder, quando questionada: “Uns homens perguntaram: ‘Que negócio é esse de ‘Grupo de Mulheres’? Não pode ter grupo de homens?’ falei ‘claro que pode, é só vocês fazerem’” (PÉROLA).

As mulheres enfatizam a diferença entre homem e mulher, e uma das participantes reforça que o espaço doméstico está ligado à história, mas ainda é uma situação presente na vida das participantes deste estudo “Assim, vamos dizer, essa convivência com um objetivo de repente de melhorar o seu dia a dia, o homem ele não sabe assim, terapia é ‘ter a pia cheia de louça para lavar’” (GRUPO A).

Para Giddens (2005), com o aumento no número das mulheres que começaram a exercer atividade remunerada os padrões familiares tradicionais foram modificados. O homem provedor tornou-se exceção, e em muitas famílias existe um movimento em direção a relações mais igualitárias.

Durante a entrevista foi perceptível a consciência das mulheres sobre a tendência do emergente papel da mulher, e isso faz com que encarem a situação com irreverência.

“Vocês acham que eu ser mulher facilitou o meu acesso aqui com vocês?” – esta pergunta foi feita pela pesquisadora, e a resposta foi: “Se fosse um homem era mais difícil a gente abrir o coração” (GRUPO A). A figura feminina no grupo inspira confiança e cumplicidade para compartilhar coisas do coração, mesmo com uma recém-conhecida.

Independentemente se é homem ou mulher, há maridos e familiares que incentivam a participação no grupo, principalmente quando há algum impedimento: “meu marido fala vai, vai, larga o serviço e vai” (ÁGUA MARINHA). Fato é que elas amam ter esse compromisso e se confraternizar:

Chega final do ano a gente faz a confraternização, sabe, sai. O grupo é um horário, eu sinto muito bem no grupo porque é um horário que não me atrapalha eu na minha casa. Sabe? (ÁGUA MARINHA).

Em referência à pamonhada, o planejamento é importante para garantir a participação de todas as interessadas, pois assim “não fica pesado para ninguém. Alguém leva o queijo, outra leva o café, o açúcar” (MADREPÉROLA). As datas comemorativas também são celebradas, e a integração com a comunidade e a interlocução com o poder público para aquisições de benefícios como uma trilha para a caminhada foram percebidas, conforme se identifica no seguinte relato:

No mês de maio nós fomos plantar árvores lá na fazenda [...] para homenagear as mães e a Mãe Terra e aí a gente, naquele dia, a gente já pediu para fazer uma trilha aqui para a gente caminhar aqui e não caminhar na estrada e essa semana já inauguramos a trilha...” (GRUPO A).

Essa trilha foi resultado de uma articulação junto ao poder público. Para elas, caminhar em trilhas é mais seguro, possivelmente pela prevenção a acidentes.

Além do planejamento dos passeios, esta classe evidenciou a participação das crianças no grupo e que acabam sendo cuidadas, e não só pelas mães. Um exemplo foi durante a entrevista coletiva, quando uma das participantes avisou a mãe que seu filho havia acordado e precisava de cuidados: “Querida, seu filho acordou!” (OPALA).

Levar os filhos ao grupo significa poder participar, pois, se não puder levar, possivelmente a mãe também não possa ir. Essa participação também está relacionada ao próprio cuidado com a formação dos filhos no que se refere à saúde. Há preocupação com o trajeto que realizam para chegar à escola, considerando a distância. Alguns precisam ir em uma van, uma vez que as escolas rurais foram desativadas e que seus espaços foram ocupados de outra forma. O fato de dois dos “Grupos de Mulheres” se reunirem em antigas escolas rurais permite compreender como a história das gerações relacionadas ao espaço físico se mistura. Nessas aproximações existe a possibilidade de troca a respeito das origens, que estão ligadas ao pertencimento. A seguir, um relato de uma das participantes quanto à escola rural onde estudou: “[...] eu estudei, meus filhos estudaram, os meus netos estudaram um pouquinho [...] faz parte da nossa vida” (ALEXANDRITA).

É possível observar nesses relatos a importância da família para esta mulher, sobretudo na sua integração às atividades junto ao “Grupo de Mulheres”, que parecem estar na “contramão” das tendências globais, pois:

Com a globalização as tradições como a que sustentava a esfera natural da mulher dentro de casa, vidas e identidades definidas por seu marido ou pai e formadas pelo contexto da comunidade em que nasciam que conferiam diretrizes relativamente fixas estão perdendo a importância à medida que as comunidades locais interagem com uma nova ordem global e de um movimento do *individualismo* no qual as pessoas devem ativamente se autoconstruir e construir suas identidades (GIDDENS, 2005, p. 64, grifo do autor).

A redação deste relatório retoma constantemente questões já trabalhadas, num movimento dialético, pois seria impossível tratar um assunto e depois outro. Isso porque todos se interconectam. Assim, Giddens (2005) rememora a questão da mulher cuidadora e o modo como, no século XXI, transita entre a esfera privada e a esfera pública, o que é discutido também por Costa (1989) e Falci (2004). Observa-se que o individualismo da atualidade obriga as pessoas a refletirem sobre seus papéis e sobre este emergente paradigma.

A mulher cuidadora é aquela que ajuda na formação dos filhos, com ensinamentos, e que assume a responsabilidade pela formação dos filhos, o que só é possível pela coerência e pela incorporação da cultura e de valores vigentes, quando ela verbaliza que se deve respeitar muita coisa:

Que a gente para ser mulher, ser uma mãe, dona de casa, a gente tem que ser muito responsável, dar bastante ensinamento, respeitar muita coisa, sabe? Para poder levar tudo certinho. A gente vai levando! Tenho três filhos, não é? Quero dar um bom exemplo, para os três filhos, mas às vezes não consigo. Mas eu dou meu exemplo de mãe, de esposa, sabe? Todinho. Eu faço a minha parte. Tenho certeza (ÁGUA MARINHA).

Durante uma entrevista coletiva, perguntou-se sobre a composição e a frequência no grupo ser apenas por mulheres, e a resposta de uma das participantes foi:

Deixa eu pensar... acho que a mulher é mais calma, não mais calma, mas assim, deixa eu ver o que falar... ela está mais disposta assim, pensando no objetivo do grupo, que no começo foi para terapia, então acho que a mulher está mais disposta sempre a se conviver” (GRUPO A).

Esta resposta revela também os aspectos da mulher cuidadora, que controla mais suas emoções e que está aberta a novos aprendizados por meio da convivência e do processo terapêutico.

Identificou-se também a preocupação com as participantes do grupo, quando da ausência por motivos de doença, e da distinção de papéis dentro do próprio grupo, com

aquelas que são responsáveis por levar ou fazer o café. Uma delas pouco gosta do artesanato, mas está assiduamente no grupo para fazer o café para as demais participantes.

Outro aspecto desta classe foi a visualização de assuntos sobre os quais as mulheres conversam durante a realização da entrevista coletiva, ou seja, no próprio grupo. Espontaneamente, falaram sobre vários assuntos que se misturaram às perguntas da entrevistadora e, nesta classe, tinham relação com o cuidado com os filhos, compartilhar experiências sobre passeios e encaminhamentos necessários sobre suas produções e planejamento dos passeios, ou seja, aquilo que era urgente naquele dia.

Para Alexandre (2002), participar de um grupo confere aprendizados no desempenho dos papéis que, segundo Giddens (2005) conferem o *status* de pertencer. Sendo assim, a participação das mulheres nos grupos ocorre com “consentimento e aprovação” dos familiares, e os eventos ganham uma projeção comunitária que favorece a construção identitária das mulheres. Para participarem é necessário também disciplina e desejo, aspectos individuais.

A participação dessas mulheres confere, portanto inúmeros aprendizados objetivos e subjetivos, e garante a interação delas com o grupo e das demais mulheres do grupo com seus familiares, ampliando a rede de relações e o papel social do grupo.

A seguir, a síntese desta classe:

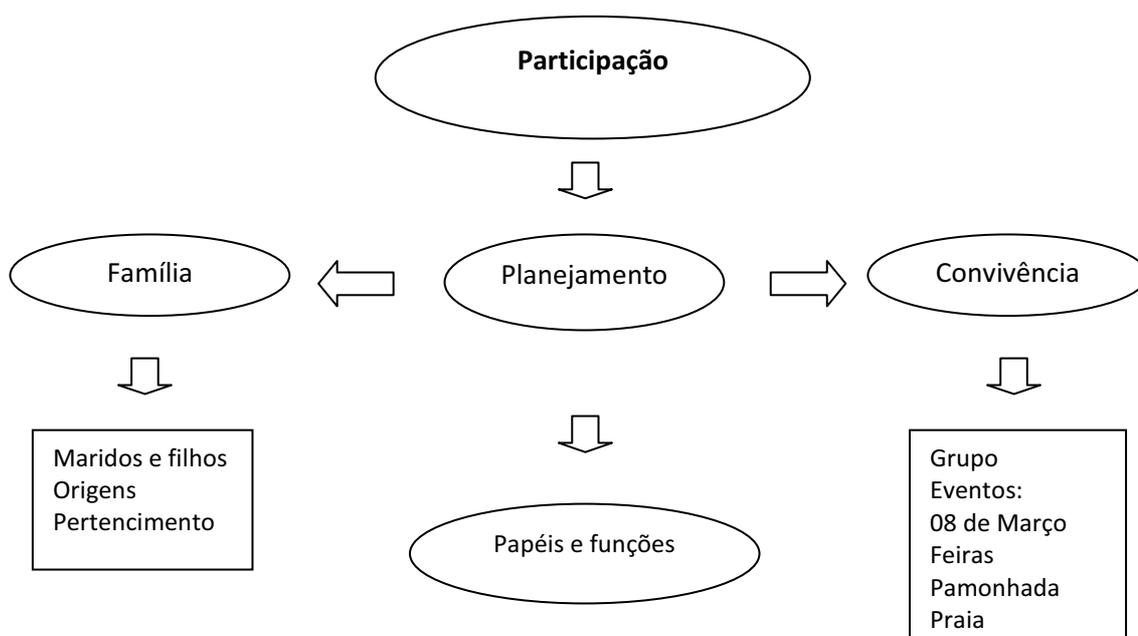


Figura 26: Síntese da Classe 3 (Entrevistas Coletivas) - Participação

4.7.4 Classe 4 (Todas as entrevistas coletivas) – Produção Coletiva

Nesta classe, como é possível observar no Quadro 3, a variável Lavras também está próxima do tema Produção Coletiva, embora ela não a determine. Nesta classe, identificou-se que a forma de organização do trabalho e a otimização dos recursos utilizados nas produções impactam no produto final e na geração de renda para as artesãs, visto que, no caso da produção de Lavras, o planejamento da produção culminou na identificação de produtos que seriam mais aceitos e que não gerassem concorrência com os demais “Grupos de Mulheres”. Assim, optaram por produzir “Jogos da Velha” e “Cinco Marias”. Cada pessoa é responsável por uma fase da produção e cada fase representa um valor revertido àquela que produziu. Tudo é anotado e controlado: “e anota tudo, porque nossos joguinhos eles são feitos em várias mãos, quem cortou, quem costurou, quem fez o fuxico [...]” (GRUPO C).

Comercializam seus produtos no próprio distrito, por meio de encomendas, em feiras ou exposição em lojas. A seguir uma imagem da loja Luíza Lua, localizada na praça central, onde os produtos artesanais são comercializados:



Figura 27 – Fachada da loja Luíza Lua
Fonte: (SOUZA, 2012)

Atender à demanda não é tarefa fácil, diante da escassez de mão de obra e do ritmo que as mulheres se propõem a seguir:

[...] Então, tem duas lojinhas lá em São Francisco Xavier que vendem. Eles falam “acabou os joguinhos” e a gente tem uma baixa produtividade por falta de mão de obra [...] é um produto artesanal, demorado mesmo para fazer e tudo mais. A gente acaba fazendo menos que poderia fazer (GRUPO C).

Diante da limitação da produção, há expectativa dos membros da ALavras de expandir a abrangência da produção artesanal para os bairros vizinhos, como o de Santa Cruz, inspirando-se no modelo dos “Grupos de Mulheres”. A produção artesanal é caracterizada por uma produção em pequena escala e com mão de obra especializada. Em alguns casos, pela especificidade e qualidade necessária para inserir o produto no mercado consumidor, o acabamento é atribuído àquelas pessoas que têm recurso para fazer com mais qualidade: “[...] O acabamento, sempre sou eu que faço [...] nem todo mundo tem máquina de costura ou sabe costurar [...]” (GRUPO C). Ou é atribuído às que têm habilidades para fazê-lo, por exemplo, operar uma máquina de costura: “[...] nem sempre todo mundo consegue fazer a mesma coisa, porque a costura do joguinho não é todo mundo que consegue fazer, nem fechar um fuxico bonitinho” (GRUPO C).

Nesta classe, a sustentabilidade, por meio do dinheiro, é condição imprescindível para que as ações propostas pela associação sejam de fato alcançadas e, quando da necessidade e do interesse comunitário, são realizadas ações para a arrecadação de fundos, que revertem para a própria comunidade. No caso do artesanato, tais conquistas implicam diretamente produções: “[...] nós temos duas máquinas de costura, que compramos com o dinheiro da associação” (GRUPO C).

Para Boff (2012), a categoria sustentabilidade provém do âmbito da biologia e da ecologia, e sua lógica é circular e incluyente, com tendência ao equilíbrio dinâmico, à cooperação e à coevolução. Já desenvolvimento é um termo que vem do campo da economia política industrialista/capitalista. Deve ser linear, crescente. Supõe a exploração da natureza e gera desigualdades.

Não há como dizer que o “Grupo de Mulheres” adota a categoria sustentabilidade ou a de desenvolvimento, mas ele transita entre as duas categorias, embora esteja mais ligado à sustentabilidade.

Boff (2012) observa que, se essa compreensão está correta, sustentabilidade e desenvolvimento configuram-se numa contradição nos próprios termos, pois suas lógicas se autonegam: uma privilegia o indivíduo, e a outra, o coletivo; uma enfatiza a competição, e a

outra, a cooperação, uma aponta a evolução do mais apto, e a outra, a coevolução de todos juntos e inter-relacionados.

Constata-se que a categoria sustentabilidade está mais ligada aos grupos estudados, pois as produções coletivas estão associadas às conquistas coletivas da comunidade. A máquina de costura pode ser utilizada por aqueles que dominam sua técnica, assim como viabilizar o acesso das pessoas ao aprendizado necessário para operá-la e, com isso, gerar renda, melhorar a vida comunitária e suas condições de vida. Já o retorno financeiro não é nada substancial, pois o artesanato concorre em desvantagem com as produções industriais, e sua produção não é suficiente para a geração de renda para as pesquisadas, de forma a suprirem suas despesas essenciais.

Suas produções às projetam para as relações com a comunidade de forma a agregar outros possibilitadores de desenvolvimento humano.

Observe-se a síntese desta classe:

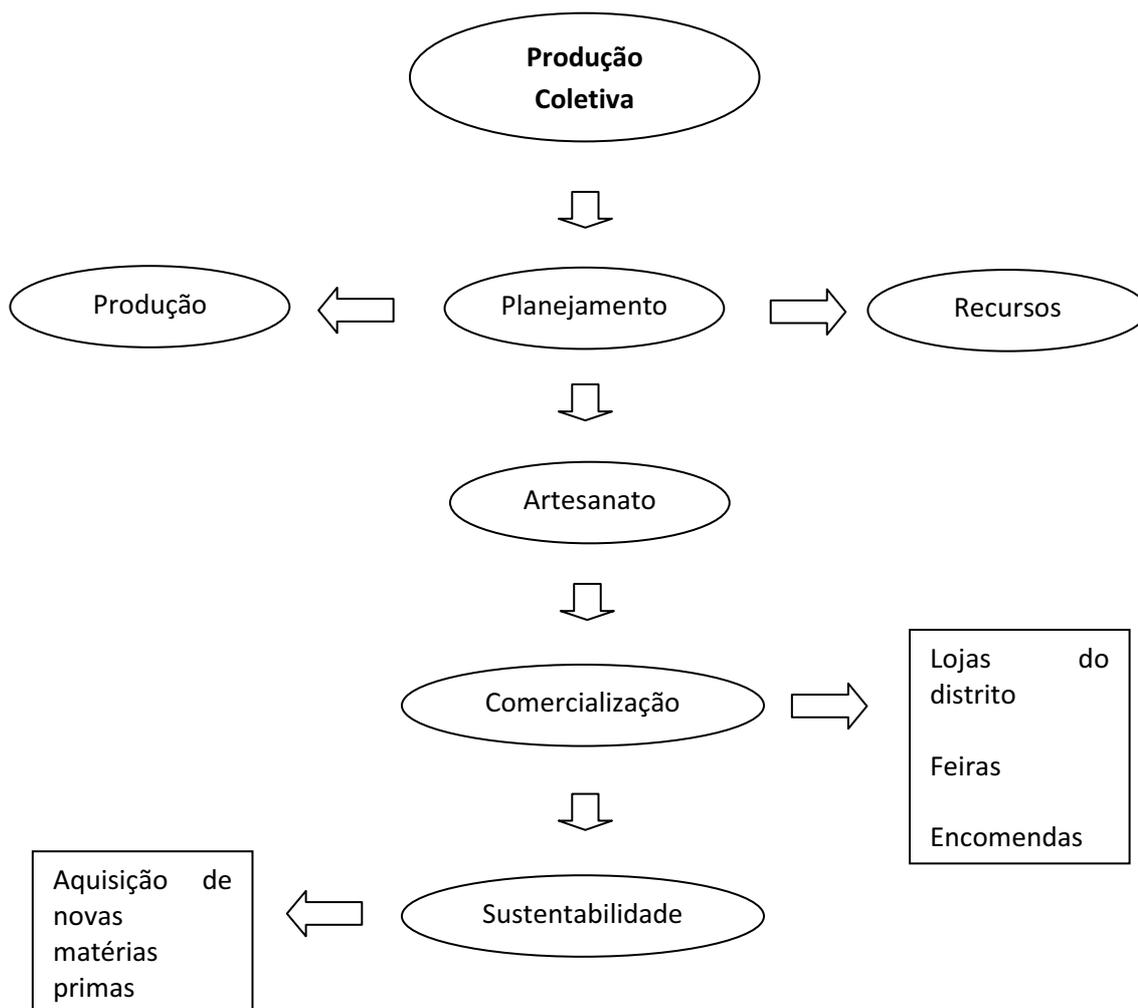


Figura 28: Síntese da Classe 4 (Entrevistas Coletivas) – Produção Coletiva

A Figura 29 apresenta uma metáfora curiosa, que pode ser reveladora. O grupo nasceu, mas por que sua gestação passou despercebida? Quem fecundou a ideia? Quais foram os que cuidaram dessa gestação? Quais são os responsáveis? Quem cuidará do grupo? Nasceu. Em que o grupo cresceu? Se foi gestado, é vida, e se é vida, tem a ver com saúde. Enfim, que metáfora é esta?

Nasceu para bordar? Por meio do bordado é que elas se integram, se solidarizam, se tornam amigas, se comunicam, se valorizam, se cuidam, promovem saúde, se desenvolvem. Uma das participantes relatou que sua vida antes de participar do grupo “era uma vida rotineira, de dona de casa, cuidar da casa, do marido, filhos” (TOPÁZIO). Portanto, com o nascimento do grupo nasceu também uma mulher diferente, que amplia o espaço doméstico para outras possibilidades de interação.

Para se formar um grupo é essencial a presença das pessoas:

Aí a gente chegou em São Francisco, a gente com a idade da gente já está avançada, daí a gente ficou lá dentro de casa, ficava dentro de casa. Aí umas amigas me convidaram para participar desse grupo. Aí eu fui. Então eu já sabia fazer alguma coisinha, aprendi mais alguma coisa e também gostei do grupo e continuei. Estou até hoje (ÁGUA MARINHA).

Esta participante faz questão de frisar que é idosa e que limitava-se ao espaço doméstico. Sua inserção no grupo ocorreu de forma espontânea, após um convite, como ocorre nas demais situações, e neste espaço realizou aprendizados.

Além da terapia ocupacional, os cuidados de saúde dispensados pelos seus agentes aparecem também como elementos importantes para o atual fazer artesanal e perpetuação do grupo, visto que:

[...] na Santa Bárbara [...] antes de existir o “Grupo de Mulheres” eles **(referindo-se aos trabalhadores vinculados a Secretaria de Saúde)** iam com a enfermeira lá, com o trabalho da terapia ocupacional, pintar [...] (PÉROLA).

A necessidade de dispensar cuidados à sua saúde foi preponderante para a formação do grupo e para sua configuração atual.

A intervenção do médico na vida privada, no período higienista (COSTA, 1989), precedeu a configuração atual, que conta com a ampliação dos serviços de saúde e de especialistas que trabalham para assegurar o direito da população à saúde (BRASIL, 1990). A ação que ocorreu no distrito data do ano de 1991, aproximadamente um ano depois da aprovação do Sistema Único de Saúde. Uma ação inovadora para o formato praticado naquele período, principalmente se considerarmos o período de adaptação de uma legislação com tamanha amplitude.

Se as ações primárias voltadas à saúde da população devem prever uma integração de setores, serviços e conhecimentos e se isto é uma escolha política (SCLIAR, 2007), a criação desses grupos foi uma escolha política, assim como sua interrupção.

Vale ressaltar que, quando da interrupção, as participantes assumiram a responsabilidade.

A ampliação dos grupos ocorreu certamente pelas experiências que as pessoas ligadas à Secretaria de Saúde e membros do próprio grupo tiveram a oportunidade de implantar, vivenciar, e que multiplicaram para outros contextos. Nesse aspecto, “[...] estruturas tradicionais de identidade estão dissolvendo-se e novos padrões de identidade estão surgindo. A globalização está forçando as pessoas a viver de um modo mais aberto e reflexivo” (GIDDENS, 2005, p. 69). Apenas por meio da abertura para o novo, por meio de um processo reflexivo, foi possível visualizar essa experiência se multiplicando e sendo incorporada por pessoas de outros contextos, como ocorreu com a criação de outros grupos.

O “Grupo de Mulheres Santa Bárbara” possui poucos membros e algumas frequentadoras receiam que ele acabe, pois sentem que não há renovação. Há pouca inserção de novas participantes e as mais jovens não manifestam desejo em fazer parte do grupo.

Nesta classe visualiza-se que o “Grupo de Mulheres da Região Central” e o “Grupo de Mulheres de Santa Bárbara” iniciaram suas atividades quase que simultaneamente. O “Grupo de Mulheres dos Remédios” e o “Grupo de Mulheres de Lavras”, posteriormente. O grupo inspirou também a formação de uma iniciativa em São José dos Campos, no bairro do Interlagos, por uma ex-integrante do “Grupo de Mulheres da Região Central”, inspirado no modelo de São Francisco Xavier. Não se trata de um grupo propriamente dito, mas desenvolve atividades voltadas à valorização da mulher.

Nesta classe identificou-se também uma preocupação das participantes com aquelas que não fazem mais parte do grupo e com as parcerias que estabelecem no decorrer desses encontros, que são imprescindíveis para a continuidade e perpetuação dos grupos.

O desejo de perpetuação esconde o medo de que ele se acabe: “então o que eu estou lembrando aquele dia lá no grupo em Santa Bárbara, a dona [...] falou ‘ah, esse grupo não pode acabar, porque senão...’ E o grupo de Santa Bárbara está quase acabando” (GRUPO A). Para que não se acabe, é necessária a participação. Assim, para uma das participantes a ausência é um ponto negativo: “Quanto mais cheio aqui, melhor [...]” (GRUPO A). As pesquisadas fazem questão de enfatizar que o grupo está aberto à participação de novos membros: “o pessoal pergunta: ‘eu preciso fazer inscrição?’” (GRUPO A). As participantes, diante das dúvidas de possíveis novos membros, são enfáticas em esclarecer seus objetivos,

forma de organização, e atrativos para assim divulgar e garantir a adesão de novas pessoas. Observe-se a síntese desta classe:

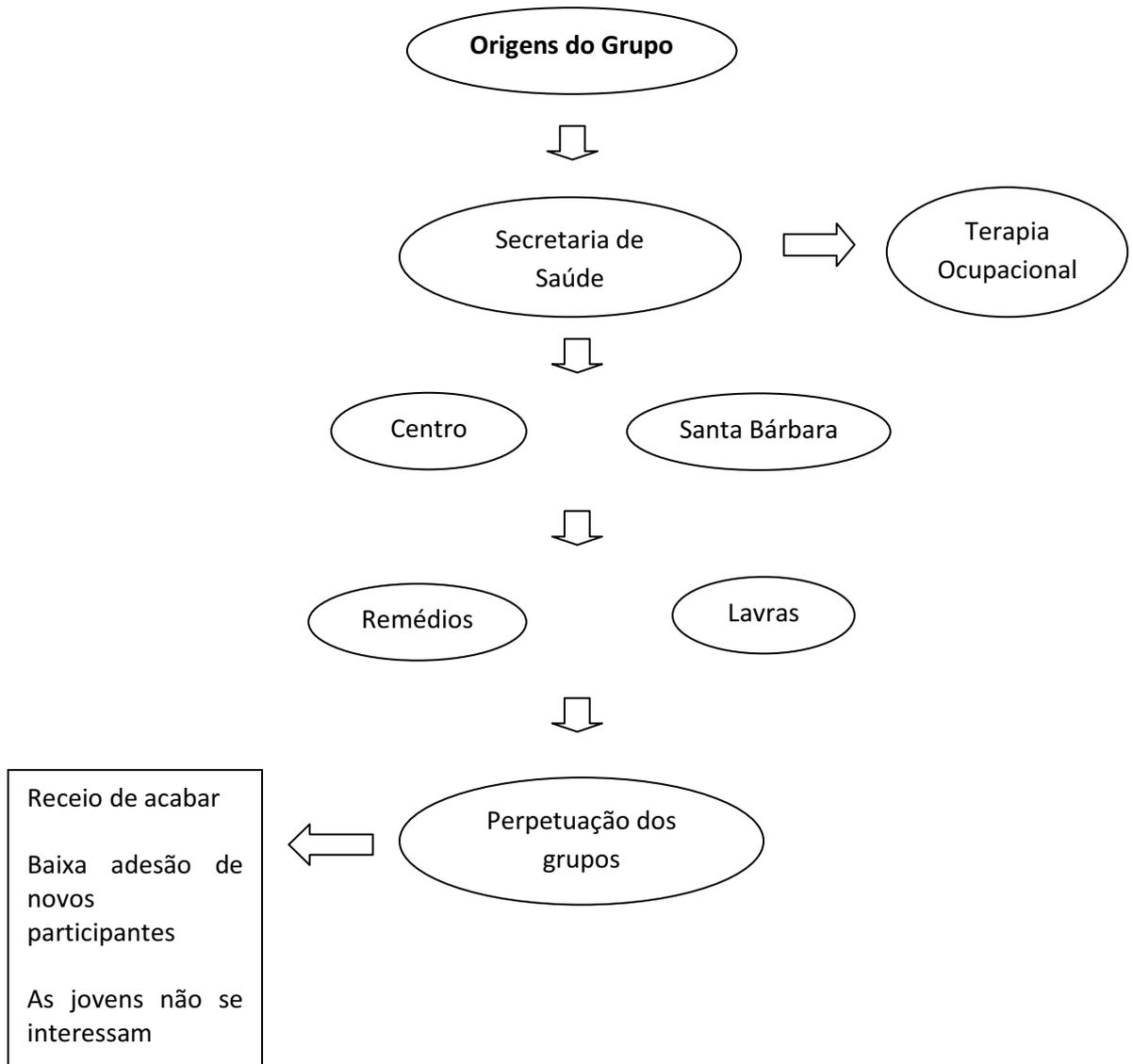


Figura 30: Síntese da Classe 5 (Entrevistas Coletivas) – Origens do Grupo

4.8 Resultados de todas as entrevistas individuais – Grupo Centro

Conforme escolha metodológica da pesquisa, buscou-se identificar um grupo, dentre os pesquisados, para que fosse estudado com profundidade. O escolhido foi o “Grupo Centro”.

Esta escolha foi motivada por alguns elementos: ser o grupo mais antigo, visando à compreensão da história e dos aspectos que contribuíram com sua sustentabilidade; ter transitado da terapia para a autonomia e ser um articulador comunitário; a profissão de 24%

(cinco dentre 13 pesquisadas) das mulheres deste grupo estar ligada ao artesanato, ou seja, reconhecem a identidade de artesãs; ser um grupo composto por mulheres tanto da área rural quanto da urbana, o que evidencia a possibilidade de compreensão das questões ligadas ao campo e à região central.

Dessa forma, as entrevistas individuais foram realizadas apenas com as mulheres do “Grupo de Mulheres da Região Central”, com o objetivo de melhor compreensão do fenômeno estudado.

Foram realizadas sete entrevistas, duas pela metodologia da história oral, e seu conteúdo não foi analisado pelo *software* ALCESTE©, embora tenha sido incorporado às discussões em todo o corpo do trabalho.

A classe 1 identificou 47,01% das UCEs e foi denominada Grupo Centro; a classe 2, com 30,49% das UCEs, foi denominada Liderança; a classe 3, com 10,54%, Trajetórias; e 11,97% foram eliminadas, ou seja, não se encaixaram em nenhuma das classes.

No Quadro 4 é possível visualizar as classes e as palavras com maior qui quadrado identificadas:

Classe 1 (47,01%)	Classe 2 (30,49%)	Classe 3 (10,54%)
Grupo Centro	Liderança	Trajetórias
*Pérola ¹ Grupo+ Ach+ As Gente Ajud+ Mulhe+ *Esmeralda ¹ Também E Dona Pesso+ Estud+ Particip+ Boa Das Mais Troc+ Ensin+ Bastante Artesan+	*Rubi ¹ Você Ou Diz Pérola Digo Não Seja Porque Coloc+ Diss+ Tip+ Traduç+ Human+ Teu Filosof+ Algo Esta	Vim Mor+ Ano+ Bairro+ São Francisco Aposent+ São Francisco Xavier Sítio Pais+ São José dos Campos Daqui Pai Diret+ Estudos *Água Marinha ¹ Em Fiqu+ Roça Professor+ Fui
* Variável próxima, mas não determina a classe		
¹ Nomes fictícios para preservar os dados sigilosos da pesquisa		

Quadro 4: Palavras para identificação das classes conforme qui quadrado – Entrevistas Individuais

4.8.1 Classe 1 (Todas as entrevistas individuais) - Grupo Centro

Nesta classe, como é possível observar no Quadro 4, identificou-se, em suas variáveis, a importância de estar junto e da possibilidade de aprendizados com essa convivência. Além do aprendizado relacionado ao artesanato, há prazer em conviver, mesmo que a convivência implique rever conceitos e exercitar a tolerância, quando da divergência de opiniões ou técnicas. Uma das participantes admite que “foi muito bom assim pela relação de união, de convivência com as pessoas” (TOPÁZIO). “Eu amo ser mulher e no grupo a gente sente mais isso, tanto a gente valoriza as outras mulheres e somos valorizadas como mulher” (ESMERALDA). Essa convivência confere aos seus membros até mesmo um fascínio pelo grupo, pois se sentem valorizadas como mulheres, valorizam suas colegas e refletem sobre o seu lugar na sociedade:

Mas é essa afirmação de que eu sou mulher, que me sinto mulher é que eu sou orgulhosa de ser mulher... Que sou feliz por eu ser mulher. Eu acho que essa afirmação, que “eu sou mulher” envolve também a nossa responsabilidade no mundo, na sociedade e da não subserviência [...] (PEROLA).

Ora, se é importante para o grupo a valorização da mulher é porque ela não é valorizada. Valorizar é atribuir ou aumentar o valor de algo ou alguém e, neste caso, da mulher. Se a mulher não se sente valorizada é porque se considera no extremo oposto, desvalorizada; portanto, algo sem valor, “subserviente”, que pode ser até mesmo pensada ou reduzida a uma coisa, a um objeto e, sendo um objeto, não há subjetividade, possivelmente há dominação de alguém que atribui valor. Roggero (2010), utilizando-se de alguns autores, discutiu que uma forma de dominação é a do capital e do trabalho alienado.

Não há como compreender a dominação sem lançar um olhar para a história, para o contexto. Indagadas sobre a história da mulher brasileira, as participantes deste estudo revelaram que está relacionada a mulheres que se destacaram, por exemplo, a presidente Dilma Rousseff, a primeira mulher eleita presidenta do Brasil, em 2010. De alguma forma, as mulheres que se destacaram na história são admiradas e servem de inspiração para suas vidas. Para elas, são mulheres valorizadas.

Uma das pesquisadas verbalizou que a mulher está vivendo um momento histórico único e que elas têm que se adaptar a essas mudanças. Depois de muitos séculos, essas mudanças apresentaram-se de forma rápida e irreversível. Do jeito que uma das participantes da entrevista aborda o assunto, fica claro que se trata de um novo paradigma, considerando,

sobretudo que tais mudanças impactaram de forma definitiva na vida das mulheres de todas as nações e em vários âmbitos, sobretudo o doméstico e o mercado de trabalho.

Eu não acredito que a mulher do Brasil seja muito diferente de todas as mulheres de todos os países, porque eu vejo em situações que ela está sempre sendo pioneira. De um modo geral a mulher tem que se redescobrir no mundo inteiro e no Brasil não foi diferente haja vista a ascensão da Dilma agora como a primeira presidente no Brasil mulher, ou seja, não importa com que meios chegaram, ela chegou. Ela chegou! E isso, queira ou não, repercute em todas as mulheres, porque todas se sentem espelhadas nela ou inspiradas nela. Você pode realmente galgar posições difíceis de chegar. E chega. Ela, se você pega currículo de candidatos o dela era o mais pobre! Ela só tinha formação cultural. Ela não tinha nenhum cargo de destaque antes, ela não tinha sido governador ou governadora, não tinha sido. [...] ela era a menos experiente. Ela seria a menos capacitada. Ela seria a menos e, no entanto, ela chegou. Ou seja, porquê chegou? Normalmente você chega por uma questão de necessidade. Chegou por uma necessidade. Ela estava lá no momento certo, na hora certa e foi a presidente, a presidenta, como ela gosta de ser chamada, a presidenta do Brasil. Eu vejo que a mulher em todas as situações ela tem se destacado muito. Isso sempre tem uma moeda negativa (RUBI).

A discussão indivíduo x coletividade é importante, pois o fato de a presidente Dilma ter conseguido chegar a essa posição não significa, em absoluto, que isso é uma realidade para todas as brasileiras. As mulheres que têm essa projeção são referências, por constituírem uma ínfima parcela das brasileiras que conseguem esse destaque.

Quando essa mulher determina que a sua valorização é imperativa e que se “espelha” em mulheres de sucesso que conseguiram “trilhar o caminho das pedras” e conquistar seu espaço no seu tempo, ela volta-se a sua história e a reconstrói dialeticamente. A valorização a que se refere tem a ver com a superação dos papéis atribuídos socialmente às mulheres (BASSANEZI, 2004). Isso porque tais papéis subtraíam a subjetividade dessas mulheres. A necessidade de resgate de si própria ocorre por meio da sua valorização – por si própria, pelo outro e pela comunidade.

A questão negativa apresentada pela entrevistada é o fato de não ter mais tempo para ficar em casa e ter de atribuir a educação dos filhos aos cuidados de outras pessoas. Por outro lado, esse sair de casa foi uma novidade para algumas das participantes desse grupo, visto que uma das entrevistadas assim falou: “é uma hora que a gente passa lá assim, muito gostosa. Você esquece os problemas de casa” (TOPÁZIO). A casa, ao mesmo tempo em que acolhe, é o lugar dos conflitos, e sair desse espaço, nem que seja por um pequeno período, é importante para essas mulheres. Outra participante admite que sua vida melhorou após sua participação no grupo:

Minha vida era ficar dentro de casa, só cuidando da casa, dos afazeres domésticos que a gente não tem estudo, não tem nada. Só ficava dentro de casa e agora a gente já tem mais liberdade de passear, sair, sabe. Melhorou bastante (ÁGUA MARINHA).

O estar no grupo sugere que de alguma forma essa valorização é possível. Há resgate de sua subjetividade, por meio do fazer artesanal ou das atividades inerentes ao fazer grupal que são geradoras de outros aspectos que potencializam suas histórias e suas vidas.

Além de agregar as mulheres para o fazer artesanal, identificaram-se algumas funções do grupo como aquelas voltadas à solidariedade, à amizade e à união entre suas participantes.

Eu acho que as mulheres aprenderam a ser solidárias também porque a nossa filosofia é troca de saberes. Uma ensina para a outra aquilo que sabe. Tem umas que sabem fazer fuxico muito bem, outras fazem os quadradinhos magnificamente, há outras [...] que bordam muito bem, enfim eu acho que e quando a gente sai para passear a solidariedade é ponto culminante (PÉROLA).

Novamente a solidariedade aparece como característica marcante, não só do grupo, como também do distrito, conforme descrito por Santos (2010). O grupo exerce influência na vida pessoal das participantes: “Ah, eu sinto muito bem, sabe? Eu gosto muito de todas as amigas. Me influi muito, sabe? Ajuda eu muito. Em todas as partes minha o grupo ajuda bastante. Sabe, a gente não tem o que falar. Faz dez anos já que eu participo (ÁGUA MARINHA). Identificou-se que uma das funções do grupo está relacionada à sua criação com o caráter terapêutico, pois admitem que estar no grupo e produzir artesanato contribui com a superação de doenças como a depressão.

Freire (1979) defende a idéia de que o amor é uma tarefa do sujeito, sendo uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam e que cada um tem o outro como sujeito de seu amor, inexistindo educação sem amor.

Os sentimentos também têm lugar no grupo. Há saudade das ex-integrantes, gratidão àquelas que contribuíram com o início desse processo grupal e àquelas que contribuem com suas ações e habilidades para a manutenção do grupo, sobretudo suas líderes: “a minha responsabilidade com o grupo é de gratidão” (RUBI), “o dia que eu não posso ir no grupo, eu sinto muito, acho falta, sabe?” (ÁGUA MARINHA). A alegria em conviver também se faz presente.

Ah eu acho que a convivência, que vai lá conversa, pega um trabalho, leva para a casa, faz, então enquanto você está fazendo aquilo lá você esquece de alguma coisa. Uma terapia para gente que tem mais idade [...] Ficar dentro de casa só ali olhando para a TV e vendo coisas que às vezes nem é bom a gente estar vendo, então se você estiver fazendo aquilo ali distrai você (ÁGUA MARINHA).

Segundo esta participante, a convivência e o fazer artesanal têm o poder de distrair, de tirar a concentração de algo, neste caso, de coisas desagradáveis, para dedicação às relações e ao fazer artesanal, nas interconexões que ele promove. Esta mulher admite que isso tenha poder terapêutico.

A crítica que a participante faz à televisão evidencia a questão da mídia que, segundo Giddens (2005), desempenha papel fundamental na sociedade, pois influencia a vida das pessoas, não só quanto ao entretenimento, mas também quanto a fornecer e moldar informações que as pessoas utilizam no cotidiano. Destaca que muitos críticos estão preocupados com a concentração do poder da mídia nas mãos de algumas empresas ou indivíduos poderosos, o que pode enfraquecer os mecanismos da democracia.

A televisão transforma-se numa mercadoria, a qual a entrevistada não quer consumir, e escolhe produzir artesanato.

A venda dos produtos não repercute na obtenção de uma renda significativa, pois, conforme uma participante relatou: “Ajuda um pouquinho. Muito pouquinho. Não tenho assim, sabe, é só mesmo para divertir, sabe? Não tem o que fazer, fica assistindo televisão, bordando, então, ajuda um pouquinho” (ÁGUA MARINHA). Apesar disso, esta é uma das funções do grupo.

Assim como ocorreu em outra categoria, em relação ao artesanato admitem que os homens também produzem, mas que nesse aspecto a vantagem fica para as mulheres, que têm mais desenvoltura. Para o aprimoramento de técnicas já utilizadas, a humildade para aprender coisas novas é um aspecto importante, assim como ensinar e desejar o domínio de alguma técnica.

A sazonalidade do grupo quanto às suas produções e a rotatividade de seus membros é uma característica antiga. A alegria com a chegada de novas participantes renova o desejo de pertencer. Sentem-se valorizadas no grupo e na comunidade, e por meio do fazer artesanal é que conquistam essa valorização.

As expectativas dessas mulheres em relação ao grupo é que também ele seja reconhecido, conquiste seu espaço. Uma das entrevistadas aponta que sua expectativa:

É que a gente conseguisse algum local para a gente, assim fora, para a gente estar levando nossos produtos, para ser conhecido, ainda mais, apesar de que aqui são bem vendidas as nossas coisas, não é? [...] (deseja) que essas mulheres tivessem mais trabalho (TOPÁZIO).

Esta participante acredita que a valorização das mulheres aconteceria pela valorização do fazer artesanal por meio da divulgação e venda e, por consequência, a produtividade seria maior.

Nesse aspecto, percebe-se um tênue limiar entre o aumento da produção para a valorização das mulheres e a produção a serviço do capitalismo, que subtrai a subjetividade do trabalhador, conforme abordado por Roggero (2010).

Observe-se a síntese desta classe:

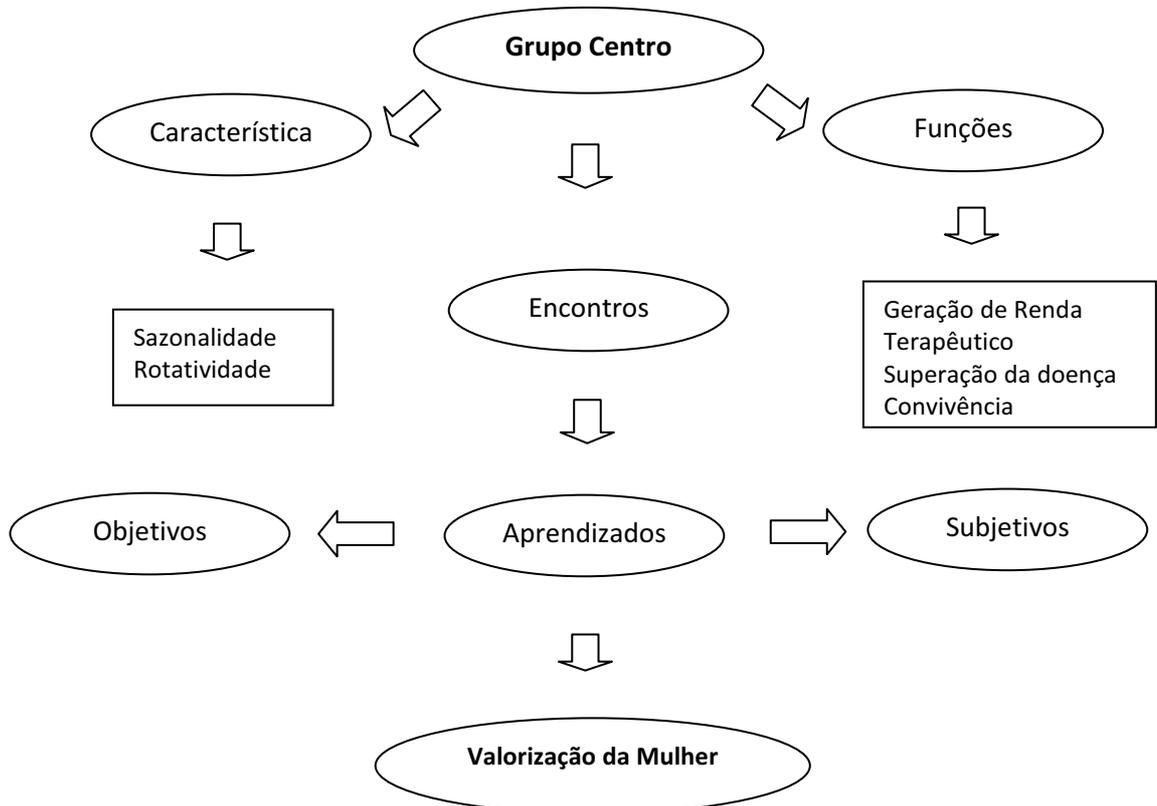


Figura 31: Síntese da Classe 1 (Entrevistas Individuais) – Grupo Centro

4.8.2 Classe 2 (Todas as entrevistas individuais) - Liderança

Nesta classe, como é possível observar no Quadro 4, a variável Rubi, nome fictício de uma das entrevistadas, também está próxima da classe em questão, embora ela não a determine. Nesta classe identificou-se que o papel da líder do grupo é muito importante para sua manutenção, pois por meio dessa liderança o ser humano é valorizado, ou seja, a subjetividade das participantes é levada em consideração. Seu papel é o de estimular e motivar as participantes para suas realizações, sobretudo aquelas que não reverterem num retorno financeiro, como os trabalhos voluntários e os passeios. Verificou-se que a relação que as participantes mantêm com a líder repercute em colaboração, e uma das participantes

externa bem isso: “[...] eu faço por ti, ou seja, não é uma intenção de ganhar dinheiro é uma intenção de aportar de fato com algo que ela precise porque eu sei que ela fica sobrecarregada muitas vezes” (RUBI).

Há preocupação e solidariedade genuínas, e isso é alimentado pela líder, uma vez que se verificou a importância de a liderança envolver todas as participantes em todos os processos que exigem trabalho coletivo, pois somente com o sentimento de pertencimento haverá dedicação e empenho nas atividades, sobretudo naquelas que não revertem, imediatamente, em dinheiro. Sobre liderança,

Estudos realizados em diversas áreas colocam o líder num lugar de destaque, ainda que sob enfoques diferentes: traço de personalidade, comportamentos ou interação com o grupo. Sua atuação normalmente é avaliada pela capacidade de exercer influência, independente do ambiente em que atua (FONSECA, MORAES; CHAMON, 2009, p. 40).

Verificou-se que na atual liderança há valorização do ser humano e o receio de que a troca da liderança transforme o grupo apenas num gerador de renda, pois “já tentou (a líder) várias vezes passar para outra pessoa e aí entra aquela coisa comercial, aumentar o preço, fazer acontecer, performance” (RUBI).

Uma questão importante a ser destacada nesta narrativa refere-se ao receio de mudança dos objetivos do grupo, uma vez que se teme que ele siga as tendências do mercado e, por consequência se submeta a um trabalho alienado, pois

A *práxis* esconde a subjetividade sob o caráter de aparência do sujeito que se dissolve na massa quando lhe é demandada uma ação esvaziada de razão. A ação vazia é aquela requerida pela racionalidade econômica: o trabalho alienado (ROGGERO, 2010, p. 159).

Atualmente reconhecem que o grupo é um legítimo espaço para o exercício de uma prática que respeita e considera os sujeitos, tornando-os pessoas melhores, mais harmoniosas consigo mesmas e com a coletividade.

Outro papel atribuído à liderança é o da contribuição com reflexões sobre aquilo que é do indivíduo e aquilo que pertence a um grupo. O balizador para essa questão é a ética, conforme lembrado por uma das participantes: “acho que a gente tem que ter respeito com as coisas que é de todo mundo. Não pode cada um pegar material levar para a casa e não trazer mais” (PÉROLA). Dessa forma, quando se constrói o cuidado com a matéria-prima do grupo, constrói-se também um saber sobre o discernimento e o respeito.

Aqui está a discussão entre o público e o privado. Verificou-se que para algumas delas isso fica confuso, mas as reflexões acerca da prática tendo a ética como referência contribuem para essa compreensão e, por consequência, traz assertividade à ação. Embora isso não

inviabiliza a responsabilidade individual sobre o tema, fica evidente que o viver em comunidade é extremamente importante para a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

Para Freire (1979), a possibilidade de o ser humano sair do seu contexto e refletir sobre suas ações e a intencionalidade de sua prática transforma-o em um ser da *práxis* e o diferencia dos demais animais, sendo este o princípio do comprometimento.

A atual liderança exerce papel importante na motivação das participantes. Ceder às pressões do mercado capitalista e modificar seus interesses e diretrizes, como o de primar pelas relações, o que as orgulham tanto, para reduzirem-se a produtoras de artesanato, com certeza seria um retrocesso. Evidencia-se, portanto uma forma de resistência.

Alegria em receber e estímulo às produções e criações são identificados neste grupo que, por meio da sua líder, acolhe o diverso. Assim, o grupo sempre se renova.

Para estar no grupo é necessário esforço, determinação, dedicação, compromisso e vontade, pois todas as mulheres têm suas atividades e compromissos diários. Abdicar desses compromissos para estar no grupo semanalmente requer disciplina: “vontade de cada uma participar, fazer sacrifício de deixar sua casa, seu trabalho e vir aqui, e isso é de cada um” (GRUPO A), ou seja, o compromisso é pessoal. A solidariedade, o afeto, o carinho são importantes neste grupo. Observe-se a síntese desta classe:

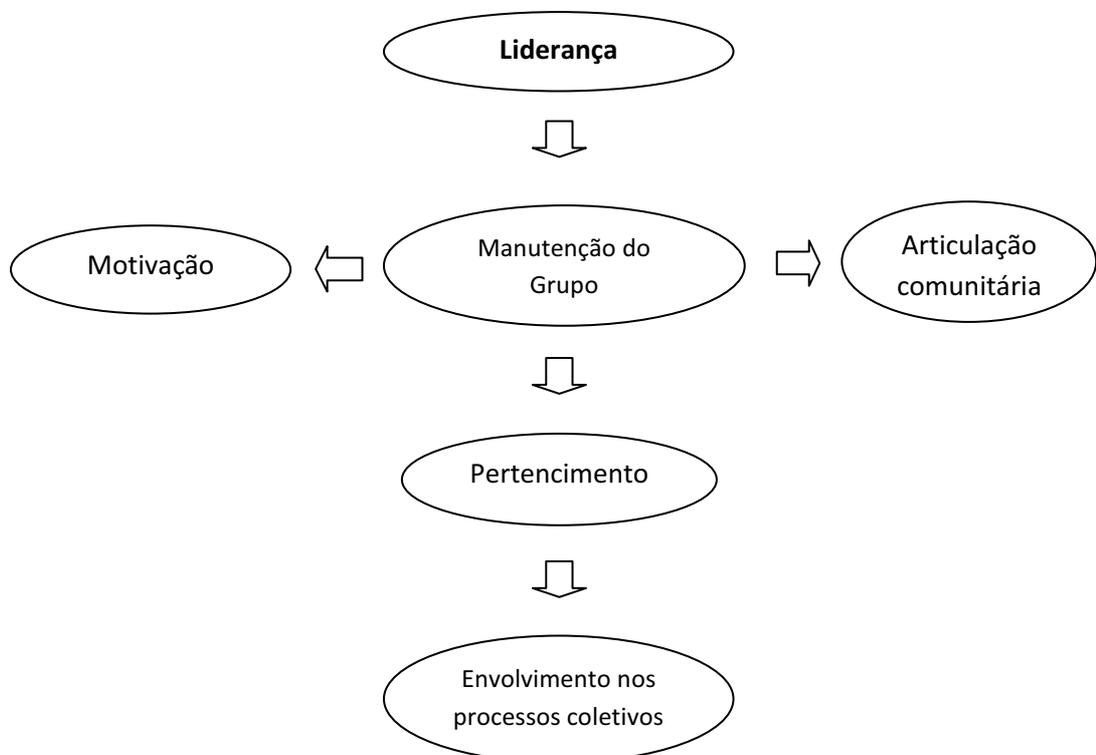


Figura 32: Síntese da Classe 2 (Entrevistas Individuais) - Liderança

4.8.3 Classe 3 (Todas as entrevistas individuais) – Trajetórias

Nesta classe, como é possível observar no Quadro 4, a variável Esmeralda está próxima do tema em questão, mas não o determina. Nesta classe identificou-se que as trajetórias das participantes, como suas vidas, estão ligadas ao distrito, no casamento, constituição de família, criação dos filhos, aposentadoria. Em relação com a sede, São José dos Campos, no que se refere ao trabalho e aos estudos, a dificuldade que a distância confere a esse deslocamento impacta de forma significativa suas vidas.

Evidenciou-se que a ocupação de um território deve ser feita de forma a contribuir para o desenvolvimento local de forma sustentável, ou seja, morar significa relacionar-se com todas as formas de vida, e o espaço deve ser pensado para atender à coletividade:

Quando eu sair de lá, (da casa que mora) no dia que eu precisar sair de lá ou que eu quiser sair de lá, aquele pedacinho de terra ele melhorou com a minha presença. Você é uma só, você não consegue fazer muitas coisas se não te colocam num campo de dirigir muitas pessoas. Mas o pouquinho que você pode fazer, isso modifica a vida de muita gente (RUBI).

De modo algum a entrevistada está tirando a responsabilidade de instâncias macro em proporcionar condições de vida adequadas à população. Mas, ao fazer este relato, assume sua responsabilidade junto a sua comunidade, seu entorno, seu planeta, pois se todos assim pensassem e agissem, certamente o planeta Terra seria mais respeitado, mais valorizado, e aí entramos na discussão do valor.

Nesta classe nem todas as entrevistadas nasceram no distrito. Uma decisão da família ou a necessidade de mudar de cidade conduziram-nas para o distrito, mas após anos de vivência, escolheram-no para moradias: “eu vim com quatro anos, aí meus pais escolheram vir para São Francisco e aí a gente enraizou [...]” (ÁGUA MARINHA).

Criar raízes, uma metáfora que nos reporta a uma árvore que, no seu lugar, oferece flores (beleza), frutos (alimento), sombra (proteção e conforto), raízes (equilíbrio ao ecossistema, respeito), mesmo estando exposta às intempéries do tempo. Pode até não ter escolhido estar ali, mas beneficia o lugar que a recebeu. De tal forma que se sente parte, pois, uma das participantes, em relação ao grupo, disse: “para mim a minha família é aqui” (GRUPO A).

A sede do distrito oferece oportunidades mais atrativas de trabalho e de estudo. A vida na roça é difícil, as pessoas são simples, mas a tranquilidade é um atrativo:

Eu sinto muito feliz de todo o meu casamento [...] Tem meu marido que é muito responsável, a gente sempre foi pessoa criada na roça, simples, mas agora que eu moro na cidadezinha de São Francisco, mas eu casei, fui para a

roça, criei meus filhos todos com dificuldade na roça, tudo difícil, mas a gente leva uma vida bem tranquila (ÁGUA MARINHA).

A dificuldade que enfrentaram em suas trajetórias e no lugar que escolheram para viver evidencia a resignação dessas mulheres, mas também sua força de superação, como é possível observar no seguinte relato:

Eu chorei muito de pensar “meu Deus, que lugar distante!” Eu longe da minha família, longe de todo mundo e num lugar estranho onde você não conhece ninguém. Foi muito difícil, mas hoje eu gosto muito daqui. Eu gosto muito daqui. Nossa, eu não me vejo morando em outro lugar. Gosto daqui (TOPÁZIO).

Como a trajetória também é cíclica, muitas almejam continuar investindo na formação, mas acabam deixando para depois: “É, eu tenho vontade de terminar, mas também não me preocupo muito não. [...] Esse (curso) eu sempre quis, mas não fiz, [...] o problema é pela distância do deslocamento de estudar” (TOPÁZIO). A questão da locomoção, já apresentada neste trabalho, impacta demais a vida dessas mulheres: “você ficar, por exemplo, duas horas para ir dentro do ônibus e chega lá estudar e depois voltar duas horas, chegar em casa meia noite e no outro dia trabalhar...” (TOPÁZIO).

Estudar pode ser extremamente extenuante e, por consequência, uma escolha que exige que se abdique de horas de sono, dos cuidados com os filhos e demais membros familiares, da qualidade de vida, para que possa contraditoriamente ambicionar qualidade de vida por meio da diminuição das diferenças sociais que são agravadas pelo não acesso à escolarização formal. Os moradores do Distrito esforçam-se de forma única para aumentar os anos de escolarização ou mesmo o aperfeiçoamento técnico.

A formação escolar dessas mulheres é diversificada. Uma das participantes relata que sua formação escolar ocorreu em circunstância difícil:

É uma pena a gente não poder, porque o tempo mais antigo era difícil escola, os pais da gente não tinha aquela condição para, não é? Então a gente estudou muito pouquinho! Mas eu acho que faz muita falta para as pessoas Quem puder, acho que tem que estudar (ÁGUA MARINHA).

Enfim, trajetórias marcadas por dificuldades e que são superadas no cotidiano dessas mulheres, como a solidão:

Eu sou uma pessoa muito sozinha, só têm eu e meus filhos lá em casa, minha mãe não mora tão longe, mas eu me sinto muito sozinha, então aqui, quando estou com elas aqui, nossa! Ai quando fico lá em casa sozinha, não vejo a hora de chegar terça-feira logo falei “por mim tinha que ter todo dia, todo o dia o grupo” (GRUPO A).

A aposentadoria também está associada a esta classe, pois as participantes buscam no local a tranquilidade dessa fase. Dificuldades à parte, as amigadas que conquistaram e suas histórias de vida confirmam que fizeram a escolha certa. Observe-se. Na Figura 33, a síntese desta classe:

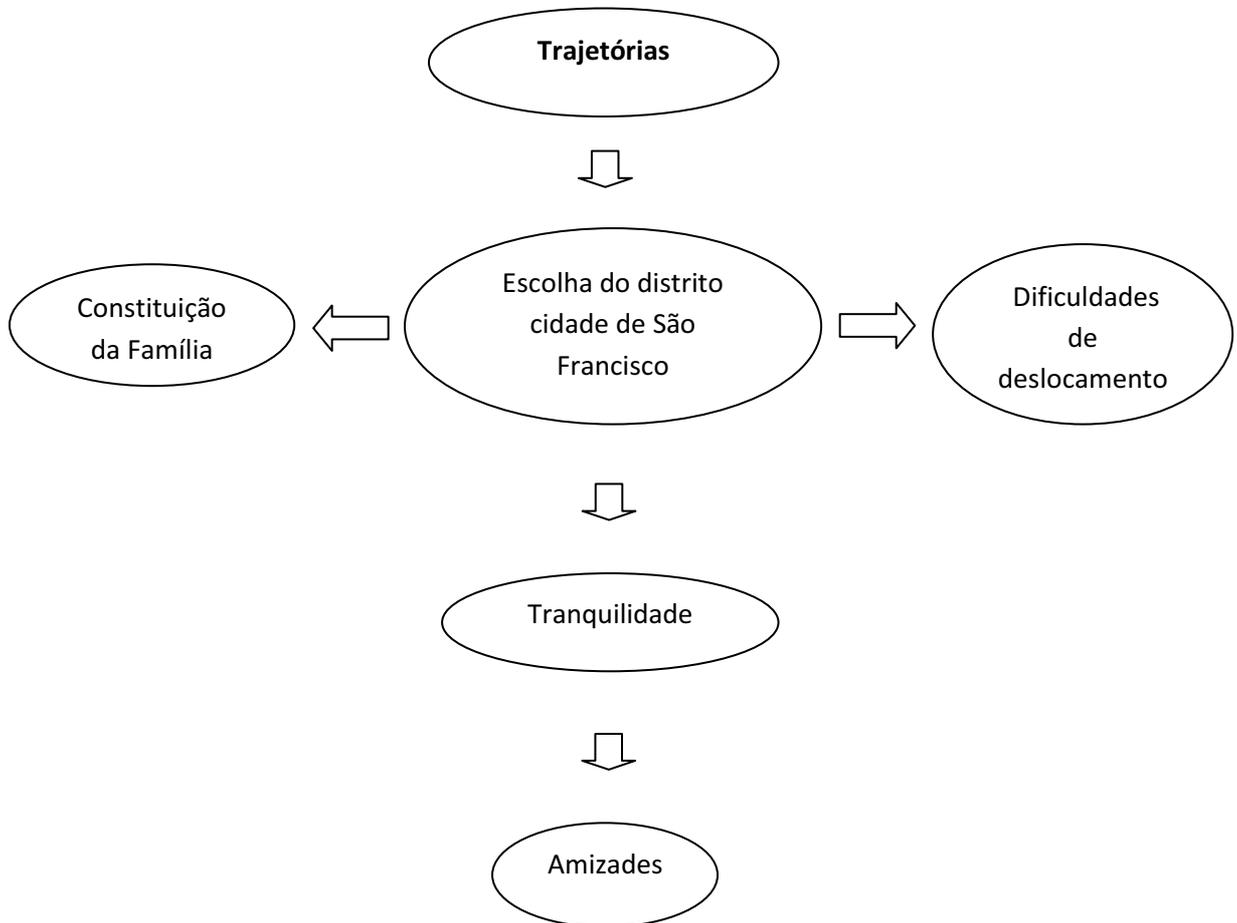


Figura 33: Síntese da Classe 3 (Entrevistas Individuais) - Trajetórias

4.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se que esta pesquisa proporcionou a obtenção de muitos dados e informações sobre o objeto e que, na primeira fase, garantiu a conclusão dos objetivos propostos, como a descrição da história dos grupos, de seu cenário e de suas atividades artesanais. Outro objetivo proposto foi a escolha de um dos grupos para um estudo aprofundado, no que se refere à identidade e às formas de organização. O grupo escolhido foi o da Região Central. Foi possível identificar o perfil das mulheres pesquisadas em todos os

grupos, e suas trajetórias revelaram que são marcadas pelo cuidado com a família, filhos e casa.

Com a identificação do perfil das mulheres, a caracterização dos grupos foi baseada nas observações, entrevistas e pesquisa bibliográfica. Foi possível identificar semelhanças e diferenças que contribuíram com a identidade assumida pelos grupos, atualmente, por exemplo, a predominância de mulheres da área rural, a identificação com o fazer artesanal, que caracterizam sobretudo as mulheres do “Grupo Centro” e da comunidade de Lavras como artesãs.

A construção identitária de um grupo, povo ou nação não é cristalizada, embora, por vezes, assim se apresente – como numa foto, numa paisagem. A identidade é transitória, mas os valores culturais nela contidos a mantêm com certa linearidade que é afetada pela história, contextos, e interlocutores, e assim sucessivamente, dialeticamente.

Para Santos (1997), quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas e, ao fazê-lo, coloca-se na posição do outro e, simultaneamente, numa situação de carência e, por isso, de subordinação. Se a resposta é obtida, o seu êxito mede-se pela intensidade da consciência de que a questão era uma necessidade fictícia. A resposta à questão da identidade traduz-se sempre numa reinterpretação fundadora que converte em déficit de sentido na pergunta e em excesso de sentido da resposta.

Esta pesquisa, em seus objetivos, direcionou seu entendimento para os aspectos que contribuíram na constituição identitária do grupo. Identificou-se que a geração de renda não aparece como agente propulsor dessa construção identitária, entretanto a localização dos grupos em área rural, com suas características peculiares de interação social, de solidariedade, de questões de gênero e de divisão social do trabalho, mostrou-se como elemento importante dessa construção. Ao se obter resposta à pergunta sobre a construção identitária, evidenciou-se nela, segundo Santos (1997), um déficit de sentido devido ao excesso de sentido na resposta.

Dessa forma, se a identidade é clara não desperta dúvida e, se despertou dúvida na pesquisadora, isso ocorreu devido à trajetória marcada pelo fazer grupal, um potencializador do desenvolvimento humano que instigou, conforme Freire (1996) sua curiosidade epistemológica.

Em relação às categorias identificadas pelo programa ALCESTE©, que foram analisadas em três momentos distintos, verificou-se que:

- a) Na análise de todas as entrevistas que compunham a amostra de todos os grupos encontraram-se as classes: desenvolvimento humano; identidade comunitária; “Grupos de Mulheres”;
- b) Na análise de todas as entrevistas coletivas com todos os grupos evidenciaram-se as classes: artesanato; associação; participação; produção coletiva; origens do grupo;
- c) Nas entrevistas individuais com as mulheres do “Grupo Centro”, identificaram-se as classes: “Grupo Centro”; liderança; trajetórias.

Essas categorias e a forma como foram analisadas ilustrou, sobretudo, que quando a análise contemplou o todo, com todas as entrevistas (individuais e coletivas), portanto, macro, o desenvolvimento humano foi evidenciado com maior ocorrência, com 23,69%. A categoria trajetórias, com 10,54%, foi a que ocorreu em menor escala nas entrevistas individuais, no âmbito micro. Por inferência, supõe-se que as trajetórias dessas mulheres foram importantes para que estejam no lugar que ocupam atualmente, sobretudo pela identificação de que o artesanato, o instrumento pelo qual os saberes objetivos e subjetivos são cristalizados, apareceu em maior escala nas entrevistas coletivas, com 30,25% das ocorrências. Se no âmbito macro encontra-se o desenvolvimento humano, no micro, nas trajetórias, entre as duas categorias há uma mediação feita por uma terceira categoria, o artesanato.

Todas as categorias encontradas serviram como base para as análises dos dados obtidos no decorrer da realização da pesquisa. A inclusão da metodologia de História Oral possibilitou melhor interpretação dos dados obtidos, pois os relatos conferiram coerência, significados e completude.

Em relação ao desenvolvimento humano, o conceito trazido por Boff (2012) evidencia o propósito de criar condições para o desenvolvimento de inúmeras possibilidades, e essas condições devem respeitar as demais vidas do planeta. Esse conceito foi o que melhor traduziu os sujeitos desta pesquisa.

Esta afirmação foi feita porque a comunidade de São Francisco, em sua maioria, tem por vocação o respeito ao território e as suas formas de vida e almeja o desenvolvimento local de forma sustentável. Diz-se “em sua maioria” porque foram criadas três APAs - Áreas de Proteção Ambiental - e pressupõe-se que o território necessitava de proteção. Independentemente disso, evidenciou-se que as participantes desta pesquisa utilizam materiais reciclados, valorizam as formas de vida do território por meio de ilustrações da flora e fauna, e discutem e valorizam a ocupação saudável do território.

Identificou-se a importância desse espaço grupal para as mulheres do distrito quanto à compreensão de suas vidas e das responsabilidades com o entorno. E também a valorização dos aprendizados, sobretudo dos subjetivos, que as produções coletivas simbólicas. Assim, o livro bordado e o painel são parte da identidade dessas mulheres que valorizam, além do artesanato, a solidariedade e a convivência, características do distrito que contribuem para a manutenção do grupo.

O conhecimento construído por essas mulheres ocorre em duas instâncias: a objetiva, por meio do artesanato, e a subjetiva, decorrente da primeira. No entanto, não são perceptíveis num primeiro momento, e são potencializadas pela convivência. O grupo atribui maior importância aos aprendizados subjetivos, como a incorporação de novos valores, possibilidades de cultivar as amizades e a convivência, valorizar os sentimentos, exercitar a solidariedade e a tolerância, dentre outros.

A utilização do recurso fotográfico idealizado como um instrumento apenas para ilustrar mostrou-se também importante para contribuir com compreensão dos dados obtidos e colaborou com o entendimento sobre o cenário da pesquisa.

A geração de renda não foi determinante para a criação e manutenção dos “Grupos de Mulheres”, que tampouco geram renda suficiente para sobreviverem apenas dos produtos artesanais, até porque competem, no comércio, com os artefatos industriais e levam desvantagem. Identificou-se que há, sim, um desejo de geração de renda, sobretudo das mulheres ligadas às Associações de Lavras e dos Remédios, mas o que as manteve articuladas, no início, foram as funções terapêuticas, o desejo de estarem juntas. Gradativamente, transformaram-nas em pessoas autônomas, no que se refere a escolhas em relação ao grupo. Essa autonomia pode, sim, repercutir em suas vidas, mas não se abordou esse assunto, pois o foco deste estudo foram os grupos.

Os demais grupos formados a partir do primeiro apresentam características semelhantes, com adaptações conforme a necessidade e a localidade. As participantes reconhecem as funções iniciais de sua criação: o caráter terapêutico.

A necessidade de terapia revela que o estado de saúde não está adequado, está disfuncional. O conceito de saúde abordado neste trabalho, que está relacionado ao contexto e à história de determinados grupos, lança entendimento sobre diretrizes de políticas públicas que contribuem com a intervenção dos profissionais de saúde na vida privada. Lembra o período higienista descrito por Costa (1989), que afirma que a função terapêutica pode mascarar problemas sociais graves. Independentemente disso, conclui-se que a iniciativa em São Francisco Xavier era de caráter emancipador, pois tinha como função ampliar a

compreensão dos sujeitos sobre sua saúde. Quem permaneceu conseguiu fazer a travessia, e os que não permaneceram no grupo tiveram talvez seu direito à saúde violado – pelo poder público e por eles próprios. Vale ressaltar que esses sujeitos não fizeram parte deste estudo.

A criação do grupo por meio de um serviço terapêutico para atender à comunidade de São Francisco Xavier pela Secretaria de Saúde configurou-se como uma ação de promoção da saúde. Isso porque tais ações repercutem em qualidade de vida, redução dos gastos públicos e na possibilidade de acesso dessas pessoas à riqueza socialmente produzida por meio do trabalho, uma vez que, saudável, estará em condições para inserção no mercado produtivo.

Identificou-se que a metodologia utilizada pelos profissionais do equipamento de saúde no distrito (abordagem grupal, articulação comunitária, atividades terapêuticas, como o *Tai Chi Chuam*) evidenciou seu caráter emancipador e promoveu melhorias na qualidade de vida das pessoas (sujeitos desta pesquisa). A transição de terapêutico para artesanal evidenciou a maturidade das participantes, assim como a transição de grupo para associação em dois dos grupos pesquisados. Verificou-se em dois grupos a participação de profissionais da Saúde (Prefeitura), contudo aparenta ser uma participação por iniciativa própria. As mulheres valorizam a participação desses profissionais no grupo atualmente. Compreendem e reconhecem a importância dos profissionais que fizeram parte das primeiras iniciativas que culminaram na criação dos grupos. Verificou-se que é unânime o sentimento de gratidão.

A transmissão dos conhecimentos grupais acontece por meio da observação e repetição, e as relações que dela emergem são valorizadas pelos seus membros. Para compreender os processos grupais, faz-se necessário conhecer seus contextos, seus interlocutores, seus símbolos e as forças que os movem. Neste aspecto, a humildade para aprender novas técnicas é um fator importante, assim como o domínio de técnicas para ensiná-la confere ao grupo uma relação de troca. Nessa relação há uma similaridade, pois admitem domínios de algumas técnicas e fragilidades noutras, ou seja, o “poder” do conhecimento é partilhado e visto como rotativo.

Por meio do artesanato, as mulheres expressam sua cultura, interagem, compartilham seus conhecimentos e geram renda. O artesanato não é uma mera mercadoria, pois traz embutida em si valores, crenças, culturas (LIMA, 2005). E nessa construção artesanal e comunitária que a transmissão do conhecimento acontece, por meio da observação e imitação, de forma esperada, orientada e planejada (TOMASSELLO; KRUGER, 2000).

Uma das entrevistadas falou sobre esses aprendizados de forma a ilustrar o que foi identificado: “Eu vi uma frase da Cora Coralina que fala da nossa filosofia, que é a troca de saberes. Ela falou: ‘feliz é quem ensina o que sabe e aprende o que ensina’” (PÉROLA). A

filosofia do grupo é valorizada e transmitida entre as participantes. Ensinar e aprender pressupõe felicidade.

O espaço grupal pesquisado é fecundo para desenvolver o potencial formador da educação não-formal, e lembra o ocupado no passado pelas mulheres que se inseriram no magistério, sendo este um fecundo espaço para o início do histórico movimento da busca pela emancipação.

São mulheres capazes de interagir com seus pares, compartilhar saberes e, nessa troca, transformar suas vidas. Apostam no encontro e na convivência com o outro.

O artesanato contribui com a liberdade dessas mulheres, que se preocupam em gerar renda de forma tranquila, equilibrada e harmoniosa, e não alienante.

As mulheres questionam o papel da mulher submissa de antigamente e admiram as mulheres que se destacam na história, como a presidenta do Brasil, e se inspiram nelas. Miram-se nas suas trajetórias. Buscam e incentivam a valorização da mulher e percebem isso como importante e necessário. Reconhecem essa possibilidade e experimentam valorização feminina no espaço grupal.

A mulher mais idosa participante dos grupos confere a sua vida um sentido existencial. Sentem-se valorizadas, úteis e produtivas. Compartilham suas experiências e se sentem motivadas para participar.

A participação dessas mulheres nos eventos e nas comemorações é extensiva a sua família e a seus amigos, pois nesses espaços é possível pensar no público e no privado. A comemoração do Dia Internacional da Mulher não é uma comemoração qualquer, tampouco um fato isolado, mas carregado de todo o significado do dia em questão e do posicionamento feminino contemporâneo, assim como a reunião para a celebração que remete a situações da ajuda mútua, características do distrito.

A existência de um espaço físico e de um dia da semana que as mulheres sabem que é dedicado ao encontro com outras mulheres e na produção artesanal evidenciou-se como importante para se desligarem dos afazeres domésticos e para a qualidade de vida das participantes. É lamentável que o espaço da comunidade de Lavras tenha sido extinto, pois o encontro, além dos benefícios citados, favorece reflexões sobre valores e é um aliado importantíssimo na proteção contra a violência intrafamiliar, situação que vitimiza muitas mulheres no Brasil e no mundo.

Verificou-se que, quando da formação do grupo, as mulheres eram encaminhadas pelos profissionais da saúde, Nos dias atuais a participação é voluntária e por demanda espontânea.

Em duas entrevistas individuais realizadas, as mulheres relataram fatos e acontecimentos somente após o gravador ter sido desligado. Esses relatos não foram incorporados à pesquisa. Observou-se confiança na pesquisadora, mas também a cultura do silêncio e do segredo.

Evidenciou-se a necessidade da constituição e manutenção de espaços públicos comunitários e políticos para diálogo com as pessoas, para pensar questões comunitárias como as políticas públicas do distrito. Por exemplo, questões relacionadas a transporte, saúde pública, educação e trabalho, possibilitando-lhes o enfrentamento de suas dificuldades de forma autônoma e participativa.

Evidenciou-se que as políticas públicas são fundamentadas por diretrizes elaboradas, implementadas ou desenvolvidas por pessoas e que estas, algumas vezes, são motivadas por seus valores e crenças, que podem não representar os anseios de uma comunidade.

Uma questão relevante é o fenômeno que ocorre no Brasil todo – a desativação das escolas rurais. Três dos grupos estudados reúnem-se em escolas rurais desativadas. Essa desativação gerou transtornos para toda a comunidade rural, que tem que se deslocar para o centro para ter acesso aos estudos. Esse assunto faz parte das pautas do grupo, assim como a dificuldade que algumas mulheres encontram para frequentar o grupo, que fica distante de suas casas.

As histórias dos grupos partiram de iniciativas do poder público e transformaram-se em ações comunitárias; Duas dessas ações culminaram na formação de duas associações, uma de artes e uma de moradores, a primeira voltada para a geração de renda, e a segunda, para o desenvolvimento local. A tímida atuação do poder público no distrito, além de não garantir políticas públicas básicas, desloca essa responsabilidade para a sociedade civil e para o terceiro setor.

Além da alegria de compartilhar mudanças que o grupo proporcionou a suas vidas como vitórias alcançadas, ressalta-se a importância desse espaço grupal para as relações sociais “extra” grupo – a extensão do lar e a extensão do grupo.

O compromisso semanal é visto como prazeroso e esperado com desejo. A celebração do encontro de pessoas e culturas em datas especiais é motivada por temas como festas juninas, comemoração ao dia das mães e uma reunião para fazer e saborear pamonhas, por exemplo, e a comunidade também é afetada por esse grupo.

Como já mencionado, a análise do conteúdo das entrevistas do “Grupo Centro” identificou três classes importantes: O “Grupo de Mulheres da Região Central”; Liderança; e, Trajetórias.

Identificou-se, dentre outras particularidades, que para fazer parte do “Grupo de Mulheres da Região Central” há que ser determinada e disciplinada. Os encontros são regados com café e afeto, um ritual comunitário que rememora as características do distrito, que, segundo Santos (2010), são voltadas para a solidariedade e a ajuda mútua.

Os papéis desempenhados e esperados e as funções do grupo também foram observadas. Este grupo, por meio de sua liderança, exerce um papel articulador e acolhedor que confere cuidados subjetivos a suas mulheres.

O cuidado com o espaço público pelas participantes, sociedade civil organizada, expresso por abrir e fechar os espaços para a realização do grupo mostrou-se saudável, entretanto evidencia a confusão entre o público e o privado.

Em relação às trajetórias, as histórias das participantes do “Grupo de Mulheres da Região Central” fundem-se ao desejo de morar em São Francisco Xavier/SP, pois a maioria é vinda de fora do distrito e acabou por escolhê-lo para morar, constituir família, criar os filhos, viver. Apesar de considerarem que viver no Distrito é bom, suas escolhas acarretam dificuldades para se locomover, devido à localização geográfica e à ausência de transporte público coletivo. Há dificuldades, também, para se ter acesso a serviços e recursos essenciais.

Verificou-se no distrito a inversão de valores em relação à hegemonia do campo sobre a cidade, predominante no Brasil colônia, contudo a simplicidade das mulheres do campo foi perceptível até os dias de hoje, assim como a gradativa ampliação do limitado espaço doméstico.

São Francisco Xavier recebe pessoas de outros locais (migrantes), como é o caso de muitas das entrevistadas. Supõe-se que o grupo é favorecido com a pluralização, pois há contribuição interna e externa quanto à convivência e suas técnicas apreendidas.

Enfim, as mulheres pesquisadas são um exemplo de dedicação, superação, aprendizados e habilidades. Estar com elas no desenvolvimento desta pesquisa representou trajetórias intersectadas e desenvolvimento.

Pesquisar as quatro formações grupais foi interessante pela obtenção da caracterização dos grupos, contudo evidenciou-se que esta escolha metodológica limitou o aprofundamento das relações intragrupo, que pode ser objeto de futuros estudos.

Estas são apenas as observações desta pesquisadora, portanto passíveis de novos olhares e considerações.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. Breve descrição sobre processos grupais. **Comum.**, Rio de Janeiro. v.7, n.19. Ago./dez.2002. p 209-219.

ALVES, C. P. **Quem sou eu?** O processo de uma identidade de uma jovem adolescente. 2. ed. Taubaté, Cabral, 1997.

ANDRADE, A. C. **São Francisco Xavier faz 109 anos com festa e barreado** distrito de São José cultiva suas tradições e explora o turismo na Mantiqueira. Jornal Valeparaibano, São José dos Campos, 19 ago. 2001.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. *In*: DEL PRIORE (Org), BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 607-639.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. Educação não-formal. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 57, n. 4, Dez. 2005. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252005000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2010.

BOFF, L. **Sustentabilidade**: o que é – o que não é. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOUDON, R.; BESNARD, P.; CHERKAOUI, M.; LÉCUYER, B. **Dicionário de Sociologia**. Trad. António J. Pinto Ribeiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

_____. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos**. Resolução 196/1996. Brasília, CNS, 1996. Disponível em:
<http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2010/18_jun_res196.htm>. Acesso em: 21 set. 2010.

_____. **Lei n.º 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 1990. p. 0180551990.

BUENO, C. M. L. B. O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. **Rev. bras. crescimento desenvolvimento humano**. São Paulo, v. 16 n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v16n3/11.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

CAMARGO, B. V. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/ ed. Universitária, 2005, p. 511 – 539.

CAMPOS, J. T. **Currículo e Cultura: A formação do caipira**. 2002. 244 f. Tese (Doutorado em Educação). PUC/SP, São Paulo, 2002.

CHAMON, M. A. CHAMON, E. M. Q. **Preparando um texto para o software ALCESTE©**. UNITAU, Taubaté, 2007.

CHAMON, M. A. Análise de dados em ciências sociais. In CHAMON, E. M. Q. O; SOUSA; C. M. (Org.) **Estudos interdisciplinares em ciências sociais**. Taubaté: Cabral, 2006, p. 235-271.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.

CZERESNIA, D. F. (org). The concept of health and difference between promotion and prevention. **Cadernos de Saúde Pública**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. P. 39-53. Versão revisada.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina**, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. **Psicologia: Reflexão e crítica**. A construção social dos papéis sexuais femininos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. p. 485-495.

DIEHL, A.; A., TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**, métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

D'INCAO, M. A. Mulher e família Burguesa. *In*: DEL PRIORE, M (Org); BASSANEZI, C. (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223-240.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

FALCI, M. K. Mulheres do Sertão Nordestino. *In*: DEL PRIORE, M. (Org); BASSANEZI, C (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 241-277.

FONSECA, R; MORAES; P. M.; CHAMON, E. M. Q. O. Liderança e representação social. *In* CHAMON, E.M.Q.O. **Representação social e práticas organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009. p. 41-72.

FONSECA, R;. **A representação social da liderança por líderes e potenciais líderes**. 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado) UNITAU, Taubaté, 2007.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Educação e mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martins. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, S. M. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

FREYRE, G. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais**, paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Interessados ainda podem mandar sugestões para plano de manejo**. 2005. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/destaque/2004/julho/06_ap.htm>. Acesso em 09 mar. 2011.

_____. **O que é uma Área de Proteção Ambiental - APA**. [s/d]. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/apas/oque_ap.htm>. Acesso em: 09 mar. 2011.

GRUPO DE MULHERES DE SÃO FRANCISCO XAVIER. **Livro-Bordado**. São José dos Campos: Gráficos da alegria [2009?].

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIRATA, H. **Flexibilidade, trabalho e gênero**. In HIRATA, H.; SEGNINI, L. (Org). Organização, trabalho e gênero. São Paulo: Senac, 2007. p. 89-108.

HIRATA, H. SEGNINI, L (Org). **Flexibilidade, trabalho e gênero**. São Paulo: Senac, 2007. p. 89-108.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

JORNAL VALEPARAIBANO. **Patrimônio** Comissão debate preservação da Matriz de São Francisco sob pressão, vereadores visitam distrito para analisar projeto de tombamento. Jornal Valeparaibano, São José dos Campos, 07 mar. 2003.

JESUÍNO, J. C. Estruturas e processos de grupo. In VALA, J.; MONTEIRO, V. B. **Psicologia Social**. 4. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2000. p. 293-330.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNQUEIRA, L. A. P. A gestão intersetorial das políticas sociais e o terceiro setor. **Saúde e Sociedade**. v. 13, n. 1, p. 25-36, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/04.pdf>>. Acesso em 24 jan. 2011.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In HIRATA, H.; LABORIE, F.; DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. UNESP, 2009. P. 67-68.

LARAIA, R. B. **Cultura** um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LIMA, R. **Artesanato: cinco pontos para discussão**. Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional: Palestra artesanato solidário/central artesol, 2005. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFCP_Artesanato_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 17 out. 2010.

LOPES, J. R. **Cultura e ideologia**. Taubaté: Cabral, 1995.

LOPES, R. O. **A construção de um auto-retrato: “Colcha de retalhos”**. 2008. 89 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, 2008.

LOURO, G. L. Mulheres na Sala de Aula. In: DEL PRIORE, M. (Org); BASSANEZI, C. (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-478.

MACHADO, N. J. **Educação: Projetos e Valores**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2000.

MAGALHÃES, V. **São Francisco cria entidade de apoio aos artesãos locais** objetivo é criar condições de profissionalização e melhorar qualidade dos produtos. Jornal Valeparaibano, São José dos Campos, 29 jun. 2008.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia**: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARREIRA, F. **São Francisco completa hoje 117 anos** família Batista ajuda a construir a história do distrito; quarta geração acompanha de perto o desenvolvimento. Jornal Valeparaibano, São José dos Campos, 16 ago 2009.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001. Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogra_para%20Monica.htm>. Acesso em: 11 maio 2008.

MEIHY, J. C. S. B, **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MENESES, S. M. C. **Cultura identidade do povo Assurini**: A mulher na transmissão dos saberes e fazeres culturais. 2008. 225 f. Dissertação (Mestrado) UNITAU, Taubaté, 2008.
MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, Ano XXII, n. 37, mar 1999. p. 7-32.

NORDON; D.G; AKAMINE, K; NOVO, N. F; HÜBNER, C.V.K. Características do uso de benzodiazepínicos por mulheres que buscavam tratamento na atenção primária. **Rev Psiquiatr RS**. 2009; 31 (3): 158.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PÁDUA, E. M. M. de. O processo de pesquisa. In: PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia de pesquisa (abordagem teórico-prática)**. São Paulo. Papirus Editora, 2000, p 65-70.

PIRES, J. C. S.; MACEDO, K. B. Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil. **RAP** Rio de Janeiro 40(1): 81-105, Jan./Fev. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a05.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2011.

PRATI, L. E.; *et al.* Revisando a inserção ecológica: Uma proposta de Sistematização. **Psicol. Reflex. Crit.**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722008000100020&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 ago. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado**. PPDI 2006 – Diagnóstico. 2006. Disponível em: <http://www.sjc.sp.gov.br/spu/downloads/2006_PD_Diagnostico.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2010.

_____. **São José em dados 2008**. 2008. Disponível em: <http://www.sjc.sp.gov.br/spu/sjc_dados.asp>. Acesso em: 18 ago. 2010.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROGGERO, R. **A vida simulada no capitalismo: formação e trabalho na arquitetura**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722000000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2010.

RUSCHMAN, D. M. (Coord.). **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável** – São Francisco Xavier: Ruschmann Consultores, 2003.

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice** o social e o político na pós-modernidade. 4 ed. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

SANTOS, R. B. **Formação histórica e transformações sócio-culturais no distrito de São Francisco Xavier**. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado) UNIVAP, São José dos Campos, 2007. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/000002/000002D0.pdf>>. Acesso em 09 Maio 2011.

SANTOS, R. B. **São Francisco Xavier** histórias aos pés da Mantiqueira. São José dos Campos: Netebooks, 2010.

SÃO FRANCISCO XAVIER [s/d]. **Pontos turísticos**. Disponível em: <<http://www.saofranciscoxavier.org.br>>. Acesso em 07 mar. 2011.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17 (1):29-41, 2007 31

SEBRAE. **Associação**, o que é [s/d]. Disponível em: <<http://www.sebraemg.com.br/culturadacooperacao/associacoes/02.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M.. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. **Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC**. 4. ed. 2005. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/7033262/Silva-Edna-Lucia-Da-Menezes-Estera-Muszkat-Metodologia-Da-Pesquisa-E-Elaboracao-de-Dissertacao>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

SOBOTTKA, E. Justiça social e democracia na modernidade periférica sobre a distribuição da riqueza socialmente produzida. In SANTOS, H. (Org). **Debates pertinentes: para entender a sociedade contemporânea**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. v. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>. Acesso em 06 maio 2011.

SOUZA-LOBO, E. **A classe Operária tem dois sexos** trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

SOUZA, C. Políticas Públicas: uma revisão de literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45

SOUZA, Z. R. **Fotografias Grupo de Mulheres**. Coleta de dados em São Francisco Xavier. 2011-2012.

TAMAYO, A.; MENDES, A. M.; PAZ, M. G. T. 2001. Inventário de valores organizacionais. **Estudos de Psicologia**, 5(2), 289-315.

TEIXEIRA, B. **Mulheres e o consumo de benzodiazepínicos em São Francisco Xavier: Discussões sobre uma proposta alternativa**. 2004. 78 f. Dissertação (Mestrado) UNIVAP, São José dos Campos, 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/000000/000000D9.pdf>> . Acesso em 30 mar. 2011.

TELLES, L. F. Mulher, Mulheres. In: DEL PRIORE, M. (Org); BASSANEZI, C. (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 669-678.

TOMASSELLO, M.; KRUGER, A. C. **Aprendizagem Cultural e Cultura da Aprendizagem**. In OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Org.). Educação e Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista semiestruturada

Roteiro de perguntas para a entrevista coletiva

1. Fale-me sobre o significado de fazer parte deste grupo.
2. Para você, qual será o futuro deste grupo?
3. Durante as atividades do grupo vocês conversam? Quais assuntos?
4. Fale-me como você vê a participação das pessoas neste grupo.
5. Fale-me dos pontos positivos da participação das mulheres neste grupo:
6. Fale-me dos pontos negativos:
7. Conte-me a história deste grupo.
8. Este grupo serviu de inspiração para a formação de algum outro grupo?
9. A seu ver, como a comunidade local vê ou percebe o “Grupo de Mulheres”?
10. Descreva-me o artesanato que vocês fazem.
11. Você acha que esse tipo de artesanato é feito em outros lugares?
12. Você conhece outros grupos que trabalhem com esse tipo de artesanato? Descreva-me como os conheceu.
13. A seu ver, por que este grupo é composto e frequentado apenas por mulheres?
14. Você acha que o fato de eu ser mulher contribuiu para aceitação do grupo em fazer parte deste estudo? Fala para mim o que você acha disso.
15. Quais atividades artesanais são preponderantes nesse grupo? Ao seu ver, quais são mais aceitas, e por quê?
16. Como você entende o artesanato, que, apesar de ser elaborado em um processo artesanal em pequena escala, chega ao mercado consumidor como um produto que compete com aqueles que são produzidos em grande escala?
17. A geração de renda é o objetivo deste grupo? Por quê?
18. Houve objetivos terapêuticos que motivaram sua criação? Fale-me sobre eles.
19. O que significou para você a interrupção da coordenação do Grupo pela Secretaria de Saúde?
20. De seu ponto de vista, o que favoreceu a continuidade das atividades do “Grupo de Mulheres”?
21. Existe algo sobre o qual não falamos e que você gostaria de falar:

Roteiro de perguntas para a entrevista individual

1. Cite alguns motivos que levaram você a fazer parte deste grupo.
2. Fale-me sobre sua vida antes de fazer parte deste grupo.
3. Fale-me sobre sua vida após sua participação neste grupo.
4. Você assume alguma outra responsabilidade no grupo, além da produção de artesanato? Fale sobre elas:
5. Fale-me sobre as influências do grupo na sua vida pessoal.
6. O que motiva sua participação no grupo?
7. O que a desmotiva?
8. Fale-me como a sua família vê, percebe sua participação nesse grupo.
9. Como você aprendeu a fazer artesanato?
10. Você ensinou alguma técnica de artesanato para alguém neste grupo? Conte-me como isso foi feito.
11. Além do artesanato, você aprende ou ensina mais alguma coisa no grupo.
12. O que é ser mulher, na sua família/comunidade?
13. Além das atividades desempenhadas nesse grupo, você tem outra ocupação?
14. Fale-me um pouco sobre você, sua vida, sua família, sobre o que gosta de fazer:
15. Onde você nasceu? Como você veio para cá?
16. Com quem você mora? Onde você mora é área urbana ou rural?
17. Você já morou em outro local?
18. Se veio de outro local, porque escolheu Francisco Xavier?
19. Você estudou na escola regular? O que você pensa sobre a escola?
20. Você tem algum anseio, quanto ao grupo?
21. Existe algo sobre o qual não falamos e que você gostaria de falar?

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como sua trajetória de vida explica a posição que você ocupa hoje, tanto na sua vida pessoal, quanto junto ao “Grupo de Mulheres”?
2. O que você entende por desenvolvimento humano?
3. De que forma o “Grupo de Mulheres” contribui no seu desenvolvimento e no das pessoas que estão a sua volta?
4. Descreva-me a parcela de responsabilidade junto ao grupo, junto a sua comunidade, junto ao distrito, e sobre o que isso tem a ver com morar em São Francisco Xavier.
5. Fale-me sobre a história da mulher no Brasil.
6. A história da mulher brasileira é marcada pela dominação, pela violência, pelo não reconhecimento da sua força de trabalho e, ao mesmo tempo, a ela é atribuída a tarefa de cuidar da formação dos filhos – mulheres e homens. Como então romper com a dominação?
7. Como trabalhadora artesanal, o que você pensa sobre o trabalho que foi se transformando, ao longo dos anos, passando de artesanal para industrial e tecnológico, inserindo-se no mercado capitalista que visa ao lucro e no qual o trabalhador é apenas uma peça de uma grande engrenagem?
8. De que forma as pessoas veem você, e como você gostaria de ser vista na comunidade?
9. Para encerrar, o que você achou desta nossa conversa?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidada para participar, como voluntária, de uma pesquisa de um programa de *stricto sensu* da Universidade de Taubaté. Após ser esclarecida sobre as informações abaixo, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento impresso em duas vias, sendo uma delas sua e a outra da pesquisadora responsável.

Título do Projeto: “Políticas Sociais e educação não-formal: história das mulheres de Francisco Xavier”.

Pesquisadora Responsável: Zilda Regina de Souza

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): (12) 3019-1319 ou 9766-8495

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon

Esta pesquisa é realizada por aluna do Programa de Pós-graduação em Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, do Instituto Básico de Humanidades da Universidade de Taubaté. Seu objetivo é conhecer os “Grupo de Mulheres de São Francisco Xavier”.

Com esta pesquisa espera-se identificar os mecanismos que contribuíram na construção identitária dos “Grupos de Mulheres” do distrito de São Francisco Xavier e na sua relação com as formas de transmissão dos saberes e fazeres artesanais.

Os benefícios deste estudo se referem à compreensão da dinâmica do “Grupo de Mulheres de São Francisco Xavier” em seu contexto. Os dados obtidos e organizados no relatório final deste estudo poderão ser apreciados pelas componentes do grupo e contribuir com o grupo nas suas múltiplas relações.

A metodologia que será utilizada na pesquisa é a qualitativa, que tem por objetivo compreender os fenômenos que serão estudados nos “Grupos de Mulheres” por meio da interpretação e significação considerando o contexto.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será absolutamente sigilosa, não constando seu nome ou qualquer outro dado referente a sua pessoa que possa identificá-la no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa.

Salientamos, contudo, que os resultados desta pesquisa serão utilizados para fins acadêmicos.

O prazo para a realização da coleta de dados desta pesquisa será de seis meses, a contar a partir da data de assinatura deste termo pelo sujeito da pesquisa. O relatório final será concluído até o mês de março de 2012.

Você tem total liberdade para recusar sua participação, assim como para solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalidade ou prejuízo, quando assim o desejar, no decorrer da pesquisa.

Agradecemos sua participação, enfatizando que contribuirá para a formação desta pesquisadora e para a construção de conhecimento na área.

Taubaté, __ / __ / ____.

Profa Edna Maria O. Chamon
Ass. Orientadora da Pesquisa

Zilda Regina de Souza
Ass. Pesquisadora

Eu, _____, cédula de identidade nº _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “**Políticas Sociais, Educação Não-Formal e o ‘Grupo de Mulheres’ de São Francisco Xavier/SP**”, como sujeito. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora Zilda Regina de Souza sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como sobre os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso constitua qualquer penalidade ou interrupção de minha participação no “Grupo de Mulheres” de São Francisco Xavier.

São Francisco Xavier, __ / __ / ____.

Ass. Sujeito da Pesquisa